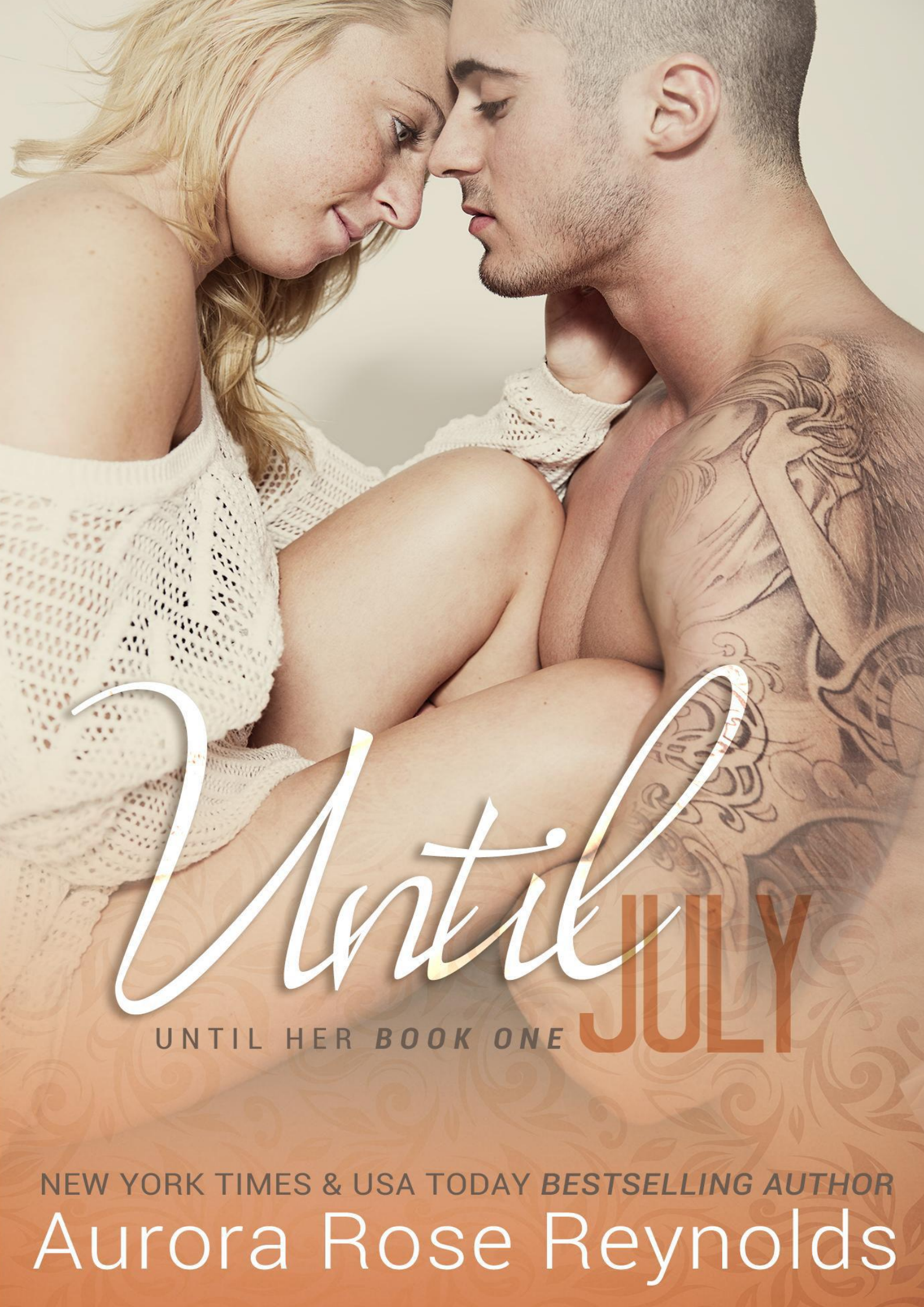
Until JULY
UNTIL HER BOOK ONE
NEW YORK TIMES & USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
Aurora Rose Reynolds

Wes Silver

Wes Silver não estava procurando o amor, mas quando July Mayson o faz cair de bunda, literalmente, durante seu primeiro encontro, seu mundo vira de cabeça para baixo pela peculiar loira, e cada momento com ela o torna mais determinado a protegê-la.

July Mayson

July Mayson não compreende a atração que sente pelo bad boy motoqueiro Wes Silver, mas sabe que estar com ele é como nada que já sentiu antes. Agora tudo o que tem a fazer é dizer ao seu pai super protetor, Asher Mayson, que ela encontrou o seu boom.



Prólogo

Eu viro para a estrada e controlo a aceleração, observando o velocímetro chegar a sessenta. Posiciono-me atrás do para-brisa onde há menos resistência do vento e grito, — Wahooo! — Quando a sensação de voar acerta meu estômago. Isto é o que eu amo. *Liberdade.*

Endireito-me quando vejo algumas motos a distância. Não reconheço seus logos, mas isso não me surpreende. Tennessee tem uma comunidade enorme de MC, e há sempre novos clubes surgindo em todo o estado. Abrando quando diminuo a distância entre nós.

Quanto mais me aproximo, mais detalhes eu posso distinguir. O grupo de cerca de cinco motos diante de mim são todas Harleys, todas variando em cores de quase roxo ao preto. Nenhum dos homens usa capacetes, completamente o oposto de mim, que estou coberta da cabeça aos pés em couro preto. Até o meu capacete é todo preto, com contornos em couro.

Observo os homens, notando que são todos bem-construídos, seus coletes de couro exibindo uma grande águia, com suas asas abertas como se estivesse em pleno voo. As garras da ave transportam uma rosa com a haste longa, e as pétalas caindo no nome do clube, The Broken Eagles[1]. Eu começo a acelerar e passá-los um por um, agradecida pela segurança do meu capacete, a viseira preta tornando impossível me ver.

---

1 Os Águias Quebradas

Mantenho minha cabeça virada para frente até o último homem, aquele que está na frente do grupo, o qual chama a minha atenção. De costas, seu cabelo é a primeira coisa que observo. É um pouco longo no topo e raspado nos lados. Meus olhos se movem para a extensão de suas costas, o amplo conjunto de seus ombros, e o bronzeado da pele que cobre seus músculos magros. Sua moto é rebaixada, e o guidão está à sua frente de uma maneira que ele tem de esticar os braços, fazendo com que todos os músculos flexionem e movam-se, e as tatuagens parecerem vivas e dançando.

Meus olhos descem sobre seu peito, que é coberto por uma camisa branca, enfiada em um par de jeans leves, e em torno de sua cintura há um cinto preto com uma grande fivela prata. Eu continuo a passar por ele, meus olhos se dividindo entre a estrada e ele e vice-versa. Desta vez, quando levanto olhar, a cabeça dele está voltada para mim, e se não estivesse errada, eu juraria que ele olhava diretamente em minha alma.

— Puta merda, — sussurro, observando seu cabelo, o conjunto de sua mandíbula coberta de barba de alguns dias, e um par de olhos claros que não posso distinguir muito o tom através de meu capacete. Ele é seriamente quente, mas igualmente assustador. Olho para a estrada novamente. Não deve ter sido nem mesmo um segundo, mas quando meus olhos vão para o asfalto na minha frente, eu vejo um pássaro tentando atravessar a estrada, sua asa pendurada em uma posição desconfortável. Desvio para a direita bem a tempo de não acertar o pobre animal.

— Que porra é essa? — Eu ouço rugido, e olho por cima do meu ombro para o homem que agora se aproxima rapidamente do meu lado direito. Grito um pedido de desculpas sobre o som do meu motor e seus tubos[2]. Faço um aceno rápido e decolo, baixando meu corpo e acelerando, querendo ficar longe deles. O cara parece seriamente puto, e mesmo que eu odeie deixar o pássaro para trás sem ajudá-lo, eu gostaria de viver para ver meu próximo aniversário.

Eu acho que estou livre, mas depois o som de tubos preenche meus ouvidos, e nem sei como isso acontece, mas todos eles me alcançam e rodeiam minha moto. Não posso distinguir o que eles estão dizendo, mas meu estômago começa a

2 São os tubos de escape.

revirar ao som de suas vozes. Apalpo meu quadril para me certificar de que tenho o Taser que meu pai insistiu para que eu carregasse.

Vejo uma clareira e paro a minha moto ao lado da estrada. Eu sei que esta é provavelmente uma das coisas mais estúpidas que já fiz, mas se eles continuassem me perseguindo como estavam, todos nós poderíamos acabar seriamente feridos. Eu encosto e nem sequer desligo minha moto. Apenas baixei o estribo lateral enquanto meu coração, que já batia forte, começa a bater violentamente contra o meu peito quando me cercam.

— O que diabos está errado com você? — O cara que estava à frente do grupo pergunta, pisando na frente da minha moto.

Balanço minha cabeça quando minhas palavras ficam alojadas na garganta.

Ele me puxa de minha moto, e os homens que estão com ele começam a gritar obscenidades também.

— Desculpa, — eu coaxo, e nem sei se ele me ouve quando a mão vai para a gola da minha jaqueta de couro, onde aperta com força. Minha mão acidentalmente pressiona o botão que acende o Taser. O estalo alto enche o ar, e seus olhos arregalam, em seguida, ele cai no chão, e eu caio de bunda e me arrasto para trás. Olho para cima quando bato em alguma coisa, apenas para encontrar os olhos de outro homem, que parece chateado.

— Levante-se, — ele rosna, me pegando. Meus pés cedem debaixo de mim e sou levantada do chão com as mãos presas nas minhas costas.

— Segure-o parado, — o cara que eu acertei rosna na minha frente enquanto tento ficar longe da raiva que sinto saindo dele. Suas mãos vão para minha cabeça e ele arranca o meu capacete, fazendo meu cabelo fluir ao meu redor.

Completo silêncio desce. Eu juro que ninguém respira.

— Hum. — Mordo meu lábio e o cara na minha frente pisca um par de vezes antes de suas mãos relaxarem em meus ombros, para então, apertá-los.

— O que diabos você estava pensando? — Ele late, mergulhando o rosto mais perto do meu, e o cheiro dele enche meus pulmões. Ele tem cheiro de couro, almíscar, e homem.

— Eu... — começo a explicar-lhe o que aconteceu, quando ele me corta.

— Cadelas do caralho sempre tentando ser duronas.

Oh, o inferno não, ele não me chamou de cadela. — Você não me chamou de cadela, — eu me inclino e assobio em seu rosto.

— Sim, cadela, eu perguntei o que diabos você estava pensando?

— Você não pode estar falando sério agora! — Eu grito. Mencionei que eu possa ter um pouco de um temperamento? O aceito abertamente.

— Você vai explicar? — Ele cruza os braços sobre o peito musculoso e levanta o queixo para o cara atrás de mim, que imediatamente me solta, fazendo meus pés baterem duramente no chão, sem aviso prévio, me fazendo tropeçar.

Uma vez que me endireito, eu me viro rapidamente para enfrentar o cara que simplesmente me deixou cair e me levanto na ponta dos pés, apesar de que não é sequer perto de alcançar seu rosto, e rosno, — Isso foi rude.

Então balanço meu corpo para enfrentar o assustador, motociclista quente. — Primeiramente, eu não queria matar um pobre pássaro inocente, então eu desviei para não atingi-lo. Pedi desculpas por quase bater em você, mas depois você começou a me perseguir como se estivéssemos em um episódio de *Sons of* Anarchy, o que não nós estamos, eu poderia acrescentar, — grito, jogando meus braços ao redor. Ouço alguém rir, mas estou muito presa no meu próprio discurso para dar qualquer atenção para quão louca eu poderia aparecer.

— Você me mostrou o dedo, — diz ele.

Olho para ele e minhas sobrancelhas se juntam quando respondo, — Eu realmente não mostrei o dedo para você. — Tenho certeza que não mostrei. *Será que eu mostrei?* Eu me pergunto, em seguida, balanço a minha cabeça. — Eu não mostrei o dedo para você, — confirmo em voz alta.

— Esta cadela é louca. — Eu viro minha cabeça e fico cara-a-cara com um cara que é, pelo menos, quarenta e cinco centímetros mais alto que eu. Ele é magro, e meio que bonito de uma forma *Acabei de sair da prisão. Quer dar um passeio no lado selvagem?*

Movendo-me em círculos, declaro, — O próximo de vocês idiotas que me chamar de cadela será eletrocutado. — Eu paro no bonito cara magro e seguro o Taser em sua direção, fazendo com que ele sugue seu já estômago fino.

— Cuidado, — ele reclama, mas juro que vejo seu lábio contrair.

— Pare de brincadeira, — o Motociclista Quente diz, agarrando o Taser da minha mão.

— Hey, — eu protesto, e viro o rosto para ele, minha mão estendida ao mesmo tempo em que coloco a outra mão no meu quadril. — Devolva. — Eu mexo meus dedos e ele me olha por cima, fazendo cada polegada do meu corpo se arrepiar. — Não estou brincando; devolva. Foi um presente do meu pai.

Ele me olha de novo, em seguida, olha para a minha cabeça, e diz, — Vamos.

— O quê? — Eu olho para ele, em seguida, todos os caras se afastam e sobem em suas motos. Não sei por que não estou mais feliz por eles irem embora, mas juro que desejo correr até aquele cara, pular em suas costas, e me enrolar em torno dele. Eu balanço minha cabeça pela minha estupidez e grito, — Boa viagem!

Esse comentário deve ter vindo cedo demais, porque o Motociclista Quente desliza de sua moto e volta para mim. Eu acho que ele será um idiota, mas em vez disso, ele devolve o meu Taser e murmura, — Esteja segura, baby.

Eu o vejo ir embora; sua bunda em jeans é como nada que eu vi antes. Ele levanta a perna e atravessa sua moto, e eu permaneço no local, observando seus músculos do braço flexionar por trás. — Puta merda, — sussurro quando todos eles saem. Subo na minha moto rapidamente e volto para a área em que vi o pássaro. Finalmente encontro o pobre rapaz ao lado da estrada, perto da margem de um campo. Assim que o tenho na minha mão, eu volto para minha moto, e é quando eu ouço o som dos tubos mais uma vez. Um arrepio desliza para baixo em minha espinha, mas ignoro e me concentro no que preciso fazer.

Abro minha jaqueta de couro e desdobro a asa da ave para que eu possa dobrá-la mais perto de seu corpo. Assim que ajusto a sua asa, coloco-o perto da minha barriga com uma mão.

— O que você está fazendo? — Uma rica voz sombria pergunta, e eu pulo, quase deixando o pobre pássaro cair, então levanto a cabeça e olho feio.

— Ele quebrou a asa.

— É um pássaro, — o Motociclista Quente diz, olhando para o animal minúsculo na minha mão.

— Eu sei disso. — Reviro meus olhos e fecho a parte inferior da minha jaqueta para que o pequeno pássaro esteja seguro contra mim, com a pequena cabeça saindo no topo do zíper.

— O que fará com ele?

— Vou levá-lo para o meu escritório, onde espero poder consertá-la.

— Você é médica?

Eu ergo minha cabeça e nossos olhares se conectam. Desta vez, sem a viseira, eu posso ver que seus olhos são verdes, um verde tão suave que me lembram de sorvete de chocolate com hortelã.

— Vai responder, ou apenas olhar para mim?

Que diabos há de errado comigo? — Sou veterinária. — Sinto meu rosto corar. — Desculpe por mais cedo, — murmuro, pegando meu capacete atrás de mim e colocando-o, sentindo instantâneo alívio quando ele está preso. Eu me inclino para frente e ligo a minha moto, tomando cuidado com o pássaro que agora está aninhado em mim. Olho para o Motociclista Quente mais uma vez e levanto meu queixo. Ele sorri, cruza os braços sobre o peito, e se inclina para trás em seu assento. Então, eu sei naquele momento, que se eu vê-lo novamente, eu estou ferrada.

Capítulo 01

— Hey, pai. — Sorrio, entrando na casa dos meus pais. Meu pai levanta a cabeça dos papéis na frente dele na ilha e sorri quando deslizo sobre o assento ao lado dele, inclinando a cabeça em seu ombro.

— Hey, — diz ele, apertando ternamente um beijo no topo da minha cabeça, e envolvendo o grande braço em volta dos meus ombros. Coloco minha bolsa sobre o balcão e inclino para frente, pegando a xícara de café na frente dele e tomando um gole. — O que está acontecendo?

Deixo escapar um suspiro, abaixo a xícara, e me inclino para que eu possa olhar para ele.

— Outro cão foi deixado na porta da clínica esta manhã, — digo a ele, e a raiva enche instantaneamente suas feições. — Odeio isso, pai, — eu sussurro. — Odeio saber que alguém está fazendo cães lutarem e escapando. Odeio que quando chegam a mim, eles estão tão machucados que não tenho escolha, a não ser ajudá-los a morrer tranquilamente. — Eu sinto lágrimas picando meu nariz, mas luto. Você não pode chorar na frente do meu pai. Ele não fica bem quando suas meninas choram.

— O que o tio Nico disse?

— Ele está colocando câmeras em frente para ver se pode pegar alguém, mas não há muito a fazer agora, — murmuro, pegando sua xícara de café e tomando mais um gole.

— Ligarei para os seus primos e verei se eles podem mandar alguns de seus meninos para fazer uma ronda na área.

— Pai, sério, eles estão ocupados. — Balanço minha cabeça. Eu sei que meus primos fariam rondas se pedisse para eles, mas odeio a ideia deles se preocuparem comigo. Eles podem ser os meus primos mais novos, mas você nunca perceberá isso devido à maneira que eles tratam qualquer uma de nós, garotas. Eles fazem meus tios e pai parecerem mansos.

— Se nada aparecer nas câmeras, eu pedirei a eles.

Reviro meus olhos, sabendo que não há nenhum ponto em discutir. Há momentos em que você pode muito bem estar falando com uma parede de tijolos ao falar com meu pai.

— Ei, querida. — Minha mãe sorri, entrando na cozinha, vestindo um robe que não é exatamente apropriado, mas ainda parece ser bom para ela. Minha mãe é linda e, a julgar pela expressão no rosto de meu pai, ele parece pensar assim também. *O que é a minha deixa para sair.*

— Ei, mãe, — murmuro enquanto ela me abraça e beija minha bochecha.

— Não sabia que você viria. — Ela olha para o meu pai sobre a minha cabeça, mas ainda pego o olhar que ela lhe dá. *Nojento.*

— Só quis vim roubar um pouco de comida antes de ir para casa, — digo a ela, e, então, quero pegar de volta, porque preciso sair daqui.

— Quer que eu faça alguma coisa? — Ela oferece, indo até a geladeira.

Balanço minha cabeça. — Não, eu vou passar na loja, — asseguro-a.

Eu juro que meus pais são completamente loucos, e não quero testemunhar nada que me fará querer jogar água sanitária em meus globos oculares mais tarde. Já estive lá, fiz isso, nunca mais vou voltar.

— Você tem certeza? — Ela franze a testa, me olhando por cima.

— Baby, ela está indo, — meu pai rosna para ela, me fazendo sorrir.

— Asher Mayson. — Ela põe as mãos nos quadris e eu quase rio.

— Tenho certeza, mamãe. — Pego minha bolsa e beijo meu pai na bochecha antes de dar outro abraço em minha mãe. Eu grito, — Te amo, queridos, — por cima do meu ombro conforme saio correndo da casa.

Dirijo vinte minutos até a minha casa na cidade. Vivo em uma casa amarela de estilo fazenda, com três quartos, uma enorme varanda que contém duas cadeiras de balanço. Embora minha casa esteja na cidade, as casas no meu bairro

são todas espalhadas, cada um no meu bloco tem lotes de aproximadamente um acre.

Desligo meu carro na entrada da garagem, sem me preocupar em estacionar dentro da garagem desde que eu teria que pegar a minha bolsa e rastejar para o porta-malas antes de caminhar até a varanda. Pego minhas cartas da caixa de correio ao lado da porta antes de entrar, fechando rapidamente a porta atrás de mim para que Juice não tenha uma chance de escapar.

— Ei, garotão. — Largo minhas cartas e bolsa na mesa de entrada e pego Juice quando ele salta para cima, fazendo com que o conteúdo da mesa chocalhe. — O que você anda fazendo? — Eu esfrego meu rosto na pele macia de seu pescoço e sorrio quando ele começa a ronronar. — Acho que será uma noite para dormir cedo, — eu digo a ele caminhando para o meu quarto e tirando com o dedo meus sapatos antes de despejar Juice em cima da cama.

Ele anda em círculos por um momento antes de se enrolar em uma bola e fechar os olhos. Balanço minha cabeça, desejando poder adormecer tão facilmente como ele. Eu sempre acho difícil dormir depois do trabalho. Meu corpo está normalmente exausto, mas minha mente está em um estado constante de preocupação. Sempre me pergunto se perdi alguma coisa, ou se deveria ter feito algo diferente com um dos animais sob meus cuidados. Eu escorrego minhas roupas, puxo um par de moletom cortado que agora são short, encontro uma camiseta, e coloco antes de caminhar para a cozinha.

— Hey, Taser, — digo quando vou até a gaiola que agora está em uma posição perto das portas duplas que levam a minha varanda traseira. Sua pequena cabeça de pássaro vira para mim, e me certifico se ele tem água e comida suficiente, antes de colocar um pano sobre a parte de cima da gaiola. Desde o dia que eu o trouxe para casa, Taser tem melhorado, mas a julgar pela forma como sua pequena asa ainda paira sem jeito, não acho que ele poderá ser livre novamente.

Faço um sanduíche de manteiga de amendoim e banana e um copo de leite, em seguida, transporto tudo para o meu quarto, ligo a TV e vou para a cama. Fico confortável enquanto passo pelos canais até encontrar um dos meus programas favoritos, *Ancient Aliens*. Eu me inclino e pego meu sanduíche, dando uma grande mordida antes de gemer em sua perfeição, e, bebo um gole de leite. Após comer, eu levo os meus pratos para a cozinha, então, vou lidar com a minha rotina noturna

antes de voltar para a cama. Eu me certifico de levantar o lençol para Juice, que, como sempre, se curva contra meu estômago enquanto assisto os segredos escondidos de uma suposta antiga raça alienígena até eu cair no sono.

~~*

Olho para a minha recepcionista, Kayan, e sinto minhas sobrancelhas juntarem quando ela bate freneticamente no vidro e acena sua mão para mim. — Eu já volto, — digo a família do meu paciente, e sigo Kayan para fora da sala de exame e pelo corredor em direção à sala de espera. — O que aconteceu? — Pergunto a ela, e ela faz uma pausa ao virar uma esquina e aponta. Eu olho em volta para onde ela está apontando, imediatamente lamentando ao ver o perfil do homem que eu desejei nunca ver novamente em pé perto da recepção. — O que ele quer? — Sussurro, observando o Motociclista Quente, em toda a sua glória em jeans e couro.

— Ele disse que quer adotar um cão. Fiquei ali sentada olhando para ele por cinco minutos, não fui capaz de nem mesmo falar, e eu poderia dizer que ele estava ficando chateado, então percebi que você poderia ajudá-lo.

— Você se lembra de quando eu te disse sobre os motociclistas que me perseguiram há duas semanas?

— Sim, — ela murmura, sonhadora.

— Foi ele quem eu acertei, — digo a ela, observando seus olhos se arregalarem e sua boca formar um O.

— Não, — ela sussurra, olhando do canto para ele.

— Sim. — Aceno a cabeça, em seguida, bato seu ombro. — Boa sorte.

— Não... por favor. — Ela balança a cabeça freneticamente, pegando minha mão.

— Ele não é tão assustador. — Eu franzo a testa.

— Não, ele é assustador e quente. — Ela balança a cabeça novamente. — Eu poderia lidar com ele se ele fosse apenas quente, mas não, ele é assustador *e* quente. Isso é um não para mim. Você sabe disso.

— Tudo bem. — Me ergo na minha altura total, que é apenas 1.64, e ajusto minha camisa, levantando meus seios um pouco mais, o que não faz sentido,

porque estou vestindo roupas hospitalares. — Você pode ir se certificar que os Thompsons têm os suprimentos de que necessitam para Tutu?

— Claro. — Ela dá um suspiro de alívio, e eu inspiro longamente antes de virar a esquina.

— Oi, Kayan me disse que estava interessado em adotar? — Digo, fingindo não ter nenhuma ideia de quem ele é. Sua cabeça se vira para mim, seu olhar se bloqueia com o meu, e meu coração falha no meu peito. Tudo o que eu lembrava sobre ele estava errado. Ele é muito mais quente do que eu recordava, a barba mais escura, seus lábios mais cheios, e os seus olhos mais verdes.

— Você, — ele murmura enquanto seus olhos viajam ao longo do comprimento do meu cabelo, os topos dos meus seios, até a minha cintura, e então sobe lentamente, fazendo com que cada polegada de mim se sinta exposta. — July, — diz ele, quando seus olhos encontram os meus novamente.

— Como você sabe o meu nome? — Pergunto, sentindo-me completamente perplexa.

Sua cabeça mergulha em direção ao meu peito e olho para baixo, vendo meu crachá anexado ao meu top. — Oh, — digo, me sentindo uma idiota, minha mão indo para o meu peito para cobrir o pedaço de plástico.

— Wes. — Ele sorri.

— Perdão? — Eu pisco, desejando ter forçado Kayan a fazer seu maldito trabalho.

— Wes é o meu nome.

— Nome legal, — murmuro, e em seguida, gostaria de ter crescido com um filtro que funcionasse corretamente quando vejo seu sorrisinho virar um sorriso. — Então, você quer adotar? — Pergunto, sabendo que se ele disser que sim, seus pontos em gostosura aumentarão dez vezes.

— Pensando nisso. — Ele dá de ombros, enfiando as mãos nos bolsos da frente da calça jeans, ajustando a bem-desgastada camisa preta que ele tem sobre o peito e abdômen. Engulo e mentalmente chuto a minha bunda até que me recomponho o suficiente para falar novamente.

— Bem... — limpo minha garganta, e estreito meus olhos ao ver que ele está sorrindo para o quão desconfortável eu sou. — Siga-me, — eu estalo, e marcho pelo corredor na frente dele, então, avanço até as portas duplas no final do corredor que

leva para o canil nos fundos. Eu o ouço rir, mas ignoro. — Esses são os cães. Esses são gatos. — Aceno minha mão para trás e para frente. — Volte à frente quando terminar. — Começo a fugir dele, mas ele estende a mão, envolve meu bíceps e interrompe o meu passo, enviando um choque de eletricidade pelo meu braço.

— Devagar, baby, — diz ele, meu coração para e um arrepio desliza pela minha espinha com o tom de sua voz.

Eu sacudo a mão e viro o rosto para ele, tentando ser casual, embora meu coração esteja batendo tão forte que eu juro que baterá diretamente para fora do meu peito. — Você precisa de alguma coisa?

— Pode me dizer um pouco sobre alguns dos cães que você tem aqui?

Não! Grito mentalmente, mas minha cabeça estúpida acena para cima e para baixo. — O que você gostaria de saber? — Pergunto, e estou orgulhosa por minha voz soar normal e não ofegante como eu esperava.

— Qualquer um desses caras aqui são conhecidos por serem bons cães de guarda?

— Sim, Capone, — digo a ele, caminhando em direção ao canil no final do corredor. Capone precisa de um lar. Ele está conosco há mais de seis meses, mas ninguém quer o pobre rapaz. Ele é feio, mas muito doce. Se meu coração ainda não estivesse quebrado de perder Beast anos atrás, eu teria adotado Capone.

— Esse cara aqui é realmente mau; ele mataria alguém se olhasse errado para ele. — Ele olha para mim com ar de dúvida. — Não se deixe enganar. Ele arrancaria sua cara se fosse dada uma chance a ele, — digo a Wes, cruzando os braços sobre o peito ao parar na frente do canil de Capone. Capone se senta, seus grandes olhos pretos olham entre Wes e eu, o pelo no alto da cabeça apontando para cima em todas as direções e sua longa língua do lado de fora de sua boca, onde faltam alguns dentes.

Olho de Capone para Wes e vejo que seus olhos estão em mim, e há algo em seus olhos que faz meus pulmões gelarem.

— Três, — diz ele em um tom que é tão profundo que o espaço entre as minhas pernas formiga e a respiração que eu segurava escapa.

— Três o quê?

— Três vezes que você já fodeu comigo.

— Capone é mauzão, — insisto, e sua mão passa sobre a boca e os olhos viajam preguiçosamente por mim, da cabeça aos pés.

— Três vezes que você me fez querer transar com você ou preencher essa boca inteligente. — Ele dá um passo em minha direção, seu corpo apertando-me contra a parede atrás de mim, e sua grande mão toma conta da minha cintura. Eu me perco em seus olhos e palavras por um momento, mas então me lembro de onde estamos e quem ele é. Sua cabeça mergulha em direção a minha, e faço a única coisa que posso pensar – eu cubro minha boca com a mão.

Sua cabeça puxa para trás e seus olhos procuram meu rosto enquanto suas sobrancelhas se juntam. — Essa é a primeira vez, — ele resmunga, mas não parece exatamente desapontado. — Você não quer me beijar? — Ele questiona, correndo o nariz nas costas da minha mão que ainda está protegendo minha boca. Minha mente grita *Sim!*, mas minha cabeça balança não.

— Tão doce. — Ele desliza o nariz ao longo da minha mão até que ele escova meu ouvido. — Aposto que uma vez que eu esteja lá, eu não vou querer sair, — ele murmura, e engulo em seco, lutando contra o instinto para remover a minha mão, virar minha cabeça, e beijá-lo como meu corpo está me implorando. — Aposto que você iria selvagem para mim no minuto que minhas mãos estivessem em você. — Os dedos de sua mão apertam a minha cintura. — Aposto que você quer tanto quanto eu.

Ele inala no meu pescoço e sua língua toca a pele atrás da minha orelha, fazendo meus joelhos realmente tremerem. Eu estive apaixonada; estive na luxúria também, mas isso é algo novo, algo que me faz sentir como se cada célula do meu corpo lutasse para me puxar para mais perto dele, e me assusta profundamente. Eu me abaixo e deslizo por debaixo do braço dele, em seguida, me afasto até que haja, pelo menos, três metros entre nós. Só então eu tiro a minha mão da boca.

— Então, o que você diz? Quer adotar Capone? — Pergunto, ignorando o que diabos foi isso que aconteceu.

Sua testa, que franziu após eu sair de seu abraço, suaviza e ele sorri. — Vou levá-lo, — diz ele, olhando para Capone, em seguida, para mim.

— Sério? — Sussurro, quando meu coração palpita em meu peito.

— Eu ainda preciso de um cão de guarda, mas vou levá-lo também.

— Por que você precisa de um cão de guarda?

— Eu tenho uma loja, e no fundo, há um monte de carros. Há duas semanas, alguém pulou a cerca e arrombou os carros, roubando aparelhos de som ou outras partes deles.

— Você não pode deixar um cão do lado de fora. — Eu franzo a testa para ele.

— Não disse que deixaria. Você pode até mesmo vir dar uma olhada.

— Isso não será necessário, — murmuro quando ele sorri.

— Então, você tem outro cão? Um que seja realmente perigoso? — Ele pergunta, e faço uma carranca.

— Os cães não são perigosos. Os estúpidos donos de cães são perigosos.

— Tudo bem... você tem um cão que seja protetor? — Ele balança a cabeça, e deixo escapar um suspiro, levando-o para a parte de trás do abrigo, onde Max é mantido. Max era o único cão proveniente do ringue de luta que fui capaz de salvar. Ele é cego de um olho e mau, mas o amo e simplesmente não podia forçar-me a sacrificá-lo.

— Este é Max. — Agacho na frente da jaula de Max e pressiono minha mão através das barras, esfregando a cabeça escura.

— O que aconteceu com ele? — Wes pergunta, agachando-se ao meu lado. Espero que Max rosne, mas ele só olha para Wes, então, para mim. Wes pressiona lentamente um dedo através da jaula, e Max começa lambê-lo, fazendo meu coração se sentir mais leve. Eu odeio que Max esteja aqui e o tempo todo preso em um canil.

— Ele estava aqui uma manhã quando cheguei para trabalhar. Ele estava quase morto, faltava um olho e não podia andar. Percebi então que ele esteve em uma briga e, obviamente, perdeu.

— Normalmente, quando os cães brigam, eles o matam por perder, — ele me diz, algo que provoca lágrimas em meus olhos.

— Eu sei, — sussurro, acariciando a cabeça de Max. — Ele foi o primeiro a ser trazido para mim, mas a cada poucos dias, eu chego para trabalhar e há outro. Max é o único que eu fui capaz de salvar.

— Que porra é essa?

— Não sei. — Eu me levanto, caminho até uma das salas de visita, e abro a porta. — Espere aqui. Vou trazer Max para que possamos ter certeza que vocês se darão bem, — digo a ele. Espero até que ele entre na sala, então, fecho a porta e vou até Max, levando-o para a sala comigo.

— Hey, amigo, — murmura Wes, acariciando a cabeça de Max quando ele se senta na frente dele.

Eu os assisto por alguns minutos, e depois pergunto, — Você quer ver como ele e Capone se dão, ou apenas disse que queria ambos para ganhar pontos?

Sua cabeça se inclina para trás para olhar para mim. — Vá pegar Capone, baby. Preciso ter certeza que meus garotos se darão bem, — ele murmura.

— Volto já, — murmuro e saio da sala.

Na frente do canil de Capone, eu pulo para cima e para baixo, balançando as minhas mãos. Ele observa em silêncio, enquanto o resto dos cães enlouquece. Certifico-me que Capone está em sua coleira quando o conduzo para a sala, onde se encontra com Wes e Max. Max se adapta muito bem, enquanto Capone fareja em torno antes de saltar e sentar no colo de Wes.

— Vocês ficam bem juntos. — Sorrio para a imagem, coloco a mão no bolso de trás e pego meu telefone. Abro a câmera e tiro uma foto sem pensar duas vezes. Inclino minha cabeça e olho para a foto, não sabendo com certeza o que significa o sentimento em meu estômago.

— Você quer jantar comigo?

Minha cabeça voa para cima e meu olhar se choca com o seu. Eu li muito e, quero dizer, um *monte* de livros de motoqueiro, e em nenhum tem um motociclista chamando uma garota para jantar. — Hum... — sussurro.

— Eu conheço um ótimo local mexicano.

— Mexicano? — Repito.

— Ou se quiser algo mais... — ele dá de ombros.

— Gosto de mexicano. — Limpo minha garganta e olho para Max e Capone.

— Hoje à noite?

Olho para ele de novo, e ele tem uma mão em Capone e outra em Max, dois caras que eu acreditava que seriam forçados a viver o resto de suas vidas em jaulas. Ele está salvando-os, de modo que me diz muito mais do que conhecê-lo durante semanas.

— Ok, — concordo, em seguida, me afasto do banco quando ele levanta. — Vamos tirá-los daqui.

Não demorou muito para preencher a papelada necessária, e quando ele termina, eu o ajudo a colocar os dois meninos em seu Escalade.

— Eu te verei hoje à noite.

— Vejo você hoje à noite, — eu confirmo, observando-o.

Ele entra em seu Escalade e fecha a porta, colocando um par de óculos de sol. Sua cabeça inclina em minha direção e eu aceno. O Escalade se encaixa nele tanto quanto sua moto. Ele parecia quente atrás do volante.

Procuro meu telefone no meu bolso, certificando que ainda está onde ele o colocou após salvar seu número. Entro e paro completamente quando Kayan olha para mim e sorri.

— O quê? — Pergunto, e ela aperta os lábios para não rir, eu tenho certeza.

— Cale a boca, — digo, voltando ao meu escritório e fechando a porta.

Eu tenho um encontro. Eu tenho um encontro com um motociclista gostoso que acabou de adotar dois cães. Sim, eu estava certa na minha última avaliação dele. Estou ferrada.

Capítulo 02

Olho para mim mesma no espelho e viro de lado, verificando-me. Eu tenho uma jaqueta quimono, e combinei com uma camisa vermelha e capri jeans escuros. Vou até o meu armário e retiro minhas plataformas bege, do tipo peep toe, que envolve meu tornozelo. Eu as calço, amarro em volta do meu tornozelo, e, em seguida, volto para o banheiro. Aplico base, um pouco de blush, e um monte de rímel. Eu bagunço a parte de cima do meu cabelo e me curvo, usando um spray antes de virar a cabeça para trás, arrumando os fios acima dos meus seios.

Não pareço a garota de um motociclista, mas eu pareço bonita.

Saio para o meu jipe e jogo minha bolsa sobre o assento. Leva dez minutos para chegar ao restaurante que Wes me pediu para encontrá-lo, e quando chego, o estacionamento está cheio com carros e toneladas de motos. É o final da primavera, assim as noites são quentes, e todo o pátio ao ar livre está cheio com os clientes que desejam comer fora, sob as estrelas. O meu telefone começa a tocar, e atendo sem verificar quem é.

— Olá?

— Baby, o estacionamento está cheio.

— Eu sei, não há vaga.

— Eu vou segui-la para casa e você pode voltar comigo, — diz ele, mas não sei se isso é inteligente. Não tenho certeza se serei capaz de estar pressionada nele, com as minhas coxas em torno dele, minhas mãos em seu corpo.

— Baby.

— Huh?

— Eu seguirei você. — Eu me viro e o vejo montando sua moto com seu colete sobre uma camisa xadrez azul e preto com as mangas arregaçadas, os botões de cima abertos o suficiente para ver a camiseta ele tem debaixo dela, e um par de jeans com botas pretas.

— Ok, — sussurro, e saio do estacionamento, então, para a estrada principal. Ele me segue os poucos minutos até a minha casa, e estaciono na minha calçada, saindo rapidamente e encontrando-o na parte de trás do meu carro.

— Você quer pegar o seu capacete? — Ele pergunta.

Olho para a bolsa na minha mão e percebo que, se eu irei com ele, preciso aliviar minha carga. — Volto já, — murmuro, abrindo a porta do meu carro e inclinando sobre o assento para pressionar o botão da garagem.

— Baby.

— Hmm? — Giro para olhar por cima do meu ombro para ele.

— Você está bonita, baby.

Meu estômago começa a girar, não com mal-estar, mas com emoção.

— Obrigada. — Sorrio com um aceno de cabeça e entro em minha garagem, pegando as coisas que preciso da minha bolsa e empurrando no meu sutiã e bolsos, antes de pegar o meu capacete e voltar para onde ele me espera.

— Seu carro está seguro? — Ele pergunta, levantando a perna sobre o assento da sua moto e tomando o capacete de mim.

— Sim, — sussurro quando o cheiro dele me rodeia. Seus dedos colocam meu cabelo atrás das orelhas, e então ele coloca o capacete sobre a minha cabeça e engancha o botão embaixo do meu queixo.

— Assim está bom? — Ele pergunta, e eu aceno enquanto ele joga sua perna sobre o banco mais uma vez. Ando de moto desde os quinze anos, e pedi a minha mãe para me ensinar a montar. Ela e eu montamos motos esportivas, mas meus tios e primos montam Harleys, então eu sei o que estou fazendo. Mas nunca estive na parte de trás de uma moto com um homem por quem também estivesse atraída. Eu deslizo, e no momento que a minha bunda toca o assento, as mãos dele vão para a parte de trás das minhas panturrilhas, onde ele me puxa para mais perto dele.

— Me segure forte, — ele instrui, olhando para mim por cima do ombro. Coloco minhas mãos em sua cintura e aperto-o um pouco mais quando ele

sai com a moto, o que é um grande erro, porque sinto uma dureza como nunca senti antes bem abaixo das minhas palmas. Eu nem sabia que abdômen definido era algo que realmente existia na vida real. Tento me manter parada, embora a minhas mãos estejam coçando para pressioná-lo e ver se o que eu acho que sinto é realmente real.

Quando paramos no estacionamento, eu removo minhas mãos rapidamente e desço da moto. Tiro meu capacete e me curvo, afofando meu cabelo antes de balançar a cabeça.

— Você precisa ver quem está por perto quando faz merda assim, — Wes diz segurando o meu quadril.

— O quê?

— Esse balançar, a merda de jogar cabelo que você fez. — Eu olho para ele e vejo que seus olhos estão na direção da área ao ar livre, onde há um grupo de rapazes nos assistindo. Ignoro o seu comentário e começo a caminhar para o restaurante, ou tento, mas seu dedo engancha na parte de trás da minha calça jeans e ele me puxa para andar com ele. Então ele envolve sua mão na minha cintura, os dedos se curvando no meu quadril.

— Quantos? — Uma bonita menina espanhola pergunta assim que entramos no restaurante.

— Dois, — Wes diz, e ela nos leva a uma cabine perto do bar e entrega nossos menus, dizendo que o nosso garçom logo estará com a gente.

Meu olhar se conecta com o dele, mordo meu lábio e levanto o meu menu. A intimidade de estar na cabine com ele me deixa, de repente, nervosa.

— Wes.

Viro e olho para um cara usando algo parecido com Wes, só que ele tem uma camisa xadrez vermelha e azul, com seu colete sobre ela.

— Como você está? — Wes o cumprimenta e eles começam a conversar sobre algo a ver com motos, ou alguma porcaria que não entendo. Olho para Wes, e duvido que ele ainda se lembre de que estou aqui neste momento. Eu testo minha teoria, dizendo, — Desculpe-me, — para o cara, e digo a Wes, — vou ao banheiro. — Seus olhos sequer olham para mim quando falo. Escorrego para fora da cabine e vou ao banheiro, em seguida, volto para a mesa. O cara ainda está lá e agora tomou o meu lugar, e cada um tem uma cerveja na frente deles. Eu fico esperando

lá por alguns minutos, querendo ver se Wes percebe que não estou lá, mas seus olhos não procuram por mim no local.

— Dane-se isso, — sussurro, sentindo pena de mim mesma. Pego o meu telefone, chamo um táxi, vou até a moto de Wes e pego meu capacete do assento. Leva três minutos para o táxi aparecer, e no momento que eu escorrego no banco de trás, meu telefone começa a tocar. Clico no botão Finalizar, e faço novamente quando ele toca mais duas vezes. Quando chegamos à minha casa, eu dou ao taxista uma nota de dez e digo para ele ficar o troco.

Estou entrando na minha casa quando o rugido de uma motocicleta enche meus ouvidos. Entro, fecho a porta, retiro as coisas dos meus bolsos e sutiã, e coloco tudo na mesa de entrada. — Abra a porta, July. Eu sei que você está aí. — Wes grita, mas o ignoro e vou para o meu quarto, tiro a jaqueta quimono e meus saltos, voltando para a sala de estar e abrindo a porta quando ele começa a bater tão forte que os quadros em minhas paredes tremem.

— Posso ajudá-lo? — Levanto uma sobrancelha e os olhos dele apertam.

— Você quer dar uma de espertalhona após ir embora do restaurante?

— Oh, querido, você está confuso. — Coloco o meu maior sorriso, abro a minha porta de tela e saio na minha varanda, fechando a porta atrás de mim. — Você diz que eu saí sem você, certo? — Pergunto, cruzando os braços sobre o peito.

— Você fez, — ele rosna.

— Interessante, — murmuro, inclinando no meu calcanhar, olhando-o. — Sentei diante de você por quinze minutos, me levantei da mesa, na qual eu estava sentada com você, e você não percebeu. Fiquei do outro lado do local por cinco minutos até que eu disse, *Dane-se*, e saí. Não sei que tipo de mulheres que você está acostumado, mas não sou uma delas. Tenha uma boa vida, Wes, — digo a ele, abrindo minha porta, entrando, e em seguida, fechando e trancando a porta atrás de mim.

Caio no meu sofá por um minuto e coloco meu rosto em minhas mãos. Não era assim que eu esperava que fosse minha noite. Depois de alguns minutos, eu levanto e vou para a cozinha, pegando Juice no caminho, deixando seu ronronar suave acalmar o meu ego ferido. Então vou para Taser e verifico-o antes de colocar Juice no balcão e pegar uma das minhas grandes tigelas de um armário e uma caixa de Fruity Pebbles de outro. Encho a tigela até a metade e vou à geladeira para

pegar o leite e despejar um pouco em cima do cereal. Eu pego uma colher do meu bonito porta-talher no balcão e levo a tigela comigo, caminhando para o meu quarto quando há outra batida na porta.

— O quê? — Pergunto, envolvendo meu braço ao redor da tigela de cereais enquanto abro a porta.

— Você não comerá isso. Eu pedi pizza, — Wes diz, logo que viu meus Fruity Pebbles.

— Você está bêbado? — Pergunto quando ele empurra, passa por mim e tira a tigela da minha mão.

— Não, e não faça essa merda de novo, a menos que queira uma bunda vermelha, — diz ele, ignoro o seu comentário e sigo atrás dele. — Sean tinha algumas informações que eu precisava, então nem sequer pensei; só entrei em modo de trabalho. — Ele entra na cozinha, coloca a tigela de cereal na pia e abre a torneira.

— Você não acabou de fazer isso, — assobio, assistindo a minha comida preferida em todo o mundo ir pelo ralo, literalmente.

— Eu pedi pizza.

— Você ouviu a parte onde eu disse, *tenha uma boa vida*?

— Estou ignorando isso, porque eu sei que você está chateada, mas também sei que você vai superar.

— Superar? — Expiro, observando ele tirar o colete e colocá-lo sobre uma das minhas cadeiras da cozinha.

— Você está certa. Você não é como qualquer mulher com quem já estive antes. — Ele passa a mão sobre sua mandíbula, e noto que ele não disse namorou.

— Não me diga. — Balanço minha cabeça, cruzando os braços sobre o peito, e seus lábios se contorcem.

— Também sei que essa é a razão pela qual eu estou perseguindo você. Posso ter boceta em qualquer momento que eu quiser. Mas uma mulher com quem me vejo tendo um futuro, — ele balança a cabeça, — nunca tive isso.

— Uh... Eu acabei de te conhecer, e odeio ser quem irá estourar sua pequena bolha, mas você não é alguém com quem me vejo tendo um futuro. Não posso nem ver-nos tendo um segundo encontro.

— Vamos ver, — ele murmura, caminhando até a gaiola de Taser.

— Não, não vamos ver. Você precisa sair. — Pego seu colete e sigo para a porta, esperando que ele vá me seguir, mas quando abro a porta, o cara que entrega pizza está ali de pé com a mão no ar, pronto para bater. *Porcaria.* Dou um passo atrás quando Wes entra na minha frente, conversando com o entregador.

— Baby, pegue e leve isso para a cozinha enquanto pago, — ele me diz, me entregando a caixa de pizza e puxando a carteira do bolso de trás.

Fico lá por um momento, olhando-o como se ele fosse louco, mas depois ando estupidamente levando a pizza para a cozinha, colocando-a no balcão. Então coloco seu colete na cadeira novamente e fico lá na cozinha, com os braços cruzados sobre meu peito esperando por ele.

— Você pegará pratos? — Ele pergunta ao retornar.

— Não.

— Você é sempre tão difícil?

— Eu gostaria de lembrá-lo que saí para jantar com você, mas você me ignorou, — digo com altivez.

— Disse que era negócio.

— E eu disse que não me importo.

— Eu sei que você acredita em segundas chances. A maioria das pessoas, especialmente uma veterinária, daria uma olhada em Capone e Max e os sacrificaria, mas você não fez isso.

Isso foi um golpe baixo. Eu olho para ele, e meu instinto me diz para fazer isso, dar uma segunda chance para ele, mas meu cérebro está gritando comigo, me dizendo que se eu fizer isso, então será o fim da vida como a conheço.

— Nós podemos ser amigos, — comprometo, e ele sorri.

— Claro, baby. Amigos, — ele murmura, em seguida, se aproxima de mim, e cubro minha boca novamente quando vejo seus olhos caírem para os meus lábios. — Não se preocupe. Não vou te beijar até que você esteja me implorando, — diz ele, e eu zombo; dou um passo para trás, até que, com a mão livre, abro o armário onde guardo os pratos. Pego dois e empurro-os para ele, e retirando a mão da minha boca, abro a geladeira e pego duas cervejas.

Ele abre a caixa de pizza e o cheiro filtra para o nariz, fazendo meu estômago roncar. — Ewww, você pediu havaiana e azeitonas pretas. — Torço o nariz. Seus olhos vêm até mim e ele pisca quando pressiono meus lábios para não sorrir.

— Você é um pé no saco, — ele murmura, sacudindo a cabeça e sorrindo enquanto coloca uma fatia de cada uma em um prato e me entrega, então faz o mesmo para ele. Volto para a sala de estar, e ele vem comigo, colocando seu prato e cerveja na mesa de café e olhando ao redor. — Onde está a sua TV? — Ele pergunta; confuso.

— No meu quarto, — digo a ele, dando uma mordida na pizza.

— Você só tem uma TV? — Ele franze a testa, e faço uma carranca de volta.

— Sim, por quê? Quantas TVs você tem?

— Duas. — Ele dá de ombros.

— Quando estou em casa, costumo ficar no meu quarto, — digo a ele, observando ele dar uma mordida na pizza. *Como comer pode ser sexy*? Eu penso, em seguida, percebo que esqueci os guardanapos, e certamente vou precisar deles. Coloco meu prato na mesa, levanto e vou até a cozinha, pegando algumas toalhas de papel do rolo antes de voltar e entregar uma para ele.

— Obrigado, — ele murmura, tomando um gole de cerveja.

— Então, o que você faz? — Pergunto, recostando-me no sofá e puxando meus pés para debaixo de mim.

— Alguns dos meus irmãos e eu temos uma loja de peças e loja de motos. — Ele diz, então, limpa a boca.

— Irmãos, como *irmãos,* ou irmãos, como, *Este é meu irmão*? — Pergunto, gesticulando uma colisão de punho no ar.

— É tudo a mesma coisa. — Ele sorri. — Estávamos juntos no exército, e quando saímos há dois anos, nós decidimos nos aquietar e começar um negócio juntos.

— Isso é legal, — murmuro, tomando um gole da minha cerveja em seguida, puxando a borda da pizza antes de terminá-la.

— E você? Há quanto tempo você é veterinária?

— Dois anos.

— Quantos anos você tem? — Ele pergunta, e sinto minha pele aquecer enquanto seus olhos vagueiam sobre mim.

— Vinte e seis. — Dou de ombros, então, continuo quando ele olha para mim com ar de dúvida. — Terminei o ensino médio aos dezessete anos, em seguida,

comecei a faculdade. Eu sabia que queria ser veterinária desde que era uma garotinha, então trabalhei duro até alcançar o meu desejo.

— Por que? — Ele pergunta, e meu coração aperta dolorosamente no meu peito.

— Nós tivemos um cão quando eu era criança, seu nome era Beast. Ele era um cachorro dinamarquês, preto e branco, mas para mim, ele era meu melhor amigo. Quando envelheceu e ficou doente, eu sabia que um dia eu queria ser capaz de ajudar outras pessoas que amavam seus animais tanto quanto eu amava Beast, — sussurro, tomando outro gole de cerveja, esperando que ajude a lavar a dor de falar sobre o meu melhor amigo.

— É por isso que você não tem um cão agora? — Ele pergunta, me lendo, e eu aceno.

— Não quero substituí-lo.

— Eu entendo isso, — diz suavemente, colocando o prato vazio e a cerveja sobre a mesa.

— Quantos anos você tem? — Pergunto, colocando meu prato na mesa, mas mantendo a cerveja na mão.

— Vinte e nove. Então, quanto tempo você esteve montando?

— Desde os quinze anos. Minha mãe é realmente a pessoa que me ensinou a andar. Meu pai odeia isso, mas sabe que não pode me impedir. Era um dos passatempos da minha mãe, e algo que só ela e eu compartilhamos, por isso que o torna muito mais especial.

— Você tem irmãos e irmãs? — Pergunta.

— Tenho quatro irmãs, todas mais jovens, todas na faculdade. — Sorrio. — E você? Quaisquer irmãos?

— Não, sou filho único, criado por uma mãe solteira.

— Como você acabou no Tennessee?

— Minha mãe mora em Nashville, e quando vim visitá-la, eu dirigi por esta cidade e gostei da sensação; então conversei com os meus meninos, fizemos as malas, pegamos nossas motos e conduzimos da Califórnia para cá.

— Isso deve ter sido assustador, huh?

— Nenhum de nós tinha nada a perder, — diz ele, e tento pensar em outra coisa para dizer, então, olho em torno da sala, perguntando por que diabos não apenas compro outra TV.

— Você quer ir para a cama comigo? — Pergunto, em seguida, cubro a boca e sinto meus olhos arregalarem.

— Claro. — Ele sorri, e cubro meu rosto.

— Quero dizer, se você quer assistir TV comigo? — Digo, espreitando para fora através de minhas mãos.

— Eu sei o que você quis dizer. — Ele ri, e sinto sua mão no meu joelho. Removo minhas mãos do meu rosto e olho para ele, balançando a cabeça.

— Deixe-me limpar essas coisas, — murmuro, ficando de pé e pegando meu prato.

— Eu vou te ajudar, — diz ele, pegando o seu prato e retirando o meu de mim, então pego a garrafa de cerveja e o sigo até a cozinha, observando a maneira como seu traseiro se move quando ele anda. — Você está examinando minha bunda?

— Definitivamente. — Eu sorrio, passando-o para ir até a lata de lixo.

— Dor na bunda, — ele resmunga, mas ouço o sorriso em sua voz. — Você manteve o pássaro, — diz ele, ficando na frente da gaiola de Taser.

— Sim, ele provavelmente não será capaz de voar novamente. Sua asa não curou como deveria. — Eu sorrio quando Taser pia para Wes quando ele mete o dedo na gaiola. — Você quer outra cerveja?

— Claro. — Ele balança a cabeça, e abro uma para ele e outra para mim, levando-o até o meu quarto. Coloco a minha cerveja na mesa de cabeceira antes de subir na cama. Eu vejo quando ele segue para o outro lado, a sua presença fazendo o meu quarto parecer pequeno. Minhas entranhas começam a torcer pensando em como meu ex-namorado era alérgico a gatos, por isso, sempre passamos tempo na casa dele, e os únicos caras que estiveram no meu quarto desde que me mudei foram os meus primos.

Tento ver o que ele vê quando observa o meu quarto. Eu pintei as paredes de um azul claro que combina com a cadeira antiga que coloquei no canto do quarto. Meu armário e mesa de cabeceira são antiguidades, bem como são todos de diferentes designs, a pintura creme lascando e descascando, dando-lhes o

aspecto de antigo. Minha cama é coberta com um edredom de babado branco. Você pode dizer que é o quarto de uma menina, mas não é coberto de flores rosa.

Eu vejo quando ele tira as botas então desliza sobre a cama, sentando-se contra a cabeceira e cruzando os tornozelos. Deixo escapar um suspiro e ligo a TV, e Juice decide sair do esconderijo, pulando na cama e subindo no meu colo.

— Você gosta de gatos? — Pergunto a Wes enquanto corro os dedos no pelo macio de Juice.

Seus olhos me encontram e vejo algo brilhar dentro de suas profundezas verdes antes de responder, — Eu amo boceta[3].

Começo a rir e enterro meu rosto no pelo de Juice. Ouço Wes rir, balanço minha cabeça e entrego o controle remoto, sem saber o que ele gosta de assistir. — Você pode escolher o que quiser, — digo a ele, deitando de lado com Juice enrolado em minha barriga.

Ele passa pelos canais por alguns minutos, em seguida, para no filme *De volta para o Futuro.* Ele se inclina mais, colocando a mão atrás da cabeça e descansa a que segurava o controle remoto em seu abdômen. O desejo de me arrastar para perto dele é quase doloroso, mas me mantenho parada, me certificando de manter a minha respiração normal.

— Então... podemos, pelo menos abraçar? — Ele pergunta, e levanto a cabeça para olhar para ele, então, sem pensar, eu movo Juice e me arrasto para ele, e seus olhos ficam arregalados. Ele balança a cabeça, levanta o braço e eu coloco minha cabeça no peito dele. Ambas as minhas mãos como travesseiro sob minha bochecha enquanto puxo meus joelhos para cima, colocando-os contra ele.

— Foi fácil, — ele murmura, envolvendo o braço em volta de mim.

O que posso dizer? Sou uma garota; gosto de abraçar. E ninguém no seu perfeito juízo o recusaria se ele perguntasse.

— Baby. — Ouço Wes dizer, mas estou tão confortável que não quero abrir os olhos ou mover.

— Hmm? — Murmuro.

— Eu preciso sair.

— Até mais, — murmuro.

---

3 Ele fala pussy, que é usado para gato e boceta, duplo sentido.

— Baby.

— O quê? — Lamento, e ele começa a rir.

— Você precisa vir trancar.

— Está bem. Não preciso trancar, — resmungo.

— Baby. — Abro um olho e olho para ele. — Vamos. — Ele me puxa para fora da cama e me coloca de pé.

— Eu estou acordada. — Bocejo, tropeçando para fora do quarto e na porta da frente. Eu a abro para ele, enquanto ele vai para a cozinha, pega o seu colete e desliza-o em cima da camisa, em seguida, vem na minha direção e cubro minha boca, fazendo-o sorrir.

— Eu roubei um beijo enquanto você dormia.

— Mentiroso. — Eu digo quando ele para na minha frente.

— Eu disse que não vou te beijar até que você me implore. — Puxo minha mão da minha boca e mordo o lábio quando meus olhos caem para a boca dele.

— Obrigada pela pizza, Wes, — digo a ele quando meu olhar viaja de volta para o seu.

— Eu ligo para você, baby.

— Claro. — Aceno a cabeça, ele se inclina e dá um beijo na minha testa, me pegando de surpresa.

— Tranque a porta, — diz ele sobre seu ombro, e reviro os olhos, em seguida, os abro amplamente quando algo que eu ainda não havia pensado se encaixa.

Eu cresci em torno de loucos homens alfa toda a minha vida, homens como meu pai e tios, e assistindo Wes caminhar até sua moto, eu reconheço o tipo de homem que ele é.

— Baby, tranque, — ele grita, balançando em sua moto. Eu fecho a porta, tranco as fechaduras, vou para a cortina e espreito para fora enquanto ele se afasta.

— O que eu fiz? — Sussurro enquanto ele se afasta da vista.

Capítulo 03

— Hey, o que você está fazendo aqui? — Pergunto a Jax quando abro a porta da frente.

— Preciso usar o seu chuveiro.

— Por quê? — Pergunto, vendo que ele carrega uma grande bolsa na mão.

— Aquecedor de água quebrou e não tenho tempo para esperar o cara da reparação vir olhar e tenho que estar em um lugar.

— Oh, bem, você sabe onde ele fica. — Estendo o braço para ele entrar, e depois vou para a cozinha e ligo a cafeteira, colocando ração para Juice, e limpando a gaiola de Taser. Assim que o café está pronto, eu levo o meu copo para o deck junto com meu Kindle e começo a ler.

— Que porra você faz aqui? — Ouço um rugido através do vidro da porta de correr, e me levanto, depositando rapidamente as minhas coisas em cima da mesa, abro a porta, em seguida, caminho até a sala de estar, onde Wes está de pé na porta com Jax em pé na frente dele, vestindo apenas uma toalha em torno de sua cintura.

— Que porra você faz aqui? — Jax pergunta a Wes em vez de responder, e entro na mistura, empurro o meu primo e fico na frente de Wes.

— Você vai terminar o banho, — digo a Jax, empurrando-o para longe.

— Você está brincando comigo? — Wes rosna, e espero, olhando para Jax até vê-lo voltar para o banheiro antes de enfrentá-lo.

— O que você faz aqui? — Eu pergunto, então olho para baixo e vejo que ele está fazendo malabarismos com duas xícaras de café e um saco, e meu coração se derrete, porque ele trouxe café para mim.

— O que faço aqui? Você está brincando comigo? — Minha cabeça voa para cima e os meus olhos encontram os dele. — Eu deixei você ontem à noite, e você já tem Jax Mayson em sua casa, tomando banho? Agora você pergunta o que faço aqui?

Suas palavras me dão um soco no estômago, enquanto seus olhos vagueiam sobre mim, na minha longa camisa que esconde os boxers que eu visto. Ele balança a cabeça e murmura, — Cadelas, — se afastando.

Fico lá por um segundo enquanto meu estômago se arrasta até a minha garganta, e vejo-o abrir a porta de sua caminhonete. Minha mente sofrendo com o que ele disse.

— Você disse que o nome dele é Jax Mayson, certo? — Grito, ele olha para mim, então balança a cabeça. — Bem, seu babaca, meu nome é July Mayson. Ele é meu primo e você é um maldito canalha, — eu grito, fecho a porta e saio marchando pelo corredor até o meu quarto, rapidamente pegando meu uniforme, e então meus sapatos. Nem sequer me preocupo com maquiagem. Eu só amarro meu cabelo em um rabo de cavalo, vou ao banheiro de hóspedes e bato na porta, avisando a Jax que vou sair e para ele trancar a casa.

Pego minha bolsa, saio marchando para a garagem, puxo o capacete, e enfio minha bolsa debaixo do assento. Coloco o capacete e pressiono o controle remoto da garagem. Subo na moto, ligando-a, em seguida, saio da garagem, notando que Wes ainda está na minha garagem. Fecho a garagem, empurro o controle remoto no bolso ao mesmo tempo em que mostro o dedo para ele, tentando matá-lo com os lasers que posso sentir saindo de meus olhos.

Quando chego ao meu trabalho, olho para o meu telefone e vejo que Wes ligara a cada poucos minutos desde que saí minha casa. Desligo a coisa estúpida e sigo para o prédio. No momento em que alcanço a porta da frente, eu vejo uma grande massa negra na frente das portas duplas e meu coração afunda imediatamente, porque sei exatamente o que é. Já tive um dia horrível; isso só torna as coisas piores.

— Ei, cara, — sussurro, agachando na frente do cão que está sangrando pela boca e orelhas. Sua cabeça mal levanta e logo cai no chão novamente, fechando seus olhos. Chego mais perto e posso ver que sua respiração é fraca e espaçada, e o sangue saindo de seu nariz me diz que ele não vai sobreviver. Vou à parte de trás do prédio, passo pela porta dos fundos, deixo a minha bolsa, e pego uma pequena maca. Levo-a na frente, coloco-o cuidadosamente sobre ela antes de levá-lo para dentro.

— Mais um? — Kayan pergunta enquanto verifico-o, vendo se há algo que eu possa fazer para salvá-lo antes de, relutantemente, sacrificá-lo.

— Sim, — sussurro, me forçando a aceitar que não há nada que eu possa fazer. Lágrimas começam a encher meus olhos, mas luto contra elas e faço o meu trabalho, certificando de que ele está confortável antes de aplicar a injeção que irá ajudá-lo a dormir e nunca mais acordar novamente.

— Você quer que eu ligue para o seu tio e peça que ele venha aqui? — Kayan pergunta à medida que caminhamos em direção à recepção.

— Não, eu liguei. Ele está verificando as câmeras que colocou. Disse que vai passar em algum momento hoje.

— Você está bem? — Pergunta ela, olhando para mim.

Deixo escapar um longo suspiro, então conto a ela o que aconteceu com Wes ontem à noite e esta manhã. Quanto mais eu falo, mais a boca dela se abre, e quando termino, sua mandíbula está quase batendo no chão.

— Então, não, eu realmente não estou bem, — digo a ela.

— Aposto que não, — ela murmura, em seguida, endireita-se em seu assento. — Então, você realmente não o beijou?

— Não.

Balanço minha cabeça e rio quando ela sussurra, — Wow.

— Ele é um idiota, e estou feliz por descobrir agora, em vez de mais tarde.

— Sim. — Ela balança a cabeça, em seguida, seus olhos ficam brilhantes. — Então, como Jax parece vestindo nada além de uma toalha?

— Você sabe que ele é meu primo, certo? — Eu franzo a testa para ela.

— Seu primo é quente.

— Você está iludida. — Reviro meus olhos, então caminho pelo corredor, gritando que eu estarei na parte de trás.

~~*

— Então, viu alguma coisa na câmera?

— Nada, garota, — meu tio Nico diz com um suspiro.

— Não sei o que devo fazer, — murmuro. Assisti ao vídeo que ele gravara, a única coisa que dá para ver são as lanternas traseiras, e depois, a imagem de alguém vestindo jeans e um moletom preto levando o cão e colocando-o na frente das portas duplas.

— Você não fará nada.

— Ok, — eu digo, mas um plano começa a formar na minha cabeça.

— Nós vamos resolver isso, garota. — Ele me dá um abraço e eu o abraço de volta, então o levo na frente e o vejo se afastar em sua caminhonete. Depois, vou até o lugar onde Kayan ainda observa da porta.

— Ele é muito gostoso para um cara velho.

— Você pode parar de cobiçar mais membros da minha família? — Eu rio.

— Que seja. — Ela sorri, em seguida, seu rosto fica sério. — Então, ele te disse alguma coisa?

— Nada, mas tenho uma ideia. Como você se sente sobre ter uma emboscada comigo?

— Uma emboscada? — Seus olhos brilham e um sorriso se espalha por seu rosto, tornando marcantes suas já belas características. — Inferno sim, eu estou dentro.

— Ok, vamos começar amanhã.

— Bom. Hoje à noite, nós podemos ir às compras.

— Compras para quê? — Pergunto, e ela olha para mim como se eu fosse louca.

— Precisamos de material. Precisamos de roupas pretas e uma câmera, talvez algum tipo de dispositivo que nos permita saber quando alguém está vindo. Não sei ao certo, mas estou pensando que a loja da polícia terá algumas coisas que possamos usar.

— Eu só queria sentar no meu jipe e esperar até que alguém viesse. — Eu franzo a testa, e ela solta um bufo de ar.

— Você tem muito a aprender.

— E onde você conseguiu o seu conhecimento de emboscada?

— TV. — Ela encolhe os ombros, em seguida, olha para a esquerda quando o sino sobre a porta toca. — Uh oh, — ela sussurra quando Wes entra.

— Posso falar com você por um segundo? — Pergunta ele, quando seus olhos me encontram.

— Desculpe, você tem hora marcada? — Pergunto, inclinando a cabeça para o lado, estudando-o.

Seus olhos vão para Kayan e ele se inclina ligeiramente por cima da mesa. Pega o calendário que está na frente dela e olha, puxa uma caneta do frasco que está na extremidade da mesa e escreve seu nome em um dos quadros.

— Parece que tenho hora marcada. — Ele coloca o calendário na mesa.

— Ótimo, siga-me, — murmuro, levando-o para uma das salas de exame. Assim que entramos, eu vou para o lado oposto ao dele. — O que posso fazer por você, Sr. Silver? — Levanto uma sobrancelha, usando o sobrenome dele que descobri ontem, quando preencheu a papelada.

— Foda-se. — Ele passa a mão sobre a cabeça descendo até a mandíbula, que está coberta com restolho, me fazendo querer esfregar contra ele.

Não, você não quer esfregar contra ele, eu me lembro.

— Não tenho o dia todo, — digo, olhando ao relógio para marcar um ponto.

— Eu não devia ter saltado para conclusões.

— Realmente?

— Eu fui querendo vê-la, e Jax abriu a porta em uma porra de toalha, então vem você, apenas de camisa. Eu vi vermelho.

— Eu tinha shorts.

— Perdão?

— Eu tinha shorts sob a minha camisa, — digo, e me pergunto o motivo, porque, sério, não importa, absolutamente.

— Eu não deveria ter dito o que disse.

— Não, você não deveria.

— Você pode me perdoar? — Pergunta, e vejo que ele é sincero. Tenho certeza que parecia assim para ele, e ainda estou chateada, mas no final do dia, não importa.

— Absolutamente, desculpas aceitas. — Estico a minha mão e ele olha para ela, suas linhas de expressão se aprofundando.

— Foda-se, — ele sussurra, e levanta o seu olhar para me encarar novamente.

— Bem, se isso é tudo, eu realmente preciso voltar ao trabalho. — Ando até a porta e a abro. — Vejo você por aí, Wes. — Saio, então vou para uma das outras salas de exame. Ouço Kayan falando enquanto espero atrás da porta fechada, até que ouço o alarme da porta da frente, deixando-me saber que ele se foi. Só então eu saio da sala.

— Então, seu motociclista apenas arruinou todo o meu calendário, — resmunga Kayan, e espreito sobre o balcão para ver sobre o que ela está falando, e todos os dias ao meio-dia, diz *Almoço com Wes*.

— Não vai acontecer, — digo a ela, e ela me olha com ar de dúvida. — Falo sério.

— Ok, — ela sussurra, olhando para o papel, mas ainda posso ver o sorriso em seus lábios.

— Preciso de uma bebida.

— Sim, uma bebida a altura do motociclista quente.

— Cale a boca, — murmuro, enquanto decepção flutua através do meu sistema. Wes era quente e irritável, e, obviamente, um homem com problemas, por isso, infelizmente, nós nunca exploraremos as coisas, mas isso não significa que eu não queria que as coisas fossem diferentes.

— Seu paciente das duas horas está aqui. — Kayan diz e saio do meu torpor.

— Obrigada. — Então, sorrio para a família do meu paciente antes me ajoelhar para cumprimentar Cloyed, um Yorkie muito energético que me faz desejar que os homens fossem tão fáceis de entender quanto os cães.

O resto do dia passa rapidamente entre pacientes e trabalho que preciso atualizar. Não deixo o prédio até que esteja escuro lá fora, deixando Kayan ir às compras sozinha, o que lamento na noite seguinte, quando ela me mostra o que pegou.

— Eu não usarei isso. — Olho para o body completamente preto que Kayan acabou de puxar da sacola que ela colocou na minha cama.

— Você vai. — Ela sorri, em seguida, caminha para o banheiro e volta alguns minutos depois vestindo um body preto combinando, o qual é aberto revelando o seu decote, e um par de botas pretas que vão até o joelho, com saltos de sete centímetros. Seu cabelo preto está preso em um rabo de cavalo alto, e ela colocou manchas negras sob os olhos.

— Vamos lá, vá se vestir. — Ela me empurra em direção ao banheiro, vou a contragosto e franzo a testa quando coloco a roupa. Não tenho nenhuma ideia de como a deixei me convencer disso. Deixo meu cabelo solto. O body revela cada curva e celulite que eu tenho. Não tenho escolha, a não ser deixar a parte de cima aberta, porque os meus seios são tão grandes que o zíper é susceptível a quebrar. Quando saio, ela está no meu armário e sai com um par de botas que usei uma vez no Halloween. Elas são, basicamente, botas de stripper, brilhantes e com saltos de doze centímetros.

— Não tenho certeza sobre isso. — Eu franzo a testa.

— Nós precisamos nos misturar, — ela me diz, e a minha carranca aumenta.

— Misturar onde? No clube de strip? — Pergunto, e ela ri, entregando-me as botas que relutantemente eu calço.

Entramos no meu jipe e vamos ao escritório, estacionamos em um local completamente escuro. Passa das dez da noite, e pelas imagens de vídeo, eu sei que quem deixou o último cão fez isso depois da meia noite.

— O que é isso? — Pergunto quando Kayan puxa uma sacola do banco traseiro.

— Suprimentos, — ela murmura distraidamente e começa a puxar coisas para fora. A primeira é uma câmera que ela coloca no painel. Em seguida é um par de walkie-talkies que coloca ao lado da câmera, e, então, uma garrafa térmica e uma caixa de donuts que segura no colo.

— Acho que você está levando isso muito longe.

— O cara da loja policial nem sequer me deixou ter tudo o que eu queria.

— O quê? — Eu ri.

— Eu queria ter uma daquelas coisas que você rola para fora para furar pneus, mas ele disse que eu precisava ser um policial para comprá-los, juntamente com bombas de fumaça.

— Ugh. — Olho para ela e ela sorri.

— Isso será muito divertido, — ela sussurra; balanço minha cabeça e olho através do parabrisa. À uma hora eu estou quase pronta para desistir e ir para casa quando luzes brilham e um carro para no estacionamento. Bato em Kayan, que havia caído no sono depois de comer toda a caixa de donuts e beber toda a garrafa térmica de chocolate quente.

— O quê? — Ela murmura, e cotovelo-a novamente.

Sua cabeça levanta quando eu assobio, — Eles estão aqui.

— Oh merda, — ela sussurra, puxando a câmera do painel.

Pego o meu telefone e ligo para um dos veterinários, Mark, que tem trabalhado comigo ao longo dos últimos meses. Digo que ele precisa ir ao meu escritório e cuidar do cão que acabaram de deixar, e para ligar para o técnico veterinário de plantão. Ele concorda, e vejo quando a pessoa deixa o cachorro cair na porta, em seguida, voltar ao caminhão.

Tudo em mim quer ir para o pobre cão, mas sei que logo haverá alguém vindo para ajudá-lo, para que eu possa seguir a caminhonete. Preciso ver se consigo descobrir mais alguma informação. Quando a pessoa volta a caminhonete e sai, eu me certifico que meus faróis estão desligados antes de ligar o Jeep e seguí-lo.

— Eu me pergunto aonde ele vai, — digo, quando saímos da cidade em direção a uma das estradas vicinais.

— Não sei, — ela murmura, olhando a caminhonete à frente, a qual para em um grande estacionamento cheio de carros. E é quando me lembro de que é uma noite de sexta-feira. Estaciono a alguns lugares atrás dele, e aguardo o motorista sair antes de abrir a porta do meu jipe. Eu o vejo, observando o que ele está usando para que eu saiba o que procurar se o perder de vista lá dentro.

— Só para você saber, eu estou te demitindo na segunda-feira, — digo a Kayan quando percebo a roupa que tenho.

— Você parece quente, — ela sussurra, mas posso dizer que ela está nervosa também.

Balanço minha cabeça, bato a porta, e entro no prédio. No momento em que passo pela porta, a música country alta atinge meus ouvidos. Eu sigo o cara em direção ao bar, sentindo cada pessoa no bar olhando para Kayan e eu. Inferno, se

eu fosse eles, eu olharia também. Não é todo dia que você vê duas garotas vestidas como mulheres-gato entrando em um bar do interior.

— Seu pai está no fundo, cara, — o barman diz para o cara que seguimos aqui. Ele parece ter vinte e cinco, provavelmente. Ele tira o chapéu e passa a mão sobre seu cabelo, em seguida, levanta e começa a caminhar em direção a parte de trás do bar. Começo a segui-lo quando um braço passa ao redor da minha cintura e uma respiração sussurra contra meu ouvido.

— Aonde você vai, garota bonita?

Acotovelo o cara me segurando, em seguida, giro, agarro a mão de Kayan, puxando-a comigo para o banheiro, dizendo. — Você realmente será demitida. — Quando o meu olhar se conecta com Wes, que está de pé perto de uma mesa de bilhar conversando com um cara, seus olhos me varrem, e até mesmo do outro lado da sala, posso ver a raiva nas suas belas feições.

— Oh não, — sussurra Kayan, e me lembro de começar a procurar uma nova recepcionista e melhor amiga na segunda-feira, após fazer um transplante de rosto.

— Corra, — eu respiro.

— O quê?

— Eu disse, corra! — Grito, e nós duas começamos a virar em direção à frente do bar. Seguimos pelo corredor, quase à liberdade, quando sou, de repente, puxada para trás em um corpo rígido.

— O que diabos você está vestindo? — É rosnado perto da minha orelha, fazendo todo o meu corpo tremer.

— O que você faz aqui? — Pergunto, tentando fugir.

— Z, cuide dela, — Wes diz para um cara alto, careca e com tatuagens que correm a partir do pescoço descendo pelos braços, o que você pode ver a partir da camisa branca e colete de couro. Seus músculos do braço parecem ainda mais intimidantes quando ele levanta, cruza os braços sobre o peito e olha para a minha melhor amiga muito petite.

— Isso não é necessário; nós estávamos saindo, — eu digo quando sou levada para o banheiro dos homens e atravesso uma porta de vaivém.

— Fora, — Wes rosna para alguns caras que estão em pé perto dos mictórios. Todos olham entre Wes e eu, fecham suas calças rapidamente, e depois correm para fora.

— Isso foi rude, — murmuro, então minha respiração sai em uma lufada quando meu corpo é pressionado contra a parede atrás de mim.

— O que você faz aqui, July? — Ele ruge.

Sinto a vibração de suas palavras contra o meu peito enquanto ele fala, e ignoro as borboletas eclodindo no meu estômago desde que o vi. — Eu queria aprender a dança típica? — Minha resposta soa mais como uma pergunta.

— Não minta para mim. — Ele me aperta mais, e posso sentir cada polegada dura dele através do tecido fino do body. Prendo a respiração e fecho os olhos com força, tentando acalmar o meu corpo. — Existem alguns caras fodidos aqui agora, baby, e você não pode estar aqui.

Abro os olhos e procuro seu rosto. — Você está em apuros? — Pergunto, e seus olhos me varrem quando ele murmura, — Sim, — fazendo meu interior liquefazer.

— Wes, você está muito perto, — choramingo, sentindo como se sua presença estivesse me sufocando.

— Não é perto o suficiente, baby, — ele sussurra, suas mãos emoldurando minha cintura me imprensando ainda mais, e sua ereção pressiona minha barriga.

— Oh, Deus, — eu gemo enquanto seu rosto abaixa e sua boca paira sobre a minha, sua respiração pincela em meus lábios, fazendo-me desejá-lo de uma forma que eu nunca, jamais imaginei ser possível.

— Não, — digo a ele, fechando os olhos, e depois de um longo momento, eu os abro e encontro seus olhos quando percebo que ele não me beijou como eu esperava.

— Eu vou te acompanhar ao seu carro. Quero que você vá direto para casa e nunca volte aqui novamente, — ele diz, colocando sua testa na minha.

— Eu...

— Não, baby, você precisa jurar que nunca voltará aqui novamente.

— Eu não voltarei.

— Vamos. — Ele me puxa com ele e me leva para fora do banheiro. Kayan está encostada na parede, olhando para o chão, enquanto o motociclista *Z* está em pé, bloqueando-a da vista de todos.

— Eu me lembro de você, — digo a Z, percebendo que ele é o cara que me pegou como se eu fosse tão leve quanto uma pena no dia em que acertei Wes com o taser. Ele sorri, em seguida, olha para Wes e balança a cabeça.

— Vamos tirar as meninas daqui, e então voltaremos para terminar, — Wes diz.

— Claro, — murmura Z, envolvendo uma mão em torno da cintura de uma Kayan lutando e andando na frente em direção a saída do bar. Tento tirar os dedos de Wes da minha cintura conforme caminhamos, mas ele só me aperta mais. Minhas pernas trabalham dobrado para acompanhá-lo em razão das botas que calço, e deixo escapar um suspiro de alívio assim que alcanço o meu jipe.

— Você é tão tímida quanto um filhote. Acho que nunca tive alguém tímido assim em minha cama, — ouço Z dizer quando entramos no jipe. Olho para Kayan, que tem os olhos apontados para seu colo, mas posso ver que há rubor cobrindo seu rosto. — Seja boa, Kitten, — Z ressoa, fechando a porta. Começo a fechar a minha própria porta quando um corpo me prende em meu assento.

— Direto para casa.

— Direto para casa, — repito, em seguida lambo meus lábios quando percebo o quão perto sua boca está.

— Temos uma merda para trabalhar, mas eu chegarei lá, — ele me diz. Meus olhos levantam para encontrar o dele, e meu coração começa a bater mais forte ao ver a promessa em seus olhos. Sua cabeça mergulha para o lado e os lábios escovam meu ouvido, fazendo meu núcleo convulsionar. — Seja boa.

Aceno minha cabeça quando a minha voz some. Ele se afasta e bate a minha porta. Ligo o meu Jeep e saio do estacionamento, então, olho para Kayan quando estou no sinal de Pare. Quando seus olhos encontram os meus, um sorriso surge em seu rosto.

— Foi assustador, mas, oh, meu Deus, — ela suspira, me fazendo rir.

— Nada mais de vigilâncias, — digo a ela.

Ela sorri e sussurra, — Nada mais de vigilâncias.

Capítulo 04

Eu ligo para Mark no caminho de volta para a cidade, e ele me diz que não foi capaz de salvar o cachorro abandonado. Meu coração se parte novamente por outro cão. Eu me comprometo, então, a chegar ao fundo do que está acontecendo, mesmo que seja a última coisa que eu faça.

— Vejo você segunda-feira, — Kayan murmura solenemente quando paro na frente de minha casa, desde que eu desliguei o telefone com Mark, a energia no carro mudou.

— Vejo você segunda-feira, — digo a ela, desligando meu carro e indo em direção a casa. Eu a observo se afastar antes de entrar e fechar a porta.

— Hey Juice. — O pego na pequena mesa e pressiono o meu rosto em seu pelo conforme entro no quarto. O coloco na minha cama, em seguida, retiro a bota e o body antes de encontrar uma camisa velha e ir para a cama.

Fico ali por um longo tempo, olhando para o teto, e logo quando estou prestes a cair no sono, há uma batida na porta, e ouço Wes gritar, — Abra! — Tropeço fora do meu quarto e vou à porta da frente para ver que ele está ali de pé com Z, o qual tem seu braço em volta dos ombros de Wes.

— O que está acontecendo? — Pergunto sonolenta.

— Ele levou um tiro.

Meus olhos vão para Z, em seguida, se arregalam quando vejo que ele segura uma toalha no ombro e está ensopada de sangue. — Você precisa ir para o hospital.

— Não é possível.

— Wes, eu sou uma veterinária, não uma médica.

— Jesus, — resmunga Z, e Wes pressiona suavemente a mão em minha barriga e me empurra para fora do caminho enquanto caminha para a casa, o ajudo a sentar-se em uma das minhas cadeiras brancas na cozinha, a qual range ao ceder com o seu peso.

— Baby, — Wes vem e fica na minha frente, as palmas das mãos seguram suavemente meu rosto enquanto ele aperta minha bochecha para que meus olhos se concentrem nos seus e não em Z. — Preciso que você o ajude. A ferida é limpa, por isso, tudo que você precisa fazer é costurá-lo.

— Wes, — sussurro, afastando meu olhar dele e olhando para Z.

— Olhe para mim. — Eu faço, e seu rosto abaixa para o meu. — Preciso de sua ajuda, baby.

Avalio seu rosto e sussurro, — Ok, — e depois de limpar minha garganta. — Preciso ir à clínica e pegar suprimentos. Não tenho nada aqui.

— Eu te levo.

— Não, você fica com ele. Voltarei rapidamente. — Vou para o meu quarto e entro em um par de jeans, uma camiseta e tênis. Passando pelos caras vou para a garagem e abro a porta, e é aí que vejo que estou bloqueada pelo SUV de Wes.

— Eu te levarei, — diz Wes, aparecendo na garagem. Ele pega a minha mão, me leva para o lado do passageiro de sua caminhonete, e me ajuda a entrar antes de correr para o seu lado. Demora menos de cinco minutos para chegar à clínica, e quando chegamos meu corpo treme de energia nervosa.

Nunca dei qualquer tipo de ponto em um paciente humano antes, ou estive perto de alguém que foi baleado.

— Ficará tudo bem, — Wes diz, colocando a mão nas minhas costas enquanto abro a porta dos fundos. Vou direto para a sala de abastecimento e reúno as coisas necessárias em uma sacola de compras antes de trancar o prédio e ir para a casa. Quando chegamos, Z ainda está sentado à mesa, mas agora ele tem a garrafa de Jack que minha irmã June e eu compramos quando ela veio da faculdade para casa.

— É melhor você não me castrar, menina. — Z sorri, e suas palavras fazem deslizar um pouco da ansiedade que eu sentia e um riso borbulhar da minha boca.

— Você provavelmente precisará ser castrado, — digo, e ele sorri, então olha as coisas que eu começo a colocar sobre a mesa.

— Posso perguntar como isso aconteceu? — Questiono suavemente, puxando a toalha de seu ombro e olhando a ferida.

— Não, — diz Wes, puxando uma cadeira e sentando.

— Você não acha que eu tenho o direito de saber quando você aparece na minha casa nas primeiras horas da manhã me pedindo para costurar um cara com uma ferida de bala enquanto se recusam a levá-lo ao hospital? — Estreito meus olhos para ele, e ele nem sequer pestaneja.

— Nada que você precise se preocupar. — Ele olha para Z, e vejo algum tipo de conversa silenciosa acontecendo entre os dois, o que me irrita.

Despejo um pouco de álcool em um pedaço de gaze e começo a limpar a ferida enquanto olho para Wes. — Esta é a última vez que eu te vejo, — digo a ele, embora as palavras deixem um sabor amargo na minha boca.

— Você já sabe que não acontecerá, July, — diz ele, sua mandíbula apertada.

— Não. — Balanço minha cabeça, pegando um novo pedaço de gaze para limpar a parte de trás do ombro. — Duas vezes você me chamou de cadela sem motivo. — Balanço minha cabeça, em seguida, viro, assim meu olhar encontra o dele. — Você me fez sentir um lixo quando encontrou meu primo em minha casa.

— Eu...

— Não, — o corto antes que ele possa dizer qualquer coisa. — Você nem sequer perguntou; você só tirou conclusões precipitadas. — Termino de limpar a ferida de Z, então olho para Wes novamente. — Então, você aparece na minha casa e me pede um favor, recusando a dizer-me qualquer coisa. Então, sim, esta é a última vez que vemos um ao outro. Eu acho que é óbvio, não temos razão para ficar em contato, — murmuro a última parte, em seguida, franzo a testa quando vejo Z sorrindo para mim.

— Você está tão fodido, irmão, — ele murmura, olhando para Wes. Eu os ignoro e começo a enfiar a agulha. Não demora muito tempo para fechar a ferida, e estou surpresa que Z nem sequer pestanejou enquanto eu trabalhava nele. Até o momento em que coloco um curativo sobre a ferida, o sol está começando a subir,

lançando um brilho laranja em toda a sala, e meus olhos estão tão pesados que eu mal posso mantê-los abertos.

— Obrigado, mocinha, — Z ressoa, levantando.

Tropeço no meu pé na frente dele, uma mão desliza em volta da minha cintura e Wes me leva para o quarto. — Vá lavar-se e ir para a cama, baby. Vou limpar a bagunça. — Aceno a cabeça, nem mesmo me importando. Neste ponto, meu corpo está completamente exausto. Eu estou correndo no vazio[4], e nem mesmo o café poderia me ajudar agora.

Entro no meu banheiro e tomo um banho rápido, em seguida, pego meu robe na parte de trás da minha porta do banheiro, sem sequer me preocupar com a roupa, e subo na cama, onde adormeço imediatamente.

Acordo com o cheiro de bacon, e rolo para o meu lado, ficando cara-a-cara com Capone, que olha para mim com a língua para fora de sua boca.

— O que você faz aqui? — Eu me sento e olho para o relógio, vendo que é depois das três da tarde, e depois olho ao redor do quarto, me certificando que eu simplesmente não sonhei ter chegado em casa ontem à noite.

Capone sobe no meu colo e lambe meu rosto, em seguida, salta da cama e sai pela pequena abertura na porta.

Levanto-me, amarro meu robe mais apertado em volta de mim, abro a porta do quarto e atravesso a sala de estar. Sigo para a cozinha e paro estática ao ver um Wes sem camisa, de pé, na frente do fogão, vestindo apenas um par de calças jeans e colares que paira entre seus peitorais, sendo uma cruz e placas de identificação. Eu pisco, tentando limpar minha cabeça quando meu corpo reage à aparência dele.

— Você está acordada.

Levanto meus olhos e observo a barba por fazer e a maneira como seus olhos são serenos, como se ele tivesse acabado de acordar também. — O que você faz aqui?

— Um dos irmãos veio e pegou Z ontem à noite e eu fiquei, de modo que teríamos uma chance de conversar quando você se levantasse.

---

4 Falta de energia, de entusiasmo.

— Por que Capone está aqui? — Pergunto, quando o cão se senta aos pés de Wes, olhando entre nós dois.

— Eu fiz que o deixassem. Não gosto da ideia dele estar na minha casa sozinho por tanto tempo.

— Oh, — murmuro, passando os braços ao redor de mim.

— Não sou bom nesse tipo de coisa, — diz ele, e sinto meu nariz enrugar. — Como você pode ter notado, eu posso ser duro e tirar conclusões precipitadas. Mas posso admitir quando estou errado e quando eu fodi. Já fiz ambas as coisas com você mais vezes do que desejo contar. Não vou pedir desculpas por ser eu, mas vou pedir desculpas por ser um idiota. Você não merecia isso.

Uau. Ok, eu não sabia como me recuperar disso. Nunca esperei que ele pedisse desculpas e admitisse ter sido um idiota.

— Quanto à noite passada, não vai acontecer. Eu aprecio você ajudando Z, mas esta não é uma situação que eu gostaria de vê-la envolvida.

— Obrigada por se desculpar. — Mordo o interior da minha bochecha, sem saber o que eu deveria dizer ou fazer, e meu estômago toma esse momento para me lembrar de que eu não comi nada a mais de 24 horas, interrompendo o momento com um rugido alto.

— Sente-se, eu fiz o café. — Ele aponta para a mesa da cozinha e eu sento, e no segundo que minha bunda atinge a cadeira, imediatamente percebo que estou sem calcinha debaixo do meu robe, o qual não é exatamente muito comprido. Ele traz o prato e coloca-o na minha frente antes de eu ter a chance de me levantar e ir para o meu quarto. Ele volta um segundo mais tarde, colocando uma xícara de café. Pega um prato para ele e uma xícara de café, coloca na mesa ao meu lado, e senta-se ao meu lado, sua perna coberta com jeans esfregando contra a minha coxa nua. Aperto minhas pernas juntas tão forte quanto posso e eu pego o café na minha frente, tomando um gole.

— Está tudo bem?

— Perfeito, — murmuro, em seguida, olho para o meu prato. — Você fez isso? — Eu olho para ele e para baixo, para a perfeita omelete que está no meu prato ao lado de duas fatias de bacon cozido à perfeição.

— Eu fiz. — Ele sorri, dando uma mordida no dele e sigo o exemplo, gemendo quando o sabor bate minha língua.

— Caramba, você pode cozinhar, — murmuro, dando outra mordida, então cruzo a perna sem pensar. O garfo que estava a meio caminho da boca dele pausa e seus olhos caem para minha coxa direita. Rapidamente descruzo as pernas e puxo o meu robe para me cobrir.

— Por favor, me diga que você tem algo sob essa coisa, — ele rosna, e a profundidade de suas palavras vibra entre as minhas pernas.

— Eu...

— Foda-se, — ele corta, fazendo-me saltar um pouco. Ele levanta da mesa e caminha até a geladeira. — Vá colocar algo antes que eu coloque o seu pequeno traseiro em cima da mesa e coma você no café da manhã, — ele rosna, cerrando os punhos em seus lados.

SANTA MERDA. Meu pulso dispara, e sinto meu núcleo apertar com as suas palavras e a maneira como ele está se segurando. — Eu...

Começo a... não sei, me desculpar, quando seus olhos brilham novamente e ele rosna, — Agora, — fazendo-me saltar do meu assento e correr para o meu quarto.

— Puta merda, — sussurro. Vou para o meu armário e pego uma calcinha e sutiã, vestindo os dois rapidamente. Então vasculho meu armário até encontrar um par de calças de moletom, e visto com uma camisa antes de lentamente voltar para a cozinha.

— Está melhor? — Pergunto, permanecendo de pé até que eu saiba que estou segura.

Seus olhos me varrem e ele acena com a cabeça, então sento, pego meu café, e trêmula, tomo um gole.

— Até eu chegar lá, e quero dizer *realmente* chegar lá, você precisa vestir roupas quando eu estiver por perto.

— Esta é a minha casa, — murmuro, ignorando a parte sobre ele entrar em mim, porque essa imagem faz todo o meu corpo aquecer, e eu podia sentir-me ficando vermelha somente com o pensamento.

— Nunca disse que não era, baby, — ele murmura, sentando ao meu lado.

Tento pensar em algo para dizer, mas minha mente está tão concentrada em apenas tentar respirar que nada vem.

— Você quer me dizer por que estava vestida como a Mulher Gato ontem à noite no Mamma's Country?

— Não, — respondo imediatamente, definitivamente não quero preencher o silêncio com essa conversa.

— Por que você estava lá, July? — Ele pergunta com mais firmeza.

— Então, você não me diz por que apareceu na minha casa ontem à noite, mas espera que eu diga o que aconteceu? — Abaixo meus olhos para o meu prato, dizendo, — Não é plausível, — sob a minha respiração.

— É sobre os cães? — Ele pergunta suavemente enquanto seus dedos levantam o meu queixo, fazendo o meu olhar se encontrar com o dele. — Fale comigo. — A doçura de sua voz e a suavidade em seus olhos faz as palavras saírem.

— Na manhã que Jax estava aqui, havia outro cão abandonado do lado de fora da clínica.

— Foda-se, eu sinto muito, baby, — diz ele, seus dedos correndo pelo meu rosto, e eu tento ignorar a sensação do seu toque.

— Eu quero descobrir quem está fazendo isso. — Abaixo meu olhar quando sinto as lágrimas picarem meu nariz ao pensar nos animais indefesos que perderam suas vidas apenas para que um idiota pudesse ter alguns minutos de entretenimento. — Eu vou descobrir quem está fazendo isso.

— Você acredita que a pessoa que está ligada aos cães estava no bar na noite passada? — Ele pergunta suavemente.

Concordo com a cabeça, ainda olhando para o meu prato. — Kayan e eu seguimos o cara após ele abandonar outro cão.

Ele solta uma baforada de ar alta e posso sentir a mudança de energia. — Não vá lá novamente. — Minha cabeça levanta e nossos olhos se conectam. — Eu sei que você não tem nenhuma razão para confiar em mim ainda. — Seus olhos caem na minha boca, seu polegar toca a ponta do meu lábio inferior, antes de encontrarem os meus novamente. — Mas preciso que você me prometa que não voltará lá.

— Por quê? — Pergunto baixinho.

— Baby — Ele balança a cabeça, em seguida, franze a testa quando começam a bater na porta. — Quem é?

— Não sei. — Eu me levanto e vou até a porta quando Wes me puxa para ficar atrás dele e abre-a.

— Você quer viver, Silver? — Jax pergunta, empurrando o seu caminho para a minha casa.

— Foda-se, Mayson, — Wes responde, e Jax olha para mim, em seguida, balança a cabeça, olhando para Wes novamente.

— Você me disse que falava sério sobre a minha prima, e então você a deixa andar diretamente para o covil da cobra, porra, onde alguém poderia vê-la? — Jax pergunta, meus olhos vão entre ele e Wes, e sinto minhas sobrancelhas se juntarem.

— Não vá lá, — Wes rosna.

— Você, — Jax vira para mim e balança a cabeça, — o que diabos você estava pensando?

— O quê? — Pergunto; confusa.

— Por que você estava no Mamma's Country ontem à noite?

— Uh...

— Não tenho tempo para tomar conta de você, — Jax rosna.

— Espere um maldito minuto. — Coloco minhas mãos em meus quadris e o enfrento. — Eu nunca, *nunca* pedi para você cuidar de mim, então precisa descer desse enorme cavalo que você montou e recuar.

— Você é família.

— E? — Pergunto, abrindo ainda mais os meus olhos.

— Tio Asher sabe que você está vendo Silver? — Pergunta ele, meu corpo congela e meu coração acelera.

— Eu não estou vendo ele. — Mordo o interior da minha bochecha. Eu não estava tecnicamente mentindo, estava? Espreito a Wes, que franze a testa, então balanço minha cabeça para olhar para Jax.

Ele rosna, — Dois dias seguidos ele esteve aqui na parte da manhã.

— E?

— E, eu não contei ao meu pai ou a qualquer outro.

— Eu não contei para ninguém sobre todas as mulheres que você tem dentro e fora de sua casa, — digo a ele.

— Eu sou um cara. Ninguém se importa.

— Sua mãe se importaria. — Sorrio. Tia Lilly chutaria a bunda dele se soubesse como ele passou por mulheres.

— Você acha que minha mãe é burra?

Ok, ele está certo. Tia Lilly sabia que ele nunca esteve em um relacionamento sério, mas ainda não gostava. — Que seja. Afastamo-nos do ponto, — eu digo, cruzando os braços sobre o peito.

— Sim, o ponto é que *ele,* — aponta para Wes, — deveria garantir que sua bunda não estivesse nem perto do Mamma's Country ontem à noite, ou, aliás, qualquer noite.

— Gostaria de lembrá-lo que eu sou uma mulher adulta.

— Você também é uma mulher que não tem ideia do tipo fodido de pessoas que existem neste mundo.

— Eu não sei? — Pergunto, estreitando meus olhos nele.

— Você não sabe, — ele confirma, cruzando os braços sobre o peito.

— Toda semana eu recebo animais que foram abusados ou deixados para morrer na clínica. Animais indefesos que não podem se defender. Então, sim, eu sei o tipo de pessoas horríveis que vivem neste mundo. Não tenho óculos cor de rosa, Jax. — Engasgo com as últimas palavras quando as lágrimas enchem meus olhos.

Wes anda em minha direção e me puxa para ele, enfiando a minha cabeça debaixo do seu queixo.

— Eu conversava com ela sobre ir lá quando você apareceu. Eu disse que a tinha, e eu faço. — Ouço e sinto Wes rosnar enquanto ele fala.

— Por que ela estava lá? — Jax pergunta.

— Alguém está deixando cães que estiveram em brigas do lado de fora do clínica. Ela seguiu um cara de lá até o bar na noite passada.

— Você acha que Snake está dentro? — Jax pergunta, e viro minha cabeça contra o peito de Wes para olhar para Jax.

— Não tenho certeza, mas não duvido, — Wes diz a ele.

— Você não está vendo-o? — Jax pergunta desconfiado, conforme seus olhos varrem sobre nós, e percebo que meus braços se enrolaram ao redor de Wes, meu rosto está pressionado contra o peito dele, e um dos seus braços está ao meu redor, com o outro segurando a parte de trás da minha cabeça.

— O que está acontecendo entre July e eu não tem nada a ver com você.

— Diga o que quiser, Silver. Você não tem ideia do tipo de homem que meu pai e tios são.

— Já namorei antes. — Eu franzo a testa, me afastando de Wes enquanto me defendo. *Não que isso importe,* eu me lembro. Não estou namorando Wes, mas ainda assim. Sim, o meu pai é superprotetor, mas ele concorda que não sou uma menininha – ou devo dizer que a minha mãe o convence toda vez que ele esquece que não sou mais uma criança.

— Já, — ele concorda, e olha para Wes, — apenas não um cara como ele.

Ok, então ele tinha um ponto, mas eu cansei. — Você não tem um lugar para estar?

— Eu tenho, mas antes que eu possa ir fazer o meu trabalho, eu precisava vir aqui e controlar você.

— Bem, agora você pode sair, — digo a ele, abrindo a porta e estendendo a mão para ele sair.

— Se ela entrar em algum problema, você será o responsável, — Jax diz a Wes enquanto sai.

— Tchau. — Reviro meus olhos e fecho a porta, ficando cara-a-cara com Wes, que está sorrindo.

— Você quer terminar café da manhã e ir a um passeio comigo?

— Um passeio? — Pergunto, desconfiada, e seus lábios se alargam.

— Apenas um passeio.

Eu o avalio por um momento, e, como toda vez que ele está próximo, meu instinto me puxa em direção a ele, me dizendo que se eu perder a promessa dele, eu vou me arrepender. — Claro, — eu concordo, ignorando o meu cérebro, o qual ruge para mim, dizendo que acabei de mudar o curso da vida como a conheço.

Capítulo 05

Agarro a cintura de Wes e as lembranças de hoje me lavam. Após terminarmos o café da manhã, eu fui me vestir com um par de jeans, meus Chucks cano longo, e uma regata preta. Quando entrei na sala de estar, Wes estava sentado no meu sofá com Juice e Capone, que de alguma maneira se tornaram melhores amigos. Vê-los todos sentados juntos fez tudo parar.

Quando menina, eu disse para mim mesma que o meu príncipe encantado gostaria de conduzir motos, ter um fraquinho para os animais e ser forte como o meu pai. Quando fiquei mais velha, percebi que teria mais chance de encontrar o Santo Graal do que o homem que eu imaginava para passar o resto da minha vida.

Não sabia muito sobre Wes ainda, mas sabia que ele era lindo, quando seus braços me envolveram quando eu chorava, me senti protegida, ele ama motos, e tinha um fraquinho por animais. Até agora, ele tinha mais coisa a favor dele do que os homens que eu pensei que seriam meu par perfeito.

A mão de Wes vindo descansar em cima da minha contra seu estômago tira-me dos meus pensamentos, e sinto essa sensação estranha no meu peito novamente, que de alguma forma me faz sentir como se eu estivesse conectada a ele de uma maneira que vai além desta vida. Quando a moto começa a reduzir, eu afasto meu rosto de suas costas e olho ao redor, percebendo que chegamos ao seu clube.

Hoje cedo, nós deixamos Capone e sua caminhonete na casa dele, que ficava cerca de dez minutos da minha casa. Ele morava em um dos mais novos prédios da cidade. Meu amigo Ken vive no mesmo prédio, então eu sei que as cozinhas são

abertas, com granito e aço inoxidável, e os quartos são grandes o suficiente para você não sentir como se estivesse em um apartamento. Quando chegamos em sua casa, eu não quis entrar e esperei perto de sua moto. Ele levou Capone e voltou alguns minutos depois com o capacete dele.

Ele me disse que não tinha nada em mente para o dia, só que queria dirigir, e eu estava completamente bem com isso. O sol estava claro, e havia uma brisa agradável no ar. Além disso, eu gostei da ideia de estar pressionada nele.

Após uma hora percorrendo as estradas rurais, ele parou em um pequeno barracão branco situado ao longo da rodovia, a placa oferecia cremes caseiros congelados. Nós descemos da moto, e ele não pegou nada para ele, mas pediu um cone para mim e roubou mordidas ocasionais quando nos sentamos sob um guarda-sol, comendo e rindo. Eu estava tendo o melhor tempo com ele; mais diversão do que já tive com um cara por quem estava interessada.

Tive três namorados. Um deles foi meu namorado do colegial, o cara para quem eu dei a minha virgindade. Ele era doce, mas quando eu fui para a faculdade, perdemos o contato. Ele ainda vive na cidade, mas não falamos. O meu segundo namorado estava na faculdade. Ele era um estudante de medicina que eu percebi que estava mais interessado na imagem de ter uma namorada do que realmente ter uma namorada. Nunca sequer nos beijamos, e sinceramente, acho que ele pode ter estado escondendo sua sexualidade de seus pais. Depois houve o meu último namorado, Harvey. Ele era bom o suficiente, mas também era chato... tão chato que eu poderia prever o que ele falaria antes que ele dissesse qualquer coisa, e eu nunca nem mesmo me preocupava em perguntar o que ele queria fazer, porque era sempre a mesma coisa.

Wes... ele não é nada como os homens que eu namorei. Nenhum deles andaria de moto, faria uma tatuagem, ou viveria uma vida onde fariam as malas e se mudavam para outro estado porque gostaram da sensação da cidade que atravessaram. Nenhum dos meus ex me deixou tão confortável como Wes. Nenhum deles me fez sentir da maneira que Wes me faz sentir. Basta um olhar e a minha pele esquentava e meu estômago afundava.

Após comermos o creme, ele me perguntou se eu queria ir a uma festa do clube com ele. Estive em festas, claro, mas festejar com motociclistas não era algo que eu já fiz. Mas eu odiava a ideia de estar sem ele, então eu concordei, e ele me

deixou em casa para que eu pudesse me vestir. Ele voltou uma hora mais tarde para me pegar.

Quando abri a porta da minha casa, encontrei-o vestindo suas botas pretas normais, um par de jeans que aparentemente foram lavados demasiadas vezes, com bolsos desgastados, e uma camisa preta que se encaixa como uma segunda pele, com seu colete sobre ela. Seu cabelo estava desarrumado como sempre, e seus olhos verdes escureceram ainda mais ao percorrerem o meu corpo.

Aquele olhar disparou uma emoção em mim. Arrumei meu longo cabelo como fiz no nosso primeiro encontro, mas desta vez, em vez de maquiagem simples, eu esfumacei meus olhos e passei brilho nos lábios, o que me fez sentir como uma raposa. Escolhi calças jeans azuis, tão escuras que quase pareciam pretas. Dobrei a barra e emparelhei com botas peep-toe, uma camiseta simples e um de meus grandes colares de pedras, ficando com aparência de mais arrumada do que realmente estava.

— Você está ok? — Ele pergunta, me tirando dos meus pensamentos quando sua mão passa por cima dos meus dedos, que ainda estão envolvidos em sua cintura.

— Eu estou bem. — Eu me afasto dele e desço da moto, olhando ao redor. Há anos não vinha nesta parte da cidade, e não estou realmente surpresa deste ser o lugar onde eles têm a sua sede de motociclista. Quando eu estava no colégio, toda esta área era um parque industrial. Mas ao longo dos anos, as fábricas fecharam, uma por uma, e os prédios vazios foram colocados à venda.

O exterior do edifício parece normal, com uma grande placa oferecendo *Reparação de Carro, Motocicleta e Peças*. Próximo a ele está um pequeno corredor e outro edifício. Sem sequer olhar, eu sei aonde vamos. Há um portão de metal que tem que ter, pelo menos, quatro metros de altura. Parece algo que você encontraria no set de *Jurassic Park*.

— Está tudo bem, — diz ele pegando a minha mão e me levando para o grande portão duplo. No outro lado, posso ouvir música alta e pessoas gritando e rindo. Começo a me sentir ansiosa quanto mais nos aproximamos.

Após o nosso primeiro encontro e o que aconteceu quando estávamos no jantar, o jeito que ele esqueceu completamente que eu estava por perto quando seu amigo apareceu, eu sei que se ele fizer isso comigo esta noite seria o fim. Não

haveria volta. E a ideia de que isso aconteça após o dia incrível que tivemos faz meus pés congelarem no lugar.

— Você está ok? — Ele pergunta, e me viro para encará-lo, a luz do poste realçando suas belas feições.

Meus olhos caem para sua boca, em seguida, encontro o seu olhar novamente quando ele rosna meu nome.

Nunca pedi para ser beijada, e não tenho certeza se posso fazer isso agora, mas não quero perder a oportunidade de beijá-lo, pelo menos uma vez. Ele dá um passo em minha direção e seu braço envolve minha cintura, me puxando até que meu corpo esteja alinhado com o seu.

— O que você quer, July? — Ele pergunta, seus lábios pairando sobre os meus. Meus olhos se fecham e engulo, não sei como dizer as palavras. — Olhe para mim, — ele exige, me apertando ligeiramente.

Meus olhos se abrem e sussurro, — Por favor, me beije.

Sinto a respiração dele contra a minha boca quando uma de suas mãos se move para cima das minhas costas e os dedos seguram o meu cabelo, fazendo um gemido subir pela minha garganta.

— Jesus, — ele respira contra meus lábios, fazendo-me ofegar, dando-lhe a oportunidade perfeita para lamber minha boca. O primeiro golpe de sua língua contra a minha faz meu estômago naufragar e minhas mãos segurar em punho sua camisa, me ancorando a ele.

Seu gosto percorre meu sistema enquanto a sua mão puxa o meu cabelo, fazendo-me inclinar a cabeça, me abrindo para ele, enquanto a outra mão se move para baixo, agarrando minha bunda. Ele me puxa para mais perto dele, permitindo-me sentir sua ereção contra a minha barriga e seus dedos tão próximos de minha buceta.

Sua língua luta contra a minha, me fazendo gemer e apertar minhas coxas juntas, prendendo sua mão quando sinto outra onda de umidade espalhar entre as minhas pernas. Eu sigo a sua língua, movendo a minha em sincronia com a dele, então lentamente me afasto, dando uma última mordida em seu lábio inferior enquanto ele descansa a testa contra a minha.

Não é o meu primeiro beijo, mas é *o* beijo – o que faz minha alma iluminar, o beijo que você espera toda a sua vida, o beijo que muda tudo o que você achava

que sabia. Coloco meus dedos em meus lábios, tentando memorizar o sentimento, sabendo que nunca terei isso de novo com outra pessoa.

— Arruinado, — ele rosna, meus olhos se abrem lentamente e eu pisco, tentando limpar minha cabeça. — Eu nem te conheço, e você me arruinou. — Ele balança a cabeça e anda comigo para trás até que minhas costas atingem a parede de concreto e sua boca cai sobre a minha de novo, desta vez parando minha respiração quando seu corpo me rodeia. Suas mãos vão para minha bunda, fazendo-me gemer.

— Wes. — Eu cavo meus dedos em seus ombros, me levantando na ponta dos pés, querendo chegar mais perto dele enquanto sua boca viaja para baixo do meu pescoço. No momento em que seu nome sai da minha boca, os lábios voltam aos meus, e meus dedos deslizam até a sua nuca e em seu cabelo. Eu poderia facilmente tornar-me viciada em seu beijo e delicioso gosto.

— Sim, arruinado pra caralho, — ele murmura, puxando a boca da minha e olhando para mim.

— Me deixe experimentar quando você terminar, — ouço uma voz profunda dizer, e descanso minha testa contra o peito de Wes, inalando uma profunda golfada de ar enquanto tento limpar a minha cabeça.

— Foda-se, Neo, — Wes rosna, me abraçando e me segurando com mais força contra seu corpo.

— Você sempre compartilha, cara, — o cara chamado Neo fala, e sinto meu corpo esfriar e meu interior torcer com ciúme.

— Não ela, — diz Wes, e o cara murmura algo mais antes de ouvi-lo tropeçando longe, mas minha mente ainda está presa no fato de que Wes compartilha mulheres com outros caras.

— Você está pronta para ir? — Ele pergunta; afasto minha testa de seu peito enquanto minhas mãos deslizam para baixo de seus ombros e descansam contra seu peito.

— Você compartilha mulheres com os seus amigos? — Pergunto, as palavras aumentando o meu ciúme e envolvendo meu estômago, o que torna difícil respirar.

— Eu fiz, — diz ele, e seus polegares deslizam em meus quadris. — Não mais.

Respiro, então aceno e mordo o lábio antes de cavar meus dedos em seu peito. — Se estamos em um relacionamento, então não há ninguém mais, — digo a ele.

Ele me puxa para mais perto dele usando os polegares nos meus jeans para arrastar meu corpo contra o dele. — Você está me pedindo para ser seu homem? — Ele sorri, e minhas mãos apertam sua camisa em punho, em seguida, libera e cai para meus lados.

— Leve-me para casa, — digo, e seus braços apertam em volta de mim.

— Não te levarei para casa, — ele rosna, parecendo irritado. Bom, eu estou com raiva também.

— Não jogo jogos, então, se não pode me dar o que eu quero, então encontrarei alguém que vai, — digo a ele, soando mais forte do que sinto, mas sei que eu preciso fazer isso. Ele me tem e nem mesmo sabe.

— Nunca me ameace, porra, — ele rosna, sua mão segurando meu maxilar e seu rosto mergulha mais perto do meu. — E a menos que você queira ser responsável pela morte de alguém, nunca tente usar outro homem para se vingar de mim.

Luto contra a vontade de pedir desculpas quando seus olhos avaliam meu rosto. Ele se inclina e seus lábios sussurram sobre os meus, — Estou disposto a explorar essa coisa entre nós, e disposto a me entregar ao fazer isso, mas espero o mesmo de você.

— Eu não compartilho. — Faço uma pausa, em seguida, levanto as mãos para segurar sua camisa novamente e aproximo o meu rosto do dele. — Nunca.

— Nem eu, — diz ele, e levanto uma sobrancelha. — Não você, nunca. — Ele balança a cabeça e me beija uma vez. — Agora, você está pronta para conhecer meus meninos?

Quero dizer que não, mas em vez disso eu digo que sim e vou com ele para uma porta que fica ao lado do portão. Assim que passo por ela, eu digitalizo o espaço aberto. Dois lados estão bloqueados pelos altos prédios de concreto que, do lado de fora, parecem apartamentos, com escadarias e passarelas que levam de um lado para outro. Nos fundos há uma cerca de arame com arame farpado no topo, e um milhão de carros empilhados, um em cima do outro. A área parece quase como uma fortaleza, com grandes barris cheios de fogo.

— Mais forte, — ouço uma mulher gemer, e meus olhos vão a um sofá que parece ter sido retirado do aterro. Está rasgado e desfiado, e a espuma das almofadas saindo, mas o fato do sofá parecer uma razão para uma vacina contra o tétano não parece impedir o casal em cima dele, que estão indo para lá. A mulher gemendo está montando um homem, sua saia jeans puxada para cima, em torno de sua cintura. Eu não podia ter certeza, mas se tivesse que adivinhar, as calças do cara estão baixas o suficiente para o seu pau estar livre. O meu estômago revira e imediatamente me sinto fora de lugar.

Puxo meus olhos do casal e olho ao redor. Há um grande bar com alguns bancos na frente dele. Próximo a ele estão três mesas com homens jogando cartas ou conversando. Alguns dos homens nas mesas têm mulheres sentadas em seus colos. Olho em volta, notando que há homens vestindo coletes e outros que vestidos com roupas normais. Posso dizer sem perguntar quem são membros e que são recrutas. Graças a Deus pelos livros e *Sons of Anarchy*.

— Você quer uma cerveja? — Wes pergunta, puxando-me da minha leitura.

— Sim, — eu murmuro, esperando que ficar meio bêbada me ajudará a me soltar. Ele segura a minha mão e me leva para o bar, onde um indivíduo em uma camisa branca lisa está passando bebidas.

— Chefe, — ele cumprimenta Wes assim que nos aproximamos.

— Blaze. — Wes acena, em seguida, me puxa para mais perto, largando a minha mão e envolvendo o braço em volta da minha cintura. — Uma cerveja e uma dose de Jack.

Blaze acena e coloca a cerveja na minha frente e um copo na frente de Wes, derramando uma dose. Pego minha cerveja e tomo metade dela sem tirar a garrafa dos meus lábios. Nunca fui uma grande bebedora de cerveja, mas tenho a sensação que vou precisar.

— Baby, — ouço uma mulher chamar, minha cerveja cai sobre o bar e olho em volta de Wes. Uma mulher bonita com longos cabelos ruivos, vestindo quase nada, trata de ficar do outro lado do Wes. Seus shorts são tão curtos que também podem ser uma cueca, e a camisa xadrez que ela veste está amarrada sob os peitos, com os botões desabotoados, deixando seu sutiã de renda e junção dos seios a mostra. — Você não me ligou, — ela diz a ele, e a raiva e a inveja de mais cedo voltam com força total, tornando quase difícil de ver.

Ela pressiona seu corpo contra ele e esmaga seus seios em seu braço, envolvendo os braços em volta do pescoço. Sinto meus dedos apertarem a garrafa na minha mão com tanta força que estou surpresa por não quebrar.

— Fora, — Wes rosna.

— O quê? — Ela pergunta confusa, então seus olhos se movem para mim e ela franze a testa. — Você sabe que não me importo de partilhar, — ela sussurra, beijando seu pescoço e olhando para mim. O meu estômago revira e a névoa vermelha escurece ainda mais.

— Lacy, — ele adverte, afastando-se, mas as mãos dela parecem segurá-lo mais forte.

— Sugiro que você tire suas mãos dele antes que eu as rasgue fora, — digo a ela. Suas mãos caem e ela dá um passo para trás, olhando entre nós dois.

— Lacy, venha aqui, — um dos caras da mesa chama, e ele acaricia seu colo. Lacy olha de mim para ele, em seguida, balança a cabeça e vai sentar em seu colo.

Eu bebo o resto da minha cerveja quando Wes vira a cabeça para olhar para mim, e noto que ele tem brilho labial manchando seu pescoço quando seu rosto vem em minha direção, e viro minha cabeça.

— July, — ele rosna, e balanço minha cabeça.

— Você tem a marca dela em você, — digo, então, olho para Blaze, que olha para nós dois. — Posso ter outra? — Eu pergunto, segurando minha cerveja. Ele olha para Wes e reviro meus olhos, mas pego a cerveja que ele coloca no bar, em seguida, dou tapinhas no peito Wes. — Quando limpar isso, venha me encontrar, — murmuro, então caminho em direção a um dos barris.

Nunca fui ciumenta na minha vida, mas a ideia de Wes sequer tocar alguém me faz sentir como se eu pudesse realmente matar.

— Vem comigo, — diz Wes, não me dando uma escolha. Ele tira a garrafa da minha mão e joga para o barril. Sua mão envolve meu cotovelo e ele me puxa junto com ele para trás do bar, atravessando uma porta de metal laranja.

Ele me leva por um longo corredor e para em frente a uma porta, e então tira um conjunto de chaves do bolso traseiro. Ele abre a porta e segura-a aberta para que eu entre antes dele. Uma vez que passo pela porta, a luz acende e olho ao redor do quarto.

Há uma cama queen-size com um cobertor amontoado ao lado, junto com dois travesseiros. Roupas e coisas estão espalhados ao redor do quarto e jogadas no chão. Assisto Wes enquanto ele passa por mim em direção a um pequeno banheiro que se conecta ao quarto. Sua mão vai para o seu pescoço e ele usa uma toalha de papel para limpar o batom de Lacy de sua pele.

— Você deve se sentar, — ele diz, parecendo irritado.

— Não sentarei em uma cama onde você provavelmente já teve relações sexuais com outras mulheres, — eu bufo, cruzando os braços sobre o peito.

Seus olhos verdes estreitam e aquecem, se transformando um tom mais escuro de raiva e luxúria. Ele joga a toalha de papel no lixo e vem em minha direção, não parando até que posso sentir o calor saindo de seu corpo.

— Vamos ser claros, baby. Eu deixarei você sair com um monte de merda, mas não me desrespeite na frente dos meus homens. — Sua mão vai para o meu quadril, em seguida, desliza para descansar na minha bunda. — Isso acontece, e esta bunda, — ele aperta a minha bunda, — ficará vermelha.

— Perdão? — Eu rosno, não tenho certeza se estou chateada ou excitada.

— Nós não estamos falando de preliminares, baby. Estamos falando de que você não vai nem mesmo ser capaz de sentar.

— Você está louco? — Pergunto, sentindo meu pulso acelerar.

— Não. — Ele balança a cabeça quando sua mão livre emaranha no meu cabelo. — Você é quente quando está com ciúmes, e é legal se você quiser me reivindicar, mas você abre essa boca inteligente como fez antes, nós vamos discutir.

— Você deixa outra mulher te tocar ou colocar a boca em você, e nós vamos ter problemas que palavras não serão capazes de resolver. Na verdade, palavras não serão necessárias mais. Você me entende, *baby?* — Eu pergunto, estudando-o, e sua mão no meu cabelo aperta e ele força minha cabeça para o lado. Ele cobre minha boca com a dele, mordendo meu lábio inferior com força suficiente para doer, minha boca abre e sua língua varre em um emaranhado com a minha. Desta vez, quando se afasta, eu estou ofegante e agarrando-me a ele para não cair.

— Não me teste, July. Eu vou ganhar, — diz ele, me endireitando e puxando a minha mão enquanto me leva para fora.

Capítulo 06

Sinto calor e abro um olho, depois o outro. Eles se fixam na barba escura e em um par de lábios que eu descobri ontem à noite que são perfeitos para beijar.

— Durma, — sua voz profunda resmunga quando sua mão na minha bunda e seu braço em meus ombros me puxa com mais força contra seu corpo quente.

Sinto o cabelo em seu peito raspar contra meus mamilos e minhas sobrancelhas se juntam. — Onde está a minha camisa? — Eu questiono, então suspiro de alívio quando percebo que ainda tenho minha calcinha.

— Você insistiu em dormir peito-a-peito, algo sobre sentir-se ligada a mim, — ele murmura sonolento.

— Sério? — Sussurro, me sentindo uma idiota. *Quem diz porcaria como essa?*

— Você não parava de dizer que nossas almas estão conectadas, — diz ele, e ouço o sorriso em sua voz.

— Cale a boca, — assobio, inclinando a cabeça para olhar para ele.

Sua cabeça se inclina e um sorriso se forma em seus lábios. — É uma história verídica, baby.

— Nunca vou beber com você de novo. — Balanço minha cabeça, e me arrependo quando começa a pulsar. Bebi demais ontem à noite, mas quando voltamos para a festa, mais mulheres tinham aparecido, e eu sabia que a única maneira que eu conseguiria atravessar a noite era ficando um pouco bêbada.

— Você deve dizer que nunca tentará beber mais que Harlen de novo, — ele corrige, e flashes de um cara e eu, o qual era *gigante,* filtram através da minha cabeça.

— Isso aconteceu? — Pergunto, mordendo meu lábio.

— Oh, sim.

— E o concurso de dança? — Sussurro, esperando que eu tivesse acabado de criar essa memória.

— Você tem gingado.

— Certo, — murmuro, sentindo meu rosto esquentar de vergonha.

— Vá dormir, baby, — ele diz suavemente, colocando o topo da minha cabeça sob o queixo.

— Nós não... você sabe, né? — Eu pergunto em um tom abafado.

Seu rosto se move até que seus lábios escovam meu ouvido. — A primeira vez que eu tiver você, a primeira vez que minha boca e pau conseguirem um sabor de sua vagina, você não estará bêbada, e com certeza você lembrará e sentirá no dia seguinte.

Minha respiração pausa, meus mamilos apertam em antecipação, e as paredes de minha vagina contraem.

— Agora tente dormir.

— Claro, — concordo, embora eu saiba que não serei capaz de dormir, não agora, não com o calor de sua pele me absorvendo, seu cheiro dificultando o pensar, e sentindo seu pênis contra minha barriga através de seus boxers. — Você lavou estes lençóis desde a última vez que teve alguém na sua cama? — Eu pergunto a ele quando a minha mente registra que não só estou praticamente nua, mas estou praticamente nua com ele em seu quarto na sede do clube.

— Você é um pé no saco, linda, — ele resmunga.

— Só não quero piolhos. — Sorrio, e sua mão na minha bunda bate duas vezes antes de apertar a minha barriga.

— Lembra que eu disse que até que eu estivesse lá, você precisava usar roupas? — Ele pergunta, sua voz soando mais profunda do que antes.

— Uh...

— Até que eu esteja lá, baby, você vai precisar sossegar quando eu lhe peço, porque agora, não posso dar o que você precisa para ajudá-la a dormir.

Começo a ofegar, e meus mamilos raspam contra o seu peito com cada inspiração. Eu não tenho certeza se seria capaz de lidar com ele; sua intensidade e crueza são algo novo para mim. O sentimento que ele provoca em mim a partir de algumas palavras é intimidante.

— Durma. — Ele me dá outro aperto.

— Tão irritante, — murmuro, e tento lutar contra isso, mas meus olhos se fecham lentamente e eu relaxo em seus braços até que adormeço.

~~*

— Venha cá, — diz Wes, me puxando em seu colo na mesa da cozinha e me beijando.

— Pensei que você iria pegar o Capone? — Suspiro quando sua boca deixa a minha. Esta manhã, quando me acordou na sede do clube, ele me pediu para passar o dia com ele antes mesmo de sair da cama. Eu sabia que precisava dar um passo atrás, mas simplesmente não consegui. Ele é como uma droga que não posso ter o suficiente. Assim, quando ele foi ao banheiro, eu encontrei a camisa e coloquei-a, juntamente com os meus jeans e peep-toes, e planejei o que eu faria para o jantar, uma vez que já passava das três da tarde.

Sua mão na minha coxa viaja até meu quadril me trazendo de volta para o momento, e a respiração que estava prestes a soltar fica presa em meus pulmões enquanto seus dedos descansam debaixo do meu peito. Meus olhos se movem de sua mão para os olhos, que estão ardentes, o verde menta parece selvagem e indomável.

— Você... na minha camisa... sem sutiã... seus escuros mamilos visíveis... — seus olhos levantam para encontrar os meus e suas mãos se movem para os meus quadris, onde ele me levanta rapidamente sobre a mesa à sua frente. Ele abaixa seu rosto e ele puxa um dos meus mamilos em sua boca através do material de sua camisa.

— Oh! — Eu grito, a aspereza da camisa arranhando contra meu mamilo enquanto ele puxa. — Wes. — Agarro seu cabelo, minha cabeça caindo para trás enquanto sua boca se move ao meu outro seio, onde ele oferece o mesmo tratamento.

Quando sua boca deixa o meu peito, meus olhos se abrem para olhar para ele. Sua mão envolve a parte de trás do meu pescoço e ele puxa minha boca para a dele. Inclino minha cabeça e meus lábios se abrem quando sua língua desliza através de meu lábio inferior. Meus dedos passam através de seu cabelo enquanto deslizo da mesa para o seu colo, minhas pernas pairando sobre cada lado da cadeira, meu núcleo conectado com a grande protuberância em suas calças.

— Foda-se, — ele murmura quando me movo contra ele. Sua cabeça se inclina mais assumindo o beijo antes de rasgar a boca da minha.

— O quê? — Eu pergunto em transe.

Sua cabeça está afastada, seus olhos fechados, e sua mandíbula apertada. — Sai, — ele ordena, e franzo a testa em confusão. — Sai, baby, — ele rosna.

Saio apressadamente do seu colo e fico perto da geladeira, meus braços cruzados sobre o peito. A umidade de sua boca na camiseta torna difícil me concentrar quando encosta-se a meus mamilos.

— Eu voltarei, — ele resmunga e sai sem sequer olhar para mim. Eu fico lá confusa por alguns momentos, sem entender o que diabos aconteceu, então olho para baixo quando Juice esfrega contra minhas pernas e mia como se estivesse confuso também.

Eu o pego e o levo para o meu quarto, despejando-o na cama antes de ir para o chuveiro repetindo tudo o que acabou de acontecer, e tentando descobrir o que eu perdi. Uma vez que estou vestida, vou para a porta quando a campainha toca. Eu esperava que fosse Wes, e meu pulso acelera quando vejo minha mãe de pé do outro lado da porta.

— Merda, — sussurro, abrindo a porta.

— Ei, mãe. — Eu sorrio.

— O que há de errado? — Pergunta ela, franzindo a testa.

— O quê? Nada, acabei de sair do banho.

— Você nunca foi uma boa mentirosa, querida. — Ela balança a cabeça e deixa sua bolsa sobre o sofá. — Então, o que está acontecendo? — Ela cruza os braços sobre o peito e bate o pé.

Estou prestes a cair em seus truques mentais de Jedi e contar sobre Wes, quando a porta se abre. Vejo em câmera lenta quando Capone late e corre atrás de

mim. Levantando minha cabeça o meu olhar colide com Wes. Seus olhos caem sobre a minha boca e sua mão envolve minha cintura enquanto ele me inclina para trás, me beijando forte e roubando minha respiração. — Oi, — Ele diz contra os meus lábios antes de me levantar na posição vertical.

— Isso explica muita coisa, — ouço minha mãe dizer, e afasto meu olhar de Wes e olho para ela.

— Hum. — Olho da minha mãe para Wes.

— Wes Silver. — Ele estica a mão que não está em torno da minha cintura e aperta a mão da minha mãe.

— November Mayson, a mãe de July. — Ela sorri, e Wes abaixa a cabeça para que possa olhar para mim.

— Também tenho quatro irmãs. June, May, December e April. — Digo, e pressiono meus lábios quando o vejo sorrir.

Ele balança a cabeça e olha para a minha mãe novamente. — Prazer em conhecê-la, minha senhora.

— Minha senhora, hein? — Mamãe olha para mim e levanta uma sobrancelha.

— Wes é...

— O homem dela, — ele me corta, entrando totalmente na casa e fechando a porta atrás de si.

— Seu homem, — minha mãe sussurra, olhando entre nós dois.

Sua boca se abre, mas a corto antes que ela possa dizer qualquer outra coisa. — Você não precisa de mais nada, mamãe?

Ela pisca como se estivesse saindo de um torpor, então olha para mim e sorri. — Eu estava pensando em fazer uma festa de aniversário para seu pai neste fim de semana.

Oh droga! Meu pai. Eu amo o meu pai. Meu pai me ama. Mas eu conheço o meu pai, e de maneira nenhuma ele vai aprovar de Wes. De jeito nenhum.

— Você deve trazer o seu homem. — Minha mãe sorri olhando para nós dois.

— Wes estará ocupado, — explico, depois estreito meus olhos quando os dela se iluminam, *posso dizer que ela está amando isso.*

— Estarei? — Wes pergunta, e olho para ele. Ele levanta uma sobrancelha enquanto avalia o meu rosto.

Eu respiro e olho para a minha mãe. — Posso te ligar mais tarde? — Pergunto, implorando com os meus olhos e seu rosto suaviza quando ela segura minha bochecha.

— Claro, querida.

Eu realmente tenho os melhores pais. — Obrigada, mãe.

— Bem, Wes Silver, foi um prazer conhecê-lo, — minha mãe diz, pegando sua bolsa.

— Você também, Sra. Mayson, — Wes responde.

Minha mãe olha para mim, e vejo um olhar atravessar seus olhos, o qual eu não entendo muito bem, mas então ela se vira para olhar para Wes e sorri novamente. — Me chame de November, — ela diz a ele, e quando ele balança a cabeça, seus olhos me encontram e suavizam. — Me ligue, querida, — ela diz baixinho; sinto minha garganta apertar com emoção e fecho a distância entre nós dando um abraço nela. — Estou sempre aqui, — ela sussurra em meu ouvido, e essas palavras me oferecem um conforto que eu nem sabia que precisava.

Concordo com a cabeça e me afasto, seguindo atrás dela quando ela sai e acenando para ela enquanto ela sai da garagem. Assim que ela está fora de vista, eu entro, vou até a cozinha, pego uma cebola da geladeira, uma faca e tábua de corte e começo a picá-la.

— Você quer falar sobre o que está acontecendo aqui? — Wes pergunta, passando a mão sobre a minha cabeça enquanto pressiona as minhas costas, envolvendo os braços em minha cintura.

— Não, — respondo, tomando uma respiração profunda e soltando-a lentamente. Não sei por que isso está me causando tanto estresse. Nunca escondi um relacionamento com alguém da minha família ou o meu pai, e se for honesta comigo mesma, a razão pela qual eu tenho medo do meu pai encontrar com Wes é que eu quero que o meu pai o aprove. Bem, talvez não aprove. Não sei se o meu pai irá aprovar algum homem com quem eu decida ficar.

— Sua mãe parece legal, — diz ele, colocando um beijo debaixo da minha orelha.

— Ela é.

— Você falava sério sobre os nomes? — Ele pergunta, e posso ouvir o sorriso em sua voz.

Viro-me e olho por cima do meu ombro para ele, meu estômago vibra quando percebo quão perto ele está. — A mãe de minha mãe a chamou de November porque ela não queria sequer se preocupar em procurar por um nome para a minha mãe, e ela nasceu em novembro. Meu pai ama a minha mãe e queria transformar a lembrança de seu nome em algo bom, então ele chamou todas nós pelo mês em que nascemos.

— Seu pai parece um bom homem.

— Ele é o melhor, — concordo, e abaixo os olhos para a tábua de corte.

— Em que eu posso ajudar?

Olho para ele novamente, e Juice aproveita esse momento para se envolver em torno de meus pés. — Você pode alimentar Juice para mim?

— Claro, onde está a ração?

Aponto para o armário onde guardo a comida de gato, e viro novamente, só para ter a mão de Wes deslizando ao longo da minha mandíbula. Ele puxa suavemente até que meus olhos vão para ele. Seus lábios raspam sobre os meus suavemente, em seguida, ele deixa cair sua mão e vai alimentar Juice, deixando-me completamente exposta.

Eu assisti meu pai com minha mãe desde que eu era uma menina, observava a maneira como ele falava com ela, a maneira como ele olhava para ela, e via o jeito que ele a beijava sem motivo, fazendo só porque ele queria também, eu nunca tive isso. Nem sabia que desejava isso para mim mesmo. Não até Wes.

— Baby, a porta.

— Hmm? — Dirijo meu olhar para ele, sua declaração mal registrando sobre o volume dos meus pensamentos.

— Alguém está à porta. Quer que eu atenda?

Minhas sobrancelhas se juntam quando abaixo a faca. Minha mãe não diria ao meu pai sobre Wes. Ela esperaria até que eu estivesse pronta, e ninguém me ligou para dizer que vinha, então não tenho ideia de quem estaria aqui em um domingo.

Quando chego até a porta, olho pelo olho mágico, em seguida, abro-a.

— O que aconteceu? — Digo com voz trêmula, puxando Kayan para dentro da casa. Seus olhos se enchem de lágrimas e a acompanho até o sofá, mal registrando que Wes está falando ao telefone atrás de mim. — Fale comigo, — eu peço e ela abaixa a cabeça.

— Espere até Z e um par dos caras chegar aqui, — diz Wes, ficando de cócoras ao meu lado, entregando um lenço para Kayan.

— Por que precisamos esperar por eles? — Pergunto, olhando para a minha amiga, que agora tem uma mancha preta sob seu olho e um corte em seu lábio inferior.

— Quero que ela nos diga apenas uma vez, e então você irá limpá-la, — diz ele, esfregando minhas costas.

Concordo com a cabeça, me movo e me sento ao lado dela para que possa envolver o braço em volta dos seus ombros. Demora menos de cinco minutos para que o som alto de tubos vibre em minha casa. Não sei quantos caras vieram, mas a julgar pelo som, é muito mais do que um par.

— Volto já, — murmura Wes, dirigindo-se a porta só para voltar com Z alguns minutos depois.

— Porra, não, — Z rosna assim que vê Kayan. Sua mandíbula começa a tremer e as mãos ao lado do corpo se cruzam sobre o peito como se tentasse se controlar.

— Você estará bem falando na frente deles? — Pergunto, e ela balança a cabeça, segurando a minha mão.

— Eu saí com Eric para conseguir um pouco de comida, — diz ela, e um grunhido enche o quarto e minha cabeça voa para olhar para Z com um olhar feio.

— Você pode controlar a si mesmo? — Eu estalo, e ele levanta o queixo, fazendo-me revirar os olhos.

— Então, você saiu com Eric, e depois, o que aconteceu?

— Hum. — Ela balança a cabeça e afasta os olhos do Z para olhar para mim. — Ele me deixou em casa, e quando cheguei ao meu apartamento, eu fui empurrada contra a porta e alguém me agarrou pela garganta. Eles me disseram que eu precisava dar um aviso para você.

— O quê? — Sussurro, apertando a sua mão com mais força quando o medo rasteja pela minha espinha.

— Eles disseram que se não pararmos de enfiar nossos narizes onde não pertencem, vamos descobrir o que acontece com meninas intrometidas.

Olho para Wes e seu olhar viaja de Z para o meu.

— Qual a aparência deles? — Pergunta Z.

— Tudo o que eu vi foi uma tatuagem de uma aranha em sua testa. Realmente, eu estava com muito medo para prestar muita atenção, — diz ela, e mais lágrimas enchem seus olhos.

— Ficará tudo bem, — asseguro a ela e olho para a porta da frente quando Z sai, batendo a porta atrás de si.

— Baby, — Wes chama, e meus olhos vão até ele. — Vá limpá-la. Vou sair com os meninos. Harlen e Everret estarão lá fora.

— Ok, — eu concordo, e ele se inclina, envolve a mão na parte de trás do meu pescoço, e me puxa para cima, beijando-me rapidamente, e, então se vai, antes que eu perceba.

— Então, suponho que não preciso de um novo calendário? — Kayan pergunta, e olho para ela, não podendo deixar de sorrir. — Que diferença faz alguns dias. — Ela ri.

— Você é hilária. — Reviro meus olhos. — Agora, vamos limpar você antes de Z voltar, — eu digo, sabendo que a declaração fará sua boca se fechar.

— Você sabe que não posso lidar com assustador quente, — ela sussurra, mas seus olhos embaçam.

— Então, você disse. — Pego a sua mão e a levo para o meu quarto.

Capítulo 07

— Você está em casa, — eu sussurro, piscando para Wes. Seu rosto suaviza quando ele fica de cócoras ao lado do sofá e passa a mão sobre a minha cabeça. Eu olho em volta, vendo que seus amigos se foram, mas Kayan ainda está dormindo ao meu lado no sofá.

— Você tem uma TV, — observa ele, e sorrio, em seguida, olho para a minha nova TV antes de encontrar seus olhos novamente.

— A primeira coisa que seus amigos disseram quando entraram na minha casa foi, *Onde está a sua TV?* — Eu digo, engrossando a voz. — Por isso, pedi que me levassem ao Target para comprar uma, mas eles se recusaram, dizendo algo sobre as mulheres e as compras... *blaw blaw blaw.* Então, eles nos levaram a BestBuy[5]. — Eu sorrio e me sento. — O que é engraçado, porque ficamos na BestBuy por duas horas procurando TVs. Sabia que existem Smart TVs? — Pergunto, inclinando a cabeça para o lado e estudando-o. Quando ele balança a cabeça, eu continuo, — Eles têm, mas me recusei a comprar uma quando já possuo um computador. Por que preciso de uma TV que é um computador? — Respiro fundo e ele ri, passando os dedos pela minha bochecha.

— Você foi capaz de descobrir alguma coisa? — Pergunto depois de um momento, e ele balança a cabeça novamente.

---

5 Best Buy Co., Inc. é uma empresa multinacional americana de eletrônicos de consumo com sede em Richfield, Minnesota. A empresa opera nos Estados Unidos, Porto Rico, México, Canadá e China. Foi fundada em 1966, por Richard M. Schulze e Gary Smoliak como uma loja especializada em áudio; em 1983, foi rebatizada, com ênfase em produtos eletrônicos

Mordo o interior da minha bochecha e olho para a minha amiga. Odeio que eu a levara a se ferir. — E agora? — Pergunto quando ele senta ao meu lado no sofá.

— Conversei com Jax. Entre os meninos dele e os meus, nós seremos capazes de descobrir isso. — Ele me puxa para perto dele com uma mão atrás do meu pescoço, o que eu noto que ele faz sempre. — Ficarei aqui com você e sua amiga até que possamos colocar alguma segurança na casa dela e na sua.

— Ugh, o que...? — Sussurro.

— Isso não acontecerá. Quem fez isso não vai me tirar da minha própria casa. Eu te amo, mas não ficarei aqui, — diz Kayan, interrompendo e sentando onde havia adormecido.

— Não é seguro para você estar lá sozinha, — digo a ela suavemente, e ela se levanta, cruzando os braços sobre o peito.

— Eles não me tirarão da minha casa, — ela repete.

— Você não ficará sozinha, — Z rosna, entrando na casa.

— Você não é meu pai, — ela responde, e minha boca cai aberta em surpresa.

— Você não ficará sozinha, Kitten, — Z diz, inclinando e entrando em seu espaço pessoal.

— Tudo bem, eu vou ligar para Eric. — Ela encolhe os ombros.

— Pense outra vez, — Z diz a ela, e não tenho ideia do que está acontecendo, mas juro que estou perdendo alguma coisa.

— Você não pode me dizer o que fazer! — Ela grita.

— Aposte sua doce bunda que eu posso! — Ele grita de volta, fazendo Capone começar a latir para eles.

— Eu vou para casa, — ela grita, jogando as mãos no ar em frustração quando ele continua olhando para ela.

— Ok, então eu ficarei com você, — Z diz, estendendo a mão em direção à porta.

— O que? — Ela para, seu corpo estático, e juro que você poderia ouvir um alfinete cair.

— Eu ficarei com você, — ele repete.

— Uhh... — ela olha para mim como se acabasse de perceber o que ela estava fazendo e eu sorrio.

— Talvez eu acabe ficando aqui, — ela sussurra.

— Não, caminhe sua doce bunda para o seu carro. Eu seguirei você até em casa.

— Hum... — ela olha para mim e pressiono meus lábios para não rir. Nunca a vi agir assim. *Nunca*.

— Tudo bem, — ela olha pra Z, então olha para mim, — passarei amanhã.

— Você já foi demitida, — a lembro. Ainda estou chateada com aquela maldita roupa de mulher gato.

— Odeio você. — Ela diz para mim, marchando em direção à porta, passando Z, que assiste a bunda dela quando ela sai.

— Por favor, seja gentil com ela, — eu apelo, e ele tem este olhar estranho em seu rosto, levanta o queixo, e depois sai, fechando a porta atrás de si.

— Isso foi muito estranho, — digo, olhando da porta para Wes, que está sorrindo.

— Ela ficará bem. — Ele corre o polegar sob o meu olho. — Você está cansada?

— Muito, — eu afirmo através de um bocejo. Foi um fim de semana muito longo, e não um relaxante. Minha vida nunca foi tão emocionante.

— Vá para a cama e eu garantirei que tudo está trancado.

— Você tem certeza?

— Sim, — ele murmura, me puxando do sofá, beijando minha testa e me empurrando em direção ao corredor. Paro no meu quarto de visitas e tiro um travesseiro extra e cobertor para fora antes de ir para o meu quarto, tirando minhas roupas, deslizando em uma camiseta, e vou para a cama esperando que demore algum tempo para encontrar o sono, mas no momento que meus olhos se fecham eu estou dormindo.

— Coloquei um travesseiro extra e um cobertor sobre a cama de hóspedes para você, — murmuro meio adormecida quando Wes me arrasta na cama e envolve o seu corpo ao redor do meu.

— Vi. — Ele beija a pele atrás da minha orelha, me puxando para mais perto dele com uma mão no meu estômago. — Não estou dormindo sob o mesmo teto que você, e não dormindo ao seu lado.

— Oh, — suspiro. Meu corpo começa a acordar enquanto seus quadris avançam para que seu pênis repouse bem entre as bochechas de minha bunda. Ele sente enorme e grosso, e só de pensar nisso faz um calafrio deslizar para baixo da minha espinha.

— Shhh, — ele me silencia quando choramingo quando ele levanta minha blusa e descansa a mão em minha barriga. Cada nervo do meu corpo está em sintonia com ele, cada um deles se aproximando dele, esperando por seu toque.

— Wes, — sussurro no escuro quando os dedos deslizam ao longo do elástico da minha calcinha, fazendo os músculos do meu abdômen inferior se contrair.

Seus quadris deslocam para frente novamente, fazendo meus pulmões congelarem em antecipação e uma onda de umidade se espalhar entre as minhas pernas. Apertando meus olhos fechados, eu espero por seu toque. Seus dedos se movem lentamente pelo meu osso púbico e ao longo dos lábios de minha buceta. Deixo escapar uma respiração pesada quando os músculos de seu corpo apertam atrás de mim e os dedos escorregam pelas minhas dobras.

— Eu nem sequer toquei em você e você está encharcada pra caralho, — ele respira contra a minha orelha, deslizando o dedo dentro de mim, só para tirá-lo de novo. Sua mão no meu quadril me posiciona em minhas costas e ele paira sobre mim, a luz da lua fazendo possível vê-lo. Sua cabeça abaixa e sua respiração sussurra contra os meus lábios. — Abra suas pernas, baby.

Meus joelhos dobram e minhas pernas, de alguma forma, estavam entrelaçadas, seus dedos novamente brincando ao longo da borda da minha calcinha. Luto por apenas um breve momento antes de abrir minhas pernas. Seus dentes mordem meu lábio inferior, fazendo-me ofegar. Sua língua desliza em minha boca e dois dedos deslizam entre as minhas pregas, sobre o meu clitóris, e em mim, me fazendo arquear para trás e um gemido alto deixar minha boca.

Minhas unhas cavam em seus ombros enquanto ele trabalha lentamente seus dedos dentro e fora de mim, cada impulso criando um fogo lento. Ele move-se novamente; neste momento, ele desliza entre as minhas pernas abertas, puxa

minha blusa sobre a minha cabeça e abaixa seu corpo, fazendo com que o metal frio do colar que ele usa deslize entre meus seios.

Deslizando uma mão em seu peito sob a borda de suas boxes, eu enrolo minha mão em torno dele. Minha buceta convulsiona quando sinto quão grande e longo ele é. Sei que a primeira vez que ele entrar em mim ele roubará meu fôlego.

Ele afasta a sua boca e coloca a testa na minha. — Juro que sei como você provará pelo seu cheiro, como baunilha e frutas cítricas. Sua boceta será doce e picante.

— Oh, Deus, — choramingo, levantando meus quadris e pressionando em sua mão enquanto o bombeio mais rápido.

— Sua boceta está ávida por meus dedos e ensopando minha mão. Quero estar dentro de você. — Ele geme contra a minha boca quando minha mão aperta e bombeio.

— Sim, — assobio, e fecha os olhos como se estivesse com dor, em seguida, ele abre novamente, fazendo a minha respiração pausar.

— Não esta noite, mas em breve. — Seu polegar circunda meu clitóris em sincronia com a minha mão que está em volta dele. Bombeio mais rápido e seus dedos puxam para cima contra o meu ponto G, fazendo minhas pernas tremerem e fazendo o fogo lento se espalhar como fogo até que estou gritando seu nome. Sua cabeça cai em meu ombro e ele geme meu nome contra o meu pescoço quando luzes brilhantes enchem minha visão, e minha buceta chupa avidamente os dedos que ainda estão dentro de mim enquanto seu gozo quente se derrama em minha barriga.

Meus olhos se fecham e meu corpo relaxa completamente, o seu peso pesado me cobrindo, fazendo-me sentir completa.

— Eu vou limpar você, — ele sussurra. Concordo com a cabeça, incapaz de falar, nem mesmo capaz de abrir os olhos, porque meu corpo está completamente relaxado do meu orgasmo. — Você precisará abrir mão de meu pau. — Ouço o sorriso em sua voz e a minha mão cai. Sinto-o deixar a cama só para voltar alguns minutos depois com um pano quente, o qual ele usa para limpar suavemente entre as minhas pernas e o meu estômago. Ouço um barulho no banheiro e sorrio quando ele deita comigo, seu corpo me envolvendo.

— Noite, — murmuro, me aconchegando mais profundamente em seu abraço.

— Noite, baby. — Ele beija minha cabeça e eu suspiro antes de derivar para Terra Dos Sonhos.

~~*

Meus olhos percorrem Wes, observando seu cabelo escuro, peito coberto de tatuagem, e o colar pendurado no pescoço... o colar que senti deslizar entre meus seios ontem à noite enquanto ele me levava ao orgasmo.

Ele se inclina contra o balcão atrás dele e levanta a xícara de café à boca, tomando um gole, observando-me sobre a borda do copo.

Puxo uma perna em cima do balcão, abraço minha panturrilha e dou uma mordida no meu bagel, abaixando minha cabeça e tentando esconder o meu rubor. Quando acordei esta manhã com os braços dele ao meu redor, sua respiração roçando a parte de trás do meu pescoço, eu sorri. Eu sempre fui feliz – minha vida é completa; minha família é incrível – mas acordar em seus braços foi um tipo diferente de felicidade. Algo que era só meu.

— Eu passarei na clínica para buscá-la para o almoço.

— Perdão? — Digo, quando sou finalmente capaz de engolir a mordida de bagel que eu tinha tomado.

— Almoço, hoje.

— Você falava sério sobre isso?

Ele fecha o espaço entre nós e sua mão segura meu joelho enquanto a outra mão envolve o lado do meu pescoço. Seu polegar correndo abaixo da minha mandíbula e ele abaixa a boca sobre a minha, beijando-me até eu parar de respirar.

— Eu sou muito sério sobre isso, — diz ele, quando sua boca sai da minha e seu polegar corre sobre meu lábio inferior.

— É meio difícil sair durante o dia, — explico sem fôlego.

— Eu levarei a comida. Tenho certeza que você pode se afastar por trinta minutos para comer.

— Vou tentar.

Ele sorri, em seguida, dá um passo atrás, encostando-se ao balcão e cruzando um pé descalço sobre o outro.

— Então, hum... — meus lábios se juntam quando percebo que não tenho nada a dizer, ele sorri ainda mais e passa a mão sobre seu cabelo, fazendo seu abdômen flexionar e eu luto contra mim, quando tudo o que eu quero é lançar-me do balcão e atacá-lo no chão de ladrilhos da minha cozinha.

— Baby, pare de olhar para mim desse jeito.

Dou uma grande mordida do meu bagel para impedir-me de dizer, *Ou o quê?* na esperança de que ele volte com, *Te darei orgasmos sem fim.*

— Já volto, — ele murmura, quando seu telefone começa a tocar de algum lugar da casa. Digo um silencioso *obrigada* a qualquer deus que esteja me impedindo de agir como uma idiota, termino meu bagel e pulo do balcão para lavar o meu prato e copo, e alimentar Taser e Juice.

— Está tudo bem? — Pergunto quando ele volta para a cozinha alguns minutos depois carregando suas botas e camisa.

— Era Mic; ele acabou de chegar à loja e alguém quebrou a janela da frente, — diz ele, sua mandíbula apertada. Ele deixa cair as botas no chão e puxa a camisa sobre a cabeça, então, senta na cadeira da cozinha para colocar suas botas.

— Ouça. — Ele me puxa para o seu colo e afasta o cabelo do meu rosto. — Isto não é sobre você, assim tire esse olhar de seu rosto.

— Não é, no entanto?

— Não, — ele declara com firmeza, apertando minha cintura, e eu fico de pé, sabendo que é inútil discutir com ele, apenas para ser puxada para baixo seu colo. Sua mão desliza para a parte de trás do meu cabelo e me beija antes de nós dois levantarmos.

— Vejo você mais tarde, baby.

— Mais tarde. — Eu digo, olhando ele fechar a porta atrás de si.

~~*

— Eu disse que não preciso de você me seguindo! — Kayan grita por cima do ombro para Z, que está sentado em sua moto com os braços cruzados sobre o peito, olhando para ela com um sorriso no rosto.

— Tenha um bom dia, Kitten, — Z diz, e ela balança a cabeça, batendo o pé em direção a mim e em frente ao parque de estacionamento de cascalho. Quando se aproxima de mim, ela agarra meu braço e começa a puxar-me com ela em direção à porta do edifício.

— Posso fechar a porta do meu carro e pegar o meu café? — Pergunto, tentando controlar meu riso.

— Isso não é engraçado, — ela faz beicinho, lendo meu rosto. — Isso é tudo culpa sua. Graças a você, eu tive que ter aquele cara na minha casa ontem à noite e esta manhã.

— Eu poderia pensar em problemas muito piores, querida, — digo a ela, batendo a porta com meu quadril e agarrando minha xícara de café.

— Você *poderia* pensar assim. Ele ficou sem camisa em minha casa. Quem se despe na frente das pessoas que não conhece, então desfila ao redor, mostrando seu corpo? — Ela sopra uma mecha de cabelo do seu rosto, que se tornou um agradável tom de rosa.

— Você gosta dele. — Sorri, rindo dela.

— Eu não gosto dele. — Ela franze a testa, observando ele sair do estacionamento.

— Claro, você não gosta.

— Não, — ela diz, passando por mim assim que consegui abrir a porta. — E se ele acha que ficará na minha casa hoje à noite, ele pode se preparar! — A ouço gritar enquanto sigo para o meu escritório. Balanço minha cabeça e coloco de lado todas as minhas coisas antes de sair para ver quem é o meu primeiro paciente.

Quando viro o corredor, eu paro estática. O cara que segui até o bar está de pé em frente ao balcão da recepção, com as mãos em cima dele e seu corpo inclinado sobre o balcão.

— Posso ajudá-lo? — Pergunto, após varrer os meus olhos sobre a minha amiga para me certificar de que ela está bem.

— Como eu dizia a sua amiga, vocês precisam cuidar do seu negócio.

— Preciso cuidar do meu negócio? — Me aproximo dele e encosto meu dedo em seu peito. — Foi você quem tornou isso *o meu negócio* quando começou a deixar cães mortos na minha clínica.

— Eu tentava fazer a coisa certa, mas não serei capaz de salvar suas bundas estúpidas novamente. Eles vão matá-las, — diz ele, e observo sua aparência. Ele parece mais jovem do que eu pensava. Tem talvez vinte e um anos. Seu cabelo está coberto com um boné de beisebol desgastado na borda. Seus olhos são de um azul cristal que é quase surpreendente, e você pode ver estresse e exaustão em seu olhar.

— Conheço pessoas que podem ajudá-lo, — digo a ele suavemente, mas seus olhos mudam e ele dá um passo atrás. — Eles podem ajudar; prometo.

— Apenas cuide da porra dos seus negócios, — ele grita, então se vira e empurra a porta com tanta força que racha o vidro quando atinge o exterior do edifício.

— Eu me pergunto o que estamos deixando passar, — digo em voz alta, vendo-o sair do estacionamento.

— Não sei, mas ele parece assustado, — diz Kayan, e vejo que seus olhos ainda estão na porta.

— Sim, — concordo, engolindo.

— Você quer que eu ligue para Wes ou Z e digo a eles o que aconteceu? — Ela pergunta, olho para ela e balanço a cabeça. Eu sei que a primeira coisa que Wes faria é rastrear o garoto, e acho que o menino não poderia lidar com qualquer outra coisa no momento.

— Não, se alguma coisa acontecer, eu direi a ele. — Prometo.

Ela me olha com ar de dúvida, mas acena com a cabeça de qualquer maneira. O resto do dia passa sem muito drama, e sou até mesmo capaz de parar e ter um almoço rápido com Wes no meu escritório. Evito contar a ele sobre o garoto, e consigo descobrir a partir dele que a janela em sua loja foi quebrada com um tijolo. Ele acredita que quem fez isso era, provavelmente, jovem e burro, de modo que não acreditava que tinha alguma coisa a ver comigo.

Capítulo 08

— Quem passou esta manhã? — Wes pergunta ao entrar pela porta da minha casa. Olho para ele, então minha porta, e me pergunto como diabos ele foi capaz de entrar. Tenho certeza que tranquei a porta quando cheguei em casa.

— Como você entrou? — Pergunto, sentindo minhas sobrancelhas se juntarem.

— Tenho uma chave. Agora me diga, quem passou pela clínica esta manhã.

— Hum... perdão? — Cruzo meus braços sobre o peito, ignorando o fato de que, de alguma forma, ele descobriu que o cara dos cães passou para me avisar, enquanto percebo o fato de que ele acabou de dizer que tem uma chave para a minha casa.

— Você me ouviu; não se faça de idiota.

— Sim, ouvi. — Eu me inclino e aponto a minha porta. — Você tem uma chave para minha casa que eu nunca dei a você.

— Essa merda não importa. Agora, me diga o que diabos você estava pensando escondendo isso de mim.

— Não, você me diga como acha que não há problema em pegar uma chave para a minha casa que eu nunca lhe dei.

— Você acha que não sei o que você está fazendo? — Ele aponta o dedo para mim e uma veia em seu pescoço começa a pulsar. — Responda à minha pergunta antes que eu a leve para o seu quarto e espanque seu traseiro, — ele ruge, e dou um passo atrás.

— Não me ameace, — assobio.

— Você sabe o que pode acontecer com você? Você entende que os caras como este garoto e o pai dele estão envolvidos em drogar mulheres que não têm ideia do que fazem e as colocam na rua, deixando-as ir apenas quando estão quebradas e já não podem conseguir dinheiro para eles? Você quer ser uma dessas mulheres? Você acha que eu quero vir procurar você, só para descobrir que você foi sequestrada e vendida para a prostituição?

— Pare, — sussurro, as lágrimas enchendo meus olhos e meu lábio inferior começa a tremer.

— Você acha que sua família entenderá que isso aconteceu porque você era tão cabeça-dura?

— Por favor, pare, — digo, sentando no sofá. — Eu não sabia, e ele parecia assustado. Não quero que você vá atrás dele.

— Isso é algo que poderia ter dito se conversasse comigo sobre isso, — diz ele em voz baixa.

— Ele parecia assustado, — repito, levantando os olhos para encontrar os dele. — Não sei o que aconteceu com ele, mas ele parecia aterrorizado, e eu poderia dizer que ele não quer que a gente se machuque.

Ele balança a cabeça e se abaixa na minha frente, tomando minhas mãos nas suas. — O pai dele é dono do Mamma's Country. Foi um dos primeiros lugares que e os meus meninos e eu começamos a ir para quando nos mudamos para a cidade. O pai dele é um bom homem, mas ao longo dos últimos dois meses, ele se misturou com alguns caras maus. Nós não sabemos o que está acontecendo, mas meu palpite é que ele deve dinheiro a esses caras.

— Você pode ajudá-los?

Seus olhos observam meu rosto, e ele murmura um tranquilo, — Foda-se, — solta a minha mão, levanta e corre as mãos sobre a cabeça.

— Ele traz os cães para mim, mesmo eles estando em fase terminal. Sei que a pessoa que promove as lutas não diz para ele deixá-los comigo, o que me leva a crer que ele é uma boa pessoa.

Ele se abaixa na minha frente e limpa uma lágrima que eu não sabia que começara a cair.

— Jax e eu estamos olhando o que está acontecendo. Se eu puder ajudá-lo, eu vou.

— Obrigada.

— Você é uma dor na minha bunda, — diz ele, balançando a cabeça, mas as palavras são suaves, assim como o olhar em seus olhos. Eu tomo uma respiração muito necessária, e lembro que brigávamos sobre a chave antes que ele, de alguma forma, virasse isso para mim.

— Então, como você conseguiu a chave da minha casa? — Pergunto, e ele levanta cruzando os braços sobre o peito.

— Tirei-a de um de seus chaveiros. — Ele dá de ombros.

— Você acha que isso é algo que eu deveria, talvez, dar-lhe de boa vontade?

— Quanto tempo você acha que seria necessário para que você me desse uma chave? — Ele pergunta, olhando para mim, então eu me levanto, querendo ter todas as vantagens que puder conseguir. Mesmo que a vantagem seja apenas um par de metros.

— Eu não sei. — Dou de ombros. Nem sei por que discuto com ele sobre isso. Nem mesmo importa que ele tenha uma chave. Eu teria dado uma para ele se ele me pedisse. Embora estejamos juntos por apenas alguns dias, isto parecia ser algo maior, então eu jamais poderia sequer compreender.

Ele me olha e seus olhos caem para minha boca. Eu a cubro com minha mão e ele sorri.

— Estamos de volta lá, hein? — Ele questiona, dando um passo em minha direção. Dou um passo para trás e meus joelhos batem no sofá, e caio de bunda na almofada macia. — Agora você está presa. — Ele sorri, colocando o punho no sofá em cada lado.

— O que você fará comigo? — Pergunto, e seus olhos se aquecem quando vagam sobre mim.

— Posso pensar em algumas coisas, mas você precisará descobrir essa boca sexy.

— Nós precisamos comer, — digo, descobrindo minha boca e colocando minhas mãos em seus ombros.

— Comer está definitivamente na minha lista de coisas para fazer.

— Caramba, — sussurro, e ele abaixa a boca sobre a minha.

— July, abra a porta agora. — Kayan grita do lado de fora quebrando o momento.

— Maldição, — Wes rosna, socando a almofada ao lado do meu quadril e olhando para a porta.

— Kitten, — é rosnado, e as batidas ficam mais frenéticas. Infelizmente escorrego de debaixo de Wes e vou até a porta, abrindo-a apenas para fechá-la de volta quando vejo que Z tem Kayan em seus braços, sua mão enredada em seu cabelo e sua boca na dela.

— Meus vizinhos assinarão uma petição para eu sair do bairro, — digo a Wes, balançando a cabeça.

— Você não pode simplesmente beijar as pessoas, — ouço minha amiga dizer sem fôlego do outro lado da porta, eu abro novamente e saio do caminho quando ela vem caindo na casa, Z a pega pela cintura antes do seu rosto atingir o piso de madeira.

— O que está acontecendo? — Pergunto quando ele a endireita e ela afasta as mãos dele de sua cintura.

— Vim me certificar que estava tudo bem, — ela me diz, olhando entre Wes e eu.

— Por que eu não estaria bem? — Eu franzo a testa.

— Posso ter estado frustrada sobre Z estar na minha casa quando cheguei em casa e disse a ele sobre o cara que veio à clínica. Eu disse para não contar a Wes, mas as palavras não haviam deixado a minha boca e este grande idiota já ligava para Wes. — Ela aponta para Z, que sorri para ela. Ela olha feio para ele em troca, só para que o sorriso dele se torne mais amplo. — Você é irritante.

— Você já disse isso, Kitten, — Z diz a ela.

— Você não podia ligar? — Wes pergunta, eu olho para ele e estreito meus olhos.

— Não seja rude.

— Estou com fome, — ele afirma, fazendo meu núcleo apertar.

— Eu estou com fome também, — diz Kayan, e meus olhos deixam Wes quando sua cabeça se inclina para que ele possa olhar para o teto.

— Eu ia fazer tacos. — Suspiro.

— Você tem o suficiente? — Kayan pergunta.

— Não, — Wes diz.

Quando eu digo. — Sim. Eu tenho o suficiente. — Estreito meus olhos em Wes, desafiando-o a dizer algo mais. — Por que não me ajuda a fazer o jantar, enquanto Wes e Z fazem coisas de cara.

— Coisas de cara. — Wes balança a cabeça, olhando para Z.

— Sim, beber cerveja, coçar suas bolas... coisas de cara. — Ergo minhas mãos no ar, então reviro os olhos quando Z ri.

— Eu vou começar, — minha pobre amiga angustiada diz, caminhando para a cozinha.

— Eu acabarei com você amanhã, — diz Wes, olhando para Z, cujos olhos estão focados no local que Kayan desapareceu.

— Irmão. — Z balança a cabeça, e olha para mim. — Você tem alguma cerveja?

— Sim. — Aceno.

— Eu vou buscá-la, — diz ele, caminhando em direção à cozinha.

— Ela está segura com ele, certo? — Pergunto a Wes quando Z está fora do alcance da voz.

— Sou amigo dele desde que entrei para a Marinha aos dezoito anos. Ele é um dos melhores caras que eu conheço. — Ele me abraça e coloca um beijo na minha testa. — Agora, faça o jantar para mim, enquanto faço merda de caras. — Ele inclina minha cabeça com dois dedos sob meu queixo e dou risada em sua boca, ele me beija novamente antes de me empurrar em direção à cozinha.

— Quantos problemas eu te deixei com Wes? — Kayan pergunta quando começamos a preparar o jantar.

— Nada. Bem, ele estava chateado, mas superou.

— Não tive a intenção de abrir minha boca, mas quando cheguei em casa, Z estava lá e só saiu.

— Eu meio que peguei isso. — Pego o hambúrguer, coloco-o na panela, e começo a cozinhar. — O que está acontecendo com vocês, de qualquer maneira? — Pergunto a ela, entregando-lhe dois tomates para fatiar.

— Nada. — Ela abaixa a cabeça.

— Não parecia nada quando abri a minha porta e sua língua estava na garganta dele.

— Isso foi um acidente.

— Ele acidentalmente beijou você? Ou você acidentalmente retribuiu o beijo?

— Eu não sei. — Ela deixa escapar um suspiro alto.

— Ele parece gostar de você.

— Eu não sei, — ela sussurra; eu pego uma lata de feijão frito e a despejo em cima da carne para o taco, juntamente com um pouco de queijo que ralei no outro dia.

— Apenas não quero que você perca algo grande, — digo a ela depois de alguns minutos.

— Ele me deixa louca.

— Acho que se não explorar as coisas com ele, você acabará se lamentando.

Ela mastiga o lábio inferior, então olha para a sala de estar, onde os caras assistem TV. — Eu sei que você está certa, — ela sussurra, olha para a panela na minha frente e franze a testa. — Pensei que estávamos fazendo tacos.

— São tacos. Eles são *Eu não quero lavar um milhão de pratos* de tacos.

Ela balança a cabeça e volta a fatiar.

Não demora muito para terminar o jantar, e demora menos ainda para os caras devorarem tudo. Até o jantar acabar e Z e Kayan irem embora, eu estou dormindo em pé.

~~*

— O que você está fazendo? — Pergunto sonolenta, abrindo meus olhos e ficando cara-a-cara com Wes, que está olhando para mim. Virando a cabeça, eu olho para o relógio, vendo que ainda tenho uma hora antes de precisar levantar e me arrumar para o trabalho.

— Você choramingava dormindo.

— Choramingava? — Pergunto; ainda meio inconsciente.

— Choramingava, — ele confirma.

— Isso é estranho, — digo, então percebo que os seus olhos adquiriram um tom mais escuro de verde, e meu corpo começa a esquentar. Eu estava tão cansada ontem à noite que o momento em que minha cabeça bateu no travesseiro, eu adormeci.

— Você fez esse mesmo barulho de choramingo quando meus dedos estavam profundamente dentro de você.

— Sério? — Eu respiro enquanto sua mão desliza para baixo do meu estômago e me segura ao longo da minha calcinha.

— Oh, sim, eu nunca esquecerei aquele barulho. — Seus dedos deslizam sobre os lábios da minha buceta através do material, fazendo-me gemer. — Esse é o barulho que estou falando.

— Oh, — respiro quando ele desliza entre as minhas pernas. Suas mãos deslizam até meu lado e ele tira a minha camisa sobre a minha cabeça, jogando-a atrás dele. Em seguida, ele levanta uma das minhas pernas e coloca-a em seu ombro, fazendo o mesmo com a outra.

Minha respiração começa a chegar em ofegos ásperos quando suas mãos deslizam sobre meus seios, e desce pelo meu quadril.

— Jesus, você é a perfeição, — diz ele asperamente, seus dedos deslizando pela minha cintura e apertando minha calcinha. Quando ele a puxa, o material passa sobre minha bunda e quadris, ele coloca ambas as minhas pernas em um de seus ombros até a calcinha deslizar sobre meus tornozelos e ele jogá-la na cama, perto de meu quadril. Ele então puxa a perna direita sobre o outro ombro e olha para baixo novamente.

— Acho que eu não serei capaz de passar outro dia, a menos que eu saiba qual o seu gosto. Posso provar você, baby? — Pergunta, suas mãos deslizando dos meus tornozelos próximo de suas orelhas, à parte da frente das minhas pernas, então descendo, enquanto seus dedos envolvem minhas coxas. Eu engulo em seco, tentando fazer minha voz funcionar, mas tudo o que posso gerir é um aceno brusco.

— Hmm, — ele respira, abaixando minhas pernas de seus ombros. Ele coloca meus pés na cama e se inclina sobre mim, fazendo com que seu colar me bata entre os meus seios enquanto sua boca se abre sobre a minha.

Deslizando sua língua em minha boca, balançando os quadris contra mim, eu levanto minhas pernas, querendo envolvê-los.

— Não. — Ele puxa minhas pernas com as mãos envolvidas nos meus tornozelos, então as espalha, segurando meus pés no colchão, flexionando seus músculos do braço enquanto me espalha mais e abaixa o rosto, colocando um beijo na parte inferior da minha barriga e fazendo os músculos flexionarem.

Seu nariz corre através de meu osso púbico e ele inspira profundamente. Minhas coxas começam a tremer, suas mãos deslizam dos meus tornozelos até os meus joelhos, e nas minhas coxas.

Minha respiração começa a acelerar quando tento antecipar quando sua boca me tocará. Meus dedos emaranhados nos lençóis perto de meus quadris enquanto seus olhos encontram os meus. Embora eu estivesse antecipando o toque de sua língua, minhas costas arqueiam, minha cabeça no travesseiro e meus olhos se fecham em êxtase quando sua língua quente corre sobre o meu clitóris, e de volta para baixo.

— Olha para mim, — ele rosna. Minha cabeça abaixa e meus olhos encontram os seus enquanto sua língua se espalha por meu sexo. Desta vez, ele faz essa coisa, sacudindo sua língua em rajadas rápidas, enquanto seus polegares me seguraram aberta.

Minhas mãos agarram seu cabelo e meus calcanhares escavam o colchão perto de seus ombros enquanto me aproximo mais de sua boca, e o seu polegar desliza dentro de mim. Ele cantarola contra o meu clitóris antes de puxá-lo em sua boca. Meus quadris pulam em resposta e as minhas mãos puxam seu cabelo fortemente enquanto ele suga impiedosamente, tirando um orgasmo de mim que eu nem senti construindo.

Seu nome sai da minha boca com um gemido alto. Minhas mãos em seu cabelo quando o seguro para mim, sentindo o orgasmo se derramar por todo meu corpo.

Relaxo na cama e solto minhas mãos para os meus lados enquanto ele rasteja entre as minhas pernas. Sua língua varrendo através de minha, deixando o meu gosto e o seu para trás. Envolvo minhas pernas em volta dele enquanto ele se inclina para trás e corro meus dedos pela sua mandíbula desalinhada.

— Você é seriamente quente, — digo, e fecho os olhos, sentindo-me uma idiota.

Ele ri e beija sob meu queixo, passa a mão sobre minha cabeça antes de rolar de cima de mim, deitar e me puxar para o seu peito. Pressiono meus pés juntos quando sinto quão duro ele está contra o meu braço, que descansa em seu abdômen.

Inalo uma respiração profunda, deixando o oxigênio me dar a coragem que preciso, e movo antes que ele possa me parar. Puxo para baixo o elástico de sua boxers e congelo quando todo o oxigênio sai do meu corpo.

— Caramba, — sussurro. Eu sabia que ele se sentia grande quando o tive na minha mão, mas ele é enorme, longo e grosso, as veias pronunciadas, a cabeça vermelha e irritada. Engulo em seco quando a minha boca se enche de saliva. Eu olho para cima e encontro seus olhos. Seu corpo está congelado no lugar. Puxo meu cabelo sobre o ombro, embrulho minha mão em torno dele, e o levanto com minha mão, fazendo-me ter outra onda de umidade. Abaixo a cabeça e lambo a ponta, gemendo quando seu gosto explode em minha língua.

— *Foda-se*, — ele rosna, suas mãos seguram meu cabelo ao lado da minha cabeça. Abaixo a minha boca completamente sobre ele, descendo até que ele atinge o fundo da minha garganta, me fazendo engasgar. Em seguida, eu levanto, mantendo minhas bochechas ocas enquanto chupo. Quando alcanço a ponta novamente, o liberto da minha boca com um pop, então uso minha mão, puxando para cima, e para baixo enquanto redemoinho minha língua ao redor da ponta.

Sua mão deixa meu cabelo e levanta acima de sua cabeça para que ele possa agarrar a cabeceira da cama. O visual dele, seus músculos apertados enquanto o trago mais perto do orgasmo me faz gemer alto e deslizar para baixo, fazendo-o mais uma vez atingir a parte de trás da minha garganta. Eu movo mais rápido, trabalhando minha mão junto com a minha boca.

— Eu vou gozar, — ele geme, colocando uma mão no lado do meu cabelo. Meus olhos encontram os dele. Sei que ele está me dando a chance de libertá-lo, mas eu simplesmente movo mais rápido, com os olhos fixos nos dele quando ele goza forte. Eu engulo e agito minha língua ao redor da ponta novamente antes de liberá-lo da minha boca. — Eu quase levantei e empalei você no meu pau, baby, — diz ele, me puxando para cima com as mãos debaixo dos meus braços. Uma vez que minha boca está perto dele, ele coloca a mão na parte de trás da minha cabeça e puxa os meus lábios nos dele, me beijando até minhas unhas cavarem em seu peito.

— Desculpe, — peço sem fôlego, não sabendo mais o que dizer.

— Não se desculpe; isso foi quente. Eu só precisei me segurar, — ele diz, colocando um pouco de cabelo atrás da minha orelha, e procurando o meu rosto. —

Um amigo meu da Marinha vem da Califórnia para a cidade no sábado, e nós faremos uma festa para ele. Eu quero você lá comigo, — diz ele, arrastando os dedos pelo meu cabelo, removendo os nós que ele causou.

— Tenho que ir à festa de aniversário do meu pai sábado, por isso não vou ser capaz de ir, — eu digo, traçando as tatuagens que começam em seu ombro e viajam para seu pulso.

— Está bem. Podemos ir depois da sua festa, — diz, envolvendo sua mão no meu pescoço para puxar meu rosto em sua direção.

Eu me afasto e encaro seu rosto, então lembro a ele, — Meu pai estará lá.

— É o aniversário dele, então espero que ele esteja lá. — Ele sorri, correndo um dedo de sua mão livre no centro do meu rosto.

— Você quer se encontrar com o meu pai? — Sussurro em estado de choque. Todo mundo tem medo de meu pai, e nunca tive qualquer indivíduo, mesmo apenas amigos, dispostos a conhecê-lo.

— Você é minha. Não posso prever o futuro, mas acho que isso não mudará; então eu gostaria de conhecê-lo.

— Meu pai é muito protetor.

— Não esperaria que um homem com tantas meninas não fosse, — diz ele em voz baixa, me encarando.

— Você me deixará falar com ele sobre nós primeiro? — Pergunto. Não tenho certeza de que estou pronta para o único homem que eu já amei conhecer o homem por quem estou me apaixonando. Essa coisa entre Wes e eu ainda é tão nova, e não quero que nada a arruíne.

— Eu posso fazer isso, — diz ele suavemente.

— Obrigada. — Sorrio, beijando-o mais uma vez antes do meu alarme disparar e sermos forçados a levantar.

Capítulo 09

— Feliz aniversário, pai, — eu digo, andando até onde meu pai está fazendo o churrasco.

— Obrigado. — Ele sorri, envolvendo um braço em volta dos meus ombros e beijando o lado da minha cabeça. — Onde você esteve?

— Oh, você sabe, trabalhando. — Dou de ombros, então encolho, desejando falar sobre Wes.

— Você precisa fazer uma pausa de vez em quando e vir visitar seu velho.

— Desculpe, — digo, e ele beija minha cabeça novamente.

— Ei, querida. — Minha mãe sorri, olha em volta e balanço a cabeça de lado a lado antes que ela pergunte exatamente o que eu sei que ela vai.

— Você não trouxe um encontro? — Ela pergunta, tomo um fôlego e balanço a cabeça.

— Você não está namorando, não é? — Meu pai pergunta.

— Você precisa de alguma ajuda lá dentro, mamãe? — Pergunto, ignorando a pergunta do meu pai. Não dando a ela a chance de responder, eu pego seu cotovelo e a levo após a piscina e para a casa.

— Querida, — ela ri, olhando para o meu pai, que ainda está na frente da grelha, mas seu corpo está voltado para a casa, — você ainda está vendo aquele cara simpático, Wes?

— Mamãe, sério? — Pergunto, indo para a cozinha e retirando pratos da geladeira.

— O quê? Pensei que fosse trazê-lo, ou que ele insistiria em vir hoje.

— Ele queria, mas pedi que me deixasse dizer a papai sobre ele primeiro.

— Você não contou ao seu pai sobre ele, e agora, quando teve a oportunidade perfeita para contar, você me puxou para longe.

— Eu sei. — Cubro meu rosto em frustração.

— O que há de errado? — Ela pergunta, sinto sua mão nas minhas costas e descubro meu rosto para olhar para ela.

— Estou preocupada que o papai não vai gostar dele, — sussurro; e seu rosto suaviza.

— Querida, o que acontece se ele não gostar dele? — Ela pergunta, me encarando.

— Eu não sei, — digo, sentindo meu peito apertar.

— Quando comecei a namorar o seu pai, o vovô não estava exatamente feliz com isso, mas eu sabia que seu pai me fazia sentir coisas que eu nem sequer pensava ser possível, e também sabia que *o meu* pai me amava o suficiente para saber que eu sabia o que estava fazendo.

— Quero que o papai goste dele, — sussurro.

— Então você precisa dar a ele a chance de conhecê-lo.

— Não sei se estou pronta, se o nosso relacionamento está pronto.

— Minha linda garota está se apaixonando, — ela sussurra, e fecho meus olhos, não querendo que ela visse quão verdadeira era a declaração. Eu estou me apaixonando por um cara que mal conheço.

— Eu acho que só preciso de um pouco mais de tempo, — digo a ela, finalmente abrindo os olhos.

— Só não espere muito tempo, querida.

— Prometo que não vou, — digo; meu interior torcendo.

— Ele é quente. — Ela sorri depois de um momento.

— O quê?! — Eu grito, olhando para ela.

— Ele é, e aquele beijo que ele lhe deu ao entrar em sua casa. Muito bom.

— Cala a boca.

— O quê? Estou velha, mas não estou morta. — Ela sorri.

— É melhor você não deixar o papai ouvir você dizer isso, — aviso; e o sorriso desliza do seu rosto.

— Cuidado, mocinha, — diz ela, e enrolo meus braços em volta de sua cintura.

— Te amo, mãe.

— Eu também te amo, querida. — Ela beija o meu cabelo. — Agora, — ela se afasta, deixando as mãos nos meus ombros, — vamos terminar isso, sair e desfrutar o aniversário do seu pai.

— Certo, — eu concordo, pegando o resto dos pratos da geladeira e saindo.

— Tchau, mãe. Tchau, papai! — Grito da janela do carro para os meus pais, que estão em pé na varanda da frente, com os braços em volta um do outro.

— Tchau, querida, — minha mãe grita de volta quando o meu pai levanta o queixo enquanto me afasto.

Após o jantar, nós usamos o FaceTime para falar com minhas irmãs, cantamos feliz aniversário e cortamos o bolo. Senti falta das minhas irmãs, mas com todas elas na faculdade fora do estado, é difícil nos reunirmos como costumávamos fazer quando estávamos todas em casa. A coisa boa é que ao longo dos próximos anos, todas as minhas irmãs voltarão à cidade uma por uma, quando terminarem a faculdade. Sigo para a estrada principal e pressiono Ligar no número Wes.

— Hey, baby, — ele atende, ouço a música em segundo plano e movimento.

— Hey, — eu digo quando seu lado silencia.

— Você está vindo?

— Sim. — Sorrio.

— Bom, sinto sua falta, — diz ele, baixando o tom de voz, não como se tentasse esconder o que diz, mas como se estivesse realmente feliz por eu chegar lá logo.

— Eu também. — Sorrio novamente, virando na outra estrada.

— Como foram as coisas com o seu pai?

Merda. Não quero mentir, mas não quero dizer a ele que sequer o mencionei ao meu pai, e que, na verdade, joguei Jax no chão quando ele ia dizer algo sobre Wes para o pai dele.

— Ele teve um grande aniversário, — digo, fazendo-me de boba e esperando que ele não pergunte qualquer outra coisa, pelo menos, não ainda, não até que eu converse com o meu pai, o que farei em breve. Ok, talvez não em breve, mas mais cedo ou mais tarde. — Eu passarei na minha casa e trocarei de roupa realmente rápido, e então estarei aí.

— Por que você precisa trocar?

— Porque usei um vestido na festa.

— Venha direto para cá, — ele rosna, e o espaço entre as minhas pernas formiga.

— Wes…

— Vem direto pra cá, July, — ele exige, fazendo o formigamento se tornar um arrepio de excitação.

— Vejo você logo, — digo, e o telefone fica mudo. Eu o deixo cair no meu colo e tento me concentrar na direção, e não na dor que o tom de sua voz provocou.

Quando estaciono do lado de fora do composto, Wes está esperando em frente. A minha boca enche d'água ao observá-lo. Vestindo uma camiseta branca que mostra suas tatuagens, seu colete sobre ela, um par de jeans e botas pretas, encostado ao edifício com uma cerveja na mão.

Desligo o carro e verifico o meu rosto no espelho, percebendo que meus olhos brilham com emoção e felicidade. Eles viajam do meu reflexo para Wes, e seus olhos me seguram em um transe quando tiro o cinto de segurança e abro a porta.

No momento em que meu pé coberto de sandália toca o solo, Wes se afasta do edifício. Eu me afasto da porta e a bato atrás de mim, e seus olhos me atropelam da cabeça aos pés. Deixei meu cabelo solto depois que saí do chuveiro esta tarde, então ele secou com ondas desarrumadas. O vestido é da cor dos botões de ouro[6]. Ele tem alças largas, e a parte superior do vestido é confortável, com botões na frente, a parte inferior encaixa nos quadris, fazendo parecer que meu corpo tem a forma de uma ampulheta perfeita.

Deixo escapar um longo suspiro e limpo as minhas mãos na frente, tentando acalmar meus nervos.

— Não sei se ficarei bem com meus meninos vendo você assim, — ele coloca a mão na minha cintura e arrasta meu corpo perto do dele, até que estamos quadril a quadril. — Você está linda, — diz ele, enquanto seus olhos me encaram.

---

6 

— Obrigada. — Sorrio, colocando minha mão sobre o couro de seu colete, deslizando para envolver a parte de trás do seu pescoço para que eu possa puxá-lo para me beijar.

— Eu deveria apenas levá-la de volta para a sua casa, — ele sussurra enquanto sua boca paira apenas fora do alcance das minhas.

— Então eu não teria a oportunidade de conhecer o seu amigo, — digo a ele, me pressionando na ponta dos pés, tentando alcançar sua boca.

— Ele não é importante.

Sorrio quando finalmente consigo o beijo que eu esperava, e de alguma forma acabo com minhas pernas em volta de sua cintura e os braços em volta do seu pescoço, minhas costas pressionadas na porta do meu carro. Quando finalmente acabamos com a nossa sessão de amassos, ele me leva para dentro e direto para o bar em direção a um grupo de rapazes que estão conversando.

No momento em que nos aproximamos, a conversa para e um dos caras vira para olhar para nós. Seu cabelo é rente ao couro cabeludo, o rosto robustamente bonito, tanto que é quase intimidante. Seus olhos me varrem e aquecem ligeiramente, então caem para a mão de Wes no meu quadril. Em seguida, eles viajam até encontrar os meus novamente, e desta vez, o calor se foi e entendimento está em seu lugar.

— Portanto, esta é ela, hein? — Ele pergunta, olhando por cima do meu ombro para Wes.

— Baby, este é Tuck. Tuck, esta é July, — Wes nos apresenta.

— Tuck[7]? — Pergunto, e Wes ri.

— Você não quer saber como ganhei esse apelido. — Ele balança a cabeça e estica a mão. — Prazer em conhecê-la. Parece que você tem meu menino amarrado.

— Eu não penso assim, — digo a ele quando aperto sua mão.

— Você não iria. — Ele olha por cima do ombro e sorri quando solta a minha mão. — Então, qual é o seu veneno?

— Oh, não vou beber essa noite, — digo, balançando a cabeça ao lembrar a última vez que estive aqui.

---

7 Esconder, guardar, comprimir. Também usado quando homens dobram seu pênis para trás, para escondê-lo e aparentar ter o órgão genital feminino.

— Uma dose? — Ele pergunta, e Wes aperta meu lado, então sussurra em meu ouvido, — Garantirei que você não desafie qualquer um a um concurso de dança.

— Muito engraçado, — eu bufo, olhando por cima do meu ombro para ele e sorrindo.

~~*

— Dose, dose, dose, — é cantado, eu tomo uma dose de tequila e bato o copo sobre a mesa, em seguida, cubro a boca com a mão, estremecendo quando o gosto inunda minha boca.

— Gahhh, eu odeio tequila. — Eu rio, e pego outra dose.

— Baby, — Wes ri, tomando a dose da minha mão, levantando-a a boca e atirando-a para trás, depois envolve a mão em torno do meu pescoço e puxa a minha boca para a dele. Ele aperta a língua na minha boca até que eu gemo em sua garganta.

— Arrumem um quarto, — diz Tuck, derramando outra dose.

— Foda-se. — Wes sorri, beijando-me novamente, desta vez abaixo da minha orelha.

— Então você levou July para conhecer a Mama Judy? — Tuck pergunta, sentando na cadeira e tomando um gole da sua cerveja.

— Ainda não, eu estava pensando neste fim de semana, — diz Wes, esfregando meu ombro.

— Uh... o quê? — Eu chio.

— Ela está de folga no próximo fim de semana, então percebi que poderíamos fazer um passeio até Nashville.

Puta merda.

— Onde está Z? — Pergunto, mudando de assunto antes que a conversa volte para a família e os pais.

— Ele e a garota dele deveriam estar a caminho quando você ligou.

Eu franzo a testa, pego o meu telefone e verifico a hora. — Eu cheguei aqui a mais de uma hora, — digo, e minha carranca aumenta ainda mais quando disco o número dela.

— Olá? — Kayan responde sem fôlego, geme e sinto meu rosto esquentar.

— Eu... uh... mais tarde. — Desligo e coloco o telefone em cima da mesa, sussurrando, — Acho que eles estavam transando.

Wes e Tuck começam a rir e a música aumenta, então olho em volta, notando mais pessoas apareceram, e por mais pessoas, quero dizer mais mulheres, todas elas vestindo quase nada.

— Você está bem? — Wes pergunta, eu aceno e olho para a garrafa de tequila quando explosões enchem meus ouvidos. Wes e Tuck me enfiam debaixo da mesa. Meus joelhos e mãos batem com força no concreto, fazendo-me gritar de dor. Em seguida, a mesa é virada de lado, bloqueando a minha visão quando as mulheres começam a gritar, e os caras no pátio começam a gritar um com o outro.

Eu me dobro em uma bola e cubro a cabeça com as minhas mãos quando percebo que eram tiros. Não sei quanto tempo dura, mas antes que eu ache que é seguro, Wes me pega do chão e corre comigo enfiada na frente de seu corpo. Meus olhos estão bem fechados e meu pulso acelerado quando sou colocada em um colchão macio.

— Baby, abra os olhos. — Balanço minha cabeça, tentando limpar o zumbido alto em meus ouvidos. — Baby. — Eu sinto suas mãos segurarem meu rosto e meus olhos se abrem, piscando algumas vezes. — Aí está você, — diz ele, puxando-me para frente e colocando um beijo suave nos meus lábios.

— Você está bem, cara? — Wes puxa a boca da minha e viramos a cabeça em direção à porta aberta, onde Tuck está de pé, segurando uma arma.

— Sim. — Seus olhos deixam seu amigo e voltam para mim e, em seguida, piscam, e começa a tocar em todos os lugares no meu corpo até que chega aos joelhos, que estão raspados e sangrando por bater fortemente no concreto. — Merda. Pegue para mim o kit de primeiros socorros da loja.

— Está tudo bem. Só vou lavá-lo com um pouco de água, — asseguro, e olho para a porta, mas Tuck já está fora de vista.

— Quem fez isso? — Pergunto, e seu queixo aperta.

— Não tenho ideia, — ele rosna. — Vou limpar você e sair com os meninos. Tuck ficará aqui e cuidará de você até eu voltar.

— Fique comigo, — sussurro desesperada. De jeito nenhum eu quero-o lá fora, onde pode levar um tiro.

— Aqui está, — disse Tuck, voltando ao quarto e depositando o que se parece com uma caixa de apetrechos na cama ao meu lado; Wes abre e começa a puxar suprimentos.

— Você ficará aqui com July, — Wes diz a Tuck, limpando meu joelho sangrando.

— Porra, não, eu vou com você.

— Você sabe que não pode entrar em problemas quando está de licença, irmão, — Wes diz; olho para Tuck e vejo que sua mandíbula está apertada e os punhos enrolado em seus lados.

— Por favor, não me deixe, — imploro, olhando para Wes, que limpa suavemente as minhas feridas e cobre-as com algum tipo de pomada. Se não fosse a rigidez de sua mandíbula, eu pensaria que ele não me ouviu. Ele fecha a caixa, saca uma arma debaixo de seu colchão, deixa cair seu punho na cama perto do meu quadril e me beija antes de se endireitar novamente.

— O que você fará? — Pergunto, mas ele me ignora, e olha para Tuck.

— Vigie-a, — diz ele.

— Wes! — Eu grito, levantando da cama e indo atrás dele, apenas para ser agarrada por um braço em volta da minha cintura, o qual me impede de seguir atrás dele. Chuto com tudo o que tenho, mas minha força não é párea para Tuck, que só me prende mais firmemente contra ele.

— Ele vai se machucar, — digo, tentando respirar.

— Ele ficará bem, — argumenta Tuck, e meu corpo despenca contra ele quando percebo que ele não vai me ajudar. Ele dá dois passos para trás e me coloca na cama.

Olho para a saída e ouço Tuck murmurar, — Porra, — sob sua respiração enquanto se move para a porta e a fecha.

— Você não irá atrás dele. Ele me mataria se algo acontecesse com você enquanto estou de vigia.

— Você não pode esperar que eu apenas sente aqui e não faça nada enquanto ele faz Deus sabe o que! — Eu grito, me levantando e olhando ao redor da sala a procura de algo para jogar nele.

— Isso é exatamente o que eu espero que você faça.

— Isso é ridículo. Preciso ir lá fora. E se alguém precisa da minha ajuda?

— Ninguém ficou ferido, e mesmo se ficaram, você ficará aqui.

— Preciso do meu telefone, — tento novamente, esperando que ele me deixe ir procurá-lo.

— Boa tentativa. — Ele balança a cabeça e murmura, — Eu vejo o que ele quis dizer, — enquanto passa a mão pelo cabelo.

— Sério, eu preciso dele. Você pode ligar para Z e perguntar se ele e Kayan estão bem?

— Tudo bem, — ele rosna, puxando o seu telefone do bolso de trás, pressionando um par de botões e colocando o telefone no ouvido, depois murmura algumas coisas me observando antes de colocar o telefone de volta no bolso.

— Sua amiga está bem. Ela está em casa.

— Posso ligar para ela? — Pergunto, e ele balança a cabeça.

— Isso é estúpido, — murmuro, me jogando na cama. — Você tem sorte de ter uma arma ou eu lutaria Kung Fu em seu traseiro, você gostando ou não.

— Jesus. — Ele balança a cabeça. Eu me arrasto na cama, me encosto contra a parede, cruzo os braços sobre o peito e olho para ele. — Como estive com meu amigo em alguns dos piores ambientes conhecidos pelo homem, mas depois de conhecê-la, estou mais preocupado com o bem-estar dele do que já estive?

— Isso é rude. — Eu franzo a testa.

— Não, é a verdade. Nunca o vi mexido por uma mulher. Nem mesmo sua ex-esposa o afetava como você, — diz ele, e a respiração que eu tomaria pausa em meus pulmões. Eu não tinha ideia que Wes já foi casado. Ele nunca me disse. — Merda, — Tuck diz, sentando na cama ao meu lado. — Desculpe, eu pensei que você soubesse.

Viro a cabeça para olhá-lo e engulo ao redor do caroço que dolorosamente se formou na minha garganta antes de falar. — Tudo bem; não nos conhecemos há muito tempo, — admito com o que eu espero que se pareça um sorriso.

— Ele vai me matar. — Balança a cabeça.

— Não vou nem mencionar, — asseguro, inclinando a cabeça contra a parede e fechando os olhos.

~~*

— Jesus, — Ouço e abro os olhos, em seguida, franzo a testa em confusão quando olho para Wes, mas sinto o calor sob a minha bochecha e o constante aumento e queda do peito em que estou deitada com meus braços envolvidos em um estômago duro. Olho de um puto Wes para Tuck, cujos olhos estão abrindo, olhando para mim.

Eu me afasto rapidamente e olho para Wes novamente, tentando me orientar. — Eu caí no sono, — digo para ele e para mim.

— Eu vejo isso, baby, — ele rosna, em seguida, olha para Tuck. — Preciso falar com você.

— Irmão, nem vá para lá, — diz Tuck, e a mandíbula de Wes range.

— O que aconteceu? — Pergunto.

— Nada, — Wes corta, não tirando os olhos de seu amigo.

— Você não sabe, ou não vai me dizer? — Pergunto.

— Isso não lhe diz respeito, — diz ele, incendiando o meu temperamento.

— Quando se trata de você, me diz respeito, — respondo, cruzando os braços sobre o peito quando seus olhos encontram os meus.

— Não comece sua merda.

— O que você acabou de dizer? — Pergunto, saindo da cama.

— Eu disse para você não começar a sua merda, não agora.

— Você é inacreditável, — assobio, em seguida, eu olho para Tuck. — Eu disse para você me deixar sair, mas não, você tinha de ouvir este idiota. — Vejo os cantos de seus lábios se contorcerem, mas o ignoro e passo por Wes, em direção à porta.

— Onde diabos você acha que vai?

Olho por cima do meu ombro para varrer os meus olhos sobre ele, em seguida, murmuro, — Casa, para a cama.

— Você não sairá sem mim.

Eu bufo em descrença e vou para porta, só para ser puxada para trás. — Deixe-me ir, — assobio.

— Nunca, — ele responde perto do meu ouvido, em seguida, rosna, — se eu ver você tocar outro homem, mesmo inconscientemente, eu vou matá-lo, amigo ou não.

— Eu estava dormindo, — sussurro em descrença.

— Eu não dou a mínima.

— Escute a si mesmo! — Balanço minha cabeça.

— *Você* me transformou nisso.

— Não me culpe por sua loucura.

— Eu gostaria de atestar que meu amigo nunca foi assim antes, — diz Tuck, e olho para ele e olho feio. — Apenas dizendo. — Ele levanta as mãos na frente dele.

— A menos que você me diga o que aconteceu enquanto esteve fora, deixe-me ir, — eu rosno, e ele aperta os braços em volta de mim.

— Você realmente acha que eu deixaria minha mulher se envolver no que aconteceu hoje à noite? — Pergunta ele, fazendo com que parecesse que *eu era* a louca.

— Eu pedi para você me levar junto em um passeio? Não. Perguntei o que aconteceu, se encontrou alguma coisa fora, se sabe quem disparou no edifício.

— Eu te disse – você não será envolvida.

Estou quase pronta para enlouquecer, quando sou interrompida.

— Ele tem razão. Você não será envolvida. Não há nenhuma razão para que você saiba o que aconteceu esta noite, — diz Jax, em pé na soleira da porta do quarto.

— Vocês são tão ridículos. — Saio do aperto de Wes e viro para ele. — Eu estava aqui quando o local foi atacado. Não estou pedindo para você entrar em detalhes sobre o que aconteceu; só quero saber se posso ir para a cama hoje à noite sem me preocupar.

— Você está segura, — Wes me diz, e sua voz é gentil enquanto levanta a sua mão para que seus dedos possam correr na minha bochecha.

— Não gosto que atirem em mim, e odeio que isso esteja acontecendo por minha causa, — digo, pressionando minha bochecha em sua mão.

Sua mandíbula enrijece e seus olhos me deixam para olhar para a porta. — Isto não tem nada a ver com o que está acontecendo.

— Não tem? — Pergunto, avaliando seu rosto, afastando o meu olhar de Jax, noto que Wes está voltado para ele como se quisesse matá-lo.

— Pedi a Wes para me ajudar com uma coisa, — Jax corta. — As pessoas que os meninos dele vigiavam devem ter percebido e deixaram claro que sabiam que estavam sendo observados.

Olho de Jax para Wes, e novamente. Quero estrangular meu primo por envolver Wes em tudo o que ele está fazendo, mas conheço Wes bem o suficiente para entender que a única maneira dele estar envolvido em qualquer coisa é se for algo em que acreditava. Então, o que posso realmente dizer sobre aquilo?

— É seguro eu ir para casa? — Pergunto, quando sua mandíbula enrijece novamente e ele olha para Tuck e depois para mim.

— Posso confiar em você para levá-la para casa e esperar até que eu chegue lá? — Wes pergunta a Tuck.

— Você sabe que não tem sequer que perguntar essa merda, — Tuck retorna.

— Aparentemente, eu preciso, — Wes responde, e jogo meus braços para cima.

— Eu estava dormindo! — Repito novamente, o que só faz sua mandíbula tremer mais.

— Achei isso lá fora, — diz Jax, quebrando o momento me entregando meu telefone, o qual mostra que eu tenho algumas chamadas não atendidas de Kayan.

— Obrigada, — murmuro, e olho para Wes. — Por favor, seja cuidadoso.

— Apenas seja boa, — diz ele, e seus lábios tocam os meus brevemente antes de sua mão descer para o meio das minhas costas. Uma vez que saímos, eu olho em volta e percebo que existem alguns buracos de bala no prédio e um no meu porta-malas, o que precisarei encontrar uma etiqueta ou algo para cobri-lo antes que alguém da minha família veja e imagine por que diabos há um buraco de bala no meu carro.

— Vamos consertar, — Wes diz ao perceber que eu parei para olhar o buraco.

Exalo uma respiração forte, e ouço-o instruir a Tuck sobre como chegar à minha casa antes de colocar meu cinto e dar um beijo na minha testa.

— Vê por que estou preocupado com ele? — Tuck diz quando nos afastamos do edifício deixando Wes olhando para nós como se fosse correr atrás de nós. Ignoro sua declaração e coloco o telefone no ouvido.

— Oh meu Deus! Tentei entrar em contato com você. Você está bem? — Kayan diz logo que ela atende.

— Estou bem, acabei de recuperar o meu telefone. Você está bem?

— Sim, estou na casa de Z. Estávamos a caminho quando alguém ligou para dizer o que aconteceu, ele virou o carro ao redor, me trouxe aqui e me deixou antes de sair.

— Ele te disse alguma coisa? — Pergunto.

— Não, apenas que voltaria. Onde você está agora?

— A caminho de casa. Wes disse que estaria na minha casa em um par de horas, por isso o meu palpite é que Z demorará o mesmo tempo.

— Ele deixou você ir para casa sozinha? — Ela pergunta, incrédula.

— Não, Tuck é minha babá. — Reviro meus olhos.

— Quem é Tuck? — Ela pergunta, e olho através da janela.

— Ele é um dos amigos militares de Wes, — eu explico, e bocejo quando o dia me alcança.

— Vá dormir um pouco e me ligue de manhã.

— Eu irei. Esteja a salvo.

— Você também, garota. Todo esse drama é quase mais do que posso suportar.

— Parecia que você levava isso muito bem quando te liguei mais cedo, — sussurro e a ouço rir.

— Cala a boca. Converso com você amanhã. Amo você.

— Eu também te amo, — digo, batendo o botão de finalizar no meu telefone assim que chegamos à minha casa.

Saio do carro e sigo até a porta da frente com Tuck seguindo próximo de mim. Assim que entro, eu pego Capone e arranho atrás das orelhas, logo o deixo no chão, onde corre em círculos ao redor de Tuck. Então pego Juice e lhe dou um pouco de carinho antes de colocá-lo na mesa e ir ao sofá, sentando para desatar minhas sandálias e tirá-las.

— Você quer uma cerveja ou algo assim? — Pergunto a Tuck, que sentou no sofá.

— Eu estou bem. Você vá para a cama, — diz ele, pegando o controle remoto e ligando a TV.

— Tem certeza? — Murmuro, olhando distraidamente os canais mudarem.

Seu dedo deixa o controle remoto, a cabeça se volta para mim, e seu rosto suaviza. — Baby, vá para a cama.

— Certo, — murmuro, levantando. — Vejo você amanhã. — Ele balança a cabeça, e se volta para a TV, começando a passear pelos canais novamente. Vou para o meu quarto e fecho a porta atrás de mim, então, vou para o chuveiro, o ligo antes de despir a roupa e entrar.

No momento em que a água quente corre por mim, eu suspiro de alívio. Não demora muito para ficar limpa, secar e ir para o meu quarto. Normalmente, gostaria de apenas ir para a cama, sem colocar nada, mas sabendo que Tuck está aqui, pego um pijama e o visto antes de rastejar para a cama.

— Você está em casa, — eu suspiro quando Wes desliza atrás de mim e seu cheiro engolfa os meus sentidos.

— Eu gosto que você chame isso de minha casa, — ele sussurra, colocando um beijo na parte de trás do meu pescoço. Tento responder, mas o sono me leva embora antes que eu possa pensar em algo.

Capítulo 10

Olho através do parabrisa da caminhonete de Wes, observando a chuva cair sem piedade, e a minha perna salta em sincronia com os limpadores.

— Baby, relaxe, — Wes diz pegando a minha mão, colocando-a em sua coxa. Olho para ele e tento liberar, através de uma respiração, o stress que esteve nadando no meu estômago desde que ele me pegou há meia hora.

Nós íamos ao encontro da mãe dele. Estou nervosa... tão nervosa que quero saltar da sua caminhonete e tentar a minha sorte caindo na estrada a cento e dez quilômetros por hora.

— Ela vai te amar, — ele me diz, e olho para fora da janela, perguntando se ele disse isso para a sua ex-esposa antes dela conhecer a mãe dele pela primeira vez.

— Ela gostava de sua ex-mulher? — Pergunto, e chuto a minha bunda na minha cabeça quando sinto seus músculos da coxa contraírem. — Desculpe, Tuck me disse. Foi sem querer, e prometi que não diria nada, mas escapou, — eu divago, puxando minha mão de sua perna.

— Eu não estava escondendo isso, — diz ele em voz baixa.

— Eu sei. Disse que não nos conhecemos a muito tempo. Entendo completamente, — respondo calmamente.

— Minha mãe gostava dela, — ele responde, me fazendo me arrepender de perguntar quando esse sentimento muito familiar de ciúme começa a acender no

meu estômago. — Nós nos conhecemos logo após Hell Week[8]. Eu ainda estava em alta por sobreviver ao meio de treinamento dos SEALs. — Ele faz uma pausa, puxa minha mão para sua coxa novamente e coloca sua mão sobre ela. — Ela tinha a coisa toda da garota da casa ao lado como vantagem. Achei que ela era uma mulher doce, bonita, e fiquei muito fora, assim demorei a perceber que ela não era nada que eu pensei que fosse. Ela se casou comigo para poder dizer que seu homem estava no exército. No momento em que comecei a falar sobre sair, as coisas foram à merda. Ela estava mais preocupada com o que seus amigos diriam do que como eu me sentia indo para o trabalho todos os dias.

— Sinto muito, — digo, apertando sua coxa.

— Dois anos atrás, logo após eu sair do serviço militar, nos divorciamos. Sei que pode soar fodido, mas nem sequer penso nela, — ele confessa, e não tenho ideia do que dizer sobre isso. Não posso imaginar ser casada e ter a pessoa com quem eu prometi passar minha vida tornar-se nada, nem mesmo um pensamento na minha cabeça.

— Não sei o que dizer.

— Não há nada a dizer. — Ele aperta minha mão com mais força.

— Por que você saiu do serviço militar? — Pergunto depois de um momento, tentando preencher o silêncio desconfortável.

— Meus amigos e eu estivemos em uma missão de resgate. Um dos nossos foi sequestrado, e ele foi preso por insurgentes que queriam que nós devolvêssemos um dos seus homens. Os EUA não negociam com terroristas, mas eles tentarão resgatar seu povo se acreditam que podem. Fomos enviados e descobrimos tarde demais que era uma armadilha. Perdi três dos meus irmãos, quando tudo foi à merda, e o resto de nós quase não conseguiu sair vivo, — ele confessa, passa a mão sobre a minha, e observo meus dedos que cavaram em sua coxa. — Voltar para casa depois disso solidificou o que eu precisava fazer, e eu sabia que era hora de deixar as forças armadas e fazer outra coisa com a minha vida.

— Sinto muito por você perder seus amigos, — eu digo, sentindo lágrimas picarem meu nariz.

---

8 A semana de preparação na escola de treinamento para novos recrutas da polícia. Realizam verificações de antecedentes, exames físicos e clínicos, formação jurídica, habilidades de condução, organização de equipamentos e treinamento com armas de fogo para os novos recrutas da polícia.

— Eu também, baby. — Ele dá um aperto na minha mão.

Olho para o seu perfil e posso dizer que ele não está comigo, mas lá atrás, então tento aliviar o clima, perguntando, — Então você decidiu se tornar um motociclista?

— Espertinha, — ele murmura, sorrindo para o parabrisa antes de trazer os olhos para mim por um breve momento.

— Nah, meus meninos e eu sempre pilotamos nos fins de semana quando estávamos em casa, e todos nós fizemos os nossos próprios reparos e trabalhos por encomenda em nossas motos, então parecia que o destino estava nos levando por este caminho muito antes de nós nos mudamos para o Tennessee.

— Estou feliz que ele te trouxe aqui, — digo baixinho, dando um tapinha na coxa dele.

— Você e eu, baby, — ele murmura, em seguida, solta a minha mão para virar para outra estrada e depois outra, até que paramos na frente de uma pequena casa azul clara com persianas brancas e uma pequena varanda coberta com flores.

— Você está pronta para isso?

— Não. — Balanço minha cabeça quando uma mulher com longos cabelos brancos usando um par de jeans, botas de vaqueiro, e uma camisa surge na varanda da frente.

— Vi você enfrentar um bando de motociclistas irritados. Isto será um passeio no parque.

— Muito engraçado, — murmuro, e ele beija meu nariz enquanto o assisto sair da caminhonete. Removo meu cinto, e encontro a alça ao mesmo tempo em que ele abre a porta para mim.

Suas mãos vão para minha cintura e ele me levanta para fora da cabine, segurando-me até que meu pé, coberto de sapatilha de ballet, bate no chão. Então ele me tira do caminho, bate a porta, coloca o braço em volta da minha cintura e me leva até a casa.

No momento em que atingimos o topo da varanda, a mãe dele o abraça, sussurrando algo em seu ouvido antes de liberá-lo, virando-se para olhar para mim.

— Mãe, eu quero que você conheça July. July, esta é a minha mãe, Judy.

— É tão bom conhecer você. — Eu estico a minha mão e ela me surpreende me puxando para um abraço, o qual me enche de calor.

— Desculpe. — Ela sorri, depois ri, batendo no meu rosto. — Sinto que já conheço você. Toda vez que falo com o meu filho, ele me fala sobre você.

— Sério? — Eu pergunto, sentindo meu rosto aquecer de vergonha.

— É verdade. Você definitivamente teceu uma teia em volta do meu filho.

Olho para ela e para Wes, sem saber o que dizer sobre isso, porém não digo nada, porque ela segura a minha mão e me leva para dentro da casa, deixando Wes na varanda da frente, balançando a cabeça.

Uma vez que chegamos ao interior, o cheiro de canela e maçãs toca meu nariz, me lembrando de casa. Sem escolha sigo Judy, atravesso a sala e a cozinha, onde ela me leva para a pequena ilha.

— Sente-se aqui, — diz ela, soltando minha mão. Seguro a risada que sinto e sento em uma de suas banquetas para vê-la puxar uma bela torta do forno e colocá-la na minha frente.

— Puxando as grandes armas, mamãe? — Wes pergunta, beijando o lado da minha cabeça antes de se sentar ao meu lado.

— Você sabe que amo assar, — ela afirma, sorrindo e girando um pouco a torta. Eu gostaria de ter metade das habilidades de cozimento que ela tem; a torta poderia totalmente estar em uma revista.

— Isso seria verdadeiro se você não deixasse a prova de suas habilidades de cozimento no lixo, — diz Wes, e sigo seus olhos para a lixeira, onde há uma caixa que continha uma vez a torta de maçã que aparece em cima dela.

— Você é um sabe tudo. — Sua mãe ri, atingindo-o com a luva de forno quente na mão, me fazendo rir. — Só para você saber, querida, esta é a torta favorita dele. Eles as têm em todas as lojas e tudo que você precisa fazer é colocá-la no forno.

— Bom saber disso. Sou péssima em assar, — digo a ela, e seu rosto se suaviza.

— Eu também, mas o meu menino não sabia que eu não poderia até que fez dezesseis anos e encontrou a primeira caixa de torta de maçã congelada que eu lhe tinha feito.

— Eu sabia desde os dez anos, — Wes confessa, e seus olhos vão até ele.

— Você não sabia! — Ela grita.

— Eu sabia; tive uma festa do pijama em um amigo e a mãe dele comprou uma, o sabor sendo como a sua. Só não a confrontei sobre isso até os dezesseis anos.

Ela balança a cabeça, mas seu olhar sobre ele é suave e tão cheio de amor que eu sinto isso até os dedos dos pés.

— Então, como você dois se encontraram? — Ela pergunta, indo para um armário e tirando três pratos, colocando-os na nossa frente.

— Os meninos e eu pilotávamos quando este motociclista desviou e tentou me tirar da estrada, — diz Wes, e o rosto de sua mãe empalidece.

— Desviei para salvar um pássaro que estava na estrada, — eu defendo, atraindo os olhos de Judy para mim. — Sua asa estava quebrada, e eu não queria matá-lo. Depois que eu desviei, seu filho e seus amigos me perseguiram em suas motos, — eu conto, e ela inala uma respiração afiada.

— Por que você não diz a ela como me acertou com um taser?

— Oh meu...

Viro a cabeça e olho para ele, então sibilo, — Você me assustou e foi um acidente.

— Oh senhor, — sussurra Judy, e dirijo meu olhar para ela. Os olhos dela vão dele para mim, e o mesmo olhar que vi no rosto de minha mãe quando ela conheceu Wes aparece no dela. — Isso será uma boa história para seus filhos um dia, — ela elogia alegremente, então se vira, deixando-me sentada ali como um peixe fora d'água, com a minha boca aberta, enquanto ela vai até uma gaveta, abrindo-a e arrancando garfos.

— Feche a boca, baby, — Wes ri, empurrando para cima o meu queixo. Viro-me para olhar para ele, notando que ele nem sequer parece um pouco surpreso com o comentário de sua mãe. Pisco duas vezes e fecho a minha boca.

— Então, você anda de moto também? — Judy pergunta ao cortar um pedaço de torta e colocá-lo sobre o prato na minha frente.

— Ando... bem, não uma Harley, mas uma moto esportiva, — digo a ela, sorrindo.

— Meu ex costumava montar, e odeio que meu filho monte. Eu me preocupo com ele todos os dias, mas sei que é algo que o faz feliz. Fico feliz que vocês têm

isso em comum, — diz ela, e a mão de Wes envolve a parte de trás do meu pescoço e ele me puxa para mais perto dele para que possa colocar um beijo acima da minha orelha.

— Minha mãe monta, e foi sempre algo que fizemos juntas.

— Como o seu pai se sente sobre isso? — Judy pergunta.

— A primeira moto que tive, eu constantemente precisava encher os pneus, e não conseguia descobrir o porquê. Eu não a pilotava, porque era muito arriscado. Então, um dia, fui a garagem e encontrei meu pai tirando a tampa do bocal dos pneus. Ele odiava eu pilotar, então ele sabotava a minha moto.

— Bem, então, não me sinto tão ruim. — A mãe dele sorri e eu retribuo o sorriso, dando uma mordida na torta, e tenho que concordar; mesmo sendo congelada, era realmente deliciosa.

No momento em que saímos, eu estava completamente apaixonada pela mãe de Wes, e sei que se chegar o momento dos nossos pais se conhecerem, minha mãe e meu pai vão amá-la também.

— Eu amo a sua mãe, — digo a Wes quando voltamos para a minha casa.

— Eu te disse. — Ele sorri, apertando minha coxa.

— Você quer ficar na minha casa esta noite? — Pergunto, sem saber por que me incomodo em perguntar, visto que ele ficou comigo todas as noites desde a primeira vez que se arrastou até a minha cama.

— Baby, — ele começa, e posso dizer que ele tenta não rir, — eu nem sequer fui para minha casa em três dias.

— É estranho como essa coisa vem acontecendo entre nós, — digo em voz baixa.

— O que você quer dizer?

— Tudo tem sido em grande velocidade desde o nosso primeiro encontro, ou o que teria sido o nosso primeiro encontro, se você não tivesse arruinado.

— Pensei que você tivesse esquecido sobre isso, — ele resmunga, mas posso ouvir o sorriso em sua voz.

— Não, ainda me lembro, e provavelmente vou usá-lo como vantagem para o resto de sua vida.

— Você pensa em me conhecer por muito tempo?

— Espero que sim, — respondo, me perguntando por que diabos eu acabei de dizer isso.

— Fico feliz em saber que, mesmo em velocidade dobrada, estamos na mesma página, — diz, e afasto meus olhos dele e olho para fora da janela.

Não sei se é possível se apaixonar em tão pouco tempo, mas se for, eu estou apaixonada por Wes Silver. Agora eu só tinha que descobrir como dizer a meu pai sobre ele.

Wes

— Silver, — Jax grita, entrando na loja pela porta do compartimento aberto. Levanto o meu queixo e me afasto da moto. Estou trabalhando enquanto limpo as mãos em um trapo gorduroso. — Tenho algumas notícias sobre Snake, — diz ele, e meu queixo range com a menção do nome dele. Por mais que eu não queira estar envolvido com essa merda, sei que preciso estar. Não está em mim me sentar enquanto pessoas boas e inocentes são feridas. — Ele foi visto saindo de uma reunião no centro de Nashville, esta tarde.

— E?

— E o encontro foi com Franco Demitrez.

— Será que isso quer dizer alguma coisa para mim?

— Ele controla um dos maiores círculos do tráfico sexual e prostituição deste lado do Mississippi, — diz ele, e meu intestino torce. Eu descobri a algum tempo que o que acontecia com Snake e seus meninos era ruim, mas isso leva essa merda a um nível totalmente diferente.

— Você sabe que odeio lhe pedir algum favor, — ele começa, e meus olhos se estreitam. Desde o primeiro momento que nos conhecemos ele esteve pedindo a minha equipe técnica para ajudá-lo com merda. — Preciso que você e seus garotos me ajudem a proteger algumas meninas que eles em breve transportarão.

— Então o que? Você ao menos sabe o nível de fodido que você está lidando agora? Você não pode simplesmente varrer a área, e com certeza, porra, precisa ter um plano em prática para quando estiver tudo acabado.

— Eu entendo isso, também entendo que Landon veio falar comigo. — Ele diz, tirando seu chapéu e passando a mão sobre a cabeça.

— O que ele queria? — Pergunto, o pai de Landon possui Mamma's Country; ele é o garoto que deixava os cães em frente à clínica de July, o mesmo garoto que July me pediu para ajudar.

— Você sabia que Landon tem uma irmã?

— Não. — Ronnie nunca mencionou ter outro filho, não para mim e nunca vi uma menina ao redor.

— Ele tem, mas os meninos de Snake a levaram e essa é a vantagem que eles têm sobre Ronnie, é por isso que as coisas foram à merda no Mamma's Country.

— Cristo.

— Landon ouviu um dos meninos de Snake falando sobre algumas meninas que mantinham e Landon acredita que a irmã dele estará com eles.

— Jesus, — resmungo; desgostoso. — Deixe-me falar com os caras. Eu ligo para você a fim de nos encontrarmos e descobrirmos o que vamos fazer. — Os meninos e eu nunca fizemos um movimento sem cada um de nós concordarmos, e não vou começar a fazer essa merda agora.

— Eu estou dentro, — Z disse, vindo para o meu lado.

— Eu também, — Mic cantarola.

— Estou legal com isso, — murmura Harlen.

— Eu estava ficando entediado de qualquer maneira. — Everret encolhe os ombros, caminhando para o grupo.

— Parece que estamos dentro, — suspiro. — Vamos nos encontrar hoje à noite para falar sobre os detalhes.

— Até hoje à noite, — diz Jax, saindo.

— Nós vamos precisar obter algumas armas, — diz Z.

— Conheço um lugar, — Harlen nos diz. — Se sair agora, eu ainda devo ser capaz de fazer a conexão.

— Mic, você vai com Everret. Harlen, você descobre tudo o que puder sobre esta situação.

— Feito, — diz Mic, se afastando, seguido por Everret e Harlen.

— Nós precisaremos de alguém cuidando das meninas quando não podemos, — Z declara, eu corro uma mão sobre a minha cabeça e olho para ele.

— Jax e os meninos vão ajudar.

— Eles matarão para protegê-las? Morreriam para protegê-las? — Ele pergunta, e penso em Jax, Talon e Sage, e sei que eles iriam. — Eles fariam o que for necessário, — asseguro.

— Eu não ia contar a ninguém, ainda não, porque é tão cedo, mas Kayan está grávida, — ele confidencia, e tudo o que posso fazer é olhar para ele. — Nós não estávamos planejando isso. Inferno, eu nem estava planejando. — Ele esfrega a mão pelo rosto, e quando seus olhos encontram os meus, eu noto pela primeira vez em anos que ele parece feliz.

— Jesus, você se move rápido, — murmuro, sorrindo.

— Quando ela me disse que estava grávida, eu pensei que ia desmaiar. Nunca estive tão assustado na minha vida. — Ele balança a cabeça e olha para fora da porta do compartimento, em seguida, volta para mim. — Nunca pensei muito sobre o futuro, até ela, — ele diz, e entendo isso. Mesmo quando eu era casado, eu não pensava no futuro ou ter filhos. Não pensava em nada, a não ser na minha próxima missão. Estar com July mudou tudo isso. Eu quero amanhã e setenta anos a partir de agora com ela.

— Estou feliz por você, irmão. — Eu puxo-o para um abraço de um braço, então, inclino apenas o suficiente para ver seu rosto e envolver minha mão ao redor da lateral do seu pescoço, sorrindo. — Você poderia imaginar a dois anos atrás que isso teria acontecido?

— Porra nenhuma. — Ele balança a cabeça e o deixo ir.

— Nem eu. — Eu não esperava encontrar uma mulher que me coubesse perfeitamente, uma mulher que me faz querer deslizar um anel em seu dedo apenas para que eu possa mostrar a todos que ela é minha, uma mulher que traz cada instinto possessivo e protetor que eu nem sabia que tinha. Mas isso é o que eu encontrei no dia em que conheci July Mayson. — Você está bem? — Pergunto a Z, que de repente parece preocupado.

— Nunca estive apaixonado. Você conhece a minha família fodida, — diz ele, e aceno. — Nem sei como é o amor.

Porra...

— Eu me preocupo em não ser digno dela, — ele admite, esfregando seu peito.

— Isso é amor, irmão. Saber que você não é bom o suficiente, mas ficar com ela de qualquer maneira, isso é amor.

— Isso é fodido.

Eu rio e concordo, — Sim.

Capítulo 11

— Hey, você, — cumprimento, vendo Wes em pé na porta do quarto.

Seus braços cruzados sobre o peito e os olhos caindo para os meus seios enquanto endireito as alças do meu sutiã.

— Você é tão linda, — ele diz, afastando da porta.

— Pensei que sairíamos logo, — digo a ele, lendo o olhar em seus olhos. Ele não diz nada, apenas me empurra até que as costas dos meus joelhos batem na cama e estou caindo, caindo com ele em cima de mim.

— Você cheira bem. — Sua língua lambe a coluna da minha garganta.

— Sim? — Pergunto, passando os braços ao redor de seu pescoço e minha perna ao redor de seu quadril.

Sua boca cai na minha, sua língua desliza através de meu lábio inferior quando me abro para ele, inclinando a cabeça para o lado. No momento em que seu gosto inunda minha boca, eu gemo e deixo minhas mãos viajarem em suas costas, sob sua camisa, sentindo sua pele quente nas palmas das mãos. Eu puxo sua camisa até que ele é forçado a liberar a minha boca, ele se senta, puxando a camisa sobre a cabeça, e volta para mim. Sua mão desliza pelas minhas costas, e o sutiã que eu acabara de colocar é rapidamente tirado. Ele desliza primeiro um braço, em seguida, o outro, antes de puxá-lo para longe do meu peito e voltar sua boca para a minha enquanto sua mão corre no meu quadril, parando no lado de baixo do meu peito.

— Wes, — eu ronrono, e seu polegar varre meu mamilo. Esse toque faz meu núcleo apertar e umidade inundar entre minhas pernas. Não há nada que eu queira

mais do que ele dentro de mim, mas cada vez que chegamos perto de ir lá, ele se afasta, e esse pensamento tem minhas unhas arranhando suas costas e minha cabeça afundando no travesseiro enquanto sua boca viaja pelo meu queixo e pescoço.

Inclino minha cabeça para olhar para ele quando ele muda, apalpando meu peito com uma mão grande, então lambendo meu mamilo antes de beijar entre os meus seios, minha barriga, me provocando em torno do meu umbigo.

— Levante sua bunda, baby, — ele ordena, abrindo meus jeans. Levanto meus quadris da cama enquanto ele puxa-os sobre a minha bunda e pelas minhas pernas. Minhas mãos vão para a cama perto de meus quadris enquanto começo a ofegar. O pensamento de sua boca em mim tem meu corpo aceso em antecipação. — Você está inchada e molhada, baby, — ele respira acima do meu núcleo, usando os polegares para me abrir.

Eu inclino minha cabeça, e no momento que nossos olhos se encontram, ele lambe meu centro. Minha cabeça cai na cama, meus olhos espremem fechados, e levanto-me mais alto, passando a mão sobre a cabeça dele. — Eu quero tocar em você, — assobio quando sua língua passa para frente e para trás sobre o meu clitóris, provocando uma dor que enche meu estômago.

Ele resmunga e meus quadris balançam enquanto seus dedos brincam com a minha entrada, me torturando.

— Wes, por favor, pare, — grito, precisando mais do que ele está me dando, mas em vez de me encher com os dedos como desejo, suas mãos vão para as minhas coxas e ele me mantém aberta, puxando meu clitóris em sua boca. Minha cabeça pressiona mais forte na cama e as minhas pernas me erguem mais alto para sua boca, depois se fecham em torno das orelhas dele quando aquela dor na base de meu estomago explode.

— Wes! — Eu grito, a minha cabeça se debatendo contra o travesseiro.

— Jesus, — ele rosna, subindo entre as minhas pernas, tomando minha boca em um beijo profundo que faz queimar aquele insatisfeito latejar abaixo. Seus dedos correm entre as minhas pernas novamente, mas não aguento mais. Eu o rolo em suas costas, me sento com as minhas mãos no seu peito, e olho para ele antes de abaixar a cabeça e beijá-lo, pressionando minha língua em sua boca, e

gemendo quando suas mãos envolvem meus seios, seus dedos puxando meus mamilos.

— Você está ensopando o meu estômago, baby, — diz ele, e me inclino para trás, deslizo pelo seu corpo o suficiente para libertá-lo de suas botas, jeans e boxers. No momento em que minha mão envolve sua largura, meu núcleo aperta e seus quadris pulam. Cega pela necessidade, eu ajusto, o escarrancho, e me empalo.

Minha respiração assobia para fora, minha cabeça voa para trás, e minhas mãos arranham seu peito e abdômen quando ele me enche e estende.

— Foda-se, — o ouço grunhir, e minha cabeça abaixa, os nossos olhos se conectam, e meu corpo para. Eu vejo-o engolir, o olhar em seus olhos diferente de tudo que eu já vi. Uma de suas mãos vai para minha bunda, a outra se espalha sobre a base de meu estômago, o polegar pressionando o meu clitóris quando ele começa a me balançar para trás e para frente.

— Eu nunca vou conseguir fazer alguma coisa. Tudo o que vou pensar é nessa boceta, como é quente. — Ele circunda o meu clitóris. — Quão molhada é. — Sua mão na minha bunda aperta com força, a dor e calor me fazendo choramingar. — Como é apertada. — Ele me balança mais forte e levanta seus quadris. Sinto cada polegada dele, acertando os lugares dentro de mim que tornam difícil até mesmo pensar.

— Wes, — eu gemo, levantando as mãos para os meus seios e puxando meus mamilos. Minha cabeça cai para trás quando eu afundo, encontrando cada uma das suas estocadas ascendentes, aquela dor insatisfeita agora plena e transbordando, se expandindo pelo meu corpo.

— Porra, baby, você está me apertando tão forte, — ele rosna, empurrando mais rápido, cada subida fazendo a minha respiração pausar. Então, isso acontece. Eu grito, estrelas brilham atrás dos meus olhos e meu corpo implode.

Ele me vira para minhas costas, abaixa a boca sobre a minha, e me beija quando seus quadris empurram em mim. Minhas pernas envolvem seus quadris e minhas mãos agarram seus ombros quando sua boca sai da minha. Ele belisca e beija o meu pescoço até que ele atinge o meu peito, onde puxa meu mamilo em sua boca e morde, fazendo outro orgasmo atravessar o meu corpo.

— Eu quero mais um, — diz ele, e minha cabeça balança de um lado para o outro contra o travesseiro. — Sim, — ele rosna, deslizando sua mão entre nós e

sua boca agarrando meu outro mamilo, puxando-o. Ele morde forte enquanto empurra mais duas vezes e para, pressionando dentro de mim quando o sinto tornar-se ainda maior. Meus braços e pernas embrulham mais apertado em torno dele, sua testa caindo no meu ombro. Os nossos batimentos cardíacos batem rapidamente um contra o outro quando ambos lutam para respirar.

— Eu sabia, no momento em que cheguei até você, que eu estava ferrado. Porra, eu estava certo, — ele respira contra a minha pele encharcada de suor. Meu corpo para, ele levanta a cabeça e olha para mim. — Nunca tive nada mais doce do que a sua boceta, baby. — Eu sorri e o sinto saltar dentro de mim. — Você tem meu pau pensando que tem dezesseis anos de novo. — Ele me beija antes de se retirar. — Eu sei que você está no controle de natalidade, e sei que estou limpo. Está tudo bem para você não usarmos algo toda vez que eu deslizar dentro de você?

Eu só posso concordar. Ele me faz sentir tão incrível que não posso imaginar ter algo nos separando.

— Eu quero tomá-la novamente, mas vamos precisar de um banho e comida. — Lambo meus lábios, meus olhos se deslocando até seu pênis, o qual está a meio mastro, então meus olhos voam até encontrar os seus quando ele começa a rir, me fazendo franzir a testa. — O gato comeu sua língua, baby? — Ele pergunta, e eu sento, abaixando minha cabeça e corando. Meu corpo ainda está em sobrecarga sensorial. Mal posso pensar, e muito menos falar agora.

— Essa é uma maneira de mantê-la quieta, — resmunga, e pego um travesseiro e o jogo nele. Ele se abaixa quando voa sobre a cabeça, e anda em direção à cama. Ele me pega debaixo dos meus braços, minhas pernas embrulham em torno de sua cintura, e sua boca rouba minha respiração enquanto ele me leva para o banheiro, onde me toma contra a parede do chuveiro antes de me levar para a cama novamente, onde passamos o resto da noite. Nossos planos de encontrar seus amigos esquecidos.

~~*

— Baby, o que diabos você está fazendo? — Wes pergunta, olhando-me debaixo da mesa.

— Deixei cair uma coisa, — eu minto, tocando o chão como se eu realmente tivesse deixado cair alguma coisa, mas depois me arrependo imediatamente quando minha mão passa sobre um pedaço de chiclete mastigado. *Eeewww!* Limpo a mão no meu jeans, encolhendo com o pensamento de que eu apenas toquei.

— Traga sua bunda até aqui, — ele rosna, e meu coração, que já batia forte, começa a bater de forma irregular com a ideia do meu tio Nico, que entrara momentos antes no clube, me ver saindo de debaixo da mesa onde me escondi.

Os olhos de Wes estreitam e relutantemente saio do meu esconderijo, ele envolve seu braço em meus ombros e beija meu cabelo, o que me faz fechar os olhos, só para abri-los e ficar cara-a-cara com o meu tio.

— July?

— Oi. — Sorrio e dou um pequeno aceno, implorando com os olhos para ele não dizer nada.

— Que porra você faz aqui? — Ele pergunta, olhando entre Wes e eu.

Tanto para um pensamento esperançoso.

— Você pode querer prestar atenção de como fala com a minha mulher, — Wes rosna, fazendo-me encolher novamente.

— Sua mulher? — Tio Nico diz, e vejo algo brilhar em seus olhos, mas não quero criar esperanças.

— Minha mulher, — Wes responde, meu corpo congela e meus pulmões comprimem enquanto espero para ver o que vai acontecer.

— O meu irmão sabe que a filha dele é a sua mulher? — Tio Nico pergunta, cruzando os braços sobre o peito, olhando entre nós dois, e tudo que eu quero fazer é mergulhar debaixo da mesa novamente e me esconder.

— Tenho certeza que ele sabe, — Wes diz, e pressiono meus lábios fortemente, porque de maneira nenhuma meu pai sabe sobre Wes.

— Você tem certeza disso? — Ele pergunta, e Wes olha dele para mim, me encarando. Eu sei o momento em que ele vê o que estou tentando esconder, porque decepção enche seus olhos.

— Eu... — começo a explicar, quando ele puxa os olhos de mim, olha para o tio Nico, e tira a mão de trás de minha cadeira, cruzando os braços sobre o peito.

— Existe uma razão para você estar aqui? — Perguntas Wes com os dentes cerrados.

— Eu disse ao meu sobrinho que ele precisava se afastar, mas ele e meus filhos estão com dificuldades de audição. Como disse a eles, estou dizendo a você. Fique fora disso e deixe que as autoridades lidem com o que está acontecendo, — diz meu tio, colocando os punhos em seus quadris. Suas palavras mal penetram pelo fato de que, apesar de Wes está bem próximo a mim, parece que ele está a quilômetros de distância.

— Você não terá nenhum problema comigo ou os meus meninos.

— Aprecio isso, — Tio Nico resmunga, e tenho certeza que seus olhos estão em mim, mas o meu está trancado em Wes. Coloco a minha mão na coxa de Wes, seus músculos flexionam debaixo da minha palma e sua mandíbula enrijece com o meu toque.

— Desculpe, — eu sussurro, desejando que ele pudesse entender.

Seus olhos encontram os meus e vejo o flash de dor em suas profundezas verdes antes dele se levantar. — Estou indo. Você não precisa de mais nada? — Pergunta ao meu tio e meu peito comprime sob a pressão se alimentando completamente das fatias de dor que atravessam o meu corpo.

— Nah, estamos bem.

— Mic — Wes grita, e Mic, que observara tudo, olha de mim para Wes.

— E aí?

— Certifique-se de que July chegue bem em casa.

— Entendi, — Mic diz, acenando com a cabeça.

— O quê? — Eu chio, ainda presa no lugar. Isso não pode estar acontecendo. Olho para o meu tio, que me observa, parecendo preocupado, e então seus olhos vão para Wes, e os meus também, mas tudo o que eu sou capaz de ver são suas costas enquanto ele sai pela porta.

— July, — tio Nico chama, mas balanço minha cabeça e coloco minha mão na minha garganta enquanto tento lutar por uma respiração. — Vou levar a minha sobrinha para casa, — diz ele suavemente, mas antes que ele possa me alcançar, levanto e corro para a porta que Wes apenas saiu. Eu a abro completamente, fazendo com que a grande porta de metal bata ruidosamente contra o exterior de tijolos. No momento em que o ar fresco bate no meu rosto, eu vejo Wes escarranchar sua moto. Ele para, olha por cima do ombro, e depois se vira, e o rugido alto de sua moto enche o ar.

— Sei que você não acredita em mim, mas eu sinto muito. Eu simplesmente não podia dizer a ele. Não importa quantas vezes eu tentei, não podia fazê-lo.

Eu o vejo sacudir a cabeça e suas botas deixam o cascalho quando ele decola. — Oh, Deus, — eu choramingo quando dor explode no meu peito e caio de joelhos no cascalho.

— July, — Tio Nico diz, me pegando como costumava fazer quando eu era uma garotinha. Eu seguro nele, enquanto as lágrimas escorrem pelo meu rosto.

— Fui tão estúpida, — sussurro.

— O amor nos torna estúpido, — diz ele suavemente.

— Estou tão apaixonada por ele.

— Eu vejo isso, bonita.

— Ele me odeia.

— Prometo a você que ele não odeia. — Ele me coloca em sua caminhonete.

Eu inalo algumas respirações profundas, e aperto as minhas mãos, tentando me controlar o suficiente para poder descobrir qual será o meu próximo passo. — Eu vou dirigindo para casa, — digo a tio Nico, pulando da sua caminhonete.

— Acho que não é uma boa ideia.

— Não estou chorando agora, e minha casa fica a cinco minutos de distância. Eu ficarei bem.

Seus olhos procuram meu rosto por um momento e ele balança a cabeça. Eu sei que ele não quer me deixar ir, mas ele sabe que não tem escolha. — Eu seguirei você.

— Claro, — concordo, puxando minhas chaves do meu bolso e entrando em meu jipe. Desligo a música para poder me concentrar na direção. Leva apenas alguns minutos para chegar em casa, e aceno para tio Nico, então, olho para a minha casa. As janelas estão escuras, e sei que quando entrar eu serei saudada pelo vazio, e esse pensamento traz uma nova onda de lágrimas aos meus olhos.

Deixo escapar uma respiração irregular, pego meu celular do meu porta-copos, e eu disco.

— Pai, — eu choro como uma idiota quando ele atende o telefone.

— July? — Ele pergunta, e descanso minha testa no volante do meu carro, me acalmando o suficiente para falar.

— Pai, eu preciso te dizer uma coisa.

— Se você me disser que está grávida, eu estou matando alguém.

— Estou apaixonada, — eu choro, fungo, e cubro meu rosto. — Pai? — Eu puxo o telefone da minha orelha e olho para a tela quando o telefone fica em silêncio.

— Estou aqui, — diz ele em voz baixa, e ouço um arrastar de pés. — Por que está chorando?

— Oh Deus, pai. Eu sou tão burra... tão, tão burra.

— Você não é burra. Agora me diga o que está errado.

— Era para eu contar a você sobre Wes, mas eu nunca fiz, e hoje à noite, o tio Nico veio ao composto, e ele descobriu que você não sabe quem ele é. Ele disse a alguém para se certificar que eu chegasse em casa e decolou. Não quero magoá-lo. Eu o amo, papai... tipo realmente, realmente amo. — Eu choro mais forte, minha respiração soluçando com cada gole de ar.

— O que quer dizer *composto*? — Ele pergunta.

— Composto de motos, — explico, e aperto a minha cabeça. — Isso não importa, pai. Você está me ouvindo?

— Composto de moto? — Ele pergunta, e posso ouvir a carranca em sua voz.

— Um lugar onde motociclistas passam tempo, papai. Concentre-se.

— Espero que você queira dizer ciclista, e não um MC.

— Papai! — Eu grito, cada vez mais frustrada.

— Foda-se, — ele corta, então ouço mais arrastar de pés. — Estou a caminho.

— O quê? — Eu congelo.

— Encontrarei você em sua casa em vinte minutos no máximo.

— Pai?

— Vejo você em breve, — diz ele e desliga.

Eu puxo o telefone do meu ouvido e olho para ele por um longo momento, enquanto me pergunto quão estúpida eu sou. — Oh, merda! — Eu grito, saio do carro e fico cara-a-cara com Mic, que está de pé, com os braços cruzados sobre o peito.

— Ia bater em sua janela, mas você estava no telefone.

— Eu conversava com meu pai, — digo a ele, secando meus olhos.

— Eu ouvi. — Ele coloca o braço em volta dos meus ombros e me leva até a minha casa.

— Você já falou com Wes? — Pergunto, e ele balança a cabeça, fazendo com que uma nova onda de lágrimas encha meus olhos. Balanço minha cabeça e abro a porta da frente, chorando mais forte quando Capone começa a saltar ao redor em meus pés.

— Ele voltará; apenas dê-lhe um momento para se acalmar, — diz Mic, e aceno. Eu sei que ele está certo, mas odeio a ideia dele em algum lugar chateado comigo. Não que ele não tenha o direito de estar chateado. Eu continuamente mudei de assunto ou dei desculpas para a razão pela qual ele e meu pai não se conheceram, e por causa disso, eu o feri. Só espero que quando Wes vier para casa, ele esteja disposto a deixar-me defender minha causa.

— Você pode voltar para o composto. Meu pai estará aqui em poucos minutos, — digo a Mic, indo para a minha cozinha e pegando o rolo de papel toalha do balcão.

— Eu vou esperar até ele chegar aqui, se estiver tudo bem? — Ele pergunta quando me sento no sofá, limpando meu rosto. Então começo a pensar sobre a última semana e o fato de absolutamente não ter estado sozinha. Puxo a toalha de papel do meu rosto e olho para Mic.

— O que está acontecendo?

— Só estou fazendo um favor para o meu irmão.

— Não, — balanço minha cabeça, — eu não tive um momento sozinha ao longo da última semana. Se Wes não está comigo, um de vocês está. Por que isso?

— Apenas sendo cauteloso. Você sabe que Wes é protetor com você, — ele afirma. Eu sei que ele está mentindo, mas ele desvia os olhos, olhando para a porta da frente quando uma porta de carro bate, então eu sei que isso é o fim da conversa.

— É o meu pai, — digo, quando uma batida soa na porta e faz Capone começar a latir. Mic acena e vai para a entrada comigo. Eu olho feio e ele apenas dá de ombros.

— Ei, papai. — Abro a porta e lágrimas acumulam em meus olhos quando ele me puxa para um abraço.

— É ele? — Pergunta, erguendo o queixo para Mic.

— Não, esse é Mic. Mic, este é o meu pai, Asher.

— Prazer em conhecê-lo, senhor, — Mic diz antes dos seus olhos me encontrarem e suavizarem. — Eu ficarei lá fora. — Ele brinca com meu queixo, antes de sair pela porta.

— Então esse não é ele?

— Não, ele é amigo de Wes. — Suspiro, indo para o sofá e me sentando.

— Por que ele está aqui? — Ele pergunta, e odeio ter que mentir para ele, mas de maneira nenhuma eu posso dizer o que está acontecendo, embora eu não saiba todos os detalhes.

— Wes é protetor, — digo, esperando que ele aceite essa explicação.

— Huh... — meu pai grunhi, se sentando. No momento em que seu corpo se dobra em meu sofá, ele segura a minha mão, e então seus olhos suavizam enquanto ele me encara por um longo tempo antes de falar. — Então, você está apaixonada? — Ele pergunta tranquilamente, no mesmo tom que usava para falar comigo quando eu era pequena, quando me encontrava chorando ou chateada.

— Sim. — Aceno a cabeça e engulo através do caroço que se formou na minha garganta, então, limpo os olhos com a toalha de papel que ainda tenho na minha mão.

— Por que você não me contou? — Pergunta, apertando a minha mão.

Sheesh! Por que não contei a ele sobre Wes? Há tantas razões, mas agora eu sinto que nenhuma delas faz sentido. Nenhum delas eram razões boas o suficiente para ferir Wes.

— Não sei. — Cubro meu rosto com as mãos. — Wes não é como ninguém com quem eu estive antes; até mesmo Jax disse isso. — Eu fecho meus olhos, tentando colocar meus pensamentos em ordem antes de falar novamente. — Eu quero que você goste dele, — digo, abrindo meus olhos. — Eu te amo, e quero que você goste dele, porque o amo.

— Você é a minha menininha. — Ele sorri e sua mão sobe para segurar minha bochecha. — Desde o momento em que sua mãe me disse que estava grávida, o meu mundo mudou, e você se tornou uma das coisas mais importantes da minha vida. Quando você tomou sua primeira respiração, eu sabia que faria tudo ao meu alcance para ter certeza de que cada respiração que você tomasse

fosse fácil. Você será sempre minha menininha, e não posso prometer gostar de qualquer homem com quem você está.

Ele me puxa e beija minha testa. — Seu avô me deu uma chance com a sua mãe, e jurei que quando minhas meninas me dissessem que estavam apaixonadas eu encontraria uma maneira de fazer as pazes com isso, para que elas nunca tivessem que escolher entre mim e o homem com quem queriam partilhar as suas vidas, — ele confessa, e choro mais, soluçando em seu peito enquanto ele me abraça.

— Eu te amo, pai, — soluço.

— Eu também te amo, mais do que qualquer coisa neste mundo.

— O que devo fazer sobre Wes? — Pergunto, me afastando e limpando meu rosto.

— Basta falar com ele. Se ele for um homem digno de você, ele entenderá seu raciocínio.

— E se ele não entender? — Sussurro meu maior medo.

— Então ele não merece você, — ele afirma, levantando. Eu o sigo e caminho até a porta. Ele me dá um abraço e um beijo na testa, antes de sair para a varanda da frente. — Ligue para mim amanhã, — ele pede, caminhando para o seu Jeep, passando Mic no caminho e apertando a mão dele. Dou-lhe um pequeno aceno quando ele se afasta da minha entrada, e olha para Mic, que está em pé perto de sua moto, falando em seu telefone.

— É ele? — Pergunto esperançosamente.

— Não, baby, volte para dentro, — ele me diz, e franzo a testa, mas entro em casa e fecho a porta.

No momento em que a porta se fecha, percebo quão silencioso é. Desde o momento em que conheci Wes, tem havido uma sonoridade na minha vida que não estava lá antes. Não o tipo de ruído chato ou que você deseja ficar longe, mas o tipo de ruído que permite que você saiba que está vivo e que a vida que você vive está completa. Eu não sabia que faltava algo em minha vida até Wes... até agora. Fechando os olhos, puxo algumas respirações profundas, pego o controle remoto e ligo a TV, esperando que o som ajude a afastar a sensação de que se estabeleceu no meu intestino desde que eu assisti Wes se afastar.

— Você fez isso para si mesma, — sussurro, indo para a cozinha e pegando uma garrafa de água antes de ir para o meu quarto, colocar um par de calças de moletom e uma camisa. Depois voltar à sala de estar para assistir alguns programas de TV.

~~*

— Você está em casa, — murmuro quando sou levantada do sofá e colocada na frente de Wes, e ele me leva para o meu quarto.

— Durma, — resmunga, me deitando e puxando as cobertas sobre mim. Mastigo meu lábio inferior, observando-o, tentando avaliar onde sua cabeça está.

Suas costas estão para mim, ele levanta a camisa sobre a cabeça e ela cai no chão, e depois o som de seu cinto saindo preenche o silêncio, fazendo a bola de energia enrolada no meu estômago se desemaranhar um pouco com o conhecimento que ele não vai embora.

— Eu sinto muito. — Estendo a mão para ele e corro meus dedos em suas costas enquanto ele senta no lado da cama. O momento em que o toco, os seus músculos contraem e ele olha por cima do ombro para mim.

— Falaremos sobre isso na parte da manhã.

— Eu disse ao meu pai. Ele esteve aqui. — Fecho meus olhos, odiando a distância que sinto entre nós. — Eu sei que você provavelmente vai pensar que é idiota, mas a ideia de você e meu pai não se dando bem é uma das piores coisas que posso imaginar. — Abro meus olhos, vendo que ele ainda me observa. — Eu amo o meu pai; ele é o meu melhor amigo, mas desde o momento em que te conheci, isso mudou. Você se tornou importante em uma maneira que eu sei que se tivesse que escolher entre os dois, eu não seria capaz sem que isso me dilacerasse.

— Você acha que eu faria você escolher entre nós? — Ele rosna, e as sobrancelhas se juntam.

Ok, dito em voz alta assim faz parecer estúpido.

— Eu... eu não acho que você faria, — balanço minha cabeça. — Não acho que ele faria também, mas como eu poderia escolher entre os dois homens que eu amo?

— Ama?

— O quê? — Pergunto; confusa.

— Você disse que não poderia escolher entre os dois homens que você ama. — Ele rasteja sobre mim, pressionando-me na cama com seu peso, seu rosto a centímetros do meu. — Você me ama? — Ele pergunta baixinho, e balanço minha cabeça fechando os olhos. — July, abra os olhos e olhe para mim.

Balanço minha cabeça novamente e suas mãos vão para cada lado do meu rosto. — Baby, abra os olhos e olhe para mim. — O tom de sua voz faz meus olhos se abrir para olhar para ele. — Eu também te amo, — diz ele, e meus olhos se fecham e deixo suas palavras se derramarem sobre mim antes de abri-los novamente. — Amar você significa que eu quero o que é melhor para você e que eu quero que você seja feliz. Você acha que não sei o que sua família significa para você? — Ele empurra o meu cabelo do meu rosto. — Você não acha que eu vejo a maneira como seu rosto se ilumina quando você fala do seu pai, ou o amor que tem para ele? — Ele beija meus lábios, em seguida, meu queixo. — Eu vejo baby, e independentemente de nós nos darmos bem, eu nunca faria você escolher entre nós.

— Não posso acreditar que você me ama.

— Isso é tudo que você tem a dizer desse discurso? — Pergunta ele, sorrindo.

— Uh, basicamente...

— Não tenho ideia do que fazer com sua bunda louca, — ele murmura, olhando por cima da minha cabeça.

— Hey, — eu beijo seu lado, — você me dizendo que me ama é tipo que uma grande coisa.

— Nada mais de esconder merda de mim, — ele exige, seu rosto ficando sério.

— Prometo, — eu concordo.

— Da próxima vez, eu vou espancar sua bunda.

Meu corpo congela debaixo dele, e o espaço entre as minhas pernas formiga com o pensamento dele me espancando.

— Interessante. — Ele sorri, e mordo meu lábio inferior antes de deixar escapar algo completamente inadequado.

— Arruinado, — diz ele, mordendo meu queixo, fazendo-me ofegar quando ele puxa uma das minhas pernas em volta de seu quadril.

— O que você está fazendo? — Eu gemo quando ele passa a mão pelo meu estômago sob o meu moletom.

— Sexo de reconciliação, baby, — ele sussurra contra a minha boca, deslizando dois dedos dentro de mim.

Capítulo 12

— Oh, meu Deus. Estou indo! — Eu grito, rolando para sair da cama quando a campainha toca pela décima vez em menos de um minuto.

— Eu vou atender, baby, — diz Wes, me puxando de volta na cama e beijando o lado da minha cabeça antes de se levantar. Viro a cabeça e vejo ele vestindo sua calça jeans, deixando o quarto sem camisa. Querendo saber quem é, eu levanto e o sigo para fora do quarto, então paro na sala, olhando para suas costas enquanto ele abre a porta. Seu corpo congela, todos os músculos das costas tensionados quando ele diz algo para quem está à porta.

Caminho até ele, então passo debaixo do braço, ficando cara a cara com os meus pais. *Oh, merda!*

— Bom dia, querida. — Minha mãe sorri.

Eu pisco, olhando para minha mãe, e para o meu pai. — O que vocês estão fazendo aqui?

— Imaginei que se ele estivesse aqui, isso significaria que ele é quem eu pensei que fosse. Se ele não voltasse aqui ontem à noite, eu sabia que você precisaria da famosa rabanada da sua mãe para superá-lo, — meu pai diz quando Wes envolve seu braço em minha cintura, me tirando do caminho.

— Uhh... — murmuro quando meu pai puxa a minha mãe para dentro da casa, fechando a porta.

— Você quer colocar uma camisa? — Meu pai pergunta, olhando para Wes. Então seus olhos caem para minhas pernas e ele franze a testa. — E você algumas calças?

— Asher Mayson! — Minha mãe retruca, batendo no peito do meu pai.

— O quê? — Pergunta ele, franzindo a testa para ela.

— Esta é a casa da sua filha, não a sua. Você não pode dizer a ela ou seu convidado para se vestir em sua própria casa.

— O inferno que não posso, — papai rosna, e olha para Wes. — Você acha que eu vou deixá-lo sentar na sua frente sem camisa enquanto comemos o café? Porra, não.

— Você é tão ridículo. — Mamãe olha para ele, cruzando os braços sobre o peito.

— Chame do que quiser, baby, — meu pai diz, olhando para ela.

— Voltaremos depois de nos vestirmos, — murmuro, puxando comigo para o quarto um Wes sorridente.

— Meus pais estão aqui, — choramingo, fechando a porta e pressionando as costas para a madeira, fechando os olhos.

— Vi isso, baby, — diz Wes, e meus olhos se abrem e o vejo pegar uma camisa limpa da cômoda.

— Nós vamos tomar café da manhã com o meu pai e minha mãe. — Digo a ele algo que ele já sabe quando o vejo ir ao banheiro. Sigo atrás dele, observando ele pegar sua escova de dente do suporte ao lado da minha e começar a escovar os dentes. E me pergunto como ele é tão legal sobre isso.

— Vista uma calça. — Seus olhos encontram os meus no espelho e ele coloca a mão em xícara debaixo da água corrente para enxaguar a boca. Eu olho em volta do banheiro. A cortina de chuveiro está aberta, e o sabão e xampu de Wes estão ao lado dos meus na prateleira. Meus olhos voltam para ele quando ele coloca sua escova de dente ao lado da minha no suporte mais uma vez. Meus olhos caem para suas lâminas, desodorante, e produtos de homem que ocupam metade do balcão, e balanço minha cabeça me lembrando de me vestir.

Saio do banheiro e vou ao armário. Quando o abro, percebo que as roupas de Wes preenchem todo um lado do meu armário, então meus olhos caem no chão e vejo que botas e tênis estão misturados com os meus no chão. Eu pego um moletom, e volto ao banheiro, me sentindo sobrecarregada de repente.

Engulo em seco, o vendo vestir sua camisa. — Eu... uhh... quando foi que começamos a morar juntos?

— Baby, se vista, — diz ele, ignorando-me, e me pergunto se estou pensando muito nisso. Retiro minha camisa, coloco um sutiã e uma camiseta, e deslizo meu moletom antes de escovar os dentes. Quando saio do banheiro, Wes está completamente vestido e sentado ao lado da cama.

— Você está bem? — Pergunto, ficando na frente dele. Ele me puxa até que meus quadris estão entre os seus, e então desliza as mãos sob a minha camiseta, correndo ao longo da pele dos meus lados.

— Aconteça o que acontecer lá fora, não afeta o que temos. Quando seus pais forem para casa, nós ainda seremos nós, e nada mudará isso.

Eu me inclino e pressiono um beijo em seus lábios.

— Você está pronta? — Eu lambo meus lábios e aceno, ele pega a minha mão, me levando para fora do quarto para a cozinha, onde ouço meus pais conversando.

Quando viramos a esquina, vejo a minha mãe no fogão e meu pai de pé atrás dela, com os braços ao redor dela. Limpo minha garganta, e dou um puxão na mão de Wes quando seus olhos nos encontram.

— Pai, eu gostaria que você conhecesse Wes Silver. Wes, este é o meu pai, Asher Mayson, — Eu os apresento.

— Prazer em conhecê-lo, senhor, — diz Wes, os olhos do meu pai estreitam e prendo a respiração, quase com medo de assistir.

— Você é militar? — Meu pai pergunta, e Wes concorda.

— Oito anos nos SEALs.

Meu pai grunhe depois balança a cabeça. — Marinha, — diz ele, apontando para si mesmo, em seguida, pega a mão de Wes dando-lhe um aperto firme. Deixo escapar um suspiro que não sabia que segurava e vou para o lado da minha mãe para beijar sua cabeça, depois envolvo o meu braço em seus ombros.

— Eu disse que tudo ficaria bem, querida, — minha mãe sussurra baixinho, me dando um aperto. Sorrio e vou até o meu pai, deslizando sob seu braço enquanto fala com Wes. Ele beija meu cabelo e eu abraço sua cintura, em seguida, deslizo de sua mão e vou para Wes, envolvendo meus braços em torno dele e descansando minha bochecha em seu peito. Eu fico lá até minha mãe terminar de fazer o seu famoso café da manhã com rabanada, e todos nós nos movemos para

sentar ao redor da mesa. — Vocês devem vir jantar neste fim de semana, — meu pai sugere quando caminhamos com eles à porta da frente.

— Tenho algumas coisas acontecendo neste fim de semana, — Wes diz, e olho para ele franzindo a testa; ele não disse nada para mim. — Devo ser capaz de trabalhar em algo para a próxima semana, no entanto.

Meu pai balança a cabeça e dá um tapinha no ombro dele, e olha para mim. — Eu sei que vocês estão juntos, mas não quero ser avô ainda, por isso certifique-se de ser cuidadosa.

— Papai! — Eu assobio.

— Não, — ele balança a cabeça, e aponta para Wes, — Se minha menina me disser que está grávida antes de ter um anel no dedo, nós teremos problemas. Inferno, você não deve nem mesmo fazer sexo.

— Papai, pare. Eu perdi minha virgindade na noite do baile. — Eu balanço minha cabeça e a dele se vira para mim. Seus olhos estreitam e posso ver as rodas em sua cabeça girando.

Quando no inferno vou aprender a calar minha grande boca?

— Você foi ao baile com Bobbie Evans. Ele ainda trabalha na concessionária de automóveis na cidade, — meu pai rosna e sua mandíbula começa a tremer.

— Hum... — olho para a minha mãe pedindo ajuda, mas posso ver que ela está chateada também.

— Eu vou matá-lo, — papai se agita.

— Eu vou ajudá-lo, — diz Wes. Eu olho para ele e estreito meus olhos, e ele dá de ombros.

— Não falo com ele há anos, — eu digo, jogando meus braços no ar, e depois os cruzando sobre meu peito, olhando para ele.

— Continue assim, — ordena Wes.

— Você pode manter o seu homem das cavernas em suas calças? — Meus olhos vão de Wes para o meu pai, que olha entre Wes e eu com um olhar estranho em seu rosto.

— Pai? — Digo, e é quase como se ele estivesse congelado no lugar.

— Amo você, querida, — minha mãe diz, interrompendo e me dando um abraço.

— Te amo, mãe.

— Asher. — Minha mãe pega a mão dele e seus olhos vão até ela, ele balança a cabeça, e olha para mim.

— Seja boa, — ele murmura, dando-me um abraço e beijando minha testa. Ele olha para Wes e levanta o queixo antes de ir em direção ao seu Jeep com o braço em volta dos ombros da minha mãe.

— Isso não foi tão ruim, — digo a Wes. Seu braço envolve minha cintura e sinto os lábios no meu cabelo enquanto vemos os meus pais se afastarem.

— Eu gosto de seus pais, — diz ele, me levando para a casa.

— Eles gostam de você também. — Sorrio, e caminho em direção ao quarto, uma vez que estamos lá, não ando muito, porque a parte de trás da minha camiseta é agarrada e sou puxada em seu corpo duro.

— Onde você vai? — Ele envolve seus braços na minha cintura e beija o meu pescoço.

— Eu ia tomar banho. — Lamento, inclinando a cabeça para o lado.

— Isso soa bem. — Ele morde meu pescoço, me levanta e caminha em direção ao banheiro, me fazendo rir.

— Onde nisso você me ouviu convidá-lo? — Pergunto quando ele se estica para ligar o chuveiro.

— Onde você ia ficar nua. — Ele puxa a camiseta sobre a minha cabeça e abre meu sutiã, deixando-o cair no chão antes de segurar meus seios, puxando ambos os mamilos, o que faz o meu núcleo apertar com a falta. Suas mãos viajam pelo meu estômago e ele desliza meu moletom pelas minhas pernas, ordenando, — Saia, — contra o meu pescoço antes de morder a minha pele.

Quando suas mãos me deixam mais uma vez, viro para olhá-lo por cima do ombro e vejo suas mãos irem atrás de suas costas enquanto ele puxa a camisa sobre a cabeça, deixando-a cair no chão com a minha. Quando seus braços me envolvem novamente, eu gemo, sentindo o jeans raspar contra a pele na parte de trás das minhas coxas quando uma de suas mãos desliza pelo meu estômago e a outra embrulha meu peito. Seu pé espalha minhas pernas e seus dedos deslizam através das minhas dobras, fazendo meus quadris pularem. Virando a cabeça, eu ofego em seu pescoço quando dois dedos deslizam em ambos os lados do meu clitóris inchado.

— Minha boca está cheia d'água. — Ele me deixa ir, fazendo meus olhos fechados voarem abertos. Viro-me e vejo-o puxar uma toalha da prateleira e colocar no balcão. Então, ele me puxa pelos meus quadris e levanta-me, colocando-me sobre ela. — Mostre-me sua boceta, baby, — diz, desafivelando seus jeans. Meus olhos estão colados ao contorno que o V de seu quadril está apontando.

— Abra as pernas, July. — Meus olhos deslizam até encontrar o seu e engulo, abrindo lentamente as minhas pernas. — Toque-se como quer que eu te toque. — Ele puxa para baixo sua calça jeans e seu pênis bate contra seu estômago, as veias pronunciadas, a cabeça tão vermelha que parece dolorosa. Eu trago dois dedos pelo meu estômago e pauso pouco acima de meu osso púbico, me sentindo insegura.

— Toque, baby. Mostre-me como você gosta, — ele incentiva, envolvendo sua mão ao redor de seu comprimento e bombeando. Abaixo meus dedos entre minhas dobras e circulo ao redor, esfregando meu clitóris, deslizo um dedo dentro de mim mesmo, e tomando a umidade da minha excitação deslizo-a para cima e em volta do meu clitóris.

— Foda-se, — ele corta, e meus olhos fechados se abrem e encontram os dele. Eu engulo, mantendo um ritmo lento, a dor em meu interior me dizendo que quando eu gozar será enorme. Como não pode deter-se, ele pisa em minha direção, circulando a minha entrada com um dedo, e puxando o dedo coberto de minha excitação para fora, passa-o através de meu lábio inferior.

Ele trava sua boca sobre a minha, puxando meu lábio inferior em sua boca e chupando forte, fazendo-me gritar e os dedos se moverem mais rápido, circulando meu clitóris. Em seguida, ele puxa a boca da minha e deixa o rosto entre as minhas pernas, enterrando sua língua na minha buceta, tomando cursos longos quando os dedos entram em mim, me fazendo gritar seu nome. Meu orgasmo cai em cima de mim de repente; as paredes da minha vagina contraem, puxando seus dedos quando flutuo, meu corpo saindo com arrepios frios quando ele limpa o queixo sobre o interior da minha coxa. Ele se levanta, agarra meus tornozelos, segurando-os para os lados e bate forte em mim. Minhas mãos vão para trás de minhas costas para me firmar.

— Observe, — ele rosna, puxando para fora e batendo de volta. — Amo o jeito que eu desapareço em você. — Suas palavras me fazem mais quente e abaixo

os olhos, observando-o entrar em cursos medidos. Cada um de seu impulso atinge algo dentro de mim que causa uma dor aguda que ferve em prazer.

— Eu vou gozar, — choramingo, e sua boca cai sobre a minha, fazendo o som do meu orgasmo deslizar em sua garganta. Ele puxa e envolve minhas pernas ao redor de seus quadris, põe as mãos debaixo da minha bunda, e depois me levanta, me levando para o chuveiro, onde pressiona minhas costas contra a parede de azulejos. Uso as minhas pernas em volta dele como alavanca para trazer-me ao orgasmo novamente. — Foda-se, baby, me esprema, — ele geme, plantando-se profundamente e descansando a testa em meu ombro.

~~*

— Eu quero seguir Z esta noite, — Kayan diz quando tranco as portas da clínica.

— Segui-lo para onde? — Pergunto, observando ela puxar as chaves de sua bolsa.

— Não sei, — ela murmura, e levanta os olhos para olhar para mim. — Sinto que talvez ele esteja me traindo. Ele está escondendo alguma coisa, — ela sussurra, e sinto minhas sobrancelhas se juntarem.

— Não acho que Z está te traindo.

— Hoje à noite, eu saberei com certeza, — diz ela, e sei que não há como convencê-la. Quando estávamos na faculdade, ela namorou um cara que a traía. O tempo todo, todo mundo sabia, exceto ela e eu, ou não sabíamos até que fomos a uma festa da fraternidade e entramos lá quando ele transava com a nossa outra companheira de quarto, Lynn.

— Eu vou com você. — Digo a ela ao ver o olhar em seu rosto.

— Obrigada.

— Sempre irei com você, mesmo achando que você é louca, — digo a ela.

— Nós teremos que encontrar uma maneira de abandonar o nosso guarda. — Ela acena com a cabeça em direção a Harlen, que está sentado em sua moto em frente ao estacionamento.

— *Cinquenta tons de Cinza* será lançado hoje à noite. Vamos apenas dizer que vamos vê-lo.

— Perfeito, — ela sussurra.

— Ligue para mim e faremos planos para o filme, — eu grito alto o suficiente para Harlen ouvir.

— Não posso esperar para ver o traseiro do Grey! — Ela grita de volta, e não posso deixar de rir.

— Então, o que vocês farão hoje à noite? — Pergunto a Wes enquanto visto o meu jeans.

Seus olhos levantam de seu telefone celular e ele olha para mim. — Estamos ajudando Jax com uma coisa, então vamos até Nashville conferir um clube que Harlen encontrou. Os garotos estão pensando em comprá-lo.

— Que tipo de clube? — Pergunto, puxando meu suéter do armário.

Ele faz uma pausa como se não fosse dizer, e levanto uma sobrancelha com meu suéter parado em cima da minha cabeça. — Clube de strip.

Concordo com a cabeça uma vez, e puxo o suéter. — Você deveria falar com meu tio e minha mãe. Eles gerenciam o Teasers agora que meu avô se aposentou.

Sua cabeça vai para trás como se eu tivesse batido nele e as sobrancelhas se juntam. — Seu tio e sua mãe dirigem o Teasers?

— Sim.

— Que porra é essa?

Sorrio e puxo o meu Converse preto do armário. — Baby, sua boca. — Eu rio, batendo no queixo quando me sento ao lado dele na cama.

— Como não sei disso? — Ele beija meu pescoço.

— Acho que nunca surgiu, mas tenho certeza que minha mãe e meu tio ficariam felizes em falar com você e os caras.

— Eu manterei isso em mente. Então, vocês vão ao cinema?

— Sim, e não precisamos de um guarda-costas.

— Você não tem um guarda-costas. — Ele balança a cabeça. — Somos apenas cautelosos até sabermos que as coisas se acalmaram. — Luto contra a vontade de revirar os olhos e, ao invés, apenas aceno de acordo.

— Sage estará com você esta noite, — ele me diz, levantando.

— Sage o ajuda agora? — Pergunto, querendo saber como o filho do meu tio Nico conseguiu entrar nisso.

— Não, Harlen ouviu que vocês assistiriam algum filme de mulher, então todos tiraram palitinho.

— É *Cinquenta Tons de Cinza,* não um filme de mulherzinha, e você pode pensar que Sage é o azarado, mas ouvi dizer que há um monte de peitos, — informo.

— Não preciso assistir a um filme com seios, baby. Eu tenho os melhores peitos que já vi na minha vida à minha disposição, vinte e quatro horas por dia.

— Awww, você diz as coisas mais doces. — Eu rio, amarrando meus sapatos.

Ele me puxa da cama, batendo na minha bunda uma vez antes de me empurrar em direção à porta, murmurando, — Espertinha, — quando a campainha toca.

— Ei, cara, — ele cumprimenta Sage ao abrir a porta.

— E aí? — Meu primo responde, entrando na casa, fazendo aquela coisa de aperto de mão de cara com Wes antes de me puxar para um abraço e me tirar do chão.

Meu primo Sage é miscigenado. Seu pai é negro e sua mãe é branca. Tio Nico e tia Sophie o adotaram junto com a sua irmã gêmea quando eles tinham três anos. Ele é bonito de uma forma que minha tia pediu para tio Nico comprar uma arma para ela manter as meninas longes quando ele completou dezesseis anos. Ele é muito alto, tem quase dois metros, e sua pele é um pouco mais escura que a minha no verão. Seu cabelo é crespo e rente a cabeça, e seus olhos são um avelã claro que se destaca contra a sua pele.

Embora ele não seja filho biológico da minha tia e do tio, você pode vê-los nele. Ele é doce e de fala mansa como a tia Sophie, ainda totalmente fodão como o tio Nico, razão pela qual ele trabalha com Jax.

Assim que meus pés tocam o chão, Wes me puxa para ele. — Seja boa, — diz ele contra minha boca. Eu não digo nada; afinal de contas, é apenas uma mentira se você reconhecê-la, e se Wes nunca descobrir o que estou fazendo, ele não terá razão de estar chateado.

— Tudo bem, vamos lá, — diz Sage, segurando a porta aberta. Pego minha bolsa na mesa e me despeço de Wes quando ele se afasta da casa em sua moto.

— Kayan nos encontrará no cinema. Z disse que vai segui-la lá e esperar por nós, — digo a Sage quando entramos em sua caminhonete.

— Legal, — ele murmura, ficando atrás do volante.

— Eu queria que Nalia estivesse aqui, — digo, e os olhos do Sage me encaram por um momento antes de voltar para a estrada.

— Ela logo estará em casa, — diz ele, mas também posso ouvir a dúvida em suas palavras. Quando Sage e Nalia completaram dezoito anos, eles foram capazes de conversar com seus pais biológicos. Sage não queria nada com eles, mas Nalia ficou próxima da mãe e se mudou para o Colorado a fim de estar mais perto dela. Eu entendo seu raciocínio, mas sei que é difícil para minha tia, meu tio e seu irmão. Eu só rezo para que ela encontre tudo o que procura.

— Bem, eu estou feliz dela estar em casa no Natal.

— Eu também. Só espero que ela decida ficar em casa depois disso, — diz ele.

— Talvez. — Dou de ombros. Eu sei que a tia Sophie esteve rasgada por ela ter ido. Ela sente que fez algo errado, mas também sei que às vezes você tem que fazer coisas para si mesmo, mesmo que seja difícil para as pessoas que você ama.

Quando paramos no estacionamento do cinema, eu vejo Z e Kayan perto da moto de Z. Olho em volta em busca do carro dela e suspiro de alívio ao vê-lo estacionado ao lado do edifício.

— Hey, Z, você tem certeza que não quer assistir ao filme com a gente? — Pergunto, pulando da caminhonete de Sage e caminhando em direção à moto do Z.

— Obrigado, mas não, obrigado. — Ele sorri depois se vira e beija Kayan, então sussurra algo para ela antes de deixá-la ir, bagunçando meu cabelo, subindo em sua moto, ligando e saindo do estacionamento.

— Pronta? — Pergunta Kayan, envolvendo meu braço no dela e se dirigindo ao cinema, quando Sage segue logo atrás de nós.

— Pronta. — Murmuro, querendo saber se existe uma maneira de convencê-la a desistir, então olho por cima do meu ombro para o meu primo e pergunto, — Você tem certeza que não quer entrar?

— Nah, eu vou esperar aqui, — diz ele, e compramos os nossos bilhetes e paramos para obter pipoca e doces, dando a Sage um aceno antes de ir para o filme.

— Qual é o plano? — Kayan pergunta quando entramos no cinema.

— A ideia é sua. — Eu a lembro.

— Sim, mas você é a planejadora. — Ela sorri, reviro meus olhos e a levo para frente do cinema, onde empurro uma porta marcada *Saída*. No momento em que a porta se abre, seguimos para o estacionamento.

— O que você está fazendo? — Ela grita quando começo a jogar a comida que compramos no lixo que fica na esquina do edifício. — Você não pode jogar isso fora, — ela puxa a pipoca da minha mão, fazendo metade dela cair no chão, — ou isso. — Ela me dá as chaves do seu carro e toma o refrigerante de mim.

— Você está bem agora? — Pergunto. Ela encolhe os ombros, empurrando uma mão cheia de pipoca na boca depois de chegar ao carro dela. Eu me certifico que Sage não está em qualquer lugar ao redor, ligo o carro e saio do estacionamento para o composto.

— Tanto para este plano, — Kayan diz com a boca cheia de pipoca quando paramos na frente do composto quinze minutos depois.

— Sim, — eu concordo; abaixo a cabeça e me escondo assim que vejo uma moto parar. No momento em que o rugido de tubos cessa, eu levanto a cabeça e vejo Harlen sair de sua moto e entrar, voltando alguns minutos depois carregando um envelope.

— Nós precisamos segui-lo. Ele se encontrará com Z. — Ela diz ainda na sua posição dobrada, e toma um gole de refrigerante.

Olho para ela por um longo momento, então balanço a cabeça e saio atrás dele, seguindo-o por cerca de dez minutos ao longo de algumas estradas secundárias. Quando ele para em um estacionamento, estaciono a um quarteirão de distância e vejo quando ele segue diretamente até onde o resto dos caras está esperando, incluindo o meu primo Jax. Quando Harlen sai de sua moto, ele diz algo a Wes então lhe entrega o envelope. Mesmo a esta distância, eu vejo a mandíbula de Wes apertar e pergunto por que ele está chateado. Em seguida, ele coloca o telefone no ouvido, vejo sua boca trabalhar e me pergunto o que ele está dizendo.

— Eu me pergunto o que eles estão falando.

— Eu não sei, — digo, observando Wes ir até Z e dizer algo. Quando o corpo de Z enrijece, uma bola de ansiedade se forma em meu peito.

— Fomos pegas, — sussurra Kayan. Olho para ela, coloco o carro em movimento, e acelero. No momento que pego a estrada, o som de tubos enchem o

ar. Minhas mãos começam a suar e meu coração começa a bater. — Oh meu Deus. Z vai me matar.

— Talvez possamos voltar ao cinema, — digo, não acreditando nisso nem por um segundo.

— Sim, talvez, — ela concorda; afundo o pé no acelerador e sigo assim até chegar ao estacionamento do cinema. No momento que desligo o carro, nós saímos e corremos para a porta por onde saímos, então paramos congeladas quando ficamos cara-a-cara com um Sage muito chateado.

— Ei, o que você está fazendo aqui? — Pergunto, e seus olhos ficam ainda mais furiosos.

— Você está brincando comigo?

— O quê? Saí para fumar. Você sabe... as cenas foram tão quentes que eu precisava de um cigarro, — eu digo e ouço alguém rir. Viro-me para olhar por cima do meu ombro quando Mic, Wes, Z, e Jax caminham até onde estamos parados.

— Essa merda não é engraçada, — Wes rosna, olhando para Mic, que levanta a mão na frente dele.

Quando os olhos de Wes voltam para mim, eles fazem uma varredura, em seguida, ele olha para Sage.

— Você se importaria de levar as meninas para casa? Estaremos lá em uma hora.

— Não tem problema, homem, — Sage diz, e Wes levanta o queixo, seus olhos caindo em mim.

— Não saia de casa, porra. — Ele aponta para mim, e meu coração patina em meu peito com a quantidade de raiva que vejo em seu rosto.

— Dê-me as chaves, — Z diz a Kayan. Ela pega a minha mão e me viro para olhar para ela, vendo as lágrimas em seus olhos. Entrego as chaves e assisto Z sair com raiva em direção ao estacionamento.

— Nós...

— Não fale, porra, — diz Wes, e minha boca se fecha. — Eu vou lidar com sua bunda quando eu chegar em casa. — Ok, eu sabia que ele estava chateado e tinha uma razão de estar, mas isto foi um pouco demais. Minha mão não segurando a minha amiga enrola em um punho ao meu lado. Leva tudo em mim para não mostrar o dedo para ele.

— Vamos. — Sage puxa meu cotovelo e nos afasta dos caras e para sua caminhonete.

— Desculpe por sair, — eu murmuro, olhando pela janela, tentando pegar um vislumbre do Wes.

— Você sabe que não estaria vigiando vocês se não houvesse alguma merda fodida acontecendo, — diz Sage, e posso ouvir a raiva e preocupação em sua voz. No momento em que chegamos a minha casa, Sage desliga a caminhonete e nos segue para dentro. — Vocês duas, sentem-se aqui, — ele rosna, apontando para o sofá quando começo a levar uma Kayan ainda chorando para o banheiro.

— Primeiro, nós não sairemos novamente, e, segundo, eu sou mais velha que você e esta é a minha casa. Agora, se não se importa, eu levarei a minha amiga ao banheiro para que ela possa espirrar um pouco de água fria em seu rosto! — Respondo e reboco Kayan comigo até o banheiro do corredor.

— Sente-se aqui, — digo a ela, fechando a tampa do vaso sanitário para que ela possa sentar, eu pego então um pano e molho em água fria antes de entregar a ela.

— Obrigada, — ela murmura, pressionando-o contra seu rosto.

— Ele não está te traindo, — a lembro, e ela acena com a cabeça, mas não diz nada, fazendo-me sentir pior do que já me sinto. Quando voltamos à sala de estar, Sage está assistindo televisão. Seus olhos vêm até nós e suavizam.

— Os caras estão a caminho.

— Ótimo, — murmuro; a bola de estresse no meu estômago se expandindo. Quando o som de tubos ressoa pela casa, eu fecho meus olhos, tentando me controlar. Wes e eu chateados não resolverá nada.

A porta da frente se abre, fazendo-me saltar. Viro minha cabeça, esperando que seja Wes entrando com raiva na casa, por isso estou surpresa quando é Z. — Como diabos você acha que não há problema levar uma mulher grávida em uma de suas loucas aventuras? — Ele ruge para mim, e sento no sofá, surpresa com suas palavras. Não tenho nenhuma ideia do que ele está falando. Olho para a minha amiga, a garota de quem sou melhor amiga desde o nosso primeiro dia de jardim de infância, e minha boca cai aberta ao ver a verdade em seus olhos.

— Você está grávida? — Sussurro em estado de choque. — Como isso aconteceu? Quero dizer... quando, merda... quer dizer, por que você não me contou? — Balanço minha cabeça, completamente pasma.

— Eu não sei. Sinto muito; você sabe que eu te amo, — diz ela, e olha para Z. — E você não tinha o direito de dizer a ela, seu grande idiota gordo. Eu estou grávida, não incapaz de tomar minhas próprias decisões de merda. — Ela se levanta e empurra Z ao passar, cujo brilho amaciou. — Foda-se! — Ela grita quando chega à porta da frente, e levanto ao ver o peito dela arfando para cima e para baixo. — Você tem as minhas chaves. Ou me dá, ou me leve para casa, porra.

Olho para ela e para Z e pisco os olhos, porque eu nunca vi minha amiga assim, e Z nem sequer parece um pouco perturbado por sua explosão.

— Eu vou embora, — Sage diz, e aceno distraída, os meus olhos ainda na minha melhor amiga.

— Você vem, ou estou andando? — Ela levanta a sobrancelha, olho para Z e o ouço murmurar algo sobre a sua Kitten com garras antes de se mover para a porta. — Eu ligo para você amanhã, — diz ela, olhando para mim antes de desaparecer pela porta.

Caio no sofá e fecho os olhos, me perguntando o que diabos aconteceu. De repente, a porta bate com tanta força que as paredes tremem e eu salto, meus olhos voando abertos quando olho para a porta de entrada e meus olhos se encontram com os irritados de Wes.

— Você quer me dizer o que diabos você estava pensando hoje à noite? — Wes ruge. Meu cérebro gritando para dizer, *Não realmente,* mas a julgar pelo olhar em seus olhos, acho que ele não me acharia engraçada. — Jesus! — Seus punhos apertam, ele pega um copo vazio da mesa do lado e puxa a mão para trás, jogando-o com força total na parede do outro lado da sala, fazendo o vidro explodir em todos os lugares. Meu pulso acelera e me pressiono no sofá. — Isso não é a porra de um jogo. Vidas de pessoas estão em jogo, — ele troveja, se aproximando para ficar na minha frente.

Ele pega o telefone, e quero saber o que está fazendo até que ele empurra o telefone na minha cara e uma imagem de uma mulher não muito mais velha do que eu está em sua tela. Ela está amarrada. Seu nariz sangrando, um olho fechado

pelo inchaço e está preto e azul, seu cabelo parece não ser lavado há alguns dias. Suas roupas estão sujas, e há hematomas em forma de mãos nos braços.

— Esta é Mellissa Hornel. Ela tem vinte e cinco e graduada na faculdade. Desapareceu há três semanas. Ela tinha um encontro com um cara que conheceu online. Ela nunca chegou em casa. — Ele vira para outra imagem, essa garota mais jovem do que a anterior. Seu cabelo loiro está amarrado em um rabo de cavalo, o lábio inchado, e você pode dizer que tentaram usar maquiagem para cobrir a contusão sob o olho.

— Este é Stacy, a irmã de Landon, o garoto que deixou os cães para você. Hoje à noite, eu iria ajudá-lo, tirá-la dos imbecis que a mantinham, juntamente com a Mellissa, — diz ele, e meus olhos voam até encontrar o seu e meu peito começa a arfar com a ansiedade. — Baby, eu te amo. Amo você ser louca, eu amo você ser selvagem e indomável pra caralho, mas se eu disser ou fizer algo, é por uma razão. Eu...

— Nós temos que ir buscá-la, — digo, interrompendo-o quando lágrimas escurecem minha visão. — Precisamos ir ajudá-las. — Eu me levanto, mas ele me empurra para o sofá novamente.

— Seu tio foi capaz de pegar todas as meninas antes que as movessem novamente.

— Oh, Deus, — eu choro, cobrindo meu rosto em alívio.

— Sem mais besteira, baby. Sem mais palhaçadas loucas. Sem mais fazer merda, só porque sentiu que me causará dores de cabeça.

— Não mais, — concordo, deixando de fora a parte que isto foi tudo culpa da minha melhor amiga louca. A ideia dessas mulheres estarem presas nessa situação me assombrará por um longo tempo. Eu sabia que havia pessoas más no mundo, mas o que acontecia com elas é repugnante.

— Não sei o que diabos eu farei com você.

— Eu não sei, tampouco, — respiro, rastejando em seu colo, onde ele me segura até que paro de chorar.

— Vá para a cama. Preciso fazer algumas ligações, — ele ordena com um apertão.

Coloco um beijo abaixo do queixo dele, e sigo para o quarto, onde me dispo rapidamente antes de ir para a cama. Fico ali por um longo tempo pensando no

que Wes disse. O nome do garoto que estava trazendo os cães é Landon, e ele tinha uma irmã, obviamente, as pessoas que a tiveram usavam-na como influência sobre ele e, provavelmente, ao seu pai. Eu não poderia imaginar o que eles estavam passando, o que ela estava passando. Então pensei no fato de que Wes estava ajudando a resgatá-los e isso trouxe mais perguntas, então não podia pensar mais, porque adormeci.

— Wes? — Pergunto ao ser virada para baixo e dedos longos correm sobre o meu clitóris.

— De joelhos, baby. — O som de sua voz faz com que um calafrio corra pela minha espinha quando ele envolve seu braço em meu estômago e me coloca de joelhos.

— Por favor, — imploro, agarrando os lençóis na minha frente, pressionando sua mão.

— Você terá o que eu te der. Tire sua camisa.

Choramingo angustiada e me sinto encharcando a mão dele enquanto seus dedos me trazem mais perto da borda, eu luto com a minha camisa de dormir até que sou capaz de tirá-la.

— A ideia de alguém tirar isso de mim me deixa furioso, — ele rosna, removendo os dedos, alinhando seu pênis, e batendo profundo ao mesmo tempo em que bate forte em uma bochecha da minha bunda. Minha cabeça abaixa para a cama e choramingo, sentindo-me apertando em volta dele.

— Eu mataria por você, morreria por você, porra, — ele rosna, batendo a outra bochecha ainda mais forte do que a primeira, e uma bola começa a enrolar na base de meu estômago. — Você me pertence. Você não tem permissão para arriscar o que é meu. — Ele me puxa para cima com um braço debaixo dos meus seios. — De quem é está boceta? — Ele pergunta, parando seus quadris, me espetando com seu pênis.

Minha respiração engata quando meu corpo tenta se ajustar ao seu comprimento e perímetro.

— A quem este corpo... — suas mãos deslizam pelo meu quadril, sobem pelo meu estômago, depois para cima, segurando os meus seios, onde puxa com

força os meus mamilos, me fazendo arquear e fazendo-o deslizar impossivelmente mais profundo, —... pertence?

— Por favor.

— Eu darei o que você quer, mas me diga a quem você pertence.

— Você, — assobio.

— Sim, baby, este corpo e esta boceta são minhas, e se você colocar em risco os meus bens, você será punida. — Ele me empurra para baixo na frente dele e bate forte na minha bunda, mais e mais, em rápida sucessão, cada tapa me trazendo para mais perto do orgasmo. Então, ele me puxa para cima e viro minha cabeça apenas a tempo da sua língua deslizar em minha boca enquanto sua mão desliza em meu estômago e sobre o meu clitóris, onde ele circula.

— Eu vou gozar, — digo em uma respiração engatada.

— Dê pra mim, baby. — Ele beija no meu pescoço, trabalhando lentamente dentro e fora de mim enquanto suas mãos deslizam sobre meu corpo, como se memorizasse cada polegada exposta de carne.

— Jesus, eu te amo, — diz ele, como se estivesse falando sozinho. — Goze para mim, — ele exige, girando os quadris em cada impulso para cima. Suas mãos envolvem meus quadris e deslizo meus dedos entre minhas pernas, primeiro sentindo a nossa ligação então rolando um sobre o meu clitóris em círculos rápidos.

Meu orgasmo vem rapidamente; a metade superior do meu corpo cai na cama, sendo Wes a única coisa que me firma, dando mais três golpes antes de plantar-se profundamente. Minha respiração para e as paredes do meu núcleo se apertam em torno dele. Ele permanece enraizado assim por longos momentos, até que nos rola para o lado, ainda dentro de mim.

Movendo o cabelo do meu pescoço, ele beija a pele atrás da minha orelha e envolve seus braços apertados em torno de mim. Não há lugar que eu preferiria estar a apenas assim com ele, suada e respirando com dificuldade do sexo incrível, segura em seus braços.

— Amo você, baby. — Ele desliza para fora de mim, me rola nas minhas costas, beijando meu estômago e saindo da cama. Escuto distraidamente a água que vem do banheiro. Segundos depois, ele volta, deslizando um pano quente entre as minhas pernas, então me seca antes de deitar sobre mim novamente. Sua coxa sobre as minhas, seu braço sob os meus seios, e os seus lábios perto do meu

ouvido, onde ouço a sua respiração, e deixo o meu corpo fazer o mesmo, para que eu possa segui-lo no sono.

Capítulo 13

Retiro minha camisa e coloco meu telefone no ouvido. Então, estendo uma das mãos nas minhas costas e abro o sutiã.

— Baby, — Wes atende no segundo toque, e um sorriso se forma em meus lábios.

— Hey, — murmuro, deixando o som de sua voz me inundar.

— Você está bem?

— Hum, sim, minhas irmãs e primas querem sair hoje à noite, — digo a ele, segurando o telefone na orelha quando ligo o chuveiro.

— Aonde vocês vão?

— Provavelmente iremos jantar, e vamos tomar uma bebida no bar de Daniel, — digo, tirando minha calcinha.

Ontem foi o dia de Ação de Graças, e Wes e eu celebramos com a mãe dele na parte da tarde e com a minha família à noite. Eu estava tão feliz de ver a minha família dar boas-vindas a Wes com os braços abertos. Minha mãe e tias o adoravam, ou só gostavam de olhar para ele – não consegui descobrir isso ainda – e todos os meus tios pareciam respeitá-lo, especialmente depois da maneira como o tio Nico falou dele em relação ao que Wes e os caras fizeram para ajudá-lo a resgatar aquelas meninas da situação em que estavam. Nunca esperei que todos se dessem bem, mas eu estava muito feliz que eles fizeram.

— Ligue para mim quando for para te buscar, — diz ele, me trazendo de volta para a conversa.

— Não preciso que você me busque. Não planejo beber muito.

— Eu amo quando você bebe, baby, — diz. Posso ouvir o sorriso em sua voz e reviro meus olhos. — Ligue para mim quando for para te buscar, — ele repete com mais firmeza do que anteriormente.

— Tudo bem. — Suspiro, sabendo que não há nenhum ponto em discutir com ele. — Amo você.

— Eu também te amo, baby, — ele diz, e finalizo a ligação, coloco o telefone sobre o balcão e entro no chuveiro. Passou um mês desde a noite que Kayan e eu fomos espionar Z, e as coisas se arrefeceram. Os caras que levaram a irmã de Landon foram presos pelo tio Nico e aguardam julgamento. Eu estava definitivamente ansiosa para eles receberem o que merecem, e espero que venha sob a forma de se tornar a cadela de algum detento assustador na penitenciária estadual. Eu descobri através de Wes que Snake levara a irmã de Landon e a usava para chantagear Ronnie, o proprietário do Mamma's Country, e Landon também confidenciou a Wes informações sobre as brigas realizadas. Ele disse que quando o cara de Snake e seus meninos falaram com ele, disseram que promoveriam lutas algumas vezes por semana, mas ele não sabia de onde os cães vieram. Disse que quando foi forçado a tirar o cão perdedor, ele os levava para mim na esperança de que eu poderia salvá-los. Eu odiava que provavelmente ainda havia cães sofrendo em algum lugar, mas estava grata por Snake não ter mais domínio sobre Landon ou seu pai.

Kayan também abriu o jogo sobre estar grávida. Ela estava com medo que eu teria a mesma reação que seus pais tiveram. Eles estavam decepcionados com ela, por ter um bebê com alguém que não aprovavam, mas seus pais sempre foram um pouco loucos, então eu estava feliz por ela encontrar uma maneira de superar o que eles pensavam. Ela também admitiu para mim que Z e ela estavam juntos desde que se encontraram, mas ela não tinha certeza para onde ia o relacionamento até a noite em que eles vieram comer tacos. Ele deixou claro, então, que ele queria estar com ela e que não aceitaria um não como resposta.

Também disse que metade das coisas que ela disse eu precisava ignorar, porque os hormônios a deixavam meio louca. Isso, eu tive que concordar. Se não fosse contra a lei, eu já a teria demitido. No outro dia, alguém ligou sobre a castração do seu cão, e ela surtou com ele, questionou sobre como se sentiria se suas bolas fossem cortadas.

Depois desse desabafo, me levou uma boa hora para acalmar o suficiente a pessoa a fim de continuar me usando como seu veterinário, e toda a vez que eu falava, ela chorava, pedindo desculpas sobre como agiu. Não sei se serei capaz de lidar com ela durante os próximos meses. Eu me sinto mal por Z, mas juro que toda vez que estou perto dela e ela enlouquece sobre uma coisa ou outra, ele adquire um sorriso estranho no rosto, como se achasse que fosse a coisa mais adorável que já viu em sua vida. Eles são loucos, e acho uma combinação perfeita.

Termino meu banho, saio e enrolo uma toalha ao redor da minha cabeça. Vou para a cozinha, pego uma garrafa de água antes de alimentar Juice e Capone, e depois voltar ao banheiro para secar o meu cabelo, usando uma grande escova redonda devido ao seu volume. Assim que seco o meu cabelo, coloco rolos grandes no meu cabelo com grampos.

Sair com minhas irmãs e primas é diferente do que sair com as minhas amigas normais. Mesmo na escola, todas competiam entre si para o visual mais exagerado, mesmo se fôssemos para simplesmente uma fogueira. Acho que parte da razão disso foi porque ninguém mais poderia realmente compreender nossos pais, e a extrema competitividade em que nos criaram.

Todas nós somos filhinhas dos papais, e todas nós lutamos com unhas e dentes para conseguir o nosso caminho, algumas mais do que outras. Para minha prima Ashlyn foi mais difícil de que para qualquer uma de nós. Tio Cash é excessivamente protetor com ela, por isso quando éramos mais jovens e ela fosse sair conosco, essa era a única ocasião em que ele não lutava com ela por causa da roupa ou maquiagem, porque ele, meu pai e meus outros tios ficariam juntos, beberiam cerveja, e se queixariam de nós, enquanto nossas mães reviraram os olhos e insistiam para termos o nosso tempo. Não me arrependo da maneira em que cresci. Ter o pai que tenho me mostrou como um homem deve tratar não apenas sua esposa, mas também seus filhos.

Eu começo a minha maquiagem, faço um olho esfumaçado que destaca a cor dos meus olhos, passo base e adiciono blush para realçar minhas bochechas. Uso um delineador de lábios para fazer meus lábios parecerem ainda mais cheios do que o normal, e o perfeito tom de batom rosa claro, me dando uma bela boca, com biquinho. Wes nunca me viu arrumada assim, então não tenho ideia de qual será a reação dele hoje à noite, quando vier me buscar.

Depois do meu cabelo e maquiagem estarem feitos, eu vou para o meu armário, puxo o vestido que comprei há algumas semanas, e o coloco na cama. Indo para a cômoda para tirar um sutiã sem alças preto e uma tanga preta sem costura, visto ambos e olho para mim mesma no espelho. O sutiã une meus seios perfeitamente, e a tanga fica logo acima do meu osso púbico, o tecido preto, mas transparente, permitindo ver tudo.

Visto o vestido, tomara que caia terminando bem acima dos joelhos. O tecido cobrindo meus seios é apertado, e depois se alarga na cintura onde há bolsões. O término é apertado novamente, mostrando meus quadris e bunda. Depois de lutar com o zíper por alguns minutos, eu escorrego em um par de saltos de doze centímetros, os quais envolvem meus tornozelos e têm uma tira fina em meus dedos do pé. Assim que estou completamente vestida, fico em frente do espelho, desenrolo o meu cabelo, atiro os rolos na cama e afofo meu cabelo. Pareço sexy e estou feliz por Wes não estar em casa, porque eu tenho um pressentimento de que se ele estivesse aqui para me ver, eu não teria permissão para sair de casa.

Retoco meu batom e vou para a sala, pego meu casaco do armário antes de ir à garagem, a qual Wes limpou para mim para que eu pudesse realmente colocar meu jipe sem ter que sair pelo porta-malas.

Assim que saio, eu ligo para December para que ela saiba que estou a caminho da casa dos meus pais. Minhas irmãs normalmente ficam comigo quando estão na cidade, mas desde que Wes está basicamente vivendo comigo, elas decidiram nos dar espaço e se hospedaram com minha mãe e meu pai.

Após estacionar e sair, nem mesmo bato antes de entrar, no momento em que cruzo o limiar, vejo todas as minhas irmãs de pé na cozinha, cada uma se protegendo do meu pai. Minha irmã June está em um vestido azul marinho do mesmo comprimento que o meu, mas é rendado. Seus longos cabelos castanhos estão amarrados em um rabo de cavalo.

December usa um vestido semelhante ao meu, só que o dela tem uma manga longa, e seu longo cabelo loiro cai de cada lado de seus seios. May tem um vestido com mangas caindo nos ombros. A parte superior é apertada, então ele flui na cintura, fazendo sua cintura parecer perfeitamente curvilínea e seu longo cabelo loiro pálido está puxado sobre um ombro, mostrando a curva de seu pescoço. April

veste um tubinho roxo escuro, mostrando seu decote e tatuagens. Seu cabelo vermelho brilhante, tingido semanas atrás, está solto em ondas pelas costas. Já vi minha irmã com o cabelo de qualquer cor que você possa pensar, mas ela sempre está linda.

— Oh, ótimo, você também? — Meu pai murmura quando me junto a elas. — Onde está aquele seu homem? Eu tenho dificuldade em acreditar que ele a deixaria sair de casa usando esse traje. — Diz ele, e seu cenho se aprofunda mais. — E onde está a parte de baixo desse vestido?

Reviro meus olhos e beijo sua bochecha. — Wes está trabalhando.

— Imagino que sobrou para mim lidar com isso sozinho, — ele resmunga, e balança a cabeça, olhando para todas as suas meninas.

— Quando vocês cresceram? — Ele pergunta baixinho, colocando um braço em volta de June e um em torno de mim, beijando o lado da minha cabeça.

— Você está linda, — minha mãe diz, entrando na cozinha, vestindo um par de capris cáqui e uma bonita camisa com babados ao longo da manga, um grande colar e sandálias pretas simples. Ela envolve o braço na cintura de December, que está alguns centímetros mais alta do que ela com a ajuda de seus saltos. — Minhas meninas são tão lindas. — Minha mãe sorri, e olha para o meu pai, seu rosto suaviza da mesma forma que em toda a minha vida, e juro que sei exatamente o que ela está pensando. Meu pai deu a minha mãe tudo o que ela nem sabia que precisava ou queria.

— Elas herdaram de sua mãe. — Meu pai sorri.

E June murmura, — Nojento, — me fazendo rir.

— Então, o que vocês meninas farão esta noite? — Minha mãe pergunta quando papai envolve seus braços em sua cintura e descansa o queixo em sua cabeça, uma pose que tenho visto em mais vezes do que poderia contar.

— Vamos nos encontrar com as meninas para jantar, em seguida, bebidas.

— Vou levar vocês.

— Não precisamos que você nos leve, pai, — diz May, e ele apenas olha feio para ela.

— Eu não estava pedindo, — diz ele, beijando o lado da cabeça da minha mãe antes de se afastar e pegar as chaves. — Vamos lá; apenas me avise quando quiserem vir embora.

— Wes me buscará, — eu digo, e May vem e enrola o braço na minha cintura.

— Será que o seu homem motociclista quente conhece algum amigo motoqueiro quente? — Pergunta ela, e meu pai balança a cabeça olhando para nós. Balanço minha cabeça negativamente enquanto digo, — Sim, — sem mover os lábios.

— Não posso esperar para voltar para casa, — diz ela.

Olho para ela e sorrio, sussurrando, — Espere até você ver Harlen e Everret, — enquanto entro no SUV da minha mãe.

Quando paramos na frente do restaurante, cada uma de nós beija o rosto do meu pai antes de entrar. No momento em que entramos pelas portas, gritos soam quando todas nós cumprimentamos umas as outras. Minha prima Ashlyn é filha de tio Cash e da tia Lilly. Hanna é filha de tio Trevor e da tia Liz. E Willow, Harmoni e Nalia são filhas de tio Nico e da tia Sophie.

— Foi difícil sair da casa com esse vestido? — Pergunto a Ashlyn, e ela revira os olhos.

— Entre meu pai e Jax, eu poderia muito bem ir morar em um convento.

— Jax não é nem mesmo o meu irmão e quero matá-lo, — digo a ela, e compreensão pisca em seus olhos.

— Onde está o namorado quente? — Hanna pergunta.

Ok, talvez todas as minhas primas observaram o meu homem, e não apenas a minha mãe e tias. — Trabalhando, ele estará aqui mais tarde para me buscar.

— Ele trará algum amigo? — Nalia pergunta, e eu rio. Estou tão feliz que ela voltou para casa para as férias.

— Oh, sim, por favor, me diga que ele tem amigos, — minhas primas gêmeas, Harmony e Willow, dizem enquanto caminhamos para a mesa.

— Quando todas voltarem para casa, eu promoverei uma reunião para se conhecerem, ou talvez eu possa sediar o encontro rápido[9]. — Eu rio de novo, sentando à mesa e todas elas riem também.

---

9 Uma atividade social organizada em que as pessoas que procuram relacionamentos românticos têm uma série de conversas curtas com parceiros potenciais, a fim de determinar se existe interesse mútuo.

— Não posso esperar até que vocês estejam em casa. Sinto falta desses jantares, — digo, tomando um gole de vinho.

— Eu não sei se voltarei para casa, — confessa Nalia, e todos os olhos vão para ela. — Gosto de estar com minha mãe e irmãos no Colorado. Sinto falta de vocês, mas estou feliz lá. — Ela abaixa seu rosto.

— Você tem que fazer o que te faz feliz, — diz April, e todos nós acenamos em acordo, embora a queira aqui com a gente.

— Só queria não machucar mamãe e papai, — ela responde, olhando para Harmony e Willow.

— Mamãe entende. Ela está triste, mas entende, — Willow diz suavemente.

— Nós todos amamos você, — Harmony acrescenta, — e não é como se você nunca fosse voltar para casa. Seremos sempre irmãs.

— Nós todas seremos sempre família, — December acrescenta.

— Eu beberei a isso. — Eu sorrio. O resto do jantar é tranquilo, com todas nós compartilhando histórias dos últimos meses. Após terminarmos de comer, pagamos a conta e caminhamos algumas quadras até o bar em que iríamos, uma vez que tínhamos idade suficiente para beber.

— Encontre uma mesa, eu vou pegar algumas bebidas para nós, — digo, e Nalia envolve a mão em meu cotovelo.

— Eu vou com você. — Ela sorri e eu rio, porque nós duas já estamos embriagadas. Não tenho certeza se é bom ou não tê-la comigo. Nós caminhamos até o bar e chegamos lá inteiras, sem acertar nada ou alguém.

— Duas jarras de cerveja! — Grito para o barman, segurando em Naila.

Seus olhos me encontram brevemente e ele grita de volta, — Entendi, — ele vai encher os jarros. O outro barman diz algo para ele, e seus olhos me encaram, me varrem do cabelo ao peito. Tento identificá-lo, mas o álcool no meu sistema torna difícil descobrir de onde o conheço.

— Você o conhece? — Nalia pergunta.

— Não tenho certeza, — grito acima da música.

— Ele é bonito, — diz, e olho para ele. Não, ele não é bonito; ele é *sexy*. Seus braços estão cobertos de tatuagens, ele tem pequenos alargadores em seus ouvidos, sua pele é da cor de chocolate, e seu torso está coberto de músculos realçados por sua camisa apertada.

— O que aquele cara disse para você? — Ela pergunta quando ele coloca a cerveja diante de nós.

— Perdão, baby? — Pergunta ele, inclinando-se mais perto de Nalia por cima do bar. Sua voz é áspera, e ele tem um sotaque que nunca ouvi pessoalmente antes, mas soa jamaicano, e o olhar em seu rosto quando olha para a minha prima é de adoração. Não o culpo; minha prima parece uma modelo.

— Uhh... — Nalia engasga e olha para mim.

— O que aquele cara disse para você? — Pergunto, com pena da minha prima.

— Sem taxa. Nenhum custo para você.

— Por quê? — Eu franzo a testa, e ele encolhe os ombros, em seguida, olha para Naila novamente e sorri.

— Te vejo por aí, baby, — diz ele, correndo um dedo em seu rosto, então se vira e vai para outro cliente. Cada uma de nós pega um jarro de cerveja do bar, juntamente com os copos e leva-os para a mesa em que as meninas sentaram.

— O que aquele gostoso dizia? — Willow pergunta, olhando para o bar.

— Nada, — murmura Naila, franzindo a testa, e sorrio para a minha prima. Talvez haja esperança de Naila voltar para casa depois de tudo.

— O outro é sexy também, — diz December, sigo seu olhar em direção ao bar e vejo o cara que disse algo para o bartender, então lembro quem ele é. Eu o conheci na primeira festa do clube em que fui. Ele trabalhava atrás do bar com outro cara. E é quando sei que provavelmente Wes disse que estaríamos no bar e eles devem nos observar.

— Chega de falar de caras. — June revira os olhos, agarrando uma jarra de cerveja e um copo.

— Só porque você está fora do mercado não significa que todo mundo esteja, — diz April, e olho para June e faço carranca. Não sabia que ela namorava alguém.

— Para sua informação, eu não tenho um namorado há um ano, — retruca June.

— Por que? — Harmony pergunta, e June pega seu copo de cerveja e engole, então enche outro copo e bebe esse também.

— Isto deve ser ruim, — Nalia diz e se levanta. Ela vai ao bar, voltando alguns minutos depois com uma garrafa de tequila e um belo rosa cobrindo suas

bochechas. Ela coloca uma dose para cada uma e inclina a garrafa contra os lábios e bebe um bocado. — Derrame isso, cadela, — ela murmura, limpando a boca.

— Eu estava casada, — June cospe, silenciando a mesa e todas nós olhamos para ela.

— Eu juro que você acabou de dizer que estava casada, — diz December, tomando outra dose e rindo.

— Oh, Deus. — June começa a chorar. Hanna, que está sentada ao seu lado, envolve os braços em volta dela, e me endireito na cadeira, completamente atordoada.

— O que aconteceu? — Pergunto, quando finalmente sou capaz de falar.

— Seu nome é Evan. Nós nos casamos na primavera, antes dele ir embora para o Boot Camp[10]. — Ela balança a cabeça e vejo lágrimas caindo em seu colo, então vou ao bar obter uma pilha de guardanapos e os entrego para ela quando volto.

— Ele chegou em casa há duas semanas depois de ir para o Afeganistão, e me apresentou os papéis do divórcio. — Ela ri e soa oco, em seguida, ela levanta o copo à boca e toma um grande gole.

— Bem, ele não chegou a se apresentar com eles. Nem sequer o vi desde que ele foi para casa. A mãe dele os trouxe para mim. Você pode acreditar nessa porcaria? — Na verdade, não, eu não podia. Isso era horrível.

— Não havia nem um ano que eu estava casada. Fiz sexo uma vez na noite em que nos casamos, na noite seguinte ele foi embora para boot camp. — Ela chora mais.

— Oh, meu Deus, — sussurro, sentindo lágrimas encherem meus olhos.

— Por que você não nos contou? — Pergunta December.

— Eu não sei. Eu acho que no fundo eu sabia que ele havia terminado comigo. Estava humilhada. — Ela encolhe os ombros, eu levanto e contorno a mesa para abraçá-la.

— O que você quer dizer?

— Logo que ele foi embora, ele me ligava toda noite, mas depois as coisas mudaram, e as ligações se tornaram cada vez menos frequentes. Eu sabia que ele

10 Um acampamento onde as pessoas que entraram recentemente para o Exército dos EUA, Marinha ou Corpo de Fuzileiros Navais recebem sua formação de base.

teria dificuldade em manter contato, mas era como se ele nunca tentasse me ligar. Eventualmente, ele parou de ligar, absolutamente. A mãe dele ligava uma vez por semana para perguntar como eu estava. Comecei a temer essas ligações, e ressentir delas. Então, a mãe dele parou de ligar e, duas semanas atrás, um amigo nosso disse que ele estava em casa. Ele saíra cedo, e se mudaria para o Tennessee. No dia seguinte, eu recebo os papéis do divórcio. — Ela chora, e olho em volta da mesa, sem palavras.

— Você não tem que se envergonhar de nada. Ele é obviamente um idiota, — Harmony diz, e aceno a cabeça, concordando com ela.

— Qual é o sobrenome dele? — Ashlyn pergunta, parecendo branca como um fantasma.

— Baristea, — murmura June, e Ashlyn olha para mim.

— O quê?

— Você não vai acreditar nisso.

— O quê? — Hanna pergunta, inclinando para frente como se isso fosse uma novela.

— Jax acabou de contratar um cara chamado Evan. Ele estava na Marinha e seu comboio foi explodido. Todos os amigos dele foram mortos; ele foi o único sobrevivente. É suposto que ele comece em duas semanas.

— Oh, Deus, — choraminga June. — Então ele se mudará para cá. — Não posso acreditar que isso está acontecendo.

— Sim, uma vez que o número de casos de Jax tem aumentado, ele queria contratar alguns caras novos, e esse cara, Evan, foi recomendado... por um dos amigos de Wes, na verdade.

— Diga a Jax que ele não pode contratá-lo, — diz Harmony.

— Não, — sussurra June. — Se é verdade que ele perdeu todos os seus amigos e tudo o que aconteceu com ele, então ele precisa disso. Não tire isso dele, — ela respira, e mais lágrimas enchem meus olhos. Isso é amor – se importar com o que a outra pessoa está enfrentando, mesmo se eles não se importam com você.

— Você vem para casa no próximo ano, — lembra December suavemente.

— Então eu tenho um ano para superá-lo.

— Vamos ajudá-la, o que quer que você precise, — digo a ela.

— Eu preciso ficar bêbada, — June declara.

— Isso, nós podemos fazer, — Willow diz, entregando-lhe a garrafa de tequila.

— Preciso ligar para Wes, — eu arrasto quando as meninas começam a dizer que vão para casa.

— Você não vai de carona com a gente? — Minhas irmãs perguntam.

— Não, Wes quer me buscar. — Eu sorrio.

— Wes é tão sexy e legal, — murmura December, apoiando-se no meu braço.

— Eu sei, — concordo, tirando meu telefone para ligar para ele.

— Será que ele pode trazer seus amigos? — Willow pergunta.

— Não sei. Vou perguntar a ele. — Dou de ombros e coloco o telefone no ouvido.

— Baby, — Wes responde.

— Amo isso, — digo a ele enquanto olho para o meu colo.

— O que é isso?

— Quando você me chama de baby, — Esclareço, e December murmura, *eu adoro isso também*, me fazendo rir.

— Você está bêbada?

— Só um pouco, — murmuro, segurando meus dedos na frente do meu rosto uma polegada de distância.

— Só um pouco, hein? — Ele ri.

— Você pode trazer seus amigos com você ao vir me buscar? — Eu pergunto, girando meu cabelo em meu dedo.

— Por que?

— Hum... porque eles são quentes.

— Perdão? — Ele rosna, me fazendo rir.

— Você vai me espancar por isso? — Eu rio mais alto.

— Jesus, — ele murmura, fazendo-me contorcer no meu assento. — Estou a caminho.

— Yay. — Eu sorrio, desligando.

— Wes está a caminho, — digo a mesa.

— Ele trará os amigos dele? — Willow pergunta.

— Acho que não.

— Droga, — murmura December.

— Mais uma dose, — murmura June.

— Papai, tio Trevor e Jax estão lá fora, — April diz a todas, pegando o copo de dose que December a entrega.

— Para uma irmandade que é mais do que apenas sangue, — diz Willow, sustentando seu copo de dose, todas nós brindamos, e bebemos as doses. Não posso esperar até que todas as minhas meninas estejam em casa; sinto falta disso.

Quando tropeçamos fora do bar, vejo Wes descer de seu SUV e uma carranca se forma na minha boca.

— Onde está a sua moto? — Faço beicinho, seus olhos me varrem e sua mandíbula enrijece.

— Onde está o resto do seu vestido? — Ele pergunta.

— Isso é o que eu perguntei, — meu pai murmura abrindo a porta do SUV da minha mãe para minhas irmãs.

— Você deveria dizer quão bonita eu estou, — digo a ele, colocando as mãos nos quadris.

— Oh, você está linda, baby, bonita demais para estar em um bar sem o seu homem.

— Oh, meu Deus, — ouço e olho para Harmony, e quando ela vira a cabeça, nossos olhos se encontram e ela murmura, — O quê? Isso foi quente. — Ela encolhe os ombros, e Wes abraça minha cintura e me leva para seu SUV.

— Onde está a sua moto? — Pergunto novamente.

— Baby, você não andará na traseira da minha moto bêbada, — diz ele quando tropeço, e ele me puxa para seu corpo pouco antes de eu cair no chão.

— Obrigada, — murmuro, embora admita para mim mesma que provavelmente é melhor ele não ter vindo de moto.

— Vamos. Eu levarei vocês para casa, — diz Jax, reunindo Willow, Harmony, Nalia e Ashlyn.

— Ei, pai, — diz Hanna, tropeçando no tio Trevor, que franze a testa para ela. — Oh, tire esse olhar severo. Pelo menos não há meninos aqui, — ela diz a ele, e ele apenas balança a cabeça e olha para o meu pai, que fecha a porta, cortando o som das minhas irmãs risonhas.

— Um menino era pedir demais? — Meu pai pergunta.

— Aww, papai, eu te darei um neto, — eu digo, logo cubro a boca e olho para Wes, que tem um olhar engraçado em sua cara, e depois para meu pai, que só balança a cabeça.

— Eu te amo, — papai diz, aproximando-se e dando-me um abraço.

— Eu também te amo. — Eu o abraço de volta, e deixo Wes me levantar em seu SUV.

— Você estará por perto amanhã? — Wes pergunta a meu pai, e até mesmo no meu estado de embriaguez, eu posso ver algo brilhar nos olhos do meu pai quando ele concorda. Wes bate a minha porta e diz outra coisa antes de contornar a SUV e sentar atrás do volante.

— O que foi isso? — Pergunto a Wes, observando o meu pai entrar no carro e sair.

— Nada, baby, — diz Wes, puxando meu cinto de segurança antes de colocar o seu e sair atrás de Jax. — O que você tem debaixo desse vestido? — Pergunta, e minha respiração falha quando seus dedos roçam minha coxa.

— Nada, — respiro, e seu dedo faz uma pausa.

— Perdão? — Ele pergunta, mas há uma ponta de raiva na voz. — Deixe-me ver como você saiu de casa com meus bens. — Eu começo a ofegar e levantar lentamente a parte inferior e justa do vestido e sobre meus quadris. — Você tem sorte, baby. — Seu dedo desliza sobre o meu núcleo, na minha calcinha, fazendo-me ofegar. — Puxe essa saia para baixo novamente, — diz ele, e prendo a respiração por um momento, puxando-a para baixo sobre meus quadris enquanto sua mão desliza sobre minha coxa em traços suaves, leves, não me dando nada, e ao mesmo tempo, deixando-me saber que ele está comigo.

Quando paramos em casa, ele clica no botão da garagem e lembro que o meu jipe está com meus pais. Ele para, fecha a porta da garagem, deixando apenas um pequeno pedaço de luz disponível para ver. Meu pulso aumenta quando ele sai sem dizer nada, abre minha porta e solta o meu cinto, me virando com os pés para fora da porta.

Sem aviso, suas mãos seguram a parte de cima do meu vestido, puxando-a para baixo, libertando meus seios. Sua cabeça abaixa e ele puxa um mamilo em sua boca, enquanto puxa, belisca e empurra o outro com dois dedos. Minha cabeça cai para trás e minhas pernas tentam envolvê-lo, minhas mãos agarram seus

ombros e ele se move para segurar o outro seio, lambendo ao redor do mamilo antes de mordê-lo.

— Wes, — eu gemo, e suas mãos se deslocam para a parte de trás dos meus joelhos enquanto ele me puxa rudemente em direção a ele, empurrando meu vestido para cima sobre meus quadris.

— Foda-se, baby, seu cheiro me dá água na boca, sabendo que se eu morder você, você jorrará na minha boca, — diz ele, pegando a minha boca em um beijo agressivo.

Em seguida, desliza os dedos até o meu centro de novo, fazendo meus quadris empurrarem para frente. — Hmmm, — diz quando sua boca deixa a minha. Ele me empurra suavemente para trás, levanta o meu pé, colocando-o na porta aberta, sua mão na minha coxa me espalha para ele. Puxa a minha calcinha para cima, fazendo o material deslizar entre os lábios da minha buceta e um gemido deixa minha boca. Minhas unhas cavam em seu couro cabeludo, sua boca cai e ele puxa meu clitóris em sua boca, deslizando minha calcinha para o lado, e deslizando primeiro um dedo, depois dois dentro de mim, provocando, fazendo uma queimadura profunda se construir dentro de mim, então a inflamando quando levanta minha perna em seu ombro e chupa meu clitóris, sacudindo-o com sua língua.

Seu nome sai da minha boca em um grito forte e meu corpo acende, cada célula do meu corpo zumbindo. Quando volto para mim, eu sinto Wes entrar em mim. Meus braços rodeiam seus ombros e minhas pernas envolvem seus quadris quando ele me puxa do carro com as mãos na minha bunda, então me pressiona no metal frio de sua caminhonete.

— Eu gosto da ideia de você ter meu filho, — ele me diz, fazendo com que as paredes da minha vagina se contraiam em torno dele. — Parece que você gosta também, baby. — Ele sorri, me levantando mais, com as mãos ao redor de minhas coxas. Meus saltos cavam em sua bunda e minhas unhas agarram suas costas cobertas.

— Eu vou gozar, — eu gemo, e mordo em seu ombro com meus dentes, gozando forte.

— Foda-se! — Ele ruge, me puxando forte com ele, fazendo o orgasmo que já fluía através de mim reacendesse quando o sinto ficar maior e o calor inunda

minhas entranhas. Seus quadris param e minha boca libera sua pele enquanto ele me puxa para perto de seu peito.

— Te amo, — murmuro, envolvendo-o ainda mais, e ele me puxa para impossivelmente mais perto, me levando pela casa e me colocando sobre a cama. Ele puxa meu vestido, juntamente com a minha calcinha e sutiã, e depois vai para o banheiro, voltando alguns minutos depois com um removedor de maquiagem. Ele toma cuidado ao remover minha maquiagem, e me deita, tirando meus sapatos.

— Você quer a camisa, ou quer dormir assim?

— Peito-a-peito, — murmuro, depois o vejo tirar sua roupa e apagar a luz. Quando seu corpo comprime a cama, me aconchego ao seu lado, e ele me puxa para cima e sobre ele até que estou deitada em cima dele com as pernas entre as dele.

— Amo você, baby. — Sua mão corre pelas minhas costas, mas estou muito longe para responder, então apenas beijo seu peito e dou um tapinha. Seu corpo treme e sei que ele está rindo, mas o ignoro e caio no sono.

Capítulo 14

Wes

Eu acordo, olho para o relógio, para a mulher quente e doce que dorme em cima de mim e fecho os olhos. Eu não poderia imaginar não acordar com ela todos os dias para o resto da minha vida.

Beijo seu cabelo e rolo para o lado, lutando contra mim mesmo para não deslizar dentro dela novamente quando a ajusto na cama. Esses momentos são os mais difíceis. Se eu pudesse passar meus dias com a minha boca nela ou o meu pênis dentro dela, eu o faria, mas preciso levantar, alimentar os meninos, e encontrar o pai dela.

Nunca pensei que pediria a um pai permissão para casar com a filha dele, mas com July, eu sei que a aprovação de seu pai é importante, e se for honesto comigo mesmo, é importante para mim também. Isso significaria que ele pensa que sou bom o suficiente para sua filha.

— Fique comigo, — ela murmura em seu sono, escondendo o rosto no meu peito e me fazendo sorrir.

— Preciso levantar, baby, — digo a ela, me sentando.

— Não quero levantar. — Ela faz beicinho, me fazendo rir.

— Você não precisa se levantar; você pode dormir.

— Ok, bem, — ela suspira, então puxa meu travesseiro, abraçando-o contra o peito. Corro uma mão pelo meu rosto e pego meu moletom na cadeira, puxando-os, e então vou para a cozinha.

— Hey. — Faço uma pausa para coçar Capone e vou à cozinha ligar a cafeteira antes de dar comida aos meninos e alimentar Taser, que apenas pia quando me vê. Ainda dou risada quando penso no seu nome e no fato de que se não fosse por ele, eu não teria encontrado July. Assim que termino uma xícara de café, eu pego uma garrafa de água, o frasco de aspirina do armário, juntamente com um copo de suco de laranja, e os levo comigo, colocando-os sobre a mesa lateral, assim, quando July acordar, ela os verá.

Pego um par de jeans e uma camisa térmica, levando-os comigo para o banheiro de visitas para não acordá-la.

Quando termino de tomar banho, me visto rapidamente, coloco minhas botas, pego minha carteira e celular, e depois vou para a minha caminhonete. Quando abro a porta da garagem, a luz acende e sorrio, então, rio, voltando para a casa para pegar um pano e limpar a lateral da minha caminhonete, onde tem a impressão da bunda de July. *Acho que seu pai não seria legal comigo aparecendo com a prova na lateral da minha caminhonete de que estou tentando engravidar a sua filha,* eu penso, faço uma pausa e abaixo minha cabeça, tentando respirar quando percebo o que acabei de pensar. Sei que no fundo é a verdade; eu ficaria feliz se ela tivesse o meu filho. Porra, eu estaria na lua quanto a isso, e minha mãe... inferno, minha mãe ficaria excitada para caralho por ser uma avó.

— Uma coisa de cada vez, — digo a mim mesmo quando termino de limpar a caminhonete.

Quando saio para a estrada, sinto como se estivesse me preparando para ir à guerra. Sei que não importa o que o pai dela diga, eu ainda terei July como minha esposa, mas quero a aprovação dele, não para mim, mas para ela. Comprei o anel duas semanas atrás, e não posso esperar para colocá-lo no dedo dela.

Quando paro na casa de seus pais, eu saio e November abre a porta da frente, me encontrando na varanda. — Hey, Wes. Onde está minha filha?

— Ainda na cama. Ela teve um pouco de diversão demais na noite passada com suas irmãs, — digo a ela sorrindo.

Ela começa a rir e me dá um abraço quando alcanço à porta da frente. — As meninas ainda estão na cama, e quando ofereci café da manhã, elas começaram a atirar coisas em mim. Então, você gostaria de café da manhã? Eu tenho muito. — Ela sorri, e posso ver claramente de onde July obteve o dela.

— Eu gostaria disso, — concordo, seguindo-a para dentro e até a cozinha, onde há todo um buffet de comida preparada.

— Eu me empolguei demais, mas gosto de ter as meninas em casa, e sei que uma maneira de mantê-las voltando é mantendo-as cheias enquanto estão aqui, — diz ela em um sorriso.

— Não tenho dúvidas de que continuariam voltando, mesmo sem a sua comida, — asseguro-lhe, vendo muito da minha mãe nela.

— Você está dando em cima da minha mulher? — Asher pergunta, entrando na cozinha, e escondo meu sorriso. Estes dois provavelmente estão juntos há uns bons vinte anos, e você pode dizer que ele ainda é possessivo e protetor com sua esposa.

— Não sei se isso ajudaria a você concordar em me deixar casar com a sua filha, — digo a ele, e seus olhos piscam com respeito, o mesmo olhar que ele me deu desde a primeira vez que nos encontramos, e um pouco da ansiedade sobre esse momento me deixa.

— Não acho que faria, — ele concorda, dando um tapinha no meu ombro, e beijando sua esposa, ele sussurra algo para ela o que faz com que ela saia de seu torpor.

— Café? — Ele me pergunta, segurando o pote.

— Sim, senhor. — Aceno, e ele enche um copo para si e outro para mim.

— Você acha que merece minha menina? — Ele pergunta, e estou realmente impressionado que essa seja sua primeira pergunta. Tomo um gole de café e olho para a mãe de July, que me observa de perto, mais perto do que esteve em qualquer outra vez que estive próximo dela anteriormente.

Engulo e coloco o meu copo no balcão. — Não. — Balanço minha cabeça. — Provavelmente há alguém lá fora que pode dar a ela mais do que eu posso, mas eu mataria esse cara antes de dar a chance dele provar que estou certo. — Olho para a mãe dela, e ao pai dela. — Eu a amo com tudo em mim. Desde o momento em que a conheci, eu senti um puxão para ela, diferente de qualquer coisa que já senti antes. Não a mereço, mas ninguém nunca vai amá-la como eu amo.

— Oh meu, — diz uma voz atrás de mim, mas não tiro os olhos de Asher.

— Se nós estamos votando, meu voto é sim, — diz outra voz.

— Ele tem o meu voto também, — vem uma terceira.

— Eu amo minha irmã, mas se ela disser não, eu estou aqui.

— April! — November reclama, me fazendo rir.

— Tudo bem, filho, você tem a minha bênção. Agora você só tem que perguntar a minha menina, — diz ele, e a palavra *filho* me enche com um sentimento de orgulho.

— Obrigado, senhor.

— Não me agradeça; vire e olhe para as meninas atrás de você, — ele me diz, e faço como ele diz, observando as quatro irmãs de July. — Não tive nenhum menino. Tive cinco meninas... cinco meninas bonitas, que juro a Cristo, foram colocadas nesta terra para me torturar.

Há muitos gritos, — Ei! — das meninas, todas olhando para ele.

— Você é o primeiro homem, o que significa que um pouco desse peso foi tirado de cima de mim, e agora você tem a responsabilidade de ajudar-me a vigiar as minhas meninas. Bem-vindo à família, — diz ele, levantando o copo para mim, e à boca, tomando a bebida.

— Bem, então, vamos comer, — November diz, e olho para ela, então as meninas, perguntando no que diabos eu apenas me meti. July já é muito sozinha, e com todas as suas irmãs voltando para casa nos próximos dois anos, eu tenho um pressentimento de que precisarei de algum back-up. Sacudo o sentimento, sabendo que tenho alguns anos até precisar pensar nisso, e vou comer o café da manhã.

— Hey, baby, — atendo o telefone enquanto as meninas passam entre elas o anel que comprei para July. Eu saio da sala e fico no corredor. Ao longo de toda a parede estão imagens da família Mayson, e meus olhos caem em uma foto de July, quando era uma garotinha. Seus longos cabelos loiros pareciam selvagens, como se estivesse rolando na grama, o vestido enrugado, e seus pequenos braços em volta do pescoço de um cão gigante, pressionando sua cabeça em sua pele preta e branca. Ele olhava régio, o olhar no seu rosto dizendo que comeria qualquer um que chegasse perto demais dela. Eu soube imediatamente que era Beast; também percebi através da foto o vínculo que compartilhavam.

— Você não está em casa, — ela reclama, com a voz ainda rouca de sono. Olho da foto para o chão e sorrio. Desde o primeiro momento em que estive na casa dela, ela chama a casa dela de nossa casa. Eu amo isso.

— Eu vim à casa de seus pais para pegar o seu Jeep.

— Oh, — diz ela, parecendo desapontada.

— Você está bem? — Pergunto depois de um longo momento de silêncio, imaginando se ela adormeceu.

— Minha mãe fez café da manhã? — Ela pergunta.

Eu rio e murmuro, — Sim.

— Você pode trazer um pouco para mim quando vier para casa?

— Claro, baby.

— Obrigada, — ela murmura, ainda parecendo cansada.

— Durma até que eu chegue em casa.

— Ok, — ela concorda, dizendo, — Eu te amo, — antes de desligar.

— Você se importa de fazer um prato para July para que ela não me pergunte por que estive aqui? — Pergunto, voltando para a sala.

— Não há problema, — diz Asher, e November se levanta, reunindo alguns alimentos para July.

— Você sabe como vai perguntar a ela? — Pergunta December.

— Não, não pensei muito sobre isso. Imaginei que viria para mim, — confesso, pegando o anel de volta, colocando-o na caixa, e no meu bolso novamente.

— Acho que independentemente de como faça isso, será perfeito. Ela ama você, — diz November ao voltar e me entregando um prato coberto de plástico. — Basta seguir seu coração.

— Obrigado. — Sorrio, e ela dá um tapinha na bochecha.

— Obrigada também, por amar meu bebê do jeito que ela merece ser amada, — ela me diz, e essas palavras ecoam em meus ouvidos enquanto caminho para o meu carro, e assisto Asher entrar no jipe de July e November dentro de seu próprio SUV para que possam me acompanhar até em casa. Na primeira vez que me casei, eu fiz isso porque pensei que a amava. Agora, eu sei a diferença. Agora, eu sei o que é o amor, e como isso não muda você, mas faz você querer mudar a si mesmo… a fim de ser digno da pessoa com quem você está. Também sei que não importa o que eu quero fazer na vida, eu terei uma mulher ao meu lado para me apoiar, e isso diz tudo.

July

Eu rolo e olho para o relógio quando ouço a porta da garagem abrir, vendo que é um pouco depois das dez.

Saio da cama e encontro uma de suas camisas, deslizando-a, encontro uma calcinha e visto-a antes de sair para a sala, onde sou cumprimentada por Juice e Capone.

— Pensei que você ainda estaria dormindo, — diz Wes, me abraçando por trás quando paro para pegar cada um dos meninos para um afago.

— Ouvi você entrar, — digo a ele, e então meu estômago ronca. — E estava com fome.

— Acabei de colocar o seu prato no micro-ondas. — Ele beija o lado do meu pescoço e o sigo até a cozinha, pulando em cima do balcão em frente a ele.

— Obrigada por pegar meu Jeep, — digo, o vendo puxar o prato do micro-ondas.

— Não tem problema. — Ele pega a minha posição no balcão e sorri, me entregando o prato, e abrindo a gaveta para pegar um garfo. — Café ou suco?

— Suco, — respondo com a boca cheia de panqueca macia, e ele pega a jarra de suco de laranja da geladeira, dando-me um copo e beijando minha testa antes de se inclinar no balcão atrás dele, cruzando os braços sobre o peito. O colarinho alto de sua térmica cinza está desabotoado, mostrando os músculos definidos de seu peito e braços. Ontem à noite pisca através da minha mente. Eu amo o jeito que ele é capaz de me fazer sentir tão pequena e feminina, e a aparência dele quando está de pé, segurando-me com a sua força enquanto me fode.

— O que você está pensando agora?

Meus olhos se concentram nele e sinto meu rosto esquentar, então enfio uma garfada de comida na minha boca novamente e murmuro, — Nada, — fazendo-o sorrir e meus olhos se estreitar, o que só faz seu sorrisinho se transformar em

um sorriso. — Qual é o plano para hoje? — Pergunto, engolindo outro pedaço de panqueca.

— Você quer ir passear comigo?

— Claro, — concordo imediatamente; não há nada melhor do que estar na parte de trás da moto dele.

— Você vai precisar vestir algo quente.

— Aonde vamos?

— Apenas para um passeio, — diz ele, dando de ombros.

— Ok, — concordo devagar, imaginando o que ele está tramando.

— Além disso, temos que parar de fingir que não moro aqui, e parar de desperdiçar dinheiro com meu apartamento.

— Hum... é você quem fingia que não havia se mudado, — eu o lembro.

— Não.

— Sim. Perguntei para você, *Quando foi que nós começamos a morar juntos?* e você agiu como se não estivesse, — digo a ele, pulando do balcão e enxaguando meu prato antes de colocá-lo no escorredor.

— Não, só não queria ter essa conversa com seus pais na sala ao lado. Além disso, você parecia assustada quando perguntou essa merda. — Ok, então ele pode estar um pouco certo. Eu estava um pouco assustada sobre isso, só porque não tinha ideia de quando isso aconteceu. Era como se num minuto estávamos namorando, e no próximo, ele se mudou. — A julgar pelo silêncio, eu acho que você entende o meu ponto, — diz ele, e reviro meus olhos. — Então, tudo bem para você eu cancelar meu contrato de aluguel?

— Sim, — concordo, o abraçando e olhando para seu rosto bonito.

— Qual é a hipoteca de sua casa?

— Não tenho uma. — Dou de ombros.

— Você aluga este lugar? — Ele pergunta, as sobrancelhas juntas.

— Talvez você deva se sentar, — sugiro, o empurrando para trás até chegar à sala de estar, onde o jogo no sofá e escarrancho seu colo.

— Gosto dessa ideia. — Ele sorri, apalpando minha bunda e levantando, fazendo o meu núcleo esfregar a costura do jeans.

— Espere. — Coloco minhas mãos em seu peito e levanto meus quadris. — Deixe-me dizer isso, e então nós podemos voltar a isso, — digo, largando minha bunda no seu colo.

— Mãos à obra, baby, — ele pede, seus olhos caindo na minha boca, me fazendo sorrir.

— Minha mãe recebeu uma herança. Meu pai não a deixou usá-la, de modo que ela colocou em uma conta e cresceu, e quando cada uma de nós completamos vinte e um, nos foi dado uma parte igual da mesma. Eu paguei a minha clínica e minha casa, e o resto está em uma conta que apenas recolhe os juros.

— Então, você está me dizendo que está *montada na grana*, — diz ele, mas não posso ler seu rosto. Não sei como responder a essa pergunta; não estou cheia, mas estou confortável, e estarei até o dia em que eu morrer, desde que eu continue trabalhando.

— Hum...

— Por mim está tudo bem você ter dinheiro, baby. Tudo o que significa para mim é que se algo acontecer e eu deixar esta terra antes de você, você está bem. Essa merda me ajudará a ficar tranquilo, — ele me diz, e com isso, ele puxa a minha boca até a dele e me beija até que estou montando-o forte e rápido no sofá, só parando quando grito meu orgasmo em sua boca enquanto ele geme o seu na minha.

~~*

Vejo a estrada aberta e sorrio apertando ainda mais o estômago de Wes, sentindo seus músculos flexionarem sob meus dedos, os quais eu deslizei sob sua jaqueta de couro e camisa.

Esta manhã, depois de nossa sessão no sofá, eu levantei, tomei um banho e me vesti, enquanto Wes fez tudo o que se faz quando se espera as mulheres ficarem prontas. Escolhi um par de jeans escuro que enfiei nas minhas botas marrons, um suéter, minha jaqueta de couro marrom e um lenço que tem impresso nele a história de *O Jardim Secreto* do Francês Hodgson Burnett.

Amarrei meu cabelo em uma longa trança colocando sobre um ombro e fiz uma maquiagem leve com base, um pouco de blush e rímel. Não sei nada sobre o

nosso destino de hoje, e está tudo bem por mim. Gosto apenas de estar com Wes, e se acontecer de estar na parte traseira de sua moto, é ainda melhor.

Nós passamos por uma estrada e depois outra até que andávamos na estrada na qual me deparei com Wes e seus meninos. Não posso acreditar que foi apenas há alguns meses; parece que conheço Wes há muito mais tempo. Eu honestamente não sei mais como seriam as coisas sem ele na minha vida.

Eu provavelmente ainda estaria comendo cereal sozinha na cama todas as noites enquanto assistia TV, e só sairia quando minhas irmãs estivessem em casa. Pensando nisso agora, percebo como minha vida era chata. Eu era realmente uma combinação perfeita para o meu ex; absolutamente tão chata como ele, mas simplesmente não percebia, e com esse pensamento, aperto ainda mais meus braços ao redor de Wes.

Nós dirigimos por cerca de vinte minutos, e paramos ao lado da estrada, onde instantaneamente reconheço como o lugar em que o acertei. É realmente um belo local. A estrada vira ao redor de uma grande curva, há uma floresta ao lado, e do outro lado, existe uma saída que dá para o lago.

— O que estamos fazendo aqui? — Eu rio, saindo da moto atrás dele.

Ele faz o mesmo, então está na minha frente, não fala enquanto tira meu capacete junto com seu, colocando ambos no assento.

— Você está meio que me assustando, — digo, não sendo capaz de ler seu rosto.

— Este é o lugar em que você bateu na minha bunda, — ele diz, e sorrio. — O lugar em que percebi por que me mudei para o Tennessee, e o lugar em que encontrei o meu futuro. — Eu paro de respirar quando ele coloca a mão no bolso, saindo com um anel de diamante. — Eu quero compartilhar com você todos os dias, envelhecer com você. Você será minha esposa? — Ele pergunta, e olho para o anel. A pedra central está embutida no trabalho de filigrana que contorna e desce de cada lado do anel. Meus olhos vão desde o anel em sua mão aos seus olhos, e minha boca abre e fecha. Eu não acredito que este momento está realmente acontecendo.

— Você tem certeza disso? — Pergunto depois de um longo momento.

— Baby, eu não perguntaria se não soubesse que eu quero passar o resto da minha vida com você.

— Isso é para sempre, como no para-sem-pre, — sondo.

— Jesus, você é uma dor na bunda, — diz ele, agarrando minha mão e deslizando o anel no meu dedo. — Nós vamos nos casar, — ele afirma, e uma bolha de riso sobe em minha garganta, e ele silencia com um beijo.

— Eu te amo, — murmuro contra seus lábios quando sua boca deixa a minha.

— Também te amo, baby.

— Nós vamos nos casar, — sussurro.

Seu rosto suaviza e ele me beija novamente, murmurando, — Nós vamos.

— *Macacos me mordam! Vou me casar!* — Grito e começo a pular, levantando minhas mãos e olhando para a forma como a luz reflete nas pedras. — Não posso esperar para dizer a todos, — digo, respirando pesadamente e parando para olhar para ele. — Estou tão feliz. — Corro para ele e ele me pega em seus braços enquanto coloco minhas pernas ao redor da cintura dele. Ele me ergue com as mãos sob a minha bunda. — Estou tão, tão feliz. — Descanso minha testa contra a dele.

— July Abigail Silver. — Ele sorri, e meu coração vibra no meu peito ao som de seu nome com o meu.

— Gosto do som disso. — Fecho os olhos e aperto os braços e as pernas em torno dele.

— Eu também, baby, — responde, beijando-me novamente. Desta vez, sua boca fica contra a minha por um momento mais longo.

— Caramba, — repito, abrindo os olhos e olhando para o anel em minha mão que descansa em sua bochecha.

— Então, eu imagino que você disse sim? — Ele pergunta; olho em seus olhos e aceno com a cabeça, em seguida, pressiono a boca sobre a dele novamente.

— Sim, um milhão de vezes, — digo e ele sorri. — Podemos ir dizer a minha mãe e meu pai?

Rindo, ele murmura, — Pensei em, pelo menos, lucrar antes disso, mas sim, baby.

— Oh, você vai lucrar... muito, mas as coisas que eu pretendo fazer para você levará a noite toda.

— Realmente?

— Sim, — respondo, e ele me desliza pelo o seu corpo, deixando-me sentir a sua excitação, o que me leva a choramingar. — Talvez possamos dizer aos meus pais amanhã, — eu sugiro, e ele joga a cabeça para trás rindo, me fazendo rir.

— Suas irmãs estarão animadas. Não tinha certeza de quando eu ia perguntar, e sei que elas irão embora amanhã; podemos ir visitá-las, e ter a noite para nós, — diz ele, pegando o capacete do assento, colocando-o suavemente sobre minha cabeça e me prendendo. Meu coração, já cheio de amor por ele, fica muito maior.

Eu espero até que ele coloque o seu capacete e passe a perna por cima da moto antes de fazer o mesmo. Assim que tenho as minhas pernas apertadas em suas coxas e minhas mãos em seu abdômen, ele liga a moto, aperta meu joelho, e depois sai para a estrada, voltando pelo caminho que acabamos de vir, e embora eu tenha acabado de ver o mesmo cenário momentos antes, tudo parece mais vibrante. As cores das árvores em amarelos, laranjas e ouro me permitem saber que o Outono está em pleno andamento, e o ar parece mais limpo e eu me sinto mais feliz.

Ele não leva muito tempo para chegar à casa dos meus pais, e quando chegamos, meu pai é o primeiro a sair. Seus olhos vão para Wes, e embora eu estivesse com medo de sua reação a Wes no início, não posso esperar para dizer a ele que vou me casar, que encontrei alguém que me ama do jeito que ele faz, completamente, sem dúvida, e, honestamente, eu deveria saber melhor. Isso era tudo que meu pai sempre quis para qualquer uma das suas meninas.

Assim que Wes desliga a moto, levanto a minha mão no ar, e grito, — Eu vou me casar! — A plenos pulmões, o que faz meu pai sorrir e Wes, a quem eu ainda estava pressionada, gargalhar.

— Baby, saia, — Wes pede, apertando meu joelho, e desço da moto e começo a mexer com as alças do meu capacete, tentando tirá-la enquanto minhas mãos tremem de emoção. Sorte para mim que Wes empurra meus dedos e rapidamente remove o capacete da minha cabeça. Assim que estou livre, eu corro em direção ao meu pai, que ainda está sorrindo, só que ainda mais agora. Faço uma pausa no meio do caminho, corro de volta para Wes, beijo seu maxilar, e depois decolo para o meu pai, que agora está rindo de mim, mas não me importo. Subo as escadas até ele e o abraço, sentindo seus braços se apertarem ao meu redor antes de inclinar

a minha cabeça para trás e respirar, — Eu vou me casar, — novamente, desta vez com lágrimas nos meus olhos.

— Eu sei, minha menina bonita, — diz ele suavemente, trazendo uma mão até minha bochecha, e posso ver uma profunda felicidade em seus olhos. Aquele olhar me diz que ele está feliz por eu encontrar o que ele e minha mãe tem... o que os meus avós têm.

— Onde está a mamãe? — Pergunto, limpando os olhos das lágrimas que os encheram.

— Ela e suas irmãs estavam perto da fogueira, — ele me diz. Dou mais um aperto nele e decolo para dentro da casa, correndo ao atravessar a porta dos fundos, gritando mais uma vez, — Wes me pediu em casamento! — Só que desta vez, minha notícia é recebida com gritos de felicidade das minhas irmãs, todas vem me abraçar, cada uma dizendo como estão felizes. Então olho para minha mãe, que está com a mão cobrindo a boca e lágrimas em seus olhos. Eu vou até ela, abraçando-a e descansando minha cabeça em seu peito, como fazia quando era jovem.

— Amo você, querida, — ela sussurra, passando a mão pelo meu cabelo e costas, — mais do que você jamais poderia saber. — Mas ela está errada. Eu sei o quanto ela me ama. Eu sei, porque desde o primeiro momento que me lembro, ela reforçou esse amor, sempre mostrando o quanto cada uma de nós significava para ela. Tenho sorte de ter isso, abençoada além da razão por saber o que se sente ao ter esse tipo de amor de minha família. — Wes é um bom homem. Seu pai e eu estamos muito felizes por vocês.

— Obrigada, mãe, — digo a ela, um nó se formando na minha garganta e um soluço escapa.

— Não chore. — Mamãe me cala.

Então sou transferida para outro conjunto de braços, e desta vez, o cheiro de Wes varre através do meu sistema quando tomo uma respiração instável, resmungando contra sua camisa, — Eu estou bem.

— Se você não estivesse andando naquela maldita moto com minha bebê na parte de trás, eu lhe ofereceria uma cerveja, — meu pai diz, me fazendo rir e olhar para Wes.

Viro a cabeça e sorrio para o meu pai. — Eu amo aquela maldita moto, — digo a ele, algo que ele já sabe.

Ele apenas balança a cabeça, coloca a sua cerveja aos lábios e toma um gole antes de murmurar, — Uma a menos, quatro ainda.

Capítulo 15

Olho para o meu telefone e mordo o lábio quando vejo que Wes está ligando.

— Você atenderá isso? — Kayan pergunta, e quero dizer que não, mas sei que no fundo não posso evitar Wes para sempre. *Especialmente porque moramos juntos*. Faz uma semana desde que ele me pediu em casamento, uma semana em que nós vivemos feliz, e uma semana transferindo toda a sua merda do seu antigo apartamento para a minha casa.

Estou feliz, e sei que ele está também, mas tenho a sensação que hoje eu ultrapassei meu limite como recente noiva ao andar os três quarteirões abaixo da minha clínica e ir até a loja de móveis na cidade. Nós não precisamos de nada novo; estamos mantendo minha cama, mas trocamos o meu sofá pelo dele, desde que o dele é mais novo, o couro é macio e as almofadas confortáveis. Além disso, tem porta-copos nos braços, e os assentos se inclinam para trás, assim você pode deitar e assistir a filmes sem ocupar todo o sofá. Eu amo o sofá dele, e o meu sofá velho irá para o depósito, juntamente com qualquer outra coisa em condição boa suficiente para que uma das minhas irmãs ou primas pudesse usar quando voltarem para casa.

Mas não é por isso que Wes está ligando, e eu sei disso, porque quando nós discutimos sobre comprar uma nova cama ou manter a minha, me lembrei da cama dele no composto. Sei que ele não dormiu com ninguém desde que me conheceu, mas também não sou ingênua o suficiente para acreditar que o colchão não viu um monte de ação antes de nós. Esse pensamento me deixou doente. Também me

deixou chateada, então andei três quadras até a Jem Furniture Warehouse[11] e pedi uma nova cama para Wes, que estaria sendo entregue agora.

O telefone silenciou, e então começou a tocar novamente, e Kayan, que olhava para mim, baixou os olhos para o telefone e fez uma careta.

— O que aconteceu?

— Nada, — digo a ela, e mordo o interior da minha bochecha, debatendo o que devo fazer, mas, em seguida, meu celular para e o telefone do escritório começa.

— Clínica Veterinária Beast, como eu posso ajudá-lo? — Pergunta Kayan, atendendo ao telefone antes que eu possa dizer para não atender ou deslizar através do balcão e retirar o telefone do ouvido dela.

— Desculpe, Wes, mas ela está com alguém agora. Você quer que eu fale com ela para retornar a ligação? — Ela pergunta quando pulo com as mãos no ar, apontando para mim e balançando a cabeça freneticamente. — Não tenho certeza se posso dizer isso a minha melhor amiga, — Kayan diz, olhando para mim com os olhos arregalados, e desliga o telefone, levantando uma sobrancelha para mim.

— Humm...

— Então, acho que a sua pausa para o almoço consistiu de uma viagem de compras? — Ela pergunta.

Pressiono meus lábios, e pergunto, — O que ele disse?

— Você pode perguntar a ele. Ele está a caminho daqui. — Ela sorri, e meu coração começa a bater forte no meu peito.

— Por que você está sorrindo? — Eu assobio.

— Porque o que ele me disse para te dizer não soa exatamente como punição.

— Oh meu Deus. Z a enlouqueceu.

— Se você quer uma vantagem inicial, e fugir, eu sugiro que você vá agora. — Ela volta a olhar para o computador, e olho para ela e depois salto quando ouço o som de uma porta batendo no estacionamento.

— Odeio você, — digo a ela, observando Wes caminhar até a frente da clínica.

---

11 Loja de Móveis

— Corra. — Ela ri, e faço exatamente isso. Decolo em direção ao meu escritório, onde sei que tenho um cadeado na porta, entro e fechou-a atrás de mim, pressionando o botão.

— Baby, abra a porta. — Wes bate, e tenho certeza que minha ex-melhor amiga disse a ele onde estou, porque ela acharia engraçado. — Se você não abrir, eu vou tirá-la das dobradiças, — ele grita, e não tenho nenhuma dúvida de que ele faria exatamente isso, então dou dois passos até a porta, rodo o botão, liberando a tranca, e salto para trás da minha mesa, colocando-a entre nós.

Espero a porta bater, mas em vez disso, se abre lentamente e Wes preenche o espaço, as mãos apoiadas nos quadris. Eu não o vi antes que ele deixasse a casa esta manhã, porque como a maioria dos dias, ele começa a trabalhar duas horas antes de mim. Meus olhos o levam, não pela primeira vez pensando como sou sortuda. Ele está sexy, hoje e como sempre, e com raiva, suas características destacam-se e ele parece ainda mais bonito. Seu peito é coberta por uma térmica borgonha, e uma jaqueta preta com gola reta, que fica bem com seu pescoço e mandíbula. A calça jeans de hoje é mais escuras, e, claro, suas botas pretas. Meus olhos viajam dos seus pés cobertos pela bota para seu rosto.

— Hey. — Sorrio, e seus olhos estreitam antes que ele pise dentro do escritório e feche a porta.

— Tire a roupa.

Em suas palavras, meu corpo salta e eu sussurro, — O quê?

— Tire suas roupas, porque se eu fizer isso, não posso garantir que você tenha algo para vestir para casa.

— Wes...

— Agora, July.

— Eu posso ter um cliente.

— Você não tem, eu garanti.

Minhas mãos vão para o meu casaco e o tiro, em seguida, minha camisa. Enquanto tiro minhas roupas com dedos trêmulos, ele move as coisas na minha mesa, colocando de lado antes de tirar sua jaqueta e jogá-la na minha cadeira. Saber o que vai acontecer – ou *pensar* que eu sei o que acontecerá – faz umidade se formar entre as minhas pernas e minha respiração falhar.

Eu fico lá, nua, e os olhos de Wes se movem avidamente sobre mim antes dele rosnar,

— Venha aqui. Eu quero seus peitos na mesa e as mãos acima da cabeça.

— Wes... — tento novamente.

— Sem mais conversa; apenas faça.

Mastigo o interior da minha bochecha por um momento antes de ficar ao lado da mesa, dobrar sobre ela, e inalar uma respiração afiada quando os meus mamilos tocam a madeira gelada.

— Mãos para cima, — ele ordena. Deslizo as mãos acima de mim até que estou quase na ponta dos pés. — Você sabe por que estou chateado? — Pergunta ele, dando um passo atrás de mim, esfregando o jeans contra a minha pele nua.

— Sim, — eu digo, e sua mão desliza sobre a minha bunda, seu pé coberto com a bota abrindo ainda mais minhas pernas.

— Você acha que merece ser punida por não me contar que pediu que entregassem uma cama, e disse a eles que deveriam tirar a antiga ou você não pagaria?

— Não, — digo sinceramente.

— Achei que você se sentiria assim. — Ele se inclina sobre mim, mordendo minha orelha. — Você se desculpará?

— Desculpe, — digo a ele, apertando os olhos fechados enquanto sua mão desliza sobre o meu clitóris, então grito quando a mesma mão vem com força na minha bunda.

— Isso não soou sincero, baby, — ele adverte, colocando a mão entre minhas pernas novamente. Cada passagem sobre o meu clitóris faz minhas costas arquearem e minha bunda pressionar sua virilha. — Agora, me diga que você está arrependida, de novo.

— Sinto muito sobre a cama, — digo, e seus dedos deslizam dentro de mim, fora e em torno do meu clitóris, e depois voltam a se aprofundar. Sua outra mão desliza debaixo de mim, segura meu peito, e puxa meu mamilo.

— Você está encharcada, baby. Você gosta de me irritar. Isso deixa você excitada? — Pergunta ele em meu ouvido, me fazendo choramingar. Então, sua mão se move entre minhas pernas novamente, me espancando mais forte do que a última vez.

— N-não, — gaguejo, precisando de apenas um pouco mais. Meu corpo está em chamas, cada polegada apenas esperando para ver o que ele fará em seguida.

— Sua boceta está com tanta fome que você pensaria que eu não a alimento todos os dias, — ele me diz, meu núcleo aperta em torno de seus dedos dentro de mim. Ele então dá um passo atrás e ordena, — Suba. — Confusa, eu olho por cima do meu ombro para ele e engulo quando vejo o olhar em seus olhos. — De joelhos, baby.

Oh.

Meu.

Deus.

Não posso acreditar que estou fazendo isso no meu escritório, mesmo que o meu escritório fique no final do corredor, longe demais para que alguém pudesse ouvir algo.

— Suba, baby, — ele diz um pouco mais suave, e levanto um joelho, em seguida, o outro, e depois olho por cima do meu ombro para ele.

Seus olhos viajam do meu olhar, sobre a curva das minhas costas e bunda e trava entre as minhas pernas. — Eu gostaria que você pudesse ver o que eu vejo agora. Desejo que você pudesse ver quão quente você parece, quão molhada e inchada sua boceta está para mim... para o meu toque. — Ele balança a cabeça, põe as mãos atrás do pescoço, e tira a camisa.

Lambo meu lábio quando seus músculos flexionam, e o contorno de seu pênis em seu jeans é tão grande que sei que quando ele abrir os botões, a cabeça estará vermelha e irritada, as veias abaixo do comprimento tão pronunciadas que ao deslizar dentro de mim eu juro que poderei sentir cada uma delas.

Ele dá um passo atrás de mim e abaixo a minha cabeça, esperando para ver o que ele fará. Suas mãos vão para minha bunda e eleva, e então, sinto o calor úmido de sua língua deslizando sobre mim.

— Wes, — choramingo, sentindo meus braços tremerem na tentativa de me firmar.

— Calma, baby. — Ele lambe novamente, e redemoinha sua língua ao redor. Sinto seus polegares me segurando aberta para ele, me trazendo cada vez mais perto, e então meus braços cedem e minha cabeça abaixa quando meu

orgasmo me acerta. Leva um momento para voltar a mim, mas quando faço, ele entra rapidamente, em um forte impulso rápido.

Eu empurro de volta sobre ele a cada vez, e levanto as mãos quando meus joelhos começam a deslizar. Minhas pernas começam a tremer quando a mão dele vem forte na minha bunda e choramingo quando ele me vira de costas e entra em mim novamente, uma mão indo para minha coxa, a outra para base do meu estômago, o polegar pressionando o meu clitóris.

— Oh, Deus! — Eu grito, minha cabeça inclinada para trás, minhas mãos indo para os meus seios, puxando meus mamilos.

— Olhe para mim. — Minha cabeça se inclina para baixo novamente e nosso olhar se conecta. Então seus olhos viajam pelo meu corpo, das minhas mãos sobre meus seios para a nossa conexão, e seu polegar fazendo redemoinhos mais rápido quando ele se inclina, colocando a mão atrás da minha cabeça, me levantando para ele, e pegando a minha boca em um beijo profundo, o seu gosto e o meu inundando minha boca. Minhas mãos se movem para seus ombros, agarrando-se a ele quando minhas pernas envolvem apertadamente seus quadris.

— Esprema-me, baby.

Eu faço, sem a necessidade de mandar, quando meu núcleo convulsiona em torno dele com o meu orgasmo, puxando-o ainda mais profundo. Seus quadris empurram e ele planta-se profundamente, gemendo seu orgasmo na pele da minha garganta quando meus membros o apertam.

— Eu vou comprar uma cama todos os dias para você, — digo com um sorriso, e sinto seu corpo tremer contra o meu, deixando-me saber que ele está rindo.

— Você é uma dor na bunda, baby. — Ele puxa o rosto do meu pescoço e afasta um pouco de cabelo da minha cara. — Não faça essa merda de novo.

Pressiono meus lábios para evitar dizer a ele que não vou, porque já está feito; não há necessidade de comprar outra cama para seu quarto no complexo. Nós não ficamos lá muitas vezes, mas quando fazemos, não quero pensar sobre quem estava lá antes de mim. Não posso lidar com isso.

— Eu amo você... só você, — diz ele, lendo meu rosto. — Meu futuro será com você. Nada antes de você importa. — Lágrimas enchem meus olhos e viro minha cabeça para o lado para evitar seu olhar quando choro. Mas Wes, sendo

Wes, coloca a mão no meu rosto, puxando minha atenção para ele novamente. — Não chore. — Ele enxuga minhas lágrimas e aceno a cabeça, mas ainda assim, as lágrimas caem.

Ele desliza para fora, arruma sua calça jeans, e então me pega em seus braços e se vira para sentar na minha mesa, com os braços apertados em torno de mim. Nem sei por que estou chorando... provavelmente o stress e a emoção de tudo o que aconteceu. — Odeio quando você chora, baby, — diz ele em voz baixa, e meu rosto pressiona seu pescoço por um momento, levando uma profunda golfada de seu perfume antes de inclinar a cabeça para olhar para ele. Seus dedos passam sob meus olhos e ele procura o meu rosto. — Tudo bem?

— Sim, muita coisa aconteceu e acho que eu só precisava chorar.

— Você está feliz? — Ele pergunta, e isso me faz encará-lo, vendo a preocupação em seus olhos. Eu nunca quero que ele se preocupe com meus sentimentos por ele.

— Quando era pequena, eu disse a mim mesma que o cara com quem eu me casaria gostaria de conduzir motos, teria um fraquinho para animais, e seria forte como o meu pai. — Coloco minha mão no queixo coberto de barba por fazer e corro o meu polegar sobre seu lábio inferior. — Quando fiquei mais velha, nunca acreditei que eu encontraria um cara assim. Então você me perseguiu em sua motocicleta e me deu tudo que eu poderia querer. Então, não, não estou feliz; eu sou mais que feliz desde a primeira vez que você olhou para mim como se eu fosse algo que você queria devorar e proteger, tudo ao mesmo tempo.

— Jesus, — ele sussurra, olhando nos meus olhos antes de me puxar para mais perto e colocar meu rosto em seu pescoço. — Nunca quis muito, baby, mas sabia no momento em que olhei em seus olhos que eu queria você. Só achei que eu nunca teria uma chance. Prometo que encontrarei uma maneira de tornar-me digno de você.

— Você é meu tudo, — digo; olho para o relógio e deslizo para fora de seus braços para ficar na frente dele. — Desculpe sobre a cama, mas não pegarei de volta.

— Deixe-me saber quanto custou e eu darei o dinheiro dela.

— Por quê? — Eu franzo a testa, indo para minha cadeira e puxando minha calcinha, e colocando meu sutiã.

— Apenas me diga o custo, — diz ele, um pouco mais firme. — Nós não vamos falar sobre isso agora, mas eu também preciso saber o custo da casa, para que eu possa te dar isso. Então, vamos abrir as contas e merda, para que possamos acertar isso.

— Eu disse que a casa é minha.

— Eu sei que é, baby, mas não vou morar lá leve e solto, sabendo que você pagou por ela e eu não fiz a minha parte.

— Eu pensei que iríamos nos casar.

— Nós vamos, — diz ele imediatamente.

— Então, o que isso importa?

— Não importa, porque você não é minha mãe; você é minha mulher, e é trabalho meu cuidar de você, — diz ele, mas ainda estou completamente perdida. Quero dizer, eu sei que sempre que saímos juntos ele não me deixa pagar, nem mesmo pelas compras, e estou bem com isso – não que eu tenha uma escolha – mas já paguei pela casa, assim, ter o dinheiro de volta, quando esse dinheiro iria apenas para uma conta, não faz sentido para mim. — Não estou montado na grana, baby, mas tenho dinheiro guardado com o serviço, e trabalhar na loja é bom. Preciso saber que eu faço a minha parte.

Posso dizer pelo seu tom que ele está falando sério e isso significa alguma coisa para ele, então eu apenas aceno enquanto coloco minha camisa. Uma vez que tenho isso, eu vou até ele e coloco as mãos sobre suas coxas. — Nós vamos resolver.

— Agradeço isso, baby. Você tem mais pacientes hoje?

— Dois.

— Preciso voltar à loja, mas ligue para mim quando estiver a caminho de casa e vamos pensar no jantar.

— Parece bom. — Sorrio, me inclinando e pressionando minha boca na dele.

— Quanta merda sua garota falará quando eu sair?

Esse comentário lhe dá um sorriso cheio quando murmuro, — Muita.

— Imaginei. — Ele sorri e espera eu vestir minhas calças e sapatos antes de abrir a porta.

Saio com ele de mãos dadas, passando por uma Kayan sorrindo, e ele ri para ela, — Tchau, Wes. — Ele não responde, apenas lhe dá uma elevação do queixo e a mim um toque de sua boca antes de sair pelas portas de vidro.

— Talvez eu devesse comprar uma cama para Z, — diz Kayan assim que a porta se fecha atrás Wes. Olho para ela e reviro os olhos.

— O quê? Você não é a única com um cara assustador-quente, — ela murmura.

— Como estão as coisas entre vocês?

— Ótima. Meus pais ainda estão sendo burros, e acho que meu pai pode acabar morto se ele disser a mais um cara para me convidar para sair.

— Ele está fazendo isso quando você está grávida?

— Sim, e Z está prestes a ter um ataque cardíaco por causa disso.

— Aposto que ele está. — Conhecendo Z e quão protetor ele é com Kayan, posso imaginar que ele não está nem mesmo um pouco bem com o que o pai dela está fazendo. Inferno, se meu pai fizesse isso para Wes e eu, eu tenho certeza que Wes o mataria.

— Na semana passada, ele pediu para Mark me ligar e me chamar para jantar. Z estava lá quando recebi o telefonema, e falou com Mark. Ele explicou que apesar do meu pai não querer acreditar que estou em um relacionamento, eu estou muito apaixonada e grávida, e surpreendentemente, Z foi muito legal com ele e perguntou se ele poderia contar a todos que ele conhece que possam ouvir a mesma coisa do meu pai. Mark concordou em falar e deu-nos parabéns pelo bebê.

— Seu pai é um idiota.

— Eu sei. — Vejo lágrimas encherem seus olhos, então eu contorno o balcão e a abraço.

— Z é perfeito, realmente incrível, e me preocupo que isso possa afastá-lo.

— Ele ama você, querida, e tenha a sensação que nada jamais manteria Z longe. — E isso era verdade. Mesmo os pais dominadores de Kayan não eram páreo para Z, que encontrara uma mulher para passar sua vida. — Você não tem permissão para chorar. Você sabe que Z enlouquece quando você chora, — a lembro.

— Z não está aqui agora.

— Não, mas como um maldito cão, eu juro que ele pode sentir o cheiro quando você esteve chateada, e prefiro não dar uma razão para ele estar chateado comigo.

— Você está certa, — ela concorda; pego um par de lenços e os entrego para ela, enquanto esfrego suas costas.

— Tudo dará certo. Quando o bebê nascer, eu aposto que mudam de tom.

— Se não pararem o que estão fazendo, eu não os deixarei ver o bebê.

— Sério? — Pergunto surpresa, não que Kayan realmente esteja receosa de seus pais, mas eles são conhecidos por empurrá-la em coisas que ela realmente não quer fazer.

— Realmente. Z é o homem com quem eu vou me casar um dia, e ele será o pai de nossos filhos. Ele merece respeito, muito mais do que eles lhe deram, e se isso não mudar, não vou permitir que eles vejam o nosso bebê.

— Sabe, acho que se você disser isso a eles, podem vir aceitá-lo um pouco mais rápido do que você imagina, — digo a ela.

— Você acha mesmo?

— Como poderia alguém não querer ser parte da vida do seu bebê?

— Por que não pensei nisso antes?

— Porque eu sou a amiga inteligente.

— Que seja, e isso apenas significa que sou aquela sexy. — Ela encolhe os ombros, me fazendo rir antes que volte para o meu escritório.

~~*

Olho para o relógio e vejo que é meia-noite, rolo, agarro o presente de Wes debaixo do meu lado da cama e sento. Ligo a luz de cabeceira, e olho para Wes, que dorme com a mão, antes enrolada em minha cintura, e agora em minhas coxas.

Corro minha mão sobre seu cabelo, e seus olhos se abrem lentamente e ele olha para mim, sonolento e confuso.

— Você está bem, baby?

— Feliz Natal. — Sorrio e ele pisca duas vezes.

Suas sobrancelhas se juntam e ele olha para mim, olhando para o relógio, então sorri quando levanta e me beija, dizendo: — Feliz Natal, baby, — contra os meus lábios.

— Aqui está. — Entrego a caixa que tenho guardado por semanas, mas então eu quero pegá-la de volta e rasgar o papel para ele quando ele apenas olha

para ela. — Eu sei que tecnicamente abrimos presentes amanhã, mas eu só não posso esperar mais, — digo a ele animadamente. Ele senta-se completamente, o lençol caindo em sua cintura, por isso a extensão de seu peito é visível. Eu me viro para ele, sentando em minhas panturrilhas com os joelhos dobrados contra sua coxa. — Por favor, abra. — Eu salto um pouco, o que faz seus olhos cair para meus seios, que não estão cobertos, uma vez que depois de ter feito amor comigo, eu não perdi tempo colocando algo.

— Não tenho certeza se posso focar nisso com seus seios saltando na minha cara, — diz ele, e reviro meus olhos, puxando o lençol para cobrir o meu peito. — Deveria ter mantido minha boca fechada, — ele murmura.

Eu choro, — Abra a caixa! — O que o faz rir.

Ele puxa meu rosto para ele com uma mão em volta da minha nuca, e então me solta e deixa cair os olhos para a caixa, rasgando o papel lentamente. Finalmente, ele abre a parte superior da caixa, movendo o papel de seda do caminho e puxando a carteira de couro que eu projetei para ele. Quando perguntava o que ele queria no Natal, ele repetia mais e mais que me queria curvada, nua na cama, esperando por ele. Desde que ele poderia ter isso qualquer dia do ano, eu desisti de perguntar, e, na verdade, desisti absolutamente de procurar algo, até que eu estava conversando com minha tia Liz, e ela me contou sobre uma loja na cidade onde um cara projeta joias de prata e artigos de couro. Então eu falei com ele o que queria, e um pouco sobre a nossa história, e ele criou uma obra de arte que Wes poderia levar sempre com ele e adicionar coisas a ela enquanto o tempo passava.

— Jesus, — ele sussurra, e mordo meu lábio inferior, observando o modo como seus dedos viajam sobre o design do couro, que se você não olhasse de perto, você perderia. Eu escolhi coisas que senti que nos representa: o Taser e ave da primeira vez que nos encontramos, a motocicleta, que é uma grande parte de nossas vidas e quem ele é, e no verso, o nome dele, Silver, na forma de uma motocicleta, e no final, um gancho mantém uma medalha a corrente, na qual está a data em que ele me pediu em casamento.

— Se você não gostar, você não precisa carregá-la...

Eu sou interrompida quando sua boca cai na minha e ele arranca o lençol, me puxando para escarranchar seu colo. A sensação de sua língua e seu gosto

trabalha através de meu sistema quando ele me ajusta ligeiramente, enchendo-me com ele. Balanço contra ele lentamente, passando os braços mais firmemente em torno dele, nossas bocas nunca deixando a outra quando ele me leva a um orgasmo lento, que não explode, mas queima, sentindo como se nunca terminasse. As lágrimas brotam dos meus olhos e provo sal em nosso beijo quando seu orgasmo desliza na minha garganta.

Quando ele inclina a cabeça, com as mãos suavemente segurando meu rosto, ele sussurra, — Eu amo você, baby.

— Eu sei, — respondo, porque eu sei; sinto isso o tempo todo. Mesmo quando nós estamos separados, eu sinto isso.

— Vou levá-la sempre, — diz ele, enxugando outra lágrima, e sei que ele fala mais do que apenas a carteira. Ele também fala do amor e da ligação que temos. Enrolo mais perto dele enquanto ele se inclina, e com ambos ainda unidos ele apaga a luz; ele nos ajusta, comigo ainda em cima dele, ele ainda dentro de mim e puxa as cobertas sobre nós. Esfrega minhas costas por um longo tempo, enquanto ouço o som de sua respiração. Quando se nivela, o sigo no sono.

~~*

— Você está brilhando, — minha mãe diz, caminhando até mim e me abraçando.

— Estou feliz. — Sorrio para ela e a abraço. Eu inclino minha cabeça em seu ombro e olho para a minha família e Wes, que estão todos sentados na sala de estar dos meus pais, conversando e rindo. Quando levantei esta manhã, nós alimentamos Capone e Juice, e nos sentamos ao redor de nossa árvore de Natal para abrir os presentes que compramos um para o outro. Wes me deu um bonito colar de ouro que é uma réplica exata das plaquetas que ele usa, apenas menor. A pequena placa de metal tem a mesma informação que as plaquetas carregam, mas a menos que você abra, nunca sabe que ela é só para mim. Ele sempre estará pressionado na minha pele, da mesma forma que ele está envolvido em torno de meu coração.

— Você está grávida? — Minha mãe pergunta, e meu olhar vai imediatamente para ela.

— Não, mãe. — Sorrio, e acrescento, — Ainda não.

— O quê? — Ela sussurra em estado de choque.

— Eu estou brincando, mãe. Nós não estamos sequer tentando. Quero ter um casamento e ter algum tempo para apenas nós, antes de começar a planejar um bebê.

— Oh, Deus. Não sei como eu seria capaz de controlar o seu pai.

— Se alguém poderia fazer, seria você, — eu garanto.

— Não tenho certeza disso, querida. Honestamente, estou chocada por seu pai ser tão legal com Wes.

— Há muito amor sobre Wes, — digo a ela, e ela olha para a sala de estar, em Wes e meu pai, que parecem estar em uma conversa profunda. Então meu pai joga a cabeça para trás, rindo e dando tapinhas no ombro de Wes quando ele ri. Seus olhos me encontram e suavizam, e ele volta sua atenção para o meu homem.

— Você fez bem, querida.

— Eu sei, — respondo, tomando um gole de café, em seguida, colocando minha cabeça contra a dela, rindo quando vejo as minhas irmãs dançando ao redor com pijamas combinando, que minha mãe deu a todas nós no Natal. Isso é mais do que eu jamais poderia ter esperado, todos que amo no mesmo lugar, todos nós juntos.

— O que você diria de colocarmos o peru no forno e ter uma mimosa? — Mamãe pergunta, e eu aceno, dando um aperto em sua cintura, e então nós colocamos o peru no forno e saímos para nos sentar com todo mundo, me dobrando perto do Wes, minhas irmãs todas reunidas, e meu pai com minha mãe em seu colo. Todos nós ficamos assim a maior parte do dia, apenas fazendo pausas para cozinhar, para comer. Eu não poderia pedir um Natal melhor.

Capítulo 16

— Baby, onde diabos você está? — Wes rosna assim que coloco meu telefone no ouvido depois de cavar na minha bolsa para encontrá-lo. Faz uma semana desde o Natal, e as coisas têm sido boas. Tenho estado ocupada tentando planejar um casamento, e Wes esteve ocupado me mantendo calma.

— Precisei passar na loja para pegar chips e material para a festa.

— Nós não teremos uma festa, — diz, e sei que se eu estivesse na frente dele, ele estaria balançando a cabeça com um sorriso no rosto.

— Mais de dez pessoas vêm assistir futebol. Eu acho que é chamado de festa, — Explico, revirando os olhos enquanto lanço alguns abacates em minha cesta.

— Eu tenho cerveja, — ele diz, como se isso fosse tudo que alguém precisa, e ele pode estar certo com os meninos; contanto que eles têm cerveja, eles estão legais. E isso era bom antes dele ter uma mulher, mas não agora. Então, eu farei asas, sete tipos de molho, salsa fresca, e algumas massas folhadas, o que tenho certeza que os caras reclamarão que são muito femininas, mas vão devorar. Eu estou até mesmo levando duas tortas de maçã. Não, não as faço a partir do zero, mas elas são as favoritas de Wes, então isso é tudo que importa. — Você me ouviu? — Pergunta ele, me trazendo de volta para a conversa.

— Eu sei que você tem cerveja, querido, — digo a ele, andando até o caixa, e sei que ele tem cerveja, porque ontem à noite, quando cheguei em casa do trabalho, havia cinco caixas de cerveja na varanda dos fundos, onde ele as colocara, porque estava frio o suficiente para que não precisasse colocá-las na geladeira. — Eu ainda estou comprando lanches.

— Você não precisa exagerar.

— Gosto de exagerar.

— Dor na bunda, — resmunga.

— Você ama esta bunda. — Sorrio.

— Porra sim, eu amo, — ele rosna, fazendo um arrepio deslizar abaixo da minha espinha enquanto coloco os mantimentos na correia transportadora.

— Eu estarei em casa logo, — digo em voz baixa, passando o meu cartão pela máquina de cartão de crédito.

— Vejo você, então, baby, — ele diz, e sorrio para o caixa, pego minhas bolsas, e vou para as portas.

— Te amo, — digo, desligando e empurrando meu telefone na minha bolsa, e então embaralho o saco de compra de um lado para o outro para que eu possa abrir a porta do carro. Assim que as portas se abrem, eu me inclino sobre o banco do motorista e coloco minha bolsa e as sacolas no banco, em seguida, grito quando sou puxada para trás. Uma mão cobre minha boca e chuto minhas pernas quanto sou arrastada para uma van e as portas se fecham. Meus joelhos batem no chão de metal e sinto uma lâmina afiada contra a minha garganta.

— Peguei você, cadela, — é respirado perto da minha orelha, e o cheiro de cigarros e couro bate no meu nariz. — Você grita, e corto sua garganta. Acene se você me entendeu.

Concordo com a cabeça freneticamente, minha boca é descoberta e me empurram até minha bochecha bater no chão. Minhas mãos são puxadas juntas e meus pulsos são atados atrás das costas com o que parece ser laços de plástico.

— Eu vou foder você bem assim, à minha mercê, para onde nós vamos, ninguém a ouvirá chorar, — o cara atrás de mim diz, pressionando sua ereção contra a minha bunda, fazendo-me engasgar. Sinto lágrimas rolarem sobre a ponte do meu nariz até o chão antes de um duro golpe acertar o lado da minha cabeça, então nada, a não ser o preto.

Abro os olhos, em seguida, os fecho, não querendo acreditar que o que vejo é real. Meus batimentos batem rapidamente, e minha respiração começa a aumentar, tanto que sei que se não me acalmar, vou desmaiar novamente. Eu tomo um momento, reunindo coragem, e quando abro meus olhos novamente, leva alguns segundos para que os meus olhos ajustem à escuridão. Olho em volta, vendo que estou em uma pequena sala. As paredes são pretas, o que me faz

acreditar que estou em um sótão. O som do latido de cães é tão alto que é quase ensurdecedor.

Meus olhos pousam em uma pequena figura encolhida no canto. Seus longos cabelos castanhos estão soltos, e seu rosto está manchado com a sujeira, juntamente com suas roupas. Eu me arrasto para mais perto dela e ela começa a se encolher.

— Não vou te machucar, — sussurro, indo para o lado dela, mas não muito perto. — Qual o seu nome?

— El... Ellie. Qu... qual é o seu? — Ela sussurra em tom rouco depois de um longo momento.

— July, — sussurro de volta. — Você sabe onde estamos? — Pergunto olhando em torno do espaço, tentando ver se existem quaisquer janelas.

— Não, — ela choraminga, e posso ouvir o medo em sua voz com esta única palavra.

— Como eles te pegaram? — Pergunto.

Seus olhos se fecham e ela abaixa a cabeça, seu corpo começa a tremer e acho que ela não vai responder, mas, em seguida, ela diz tão baixo que eu quase perco, — Minha mãe me vendeu para esses caras.

— O quê? — Assobio, totalmente pega de surpresa.

— Eu sei, — ela choraminga, soltando minha mão e envolvendo os braços ao redor das pernas, descansando a testa sobre os joelhos dobrados. — Ela tem a minha filha. Preciso ter a minha filha, — ela chora, e seu corpo começa a tremer com lágrimas silenciosas.

A abraço e sussurro, — Ficará tudo bem, — embora eu não tenha nenhuma ideia de como vou fazer isso ficar bem. Não para ela... não com isso.

— Você não entende. Havia outra menina aqui antes de mim. Eles a levaram para fora, e quando a trouxeram de volta, ela estava viciada em algum tipo de droga. Ela nem sequer lembrava seu próprio nome, — ela me diz, e lembranças do que Wes me disse sobre esses caras piscam pela minha cabeça, me fazendo jurar nos tirar daqui antes que eles venham nos ferir.

— Você ouviu alguma coisa? Viu alguma coisa? — Pergunto.

— Não, eu estava inconsciente quando me trouxeram aqui. Quando acordei, Claire estava comigo. Ela disse que foi sequestrada do lado de fora de sua casa. Não muito tempo depois que eu acordei, eles vieram e a pegaram.

— Como eles parecem?

— Eu não... Eu não sei. Eles eram grandes; um deles tinha uma tatuagem de aranha na testa, — ela diz, e um frio desliza sobre mim, sabendo que era a mesma pessoa que ameaçou Kayan no apartamento dela.

— Precisamos olhar em volta e ver se podemos encontrar alguma coisa para usar como arma para nos proteger quando eles voltarem. O meu noivo espera por mim em casa logo, e quando eu não aparecer, ele vai me procurar, — digo a ela, tentando confortá-la e a mim.

Só não tenho ideia de quanto tempo eu estive fora, ou quanto tempo levou para eles me trazerem aqui. Eu odeio isso. Não posso imaginar o que Wes vai fazer quando perceber que não estou a caminho de casa.

— Vamos lá, — sussurro, e começamos a rastejar no chão, tentando ter cuidado, porque parece haver algumas partes que são fracas, como se a estrutura fosse antiga. O chão está coberto por uma espessa camada de poeira, e minha mão corre sobre uma poça de líquido espesso, e quando a levanto perto do meu rosto, meu estômago revira ao ver que é realmente sangue. Alguém ficou ferido aqui, muito ferido. Não é um pouco de sangue; é um monte dele.

— Oh, Deus, — choramingo de medo quando o peso da situação cai sobre mim.

— Encontrei alguma coisa, — diz Ellie do outro lado da sala, e limpo minha mão no meu jeans e vou em direção a ela. Quando chego ao lado dela, eu vejo que ela tem pedaço de madeira com um espesso prego enferrujado saindo de um lado.

— Isso é bom, — digo, dando um abraço nela. Pelo menos nós não vamos desistir sem lutar. — Vamos ver se podemos encontrar qualquer outra coisa, e então vamos pensar em um plano.

Wes

— Onde está July? — Mic pergunta, e olho da TV para o meu telefone e sinto-me franzir a testa. Falei com ela quinze minutos atrás; ela deveria estar em casa agora. Coloco o telefone no ouvido e seu telefone toca e vai para a caixa postal.

— *Aqui é July. Deixe uma mensagem... ou não. Quem hoje deixa mensagens de qualquer maneira?* — Ela ri, e um mau pressentimento se instala no fundo do meu intestino. Clico em desligar, em seguida, redial, e ele toca, em seguida, vai para o correio de voz novamente.

— O que foi? — Harlen pergunta quando saio para a varanda da frente, onde ele fuma um cigarro.

— Alguma coisa está errada, — digo, esperando ver se seu carro surge ao virar da esquina. A loja que sempre vamos fica a cerca de dez minutos da casa, se isso, e estava no caixa quando desliguei. — July não atende ao telefone.

— Talvez ela não possa alcançá-lo, — diz ele, e aceno a cabeça, mas sei que não é o caso. Algo está definitivamente errado.

— Eu darei mais três minutos, então vou procurá-la, — digo a ele, colocando o meu telefone no ouvido e tentando novamente.

— Eu vou com você, — ele concorda, entrando na casa, voltando instantes depois, com o casaco e entregando o meu.

— O que foi? — Mic pergunta saindo para a varanda da frente.

— Vou com Wes verificar July. Você fica aqui e ligue se ela voltar, — Harlen diz a ele; puxo meu casaco, e tento o seu mais número mais uma vez.

— Foda-se, — eu corto e sigo para a minha moto, balançando minha perna por cima do meu assento, e Harlen faz o mesmo com a sua. Os estrondos dos nossos tubos preenchem o ar quando saímos para a entrada. Eu vou à frente de Harlen na Rua Principal, indo direto para a loja, onde sei que July estava.

No momento em que chego lá, eu vejo o carro dela no estacionamento, na porta lateral, onde ninguém o veria. Meu estômago afunda e minha adrenalina entra em ação quando paro no espaço ao lado dele e olho para dentro. A bolsa e os mantimentos que acabara de comprar estão no banco do passageiro. Abro a porta de trás, sabendo que não devo tocar na frente no caso de alguém precisar das impressões, e estendo para pegar sua bolsa, retirando seu celular para ver se ela recebeu um telefonema de qualquer outra pessoa, mas não há mensagens ou qualquer coisa na lista de chamadas.

Quando levanto a minha cabeça, eu vejo que Harlen está no telefone, assim vou à loja para ver se alguém viu algo, o que ninguém fez, e eles nem sequer têm câmeras, de modo que descartado. Quando volto para fora, Jax, Talon, Sage e o tio da July, Nico, esperam perto do carro dela, com Harlen, Mic, Everett e dois oficiais que não conheço.

— Z está na casa com Kayan, — Mic diz quando me observa olhando para ele.

— Eles têm alguma câmera? — Nico pergunta, e balanço minha cabeça, caminhando para perto deles, em vez de ir ao prédio e acabar com ele para aliviar um pouco da raiva que cresce dentro de mim.

— Você será capaz de manter sua cabeça? — Pergunta Nico, e o encaro.

— Eu encontro quem a levou. Eles estão mortos, — digo, dizendo essa merda com tudo que há mim. Se, não, mas *quando* eu encontrá-los, eles pagarão com suas vidas por levá-la de mim.

— Eu preciso prendê-lo? — Nico pergunta, e cruzo os braços sobre o peito. Tio ou não, vou derrubá-lo se ele acha que pode me levar a qualquer lugar.

— Você ficará aqui o dia todo fazendo perguntas imbecis enquanto minha mulher está lá fora, em algum lugar?

— Eu deixarei essa passar, porque sei que você está preocupado com a minha sobrinha, mas diga uma merda assim de novo e vou prendê-lo, — Nico ameaça, e meu corpo para e se expande, pronto para levar sua bunda ao chão.

— Irmão, — Mic diz, e volto minha atenção para ele, — se acalme.

Corro minhas mãos pelo meu rosto, tentando me controlar. Bater em todo mundo não ajudará em nada agora. — O que sabemos?

— Nada. — Nico coloca as mãos nos quadris. — Ela não tinha inimigos, e o homem que pensaria ter algo a ver com isso está na prisão aguardando julgamento.

— Porra, — resmungo, e depois penso em Landon. É uma fraca chance, mas ele pode saber algo. — Eu vou ao Mamma's Country.

— Você acha que alguém lá está conectado? — Harlen pergunta, montando sua moto.

— Não tenho certeza, mas não fará nenhum bem ficar apenas em pé aqui, — murmuro, e olho para Nico. — Você ligou para o Asher?

— Sim, ele e November estão indo para a sua casa a fim de esperar e ver se ela apareceu lá.

— Obrigado cara. Ligue para mim se encontrar alguma coisa, e farei o mesmo, — digo, e ele levanta o queixo. Escarrancho minha moto, dou partida, levanto o queixo e decolo. Demora quinze minutos para chegar ao Mamma's Country, e o estacionamento está vazio, exceto por alguns carros que eu tenho certeza que são regulares no bar durante a semana. Estaciono perto da entrada, Mic à minha esquerda, Harlen à minha direita, e nós descemos das nossas motos e entramos. Tommy está atrás do bar, e seus olhos nos encontram.

— Onde está Ronnie?

— Escritório, — diz ele, e vou para trás do bar, bato uma vez, abrindo a porta sem esperar por um ok. Assim que a porta se abre, Ronnie está de pé atrás da mesa, com uma nove milímetros apontada para nós.

— Jesus, — diz Ronnie, guardando a arma. — O que você faz aqui?

— Você sabe alguma coisa sobre a minha mulher ser levada hoje? — Pergunto, e ele se senta em sua cadeira e seu rosto empalidece. Sabendo o que aconteceu com sua filha tenho certeza que ele entende quão fodida é esta situação.

— Não, filho.

— Onde está o seu filho? — Pergunto, e ele olha para nós três. Tenho certeza que parecemos ameaçadores de pé, diante de sua mesa.

— Eu estou aqui, — diz Landon, entrando no escritório e andando ao redor para ficar ao lado de seu pai. — O que está acontecendo?

— July foi levada do lado de fora da mercearia. Você sabe alguma coisa sobre isso?

— Não, — diz ele, olhando para cada um de nós, em seguida, seu pai. — Desde que Snake foi preso, as coisas ficaram tranquilas.

— Você conhece um cara com uma tatuagem de uma aranha na testa?

Ele engole e olha para seu pai novamente, em seguida, volta para mim. — O irmão de Snake, River, tem uma tatuagem de aranha.

Como diabos eu não sabia que ele tinha um irmão? — Você sabe por onde ele anda?

— Não, ele costumava trabalhar na loja de tatuagem em Westend, mas desde que aquele lugar tem nova gerência e não gostavam muito do fato dele ter

um histórico de ser inadequado com as mulheres que vinham fazer uma tatuagem, eles o despediram. Se for lá, eles podem ser capazes de dizer-lhe algumas informações, — ele sugere, e sei exatamente de quem ele está falando.

Blaze e seu menino, Jinx, acabaram de abrir uma loja de tatuagem na cidade e compraram as pessoas que possuíam o Bar do Daniel, onde July, suas irmãs e primas foram beber. Jinx era um recruta, e Blaze chegou a conversar com a gente há uma semana sobre o desejo de entrar para o nosso clube. Nós ainda falávamos sobre isso. Nossa equipe sempre foi pequena, mas desde que nos mudamos para a cidade, tem havido um fluxo de novos recrutas, rapazes que andam sozinhos, ou que estão em equipes envolvidas com as drogas ou outra merda em que não estamos, e querem pilotar de forma honesta.

— Vou ligar para Jinx e pedir que ele leve Blaze com ele para o composto, e então nós podemos ir de lá, — diz Harlen, saindo da sala.

— Você quer que façamos alguma coisa? — Landon pergunta, e sei que July está certa; ele é um bom garoto. Ele estava apenas em uma situação que estava fora de suas mãos, e fazia a coisa certa da única maneira que podia, levando aqueles cães.

— Ligue ao redor e veja se alguém sabe onde ele está, ou se alguém sabe com quem ele está saindo.

— Claro, homem, e sinto muito por sua mulher. Ela parecia legal, — diz ele; levanto o meu queixo e saio do bar, encontrando Harlen, que está em pé perto de sua moto.

— Eles nos encontrarão no complexo.

— Vamos, — murmuro, subindo na minha moto.

Quando chegarmos ao composto, a rua está cheia de motos e carros. Olho para Harlen, e ele balança a cabeça quando estacionamos nossas motos e nos movemos em direção ao portão. No segundo em que entramos, vemos que todos os caras estão lá, não apenas alguns que ligamos para nos encontrar.

— Sabemos que vocês não sabem se recrutarão mais membros, mas queríamos vir e mostrar o nosso apoio e ajudar de qualquer maneira que pudermos, — diz Maxen, dando um tapinha no meu ombro, e olho ao redor da área aberta do composto. Deve haver pelo menos trinta caras ao redor, alguns eu conheço, e outros eu nunca vi antes.

— Aprecio isso, irmão, — digo, e me movo para onde vejo Z conversar com Blaze e Jinx.

— Onde está Kayan? — Pergunto a Z assim que chego ao seu lado.

— Ela está com a mãe e o pai de July, — diz ele; aceno, e coloco a minha atenção em Blaze.

— Você sabe alguma coisa sobre um cara chamado River? Ele tem uma tatuagem de aranha na testa.

— Sim, ele estava em Zero, antes de comprarmos. A gestão tinha medo dele, embora ele tivesse um histórico de ultrapassar a linha com clientes do sexo feminino eles nunca o demitiram. Infelizmente para ele, Blaze e eu não possuímos esse mesmo medo, então assim que compramos a loja, o mandamos embora.

— Você sabe para onde ele foi? — Mic pergunta, e Jinx balança a cabeça.

Blaze olha para mim. — Um de seus clientes entrou na loja e disse que ele se mudou para Chapel Hill. Disse que comprou uma antiga igreja e abriria uma loja de tatuagem.

— Obrigado, — digo a ele, caminhando para o meu quarto com o telefone na minha orelha.

— Você tem alguma coisa? — Jax pergunta assim que atende; abro a porta, entro, levanto o meu colchão e pego a minha arma, colocando-a na parte de trás da minha calça jeans, puxando a minha camisa para fora e sobre ela.

— Não tenho certeza. Parece que Snake tem um irmão, e acho que ele é o mesmo cara que ameaçou as meninas antes. Levarei alguns dos caras para Chapel Hill para ver se posso encontrar alguma coisa.

— Encontro-o no posto de gasolina ao lado da rodovia em dez minutos e vou segui-lo.

— Vejo você lá. — Eu desligo, tranco meu quarto e vou direto para a minha moto, balançando a perna por cima.

— Qualquer coisa que você quer que a gente faça aqui? — Blaze e Jinx perguntam, e nem percebi que eles me seguiam.

— Pergunte ao redor e veja se alguém ouviu alguma coisa, se alguém sabe alguma coisa. Neste momento, estamos aceitando qualquer pista que possamos obter.

— Entendi. — Diz Blaze, recuando da minha moto.

— Jax nos encontrará na rodovia e nos seguirá, — digo a Harlen, Everrett, Z e Mic.

— Vamos, — diz Mic. Leva apenas alguns minutos para chegar ao posto de gasolina, e quando fazemos, eu nem sequer paro; só circulo o estacionamento e deixo que Jax me siga em seu SUV. Na estrada, conduzo com meus meninos ao meu lado e o primo de July nas minhas costas. Demora menos de vinte minutos para chegar a Chapel Hill, e quando nós chegamos à cidade, eu paro na primeira loja caseira que vejo.

— Realmente não temos tempo para parar e obter cookies, Silver, — Jax diz; o ignoro e entro na pequena loja, e apenas o que eu pensei, um velho senhor está atrás do balcão.

— Eu queria saber se você sabe alguma coisa sobre uma igreja na cidade estar à venda? — Pergunto, e ele concorda.

— Se pegar a saída à direita no estacionamento e ir cerca de quatro milhas, em seguida, passar por cima dos trilhos do trem, passando por Lord's Jewelry[12], você a verá do lado esquerdo. Alguém a comprou cerca de três semanas atrás, e eles estão reformando-a.

— Obrigado.

— A qualquer hora, — ele me diz; levanto o meu queixo, e me dirijo à frente.

— A igreja é para baixo, passando os trilhos, à esquerda. Eu digo que um de nós vai e verifica a área, voltando com a informação, só para ter certeza de que não precisamos de nenhum back-up.

— Nisso, — diz Mic, decolando em direção à igreja.

— Você tem alguma informação? — Pergunto a Jax.

— Tio Nico diz que River e Snake não estão relacionados. Eles cresceram juntos em um orfanato, e é por isso que não sabíamos sobre ele. Parece que River é o músculo de Snake.

— Jesus, — eu digo, e ouço Mic antes de vê-lo. Ele estaciona perto e ainda em sua moto, nem mesmo desligando-a, começar a falar.

— O estacionamento da igreja está vazio, e as portas têm cadeados as mantendo fechadas. Do outro lado da rua estão algumas casas, e vi uma mulher

12 Joias do Senhor

na frente do seu jardim. Ela disse que esta manhã uma van parou, e dois homens pegaram algumas coisas lá dentro, mas está calmo desde então.

— Vamos dar uma olhada.

July

Olho para Ellie, e para o pedaço de madeira que ainda seguro em minhas mãos. Nós não encontramos qualquer outra coisa, mas encontrei um buraco no teto. É pequeno, mas acho que com quão fraco é, podemos descascá-lo, espero que se torne grande o suficiente para passar.

— Segure isto, — digo a Ellie, entregando o pedaço de madeira. Vou para onde o buraco é e espreito. O sol está se pondo, e posso ver que – pelo menos de onde estou olhando – parece estarmos na floresta. Pressiono a madeira, e ela se curva ligeiramente ao meu toque. Não sei quem nos tem, ou se estão por perto, assim eu realmente não quero fazer muito barulho. Agarro as vigas no teto onde a parede se inclina para baixo e coloco meu pé na madeira, pressionando forte, e meu pé atravessa o telhado.

— Oh, meu Deus! — Sussurra Ellie, e paro o que estou fazendo para olhar para ela, perguntando se ela ouviu alguém chegando.

— O quê? — Sussurro de volta.

— Não posso acreditar que não tentei isso, — diz ela, e quase tenho vontade de rir ao ver a expressão em seu rosto, mas não rio; apenas viro e pressiono o meu pé um pouco mais alto. Desta vez, mais do telhado desmorona o suficiente para que eu possa colocar a cabeça para fora, e cautelosamente, olho ao redor. Estaremos dois andares acima, mas até sairmos, não saberemos se existe uma maneira de descer.

— Não sei se terá um caminho para descer, mas preferiria estar no telhado a aqui, esperando por eles quando voltarem.

— Eu também, — ela concorda, segurando pedaço de madeira um pouco mais apertado.

Uso o meu suéter sobre as minhas mãos para puxar mais do telhado. Eu sei que, se o local é tão fraco a ponto de poder fazer isso, então deve haver outros na mesma forma, então quando sairmos, nós teremos que ter muito cuidado para não cair. — Eu sairei primeiro, então você me segue, e só colocar seu corpo onde eu colocar o meu. O telhado é fraco, e há uma chance de que poderia cair se não formos supercautelosas.

— Ok, — ela concorda, e empurro através da abertura, usando a força do meu braço para levantar-me para fora. Olho em volta para me certificar de que ninguém está ali, depois empurro minha cabeça de volta no buraco.

— Vamos. — Estendo a minha mão para Ellie, e ela me entrega o pedaço de madeira. Eu o coloco de lado, e a ajudo a levantar para o telhado. Uma vez que ela vem, ambas nos inclinamos contra as telhas. Pego a mão dela e dou um aperto. — Se alguma coisa acontecer e uma de nós for capaz de fugir, nós vamos para a ajuda, ok?

— Não deixarei você para trás, — diz ela, balançando a cabeça.

— Não é sobre deixarmos a outra para trás, mas sobre conseguir ajuda se for necessário, — digo a ela, e ela desvia o olhar, então, aperta minha mão.

— Tudo bem, — diz ela depois de um longo momento. Aceno, deito com a barriga para baixo, e começo a me arrastar através do telhado. É íngreme, e sei que um movimento errado poderia me fazer cair ao chão. Quando chego à lateral da casa, vejo que há jaulas de arame. É preciso um momento para eu perceber o que estou olhando. Centenas de cães estão empilhados um em cima do outro, em duas fileiras de cerca de seis metros. Meu estômago começa a revirar com raiva. Sei que estes cães provavelmente são cães de luta, ou é uma fábrica de filhote de cachorro.

— Podemos usar as jaulas para descer? — Ellie pergunta em um tom abafado, e olho para ela, balançando a cabeça.

— Os cães vão enlouquecer se tentarmos, e se houver alguém por perto, eles virão ver o que faz os cães enlouquecerem, — sussurro; ela olha para mim, para o chão, e para o local de onde viemos.

— Talvez haja alguma coisa do outro lado.

— Sim, — concordo, e ela nos leva em outra direção. No meio do caminho seu pé atravessa o teto, e ela cobre sua boca antes que um grito pudesse escapar.

— Está tudo bem; basta ir devagar, — asseguro-a quando seu corpo congela e começa a tremer. Ela fecha os olhos, e abre-os antes de se mover novamente, desta vez com mais cautela. Sigo atrás dela enquanto ela desliza sobre o buraco, e faço o mesmo. O telhado adquire um ângulo mais íngreme, quase como se estivéssemos completamente na vertical. Olho para baixo e me encolho quando vejo quão longe estamos do chão.

— Não olhe para baixo, — Ellie sibila, agarrando minha mão. Mordo meu lábio, então a sigo a uma extremidade, perto de onde o telhado muda o ângulo. — Alguém está aqui, — diz Ellie, que espreita de um canto do telhado. — É o cara que me levou, — ela choraminga, com evidente medo em sua voz. Seguro a mão dela e ela se arrasta de volta para mim.

— O que ele está fazendo? — Pergunto, olhando em volta e percebendo que estamos rodeadas por floresta em todos os lados.

— Pegando comida de cachorro do caminhão, — diz ela, desgostosa.

— Você viu um caminho para descer?

— Não, realmente não olhei, embora porque ele está lá, eu não quero que ele me veja.

— Nossa única outra opção é esperar até que escureça, espero que eles não venham nos verificar, refazemos o caminho até as jaulas e descemos no local de ligação entre elas, então corremos, — digo a ela.

— Desde que estou aqui, eles vieram me verificar uma vez pela manhã, e outra à noite. Eles me levam até o banheiro e me dão um pouco de água ou pão, em seguida, me enviam de volta.

— Então, eles voltarão. Ficar aqui não é uma opção, — digo, em seguida, ouço um veículo arrancar, e Ellie levanta, espreitando o terreno sobre a inclinação do telhado.

— Ele está indo embora, — ela sussurra, sentando-se ao meu lado. — E se a gente descesse sobre as jaulas e as abrirmos quando sairmos? — Ela pergunta.

Eu odeio a ideia de que prejudicariam os cães se deixarmos eles soltos, mas sei que precisamos fazer algo. Se ficarmos paradas, nós estaremos sentadas sem fazer nada, e isso não é uma opção.

— Vamos para aquele lado do telhado. Vamos encontrar um caminho seguro para descer e correr.

Ela concorda em silêncio e nós percorremos o telhado novamente enquanto o sol se põe no céu. Assim que chegamos a lateral da casa com as jaulas, eu sei que podemos descer, mas também sei que o minuto em que nossa presença for conhecida pelos cães abaixo, eles começarão a latir, chamando a atenção para nós.

— Precisaremos ser rápidas... realmente, *realmente* rápidas, — sussurro.

— Se nós sobrevivermos, eu entrarei na academia.

— Eu vou com você, — sussurro de volta, fazendo-a sorrir, e até mesmo com os acontecimentos do dia e como ela parece exausta, percebo como ela é linda. Seu sorriso é deslumbrante, e espero que quando sairmos daqui e ela recuperar a sua filha que ela sorria mais.

— Vamos dar o fora daqui, e buscar o seu bebê, — digo, e um brilho enche seus olhos antes de me abraçar.

— Vamos, — ela murmura, libertando sua mão. Tomo algumas inspirações profundas e vou para a parte mais baixa do telhado. Uma nova onda de adrenalina começa correr através de mim quando assisto Ellie chegar ao meu lado. É cerca de 1.80 até o topo das jaulas, que têm pedaços de madeira compensada em cima delas. Eu pulo, e imediatamente os cachorros começam a latir mais alto, rosnando nas jaulas.

— Depressa, — digo a Ellie, olhando para ela.

Ela pula, e ouço alguém gritas à distância, — Cale a boca!

Meu corpo congela. Então deslizo para a parte de trás da jaula, batendo no chão duro, e Ellie cai ao meu lado, seus pés batendo no chão, em seguida, caindo de bunda.

— Nós não podemos soltá-los. Eles nos atacarão, — digo a ela quando ela olha para os cães. — Vamos correr por esse caminho. — Aponto para a floresta atrás da casa. — Não sei onde é a estrada, mas talvez possamos ver outra casa. — Lentamente caminhamos para a floresta, e quanto mais nós entramos, mais escuro fica.

— O que foi isso? — Faço uma pausa, perguntando a Ellie quando ouço o que soa como um quadriciclo [13].

— Não sei. — Ela segura minha mão um pouco mais apertado, e nós começamos a correr quando o som se aproxima.

— Vocês não podem se esconder suas cadelas idiotas. São quinhentos acres de propriedade privada. Ninguém está ao redor em quilômetros, — ouço o grito ao longe.

— Oh, Deus, — choraminga Ellie, e paro para agarrar seus ombros.

— Escute. Chegamos até aqui; vamos sair daqui, — digo a ela. Mesmo com tanto medo quanto estou, de maneira nenhuma eu desistirei. Não agora, não quando chegamos tão longe.

— Não vou desistir, mas estou com medo, — diz ela.

— Eu também, mas precisamos nos manter em movimento. Essa é a única maneira de sermos capazes de sair desta vivas, — digo, e começo a puxá-la comigo novamente. Corremos uma eternidade sem ver qualquer sinal de vida, e meu corpo começa a desligar de exaustão. Sei que Ellie está da mesma forma, porque nós duas começamos a tropeçar mais. Então vejo luzes brilharem através das árvores, quando o som do quadriciclo fica mais perto do que anteriormente.

— Tenho um plano, — sussurro ao ver as luzes se aproximarem. — Mas você terá que ser corajosa.

— O quê?

— Eu ficarei em aberto para ele me ver, e você se esconderá atrás de uma árvore. Quando ele chegar perto, eu quero que você o acerte na cabeça com o pedaço de madeira, — digo, olhando para a arma que ambas transportamos desde que a encontramos.

— Acho que você deveria bater nele. Estive aqui por quatro dias. Não sei se sou forte o suficiente para bater nele, — ela sussurra.

— Você tem certeza?

---

13 

— Temos uma chance melhor se você fizer, — ela responde, e as luzes se aproximam, então eu sei que não temos tempo para discutir uma com a outra sobre quem fará o quê. Eu deslizo atrás da árvore, mantendo meus olhos fixos em Ellie.

— Eu estou aqui, e nós não desistiremos sem lutar, — digo a ela, olhando em seus olhos assustados.

As luzes pousam diretamente sobre ela, e ela grita, — Por favor, a outra menina está machucada. Ela precisa de ajuda! — Ela começa a chorar, e vejo o movimento do quadriciclo mais perto, conduzido por um cara que não reconheço.

— Onde ela está? — Ele rosna, alcançando a Ellie, então levo esse momento para sair de trás da árvore. Sua cabeça gira em minha direção e seus olhos se arregalam com choque quando bato no lado da cabeça dele. Seu corpo despenca e o empurro do quadriciclo.

— Vamos, — digo a Ellie, que parece estar congelada no lugar. Seu corpo para, então ela pula atrás de mim.

— Sabe como dirigir uma dessas coisas? — Ela pergunta quando saio rapidamente. Riso incontrolável borbulha em sua pergunta, e não respondo, apenas dirijo mais rápido. — Espero que sim. — Ela envolve seus braços apertados em torno de mim.

— Eu sei que é estúpido, mas temos de voltar para a casa e seguir a estrada. Teremos uma melhor chance de chegar em segurança se assim fizermos.

— Você nos levou tão longe, — diz Ellie, e só espero que possamos ficar a salvo.

Nós dirigimos por uma boa hora, e estou realmente surpresa quanto tempo leva para voltarmos a casa. Quando nos aproximamos, noto uma figura do lado de fora. Acelero passando por ele, derrapando, em seguida, pressiono o acelerador ainda mais quando seguimos uma longa estrada de terra.

— Ele está vindo! — Ellie grita, exatamente antes do quadriciclo dar um solavanco. — Oh, Deus! Ele tem uma arma! — Ela grita, e eu grito, — Se abaixe, — me abaixando tão baixo quanto posso enquanto piso no acelerador. Então eu vejo, à frente – faróis. Meu pulso acelera, e sei que se estes forem amigos deles, então estamos praticamente mortas. Tiros soam atrás de mim quando dirijo mais rápido, e então saio da estrada e para a floresta quando os faróis vindos na outra direção se aproximam.

— July! — Ouço um rugido, e reconheço essa voz em qualquer lugar. *Wes.* Então ouço tiros, e meu corpo começa a tremer de preocupação. Giro, voltando para a estrada, e paro.

— Fique aqui, — digo a Ellie.

— Não. — Ela pega a minha mão, mas não tenho tempo para brigar com ela. Preciso ter certeza que Wes está bem.

— Preciso chegar ao meu noivo, — digo a ela em pânico, e depois ouvimos mais dois tiros. Soluço, tentando chegar à estrada.

— July! — Wes ruge novamente.

Grito de volta, — Por aqui!

Saio da clareira, os olhos pousando na caminhonete que nos perseguia. A porta está aberta, e o cara está caído sobre o volante. Mic, Harlen e Z estão de pé ao lado dele, e Jax, Talon, Everrett e Sage estão todos olhando para nós quando lágrimas formam nos meus olhos.

— Ele está morto, baby, — diz Wes, atraindo minha atenção para ele. Seus olhos encontram os meus, e me varrem. Corro para ele, puxando Ellie comigo, só a deixando de lado quando me jogo em Wes. Seus braços me envolvem, me segurando tão apertado que me sinto moldar a ele. — Jesus. — Ele me deixa ir e começa a me olhar, suas mãos movendo-se sobre o meu corpo.

— Eu estou bem, — asseguro, colocando minhas mãos em suas bochechas. Ele cai de joelhos e seu rosto vai para minha barriga, e me envolvo em torno dele por um momento. Então ele levanta, beijando-me mais uma vez antes de olhar ao meu lado. — Esta é Ellie. Ela estava aqui quando me trouxeram, — digo a ele.

Seu rosto enrijece e ele rosna, — Havia mais de um cara?

— Sim, ele estava na floresta. Nós o tiramos do quadriciclo e o pegamos.

— Faça uma varredura da floresta. Veja se você pode encontrar o outro cara. Seu pai deve estar aqui logo, — diz Jax a meus primos caminhando em nossa direção, carregando uma lanterna. A luz varre sobre mim, então Ellie, e seu passo vacila por um breve momento, antes que continue até nós.

— Deixe-me ter isso, baby, — Jax diz, com os olhos fixos em Ellie, e ela segura o pedaço de madeira um pouco mais apertado contra o peito, em seguida, balança a cabeça, afastando-se quase até estar atrás de mim. — Prometo que não

deixarei nada te machucar, mas preciso que você dê isso para mim, e então eu quero olhar você, — ele diz a ela suavemente. Os olhos dela o deixam e vem para mim. Eu olho para suas mãos e vejo que elas estão vermelhas, e sei por que Jax está preocupado com ela.

— Esta é Ellie, — digo a Jax, em seguida, digo, — Jax é meu primo. Ele parece assustador, mas é um grande idiota. — Os olhos dela voltam para Jax, olhando-o. Ele é imponente; tem pouco mais de 1.80, seu corpo é escultural, devido a exercícios e treinamento, e seu cabelo escuro está cortado rente ao crânio. E ao lado de Ellie, ele parece um gigante.

— Juro pela minha vida que não vou te machucar, ou deixar ninguém te machucar, nunca mais, — ele diz a ela, e vejo seus olhos suavizarem de uma forma que nunca vi antes, não nele. Ellie engole, então entrega o pedaço de madeira. Ele deixa cair no chão, e pega as mãos dela, fazendo-a gritar, fazendo com que a raiva inunde suas feições. — Não vou te machucar, mas suas mãos estão em feridas, — explica ele, e olha para mim. — Você está machucada?

— Não. — Balanço minha cabeça e os braços de Wes se apertam mais ao meu redor.

— Eu colocarei Ellie na minha caminhonete e a vigiarei enquanto espero o tio Nico chegar aqui, — Jax diz, e assisto, surpresa ele pegar Ellie em seus braços e levá-la para sua caminhonete.

— Isso foi muito estranho, — murmuro, olhando para onde Jax está de pé em frente à porta aberta de sua caminhonete, com Ellie na frente dele. — Como você me encontrou? — Pergunto a Wes, e seus olhos me varrem novamente antes de sua boca cair na minha, beijando-me tão profundamente que, quando ele puxa a boca da minha, eu me enrolei inconscientemente ao seu redor.

— O lugar que esses caras transformavam em uma loja de tatuagem fica cerca de uma hora daqui. Quando entramos, encontramos um computador deixados por eles, e o computador estava conectado ao telefone celular do cara. Fizemos um rastreamento e isso nos trouxe aqui.

— Isso é muito inteligente, — murmuro.

— Foi tudo Harlen; ele é bom nesse tipo de merda. — Ele diz e mexo fora de seus braços quando os caras se aproximam, eu dou um abraço em cada um, dizendo obrigada antes de ser puxada pelo laço da minha calça jeans para o lado

de Wes, onde fico quando tio Nico para junto com outros dez carros de polícia. Ellie fica comigo, e nós duas respondemos a tantas perguntas quanto pudermos, a maioria das quais não temos respostas.

Após uma hora de falar com a polícia, Wes se cansa e diz que me levará para casa e que eles podem falar comigo no dia seguinte. Jax, que não saiu do lado de Ellie, concorda, e tio Nico me diz que passará amanhã. Eu estava bem com isso, abraço Ellie, que iria ao hospital, e subo na parte de trás da moto de Wes.

— Estou feliz que você está bem, querida. — Minha mãe beija minha cabeça e enfia cobertores em volta de mim.

— Você nos preocupou demais, — meu pai se queixa, passando a mão sobre o meu cabelo, e estreitando os olhos. — Você não tem permissão para fazer algo assim de novo, — diz ele, como se eu tivesse feito isso de propósito.

— Prometo. — Eu coloco minha mão em seu rosto, lutando contra o meu sorriso, o que faz seus olhos estreitarem ainda mais. — Você pode descobrir como Ellie está? — Pergunto depois de um momento.

— Ela está bem. Ela vai para casa, — minha mãe me informa, e meu coração cai em meu estômago.

— Ela não pode ir para casa. — Sento, olhando para a porta. — Oh, Deus, ela não pode ir para casa! Sua mãe é a pessoa que a vendeu para aquele cara. Ela não pode ir para casa.

— Jax a levará para ela pegar a filha, — meu pai disse, com um olhar estranho em seu rosto. — Eles irão assim que o médico disser que ela pode deixar o hospital.

— Graças a Deus, — respiro, estatelando na cama novamente.

— Cuidado, — Wes rosna, entrando no quarto. Eu respiro e solto lentamente. Sei que ele está preocupado comigo, então ele está no limite, mas ele tem sido uma besta rosnando desde que me levou para o quarto, me tirou das minhas roupas e me colocou no chuveiro, e depois me enfiou na cama.

— Nós estamos saindo e deixando vocês se estabelecerem, vamos estar de volta na parte da manhã, — minha mãe diz, beijando-me, em seguida, a bochecha de Wes. Meu pai faz o mesmo, mas dá um tapinha no ombro de Wes.

— Você está bem? — Pergunto a Wes quando ele senta ao lado do meu quadril.

— Porra, não, esse cara ainda está lá fora em algum lugar. Não sei como diabos eu serei capaz de lidar sabendo que você ainda está em perigo. Enquanto isso, você age normalmente.

Sento-me, em seguida, subo em seu colo, segurando seu rosto suavemente. — Eu estou viva. Voltei para casa em sua moto. Estou deitada na nossa cama. E amanhã, eu falarei com a ASPCA[14] e pedirei para me ajudarem com todos os cães, e espero que possamos salvar alguns deles. Então, eu vou com Kayan escolher o tipo de bolo que vamos comer no dia do nosso casamento. Não é que eu não saiba o que aconteceu hoje; é que eu tenho essa vida incrível, e um idiota não tirará isso de mim, — eu digo, querendo que ele entendesse.

Estou com medo pelo cara estar livre, mas tenho a sensação que ele não estará por muito tempo, e se ele vier atrás de mim novamente, eu sei que Wes encontrará uma maneira de me manter a salvo. Mas eu nunca voltaria para não viver.

— Te amo, baby.

— Eu também te amo. — Sorrio, e me inclino, beijando-o e tentando fazê-lo entender que, enquanto temos um ao outro, nós ficaremos bem.

14 A American Society for the Prevention of Cruelty to Animals (ASPCA) (em português: Sociedade Americana para a Prevenção da Crueldade a Animais) é uma organização não-governamental dos Estados Unidos que combate os crimes contra animais.

Epílogo

Wes

Seis anos mais tarde

— Hey, homenzinho, — eu digo, levantando o meu filho para meu peito e beijando sua cabeça. — Mama adormeceu, então você terá que sair com seu velho até que ela acorde, — digo a ele, levando-o ao trocador, onde o deito e mudo a fralda antes de me sentar na cadeira de balanço perto da janela para dar-lhe a mamadeira.

Após quatro anos de tentativas e dois anos de tratamentos de fertilidade, eu disse a July que já era o suficiente. Odiava vê-la sofrer após cada tentativa, cada teste negativo a matava lentamente. Chegou a um ponto que, quando amigos e família compartilhavam sua notícia feliz, ela precisava lutar consigo mesma, sabendo que estava feliz por eles, mas triste por si mesma. Eu odiava o que estava fazendo com ela, então falei com um amigo meu e ele me recomendou uma agência de adoção.

Após fracassar no último tratamento de fertilidade, eu cheguei em casa e entreguei a papelada para ela. Ela chorou... chorou por um dia inteiro, e, então, minha linda mulher forte, se recompôs, e nós sentamos e preenchemos a papelada. Não tínhamos ideia de quanto tempo levaria. Isso foi há sete meses.

O processo de adoção aconteceu muito mais rápido para nós do que para outras famílias. A família que planejava adotar James decidiu que não estavam prontos para um bebê. Eu tenho que dizer que o dia em que fomos conhecer nosso filho eu não estava certo de que estávamos também, mas então eu segurei meu filho em meus braços e soube então que para mim não importa como James veio estar conosco; ele é meu filho.

Olho para ele, eu puxo a mamadeira de seus lábios, e um pequeno bico se forma com a perda. Eu o levanto para o meu ombro com um sorriso no meu rosto.

— Pensei ter ouvido você aqui, — diz July, e os meus olhos vão para ela na porta do berçário. Ela está ainda mais bonita do que era quando começamos a namorar. Ela ainda me faz questionar minha sorte.

— Você precisava dormir, — digo a ela suavemente. Desde o momento em que James chegou em casa, ela tem estado no limite, tentando certificar-se de fazer tudo perfeitamente.

— Eu estou bem. — Ela sorri, entrando no quarto e curvando-se, beija-me, em seguida, o topo da cabeça bagunçada de James. Pego a mão dela e a puxo para o meu colo, e ela deita a cabeça no meu ombro, colocando sua testa no meu pescoço, colocando uma mão sobre James. Mesmo depois de todos estes anos, saber que isso poderia ter sido tirado de mim provoca um sentimento de raiva chiando através de mim.

— Obrigada por me deixar dormir, — ela sussurra, movendo a mão de James para descansar em minha mandíbula.

— A qualquer hora, baby. — Eu viro minha cabeça, beijando a palma da sua mão.

— Eu amo esta cadeira, — diz ela, fazendo-me rir. Dois meses antes de James chegar em casa, July fez seu pai ir ao sótão e trazer a cadeira de balanço que esteve em sua família por gerações. Ela e suas irmãs brigaram dias sobre quem tem o quê, e July finalmente puxou a carta de *eu sou a mais velha* e teve a cadeira.

— É uma cadeira agradável, — concordo, balançando nós três até que sinto seu corpo relaxar e o pequeno corpo de James afundar no meu.

July

Eu olho para o teste de gravidez na minha mão e não posso acreditar no que vejo. Desde que trouxe James casa, tenho me sentido mal. Honestamente não pensei muito até esta manhã, quando entrei na cozinha, onde Wes estava sem camisa, fritando bacon, o cheiro tocou meu nariz e quis vomitar. Isso nunca aconteceu antes, nem nunca. Eles dizem que é possível quando você adota, às vezes, algo se encaixa no lugar, e *voila* – você acaba grávida.

— Caramba, — respiro, depois olho para mim mesma no espelho, explodindo em lágrimas. Nunca acreditei que eu pegaria um teste de gravidez e ele sairia positivo. Depois de tantas tentativas de IUI[15] então IVF[16], eu desisti. Agora, eu tenho James, e estou grávida.

— Baby, você está bem? — Wes pergunta, batendo na porta, e atiro o teste em uma gaveta rapidamente.

— Sim, desculpe, eu me distraí, — digo. Eu murmuro, *eu me distraí?* No espelho para mim, balançando a cabeça, e espirro um pouco de água no rosto para esconder as minhas lágrimas e abro a porta.

— James está dormindo. Por que não deita um pouco? — Ele pergunta, e aceno distraída, enquanto ele beija meu cabelo, e inclina a cabeça para encontrar os meus olhos. — Tem certeza que está bem? — Ele pergunta, fazendo o pânico de alguns minutos atrás desaparecer.

— Eu tenho certeza, — digo a ele; ele me beija brevemente e segue pelo corredor. Vou para o quarto, pego meu telefone e ligo para meu médico, marcando uma consulta para o final da tarde.

— Eu preciso sair, — digo a Wes, entrando na sala de estar, onde ele e James estão sentados assistindo TV.

— Aonde você vai? — Pergunta ele, preocupado.

— Preciso encontrar Kayan, — digo a primeira mentira que vem à mente.

---

15 Inseminação Artificial
16 Fertilização In Vitro

— Venha me beijar, — ele exige, e eu vou, beijando-o, em seguida, James, tentando evitar o olhar em seus olhos enquanto deixo a casa.

Quando chego ao meu Jeep, ligo e vou até a cidade. Vendemos nossa casa na cidade um par de anos atrás, e Wes comprou um pedaço de propriedade do meu pai e construiu uma casa. Eu amo a nossa casa, mas a amei mais, sabendo que Wes e minha família a construíram.

— Você está grávida, — Dr. Marks diz, então viro minha cabeça quando há uma batida na porta da sala de exame.

— Tem certeza que isso não é um acaso? — Sussurro em estado de choque. Dr. Marks está conosco desde o início. Ele sabe o quanto nós lutamos para engravidar.

— Tenho certeza, — diz ele, e as batidas ficam mais altas.

— July, — Wes diz do outro lado, e sinto meus olhos se arregalarem em choque, depois olho para Dr. Marks quando ele abre a porta.

— Parabéns, Wes, — diz ele quando Wes entra na sala.

— Você mentiu, — ele diz para mim, depois olha para o Dr. Marks e rosna, — Parabéns por quê?

— Você será pai, e, na verdade, nós podemos fazer um ultrassom hoje, se você quiser, desde que vocês dois estão aqui.

— O quê? — Diz Wes, olhando para mim, e tropeçando para uma das cadeiras, sentando. — Grávida? — Ele pergunta, e balança a cabeça. — Como isso é possível?

— Às vezes, simplesmente acontece, — diz o Dr. Marks, olhando orgulhoso, como se fosse obra sua. — Eu darei a vocês alguns minutos e prepararei o ultrassom.

— Onde está James? — Pergunto, vendo que o nosso filho não está com ele.

— Ele está com sua mãe. Quando você descobriu?

— Esta manhã. Fiz um teste, uma das sobras que estavam juntando poeira. Não achei que seria positivo, e quando ele mostrou que eu estava grávida, eu queria saber com certeza, antes de dizer a você, — digo, esperando que ele entenda. Eu odiava ver a decepção nos olhos dele cada vez que eu fazia um teste. Eu odiava que não importava o que eu fazia, nós não engravidávamos, e nenhum médico podia responder por quê. Por que não poderíamos ter um bebê?

— Você sabe como me sinto sobre esse tipo de merda, — diz ele; eu sei como ele se sente sobre eu esconder as coisas dele, mas entre dizer a ele e deixá-lo magoado, ou salvá-lo disso, eu faria tudo de novo.

— Desculpe. — Desço da mesa, me enrolando em seu colo.

— Não posso acreditar que você está grávida. — Sua mão deita delicadamente sobre meu estômago, lágrimas formam nos meus olhos e um soluço sobe minha garganta. Eu sempre desejei esse momento, e finalmente tê-lo, o torna muito mais memorável.

— Vocês estão prontos? — Dr. Marks pergunta, voltando para a sala.

— Claro. — Aceno a cabeça e faço o que ele instrui, voltando para a mesa. Ele deita o líquido na minha barriga, move-o ao redor com a varinha na mão. Antes mesmo de eu saber, o som de uma batida de coração enche a sala, e meus olhos se enchem de lágrimas.

— Jesus, — Wes sussurra.

— Você está com cerca de nove semanas, — diz o médico, e distraidamente encontro mão de Wes com a minha e seguro firme. *James será um irmão mais velho. Eu não posso acreditar.*

— Vou imprimir para vocês algumas fotos para mostrar a todos, e quando você passar na recepção, apenas diga que precisa marcar sua próxima consulta. Deixarei uma prescrição de vitaminas pré-natais na recepção, — diz ele, limpando minha barriga antes de sair do quarto. Sento-me, atordoada, e olho para Wes, que olha as imagens em sua mão. Quando seus olhos me encontram, o amor que vejo neles me diz tudo que eu preciso saber.

Wes

Um ano depois

Eu vou para o nosso quarto e os meus olhos caem sobre July, que tem ambos nossos meninos enrolados perto de sua cintura. Seus olhos abrem lentamente, e o sorriso que ilumina seu rosto me faz sentir como se eu fosse o rei do mundo.

— Nós adormecemos. — Ela sorri, e sorrio de volta, então, beijo seu pescoço antes de correr a minha mão sobre as cabeças de James e Dean.

— Seus pais estão chegando para pegar os meninos, — digo a ela, esperando a sua reação. Eu amo meus meninos, mas sinto falta de estar dentro da minha esposa, sem interrupção, e estive pensando em corrigir isso essa noite.

— Por que eles pegarão os meninos?

— Porque estou cansado de ter meu pau bloqueado por meus filhos, — digo a ela, e ela ri. Merda, esta manhã eu estava debaixo nela, e ela gozou forte e alto, mas antes que eu pudesse me levantar e entrar nela, os meninos acordaram, deixando-me a cuidar de mim mesmo no chuveiro.

— Nunca estive longe deles por mais de algumas horas, — diz ela, e meu rosto suaviza, e então me lembro da minha missão e meu pau lateja, me lembrando do que está perdendo, então me forço a dizer *Nós podemos fazer outra vez*, e em vez disso, digo a ela, — Eu sei, baby, eu também, mas precisamos disso. Meu pau precisa disso.

— Sinto muito. — Ela procura o meu rosto, levanta-se, dando-me uma visão de seu decote, o que faz meu pau pressionar ainda mais contra o meu zíper. Quando sua boca toca a minha, eu puxo sua cabeça para o lado, com a mão em sua nuca e assumo até que ela choraminga quando me afasto.

— Deixe-me fazer as malas deles, — ela respira, me fazendo rir.

— Já estão arrumadas.

— Seguro de si mesmo, não é, Sr. Silver? — Ela levanta a sobrancelha, e aperto um de seus mamilos através do tecido fino de seu vestido de verão.

— Sim.

— Pa. — Olho para James, e ele rola e rasteja para mim.

— Hey, homenzinho, — digo, pegando-o e beijando sua cabeça enquanto ele balbucia alguma coisa, e viro a tempo para Dean estender seus bracinhos para mim. A menos que nos conheça, você pensaria que os meus meninos são gêmeos. Ambos têm cabelo escuro e olhos azuis. James é apenas maior.

— Vocês passarão a noite com o vovô e a vovó. O que acham disso? — July arrulha, tendo James da minha mão quando ele estende a mão para ela.

Nós caminhamos para a sala de estar, e July sorri sobre seu ombro quando vê que não estava mentindo. Ambas as malas dos meninos estão colocadas na

porta da frente, prontas para ir. — Obrigada, mãe, — July diz a November quando ela sai da casa, levando ambos as malas de fraldas. Asher saiu apenas momentos antes segurando os dois rapazes. James estava mais do que animado para passar um tempo com seu pop[17], enquanto Dean sorria para ele desdentadamente já dentro do carro.

— Eles ficarão bem, e estamos na mesma rua, — diz November por cima do ombro, e resmunga algo baixinho. Assim que vejo todos entrarem no carro, fecho a porta e puxo July para dentro, pressionando-a na madeira, em seguida, levantando-a com as mãos sob sua bunda. Assim que suas pernas me envolvem, eu gemo, sentindo o calor saindo de sua vagina.

— Solte meu cinto, baby, — rosno, ajuntando o material de seu vestido e puxando-o sobre a cabeça. Então faço o mesmo com a minha camisa, usando a porta e meus quadris como alavanca para mantê-la levantada.

Ela morde o lábio quando removo a minha camisa, e as unhas raspam meu abdômen antes de trabalhar no meu cinto. Ela geme e sua cabeça cai para trás com uma batida quando puxo para baixo as taças do sutiã, e abaixo a minha boca, puxando seu mamilo com um puxão profundo.

— Wes, — ela geme, e abaixo as minhas calças de brim, apenas liberando meu pau, puxando a calcinha para o lado, e a empalando. — Oh, Deus, você está tão fundo, — ela choraminga, e a fodo forte, observando enquanto entro nela, então meu olhar viaja para cima, observando a maneira como os peitos dela saltam com cada impulso.

— De quem é essa boceta, baby? — Pergunto, envolvendo uma mão na parte de trás de seu cabelo, torcendo meus dedos até que seus olhos semicerrados encontram os meus. — De quem é? — Eu rosno, deslizando para fora.

— Sua, — ela respira, apertando suas pernas ao meu redor.

— Isso é certo, baby, e hoje à noite, eu marcarei meu pau em sua buceta, — digo a ela, batendo de volta, fazendo a porta bater ruidosamente pela silenciosa casa.

— Por favor! — Ela grita, seu orgasmo puxando o meu pau, sugando-o mais fundo até que gozo tão forte que não sou nem mesmo capaz de nos segurar. Minhas

17 Termo informal para Pai

pernas começam a ceder, então a levo para o sofá, me sentando com ela em meus braços, meu pênis ainda profundamente dentro dela.

— Porra, senti falta dessa boceta, — confesso, e ela ri, cavando mais perto, então geme quando levanto, levando-a para o quarto, nunca deixando o calor dela. Deito-a na cama e começo a ir novamente, e seus olhos alargam, em seguida, se fecham. Passamos o resto da noite na cama... na cozinha... no chuveiro...

— Eu te amo, Wes Silver. Até o dia que eu morrer, eu vou te amar, — ela me diz quando estamos deitados na cama mais tarde naquela noite.

Deixo as palavras dela se afundarem em minha alma e a puxo para mais perto, descansando meus lábios contra sua têmpora antes de sussurrar, — Eu também te amo, baby. Você me deu tudo. — E ela fez. Um homem que não esperava ter uma mulher ou uma família, um homem que estava bem com apenas viver a vida dia a dia, e uma pequena mulher mudou tudo isso e me fez querer mais. É com esse pensamento que caio no sono, com tudo que eu sempre precisei bem nos meus braços.

Fim.

Cenas cortadas

Assim que alcançamos uma estrada de terra com pinheiros gigantes ao longo de ambos os lados da estrada, eu estou prestes a perguntar para onde vamos, quando a estrada se abre e um amplo estacionamento entra em exibição, com um lago logo à frente.

Quando a moto para, eu desço e ele segue, tirando o capacete e o colocando no assento, então ele empurra minhas mãos do caminho e solta o meu suavemente, puxando-o da minha cabeça.

— Onde estamos? — Pergunto, olhando ao redor. Eu cresci no Tennessee toda a minha vida e nunca vim a este lugar antes, o que é surpreendente, porque a minha família passa a maior parte do verão fora, no lago, nadando e em esqui aquático.

— Apenas um local que encontrei a algumas semanas, — ele murmura, puxando um saco do alforje anexado ao lado da moto, o mesmo saco que ele colocou lá quando deixou Capone em seu trabalho, que ficava na mesma rua que a minha clínica.

Quando chegamos, eu descobri que ele não tem apenas uma loja de peças e muitos carros, era um composto organizado. Ao andar por uma curta viela entre os dois edifícios, você encontra um alto portão. Depois de passar o portão, parece como se estivesse no set de um show de prisão. Há uma grande área aberta com dois lados bloqueados pelos altos prédios de concreto que parecem apartamentos do lado de fora, com escadarias e passarelas que levam de um lado para outro. Nos fundo há uma alta cerca de arame com arame farpado no topo, e um milhão de carros empilhados um em cima do outro. A área parece quase como uma fortaleza.

Tomando minha mão, ele me leva para uma trilha. Árvores altas se alinham a um lado do caminho, enquanto o outro tem um pequeno penhasco que desce até o lago.

— Isso é realmente bonito, — sussurro, enquanto caminhamos lado a lado ao longo do caminho de terra. Com o canto dos pássaros e o sol brilhando através das árvores, se torna um belíssimo ambiente romântico.

— Então, por que você se calou quando Jax falou de seu pai? — Pergunta, me pegando de surpresa. Olhando para ele com o canto do meu olho, eu penso sobre como responder a essa pergunta. — Você tem medo de seu pai?

— Medo de meu pai? — Pergunto, abrandando para olhar para ele.

— Sim, você tem medo de seu pai? — Ele rosna, estreitando os olhos.

Começo a rir e puxo minha mão da sua, cobrindo meu rosto para rir ainda mais. — Desculpe, — respiro, tentando recuperar o fôlego e enxugar as lágrimas dos meus olhos, então, levanto a cabeça para que os nossos olhares se conectem.

— Tenho quatro irmãs e uma mãe com quem meu pai é superprotetor, mas ele também é meu melhor amigo, — digo a ele séria, querendo que ele entenda que eu sempre serei uma filhinha de papai. — Eu o chamo e reclamo quando tive um dia ruim, ou rio quando alguma coisa engraçada acontece. Ele conhece todos os homens com quem namorei, e foi indiferente a todos eles. — Olho para o chão e chuto uma pedra. — Não tenho medo de meu pai, mas o respeito e sei que ele fará muitas perguntas sobre você.

— Como o quê? — Suas sobrancelhas se juntam, e luto contra o impulso de me aproximar e correr o meu dedo ao longo dos cumes que se formaram entre as sobrancelhas.

— O que faço com um cara como você, — digo simplesmente, e começo a andar novamente.

— Um cara como eu? — Ele pergunta, seu polegar deslizando para a parte de trás da minha calça jeans e seu dedo enganchando no meu cinto.

— Um cara como você, — confirmo com um aceno de cabeça, não olhando para ele.

— Que tipo de pessoa eu sou? — Pergunta, virando-me para encará-lo, e meus olhos se concentram em seu rosto, que parece lindo com a luz do sol brilhando através das árvores.

— Um cara que anda de moto e tem tatuagens, um cara que parece não aceitar um não como resposta, mas que pode pedir desculpas quando está errado, — digo, sabendo que algumas destas são qualidades que meu pai tem, e isso é o que me assusta.

— Você não acredita que ele gostaria que você namorasse um motociclista com tatuagens?

— Não é por você ser um motociclista ou por ter tatuagens. — Balanço minha cabeça e olho ao redor. — Já chega de falar do meu pai. O que estamos fazendo aqui? — Pergunto, mudando de assunto.

Ele me encara por um momento, e segura a minha mão novamente. — É aqui em cima. — Andamos por mais alguns minutos, e chegamos a uma clareira com uma grande parede de pedra. Ele puxa uma lanterna de sua bolsa, e abaixa dentro de um buraco que você precisa abaixar para passar. Sigo atrás dele e inalo uma respiração afiada ao entrar na caverna e olhar o grande espaço aberto ao redor. As paredes são brancas e parecem lisas e brilhantes, como se estivessem molhadas. Uma cachoeira cai do teto em uma piscina de água que está no meio da caverna, e ao longo da borda da água, grandes formações de estalagmites se formaram, algumas tão altas que parecem atingir o teto.

— Caramba. — Giro em círculos, absorvendo tudo. Não posso acreditar quão mágico este espaço é.

— Surpresa? — Ele pergunta, e termino o meu giro, o enfrentando.

— É incrível! Como você encontrou este lugar?

— Everrett e eu costumávamos ir em espeleologia na Califórnia. Ouvimos sobre alguns dos pontos aqui e decidimos ver o que poderíamos encontrar. Nós estávamos no outro lado da colina quando vimos uma abertura e viemos por lá. — Ele aponta a lanterna para o lado, onde está completamente escuro, mas ainda posso ver um pequeno buraco. — Quando chegamos a esta parte, vimos que havia outra saída, que levou a trilha.

— Não tinha ideia que lugares como este ainda existem.

— Eles estão por toda parte. — Ele sorri, cruzando os braços sobre o peito.